

ANA CLARA DEMARCHI BELLAN

Territórios alisados; trajetórias fluidas;
narrativas rugosas.
A história da remoção de uma favela

Tese apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em
Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração:

Habitat

Orientação:

Suzana Pasternak

SÃO PAULO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: anaclaradb@uol.com.br

Bellan, Ana Clara Demarchi
B436t Territórios alisados; trajetórias fluidas; narrativas rugosas.
A história da remoção de uma favela / Ana Clara Demarchi Bellan.
--São Paulo, 2007.
305 p. : il.

Tese (Doutorado – Área de Concentração: Habitat) - FAUUSP.
Orientadora: Suzana Pasternak

1.Favelas – São Paulo(Cidade) 2.Favelas (Vida cotidiana)
3.Segregação urbana 4.Trajectoria .Título

CDU 711.585(816.11)

Para meus queridos filhos,
Helena
e João Pedro,
com quem aprendo "coisas"
todos os dias.

Agradecimentos

Escrever uma tese é difícil, todos sabem, até mesmo aqueles que não experimentaram, admiram quem se aventure na descoberta de algo a ser revelado ao mundo. E é essa responsabilidade que nos acompanha quando trilhamos esse caminho. Ao longo desse caminho, fui-me despindo de métodos, crenças e me desviando errantemente. Nessa errância, vi-me diante da precariedade como algo que se colocava como aquela pedra no caminho de que nos fala Drummond. Em meio à angústia de não ter a linguagem exata, a forma exata, lembrei-me que já não era tão pouco iniciada na arte de conviver com a precariedade. Quem tem filhos pequenos, separa-se, faz tese e reforma a casa, tudo ao mesmo tempo, deve saber do que falo. Foi assim que retomei a coragem de escrever essa tese, tomando a precariedade como algo central.

Antes de ter filhos costumava ter mais certezas do que tenho agora. Quando comecei a escrever essa tese tinha mais certezas do que hoje costumo ter, e talvez esse seja mesmo o objetivo de empreender essa aventura: desconstruirmos certezas, irmos ao encontro do inesperado e do desconhecido de nós mesmos. Por isso, nesse processo agradeço especialmente aos meus filhos, Lelê e João, pois foi com eles que aprendi a me aventurar, a prestar atenção nos sinais para agir com alguma segurança e a confiar o resto, aquilo que nos escapa à organização, ao planejamento e ao exato, às formigas.

Agradeço especialmente a algumas formigas que contribuíram para a redação dessa tese, me ajudando a desconstruir as certezas: Amnéris, com quem tenho trocado semanalmente minhas angústias e dúvidas, agradeço as suas risadas deliciosas diante das minhas incertezas, ao entusiasmo incessante na aventura da descoberta de si e dos outros. À Kiara, minha vizinha querida, contadora de histórias,

construtora de narrativas compartilhadas com aqueles que topam a vida como uma história aberta. Às minhas amigas de sempre, Guiomar, Rosa, Rosi, Jussara, todas muito singulares, ao vínculo forte que sempre tivemos, no qual muitas vezes me amparei seja para as aventuras intelectuais, e no mais das vezes para as aventuras da vida mesmo. À Guiomar, pelos cuidados sempre exagerados, maravilhosos. À Rosa, pelas fotos lindas, e pela presença sempre; à Ju, por me chamar atenção sobre prazos e compromissos não só com as formalidades da vida, mas com os afetos. À Rosi, pela leitura atenta, correção e idéias, além de muita escuta.

Ao Eber, que mesmo à distância, e nem com tanta paciência, me ajudou a abrir as janelas e ver a vida mais larga.

Aos meus pais e irmãos que começaram a emaranhar essa rede comigo desde que nasci. Pela teia firme que criamos ao longo de nossas vidas.

À minha orientadora, Suzana, paciente e vivaz, sempre apta a embarcar comigo nas aventuras, e a me chamar de volta quando me deixava levar pelos ventos em direção ao mar revolto.

Os agradecimentos aos demais amigos que me ajudaram no processo. Os do Observatório das Metrópoles, em São Paulo, por compartilharem dos momentos finais da tese, do Instituto Via Pública, Olavo, Pedro, Annez, Corá e Douglas, que confiaram no meu trabalho, mesmo sem compreender por muitas vezes os atos ensandecidos de uma mulher à beira de um ataque de nervos. À Ana Cristina pelas tardes de conversa e pelo abstract. À Marina e equipe pela força na transcrição das fitas. Ao Sergio Prado, pelo socorro informático, permitindo que eu pudesse ficar na invencionática. À Marta Nehring, por me disponibilizar o material dos documentários. Ao demais, aos meus ex-alunos da Escola de Sociologia e Política, com quem mais aprendi que ensinei, em especial ao Daniel, sempre

se divertindo com a idéia da ex-professora de métodos quantitativos ter mudado de rumo; à prima, Ana Beatriz, que nos últimos suspiros da tese, deu aquela chacoalhada que só quem é da família pode dar, para que eu terminasse sem reclamar, e pela leitura atenta e encorajadora. Ao Jorge, Rafael, Daniel, Elias, André, Aginaldo e Livia, por me ouvirem falar (incessantemente) da tese, e me fazerem rir da vida. Ao Quim, por ter gostado da tese, mesmo sem tê-la lido.

Ao Fernando, pai dos meus filhos, por confiar em mim para o maior passo da vida, que é ser mãe, meu agradecimento sincero.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado, sem a qual o trabalho não poderia ter acontecido. E aos funcionários da secretaria e biblioteca da FAU, sempre muito solícitos.

Finalmente, aos sujeitos mais importantes dessa tese, pois sem eles não teria sido possível tal aventura. Aos ex-moradores da favela da Djalma Coelho, em especial aos meus entrevistados e guias na trilha desconhecida: agradeço por terem me recebido em suas vidas, sem terem me chamado, e por terem topado contar comigo essa história.

“As flores dos arranjos logo murcharão, mas o importante é que elas desabrochem na hora efêmera da festa, mostrando o esplendor de cada flor e a harmonia do arranjo. Como um arranjo, uma vida não se justifica por sua duração, nem pela sua lembrança, nem pelo aplauso dos outros, ela se justifica por sua harmonia intrínseca.”

(Contardo Calligaris)

Resumo

Essa tese interpreta a remoção de uma favela da Vila Madalena, zona Oeste de São Paulo, em 2005, através do estudo etnográfico realizado antes e durante a remoção da mesma e o recolhimento de histórias de vida de seus ex-moradores. O foco da tese recai sobre o modo como esses sujeitos interpretam a casa, as coisas e o entorno dessas: a relação com os vizinhos, o bairro e a cidade. Recoloca a questão da remoção como algo dentro de suas trajetórias de vida e não isoladas no tempo e no espaço. Ao re-interpretar essas interpretações acerca do texto dos sujeitos e da observação de seu cotidiano na favela e dois anos após sua remoção, essa tese procura abrir os sentidos dessa experiência, abrindo-lhe outros significados, no intuito de elaborar um pensamento a respeito do habitar na cidade.

Abstract

This work interprets the removal of a "favela" (slum) of "Vila Madalena", an west area of Sao Paulo, in 2005, through ethnographic study conducted before and during the removal of the same "favela" (slum) and collection of life's stories of its former residents. The focus of this work lies with the way these people interprets the house, things and the surroundings like: the relationship with neighbors, the neighborhood and the city. Ask again the question of removal as something within their paths of life, not isolated in time and space. To reinterpret these interpretations about the text of the subject and their daily observation about the slum (favela) and two years after their removal, that approach seeks open the senses of this experience, opening it other uses, aiming prepare a thought about the living in the city.

Sumário

Introdução	11
Capítulo I: Dos mistérios e acasos na escolha das agulhas e dos fios que tecem essa malha	21
Um ponto na teia: o reencontro dos sujeitos.....	31
Um outro ponto na história: abertura à escuta do outro	35
Um outro ponto: da difícil representação do espaço	37
Desvelar o método	38
Breve trajetória da pesquisadora.....	40
A carapaça do questionário estruturado.....	44
Do impasse diante do objeto.....	47
Trauma e luto.....	58
Capítulo II: Conceitos de habitar	60
Habitar e habitat.....	61
A linguagem como a casa do Ser, ou a casa como linguagem do Ser.....	63
Sobre segregação, a questão inicial	73
Um pouco da história da construção da tese e da desconstrução de pressupostos	75
As ambigüidades na cidade e na modernidade.....	77
Capítulo III: Contexto histórico da urbanização em São Paulo	92
A desproletarização nas grandes metrópoles e seus efeitos sobre a estrutura social e espacial	93
A produção social do espaço urbano	98
O Estado Nacional frente à questão urbana.....	98
Capítulo IV: Um mergulho caótico na trama desses sujeitos.....	112
O documentário	118
O tempo de espera	124
Tempo de incertezas	126
Relações entre vizinhos	128
Relações de trabalho e inserção no mercado	144

Capítulo V: Como a trama se estampa no espaço	150
A fotografia quando o silêncio se impõe	151
Quebrando o fio	169
O mercado imobiliário na favela	175
Cartografias distintas	177
Sobre o silêncio	191
Capítulo VI: A reconstrução da trama pela memória	194
Memória como reconstrução	195
Dos personagens dessa história	198
Matias, um jogador	200
Mari, cunhada de Matias, mulher de Moisés	213
Amanda, do beco do ovo	218
Isaura, que encheu a favela de gente	224
Suzana, seus silêncios e seus medos	236
Marlene, a vizinha da favela fala do silêncio pós-remoção	245
Taís e seus sonhos	256
Rui, o presidente	262
Marta, a documentarista	271
Interpretando o texto	278
Capítulo VII: Alinhavando os pontos ou juntando cacos	288
Territórios que se alisam	289
As trajetórias de trabalho	291
A arte de improvisar	292
Da segregação às coisas e suas revelações	295
Bibliografia consultada	299

Introdução

O Apanhador de Desperdícios *Manoel de Barros*

*Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

Memórias Inventadas: a Infância. Editora Planeta, 2003.

Começo a tese por uma instigante questão para mim. O que é segregar? Como e quando nos sentimos segregados? Quais são os mecanismos de segregação e de agregação? Quando nos segregamos, nos separamos daquilo que julgamos diverso de nós? Como se associa tal questão ao espaço? Quando nos distanciamos espacialmente daquilo que nos é familiar, o que pretendemos buscar? Na trajetória de desterritorialização e re-territorialização, quais são os elementos que se ressignificam, como são elaborados pelos sujeitos das travessias. Essas são as questões que me levaram ao encontro dos meus sujeitos de pesquisa. Esses sujeitos são homens e mulheres simples, pobres, muitos negros, alguns brancos, uns migrantes, outros nascidos em São Paulo; o que há em comum entre eles é que habitaram na ou próximo a uma favela em uma região que vem se metamorfoseando na cidade de São Paulo, não de modo isolado, mas dentro de um contexto mais amplo de transformação do espaço urbano. Ao invés de ater-me a esse processo já bastante explorado na literatura¹, atendo-me a uma pequena parte, que não compõe junto com as demais um todo, mas que tem em si mesma os elementos desse todo.

A partir da observação etnográfica do processo de remoção dos moradores da favela da Djalma Coelho – desterritorialização - e das narrativas dos sujeitos que a experimentam, reconstruímos suas trajetórias (e a minha como pesquisadora); seus deslocamentos (e os meus metodológicos); as pulsões e paixões que os levaram e levam a deixar seus territórios familiares; o que trazem na mala; como transformam seus *habitus*, como se posicionam frente aos choques e traumas da modernidade na grande cidade, o que sentem ao serem expelidos dos territórios que escolheram como seus destinos e a dificuldade da volta aos territórios que deixaram para trás. A

¹ A esse respeito cito especialmente Ferreira, J. S. W. (2007) O mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano. O autor analisa as transformações recentes na produção da cidade de São Paulo, sob o mito da cidade-global.

experiência desses sujeitos é a fonte, a essência da interpretação que apresento nessa tese, que não objetiva uma síntese, uma resposta à questão que enuncia, mas a abertura para perspectivas de análise dos mecanismos sutis de construção de tramas sociais. Ao longo da pesquisa, fui me afastando do procedimento de testar uma hipótese, para abrir-me ao diálogo com os entrevistados, dispondo-me a escutar quais eram suas questões. Isso não significa ter abdicado da tese, mas significou uma alteração metodológica que mais à frente explicitarei. Nas histórias de vida, nos seus relatos e experiências cotidianas, no diálogo entre nossas biografias, surgiram as fontes de interpretação dessa tese.

Do repouso das questões iniciais, brotaram outras questões: como esses entrevistados, pobres e semi-analfabetos na maioria dos casos, constroem suas narrativas, seus enredos de vida, como a casa e o espaço que habitam se articulam a esse processo, como as “coisas” adquiridas ao longo da vida contam outras “coisas” de si mesmos, como se relacionam com o mundo da palavra escrita, como interpretam a si mesmos nessa intrincada rede de relações, suas ambigüidades, suas pulsões e paixões, o “lugar” e o significado da política em suas vidas.

O que poderia ser um pressuposto para qualquer antropólogo juvenzinho iniciando uma pesquisa para essa já não tão jovem pesquisadora foi uma longa e árdua descoberta. As ambivalências e a linguagem dupla ainda estarão presentes nessa tese porque fazem parte de sua construção e de sua temática. Ao invés de esconder o ambivalente, as dúvidas e as angústias, opto por expô-las, copiando a lógica de meus entrevistados. Admito que a leitura dessa interpretação da interpretação possa causar um certo desconforto, mas faço aqui um convite para a escuta do que tenho a dizer, disposta a que encontrem um outro sentido naquilo que irei contar.

As *histórias de vida* aqui trabalhadas serão lidas como um texto a ser interpretado, tal como nos propõe Erben², sem que se faça uma cisão entre a estrutura social e a subjetividade, pois é a dialética entre a experiência pessoal e a experiência social e/ou cultural que aqui interessa. Abrir-se a ler a aventura de uma vida é, tal como o autor nos diz, uma abertura ao imprevisível, ao momento originário, do *espanto*, tanto para o narrador, quanto para quem o escuta; é a partir do círculo hermenêutico, em que as partes e o todo se articulam, que se pode fazer essa articulação entre o pessoal e o cultural, valorizados os momentos das narrativas em que as passagens, as transições e as metamorfoses ocorrem.

É nas rugosidades de suas narrativas, naqueles nós ou enlevos onde se colocam as emoções, os afetos, a abertura ou o fechamento de perspectivas, que se concentra a escuta. Como se em uma trama aparentemente lisa, detivéssemos nos nós e emendas, na sensação tátil de rupturas, esgarçamentos ou religamentos. O uso da metáfora nesses momentos pelos sujeitos que narram fez-me pensar na questão da linguagem e da sua relação com os pontos ou nós nas trajetórias. Não se trata de perguntar-lhes o que pensam sobre tal ou qual evento, mas de captar esse momento de tensão, de percepção sensível das possibilidades de vestirem suas vidas de emoções, de darem significados a seus mundos.

Lendo Viveiros de Castro³, dos conceitos bebidos nas fontes de Deleuze-Gattari, vem a proposta “da troca, ou circulação infinita de perspectivas – troca de troca, metamorfose de metamorfose, ponto de vista sobre ponto de vista, isto é: devir.” O conceito de lateralidade, a apropriação da perspectiva barroca, em lugar da romântica, que lê a sociedade como organismo, a busca da

² Erben, M. Biografia e autobiografia. Il significato del método autobiográfico. In: Il método autobiográfico. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi – 4 – Edizione Angelo Guerini e Associati. Milano, 1996.

³ Viveiros de Castro, E. “Filiação intensiva e aliança demoníaca,” em *Novos Estudos*, nº 77, março de 2007.

multiplicidade de relações, de lados, tentar escrever a “história da contingência”, atentando ao “devir” como designando “um movimento que desterritorializa ambos os termos da relação que ele estabelece, extraíndo-os das relações que os definiam anteriormente para associá-los através de uma ‘conexão parcial’.” (p. 116). O esforço empreendido nessa tese é de estabelecer as conexões parciais com os sujeitos da pesquisa, fixando-me sem parecer obsessivamente nessa conexão que estabeleço com cada um deles, estando todos nós nos relacionando nas nossas lateralidades. Não estamos dentro nem fora, mas no espaço entre, na conexão parcial estabelecida entre nós e é dessa interpretação da linguagem, da interpretação do entre, que as janelas se reabrem em novas interpretações que, reenviadas, serão novamente transformadas, infinitamente, sem buscar o sentido original, mas admitindo que a revelação dessa relação ao ser de novo linguagem já é uma traição à coisa revelada.

Sennett também convida a essa experiência de vaguear como narrador; o narrador não detém a verdade de si mesmo ou do outro; na inter-relação entre esses sujeitos, no que há de incerto nela, nasce uma compreensão súbita, que segundo ele, é o princípio do respeito mútuo.

“Todavia, o ato pessoal de narrar a história de alguém a terceiros também pode romper com essa rigidez. O narrador vagueia a partir de seu objetivo, o ouvinte pergunta alguma coisa obscuramente relevante; o vaguear com frequência incita uma compreensão súbita e consciente de ambos. Nesta incerteza da narração está um princípio essencial de respeito mútuo.” (Sennett, 2004, p. 276)

Na tese de Herrera⁴, a partir dos conceitos de Boaventura de Souza Santos, tem-se uma outra formulação no mesmo sentido: a transição das categorias sociais, a partir das mudanças do século XX, se fazem acompanhar de uma transição em termos teóricos. Ante essa transição, diz o autor, a ciência social ou retorna a seus velhos

⁴ Herrera, J. D. Elementos hermenéuticos em la autocomprensión de las ciencias sociales. Universidad Nacional de Colombia. As referências ao texto de Herrera foram traduzidas pela autora e se encontram nas páginas 43-47.

determinismos, como o econômico, deixando como secundário o que ocorre fora dessa esfera, ou se mostra “perplexa e reconhece que compreender a realidade social contemporânea implica assumir uma posição reflexiva frente ao que está ocorrendo, no que faz necessário criar conceitos e teorias ‘fora de lugar’, quer dizer, em um sentido distinto das distinções, divisões e privilégios disciplinares”.

No lugar de modelos dominantes de explicação, Santos sugere a constituição de “mil comunidades interpretativas”, organizadas a partir de racionalidades locais. Não se trata, entretanto de uma “fragmentação do mundo atual”, mas de reconstituir as formas de conhecimento situado, no lugar da “fragmentação maior e mais destrutiva que foi legada pela modernidade”.

Amparado no conceito de Santos de “hermenêutica de suspeita”, que se traduz em uma atitude de desconfiança acerca das abstrações universalizantes e globalizantes herdadas pelas ciências humanas; trata-se, sobretudo de admitir o **caráter temporário e parcial de toda aproximação científica** e de sua semelhança ou parentesco com a construção narrativa.

En esto sentido, lo que podemos esperar de la ciencia pasa por asumir que lo que ella produce son construcciones teóricas situadas y contextualizadas dentro de la producción de un saber más amplio, em cuyo âmbito la **pertenencia del investigador con respecto a los fenómenos que estudia es asumida como parte del proceso y cuyo resultado es un saber más entre muchos.** Algo muy cercano a la noción de interpretación tal como la entiende la hermenêutica.” (Op. Cit, p. 46)

Esse é, portanto, o suporte metodológico dessa tese, que se propõe a elaborar uma interpretação de um texto, a partir de uma “fusão de horizontes”, ou o estabelecimento de um diálogo intercultural, admitindo-se que a visão de mundo de um conhecimento local é incompleta e débil, e é no diálogo entre as comunidades interpretativas que se alcança não a completude - dado que este não é um objetivo passível de alcance - mas a máxima consciência da “incompletude recíproca”, o que produz uma atitude no sentido de

estabelecer um diálogo “tendo um pé em cada cultura”. (op. Cit, p. 47).

“Fusão de horizontes”, ou relação dialética⁵ entre o sujeito intérprete e significado do **texto**, conceito aqui utilizado de modo ampliado, não se atendo simplesmente ao conjunto de palavras, mas estendendo-se à paisagem urbana, ao vestuário, às formas da cidade, às “coisas”, assumidas como expressões culturais legíveis e, portanto, passíveis de interpretação.

O antropólogo Roberto Oliveira⁶, em sua conferência acerca da crise epistemológica na antropologia, expõe de modo didático a tensão entre os paradigmas da compreensão e da explicação e a mediação dialética entre esses paradigmas na investigação antropológica. Esta investigação deve ter em conta, segundo sua interpretação, a visualização dos limites dos dois paradigmas, a fim de transcendê-los na prática investigativa.

“Se na filosofia hermenêutica de Gadamer o diálogo e, com ele, a compreensão (ou Verstehen) é constitutivo do Homem (daí ela ser uma hermenêutica ontológica), para a antropologia a relação dialógica conduz as partes envolvidas a uma compreensão dupla – o que significa que o Outro é igualmente estimulado a nos compreender... Isso se dá graças a ampliação do próprio horizonte da pesquisa, incorporando, em alguma escala, o horizonte do Outro. Trata-se da conhecida ‘fusão de horizontes’ de que falam os hermeneutas. Contudo, gostaria de enfatizar, que em nenhum momento o antropólogo deve abdicar de posicionar-se no interior de seu próprio horizonte...” (op. Cit., pg. 20-21)

A intenção é abrir um espaço para que a descoberta, ou a transferência de sentido de um horizonte para outro, o deles, entrevistados, e o nosso, de “investigador” possa vir a acontecer. Momentos de emoção na entrevista, de risos e silêncios, de troca de informações sobre os mundos distintos, não como se estivéssemos, nós pesquisadores, na “pele” dos entrevistados, mas possibilitando a troca de sentidos no contato entre as “peles”, em um estado de respeito mútuo, da consciência da diferença, muitas vezes sem

⁵ Dialética sem síntese a que estamos submetidos (Merleau-Ponty).

⁶ Oliveira, R. C. A antropologia e a “crise” dos modelos explicativos. Primeira Versão. IFCH/Unicamp, nº 53, janeiro de 1994.

nomeá-la ou conceituá-la, somente percebendo tal diferença, e traduzindo o texto do outro nos termos de nosso próprio texto. Os momentos mais preciosos dessas narrativas, já posso antecipar, ocorrem quando os entrevistados me fazem, de início, assombrar-me, para então eu poder rir de mim mesma, ou até mesmo pensar sobre mim e minha construção de mundo. O movimento foi de, na precariedade desses sujeitos, descobrir a minha própria precariedade, que é a um só tempo pessoal e cultural.

Apropriar-se da hermenêutica para ler o texto escrito e implícito nas formas da cidade, da casa, do bairro, implica enfrentar a distância entre os horizontes culturais do investigador e os valores que se ocultam na escrita desses outros textos.

Não há, quando se estabelece essa conexão com os entrevistados, como deixar de construir a trama das narrativas dos sujeitos, elas clamam por serem contadas. É claro que com a liberdade poética do autor que as narra, de acentuar, de tentar traduzir a cadência da linguagem que é falada para a escrita, porque não há outro meio. Mesmo que transcritas, as entrevistas perdem muito da emoção de quando se faz a escuta. Lá se está diante do sujeito, não há como reproduzir a cena, as emoções que subjaziam aos entrevistados e ao entrevistador. Tento honestamente recriá-las, muito consciente da incompletude da tarefa, eis aí a **questão central da tese**: da incompletude da vida dos sujeitos, da vida do bairro, da cidade, dos espaços de abandono que surgem das tentativas de organização e ordenação. Ocupo-me mais desses espaços, do vazio, das lacunas, das surpresas, da mutação, que da "coisa" terminada e não à toa o objeto de estudo escolhido foi o de uma favela que se desmanchou no ar.

Apesar de certas irregularidades e alguma fluidez entre assuntos, há que se organizar um texto para que se possa compreender a idéia do autor. Assim, esta tese estará assim organizada: no capítulo I,

discorro sobre o método de pesquisa, da desconstrução dos pressupostos iniciais à interpretação do texto que recolho. Do pó que restou do primeiro esboço de tese, assopro-o em novas direções, tendo os eventos e acontecimentos, as histórias dos sujeitos e nossos encontros, ou nossas relações como recipientes desse processo de desvelamento do que seria o novo objeto de tese. Nesse período, tratado aqui no texto com essa serenidade, quase enlouqueci, pois que me parecia terem fugido os personagens, o cenário e o roteiro. A diretora ficou só no set à deriva dos bons ventos. E eles sopraram, encaminhando-me para caminhos e passagens pelos quais eu nunca ousaria trilhar não fosse pelo episódio traumático da remoção.

No capítulo II, trato dos conceitos de segregação espacial e de habitar, por serem tão imprecisos e sujeitos às diversas interpretações.

Em seguida, recoloco como pano de fundo a história da urbanização em São Paulo. Embora já tratados à exaustão por outros autores, considero relevante ter esse capítulo escrito há algum tempo aqui nessa tese, em razão de ser um tema de interesse para os leitores de alhures.

Nos capítulos IV e V, trato do objeto específico: a favela e o processo de remoção, sendo que primeiramente interpreto os dados coletados durante os meses de pesquisa na favela, quando a remoção ainda era apenas uma possibilidade. No capítulo V, descreve-se o processo de remoção. Começo a contar a história da favela a partir desse ponto, a remoção, pois foi um acontecimento traumático não só na vida daqueles que ali moravam, mas para todos que o testemunharam.

No capítulo seguinte, após meses de silêncio, retomo o assunto, agora pela memória dos que ali viveram. Seleciono, edito e interpreto as narrativas dos sujeitos entrevistados, sendo todos ligados ao menos por um fio tênue e inexistente que era o espaço da favela, já demolido. Dos vínculos estabelecidos entre os sujeitos que

testemunharam tal evento, desencadeou-se uma nova história não apenas sobre esse espaço, mas sobre os conceitos que então construímos. Ao final deste capítulo, algumas considerações sobre as narrativas, abrindo-as para novos sentidos.

Ao final, tecem-se comentários a respeito do material pesquisado, alinhavando toda a trama da tese mesmo que em um frouxo alinhavo.

Em pauta as continuidades e discontinuidades no processo de alinhavo da trama de relações que se estabelecem entre os sujeitos moradores de uma favela, removida de um bairro de classe média – a Vila Madalena – com o espaço social de seu entorno e com demais territórios por onde circulam na cidade. O objeto é o conhecimento dos processos de deslocamento, não apenas em seus desdobramentos objetivos, mas tendo por foco a subjetividade desses sujeitos quanto às escolhas de seus territórios. Pretendo explorar o processo pelo qual constroem e reconstroem seus espaços de moradia, seu “habitar”, suas relações de vizinhança e a rede de apoio na vida cotidiana. Esses sujeitos poderiam ser inseridos naquele imenso e crescente segmento a que Bauman denomina “vidas desperdiçadas”, os refugos humanos, aqueles que “sobram” na construção da ordem moderna, embora delam façam parte. Os sujeitos dessa pesquisa são migrantes, pobres, removidos de uma favela, a última favela do Alto de Pinheiros, conforme anuncia a Folha de São Paulo, empregadas domésticas ou seguranças e vigias das casas onde moram aqueles que vêm nesse o “outro” de quem devem se proteger.

Capítulo I: Dos mistérios e acazos na escolha das agulhas e dos fios que tecem essa malha

"Nesse momento não caía mais. Subia pelo fio. Até certo ponto, apenas. De repente, parou e se jogou de novo no espaço, agora para cima, mais uma vez deixando um fio no seu rastro, mas numa direção completamente diferente. Até alcançar outra folha. Depois voltou novamente pelo fio e retomou o processo. Percorria uma certa distância, mudava de direção, lançava-se no vazio secretando das entranhas o fiapo que a sustentava, fixava-o em algum ponto de apoio, retomava parcialmente o caminho percorrido... Seguia com firmeza um plano matemático rigoroso, como quem não tem dúvida alguma sobre o que está fazendo". (Ana Maria Machado, o Tao da Teia – sobre textos e têxteis)

Nesse trecho do artigo, em que a escritora descreve o movimento da aranha ao tecer sua teia, , considero que há muito do processo de construção de uma tese que se propõe a desvendar o emaranhado pelo qual se desenha a trajetória de vida dos sujeitos e de sua relação com o espaço, seus rastros, os fios que se soltam, as idas e vindas. Diferentemente da aranha, porém, essas trajetórias não parecem seguir um plano matemático rigoroso, mas a estranha e caótica teia dos desejos, dos afetos e das relações humanas sem esquecer o imponderável. Dos relatos e da inter-relação que estabeleci com meus sujeitos não houve algo parecido com um plano matemático rigorosamente traçado, mas um emaranhado de pontos, nós e intrincadas relações, referências interligadas, e cabe a mim, por ter sido eu a engendrar esse jogo, desvelar o processo pelo qual se emaranham e se desenrolam os fios dessa teia.

Início o capítulo com uma metáfora, não por um acaso, mas por uma escolha metodológica. Tal como disse acima, a metáfora é a figura de linguagem do **espaço entre**, da tensão e do conflito. Gauthier, conceitua a metáfora:

"... a metáfora está entre o mundo do sentido (interno à linguagem) e o mundo da referência (da realidade não-linguística). Ela é o índice de um trabalho do espírito, que elabora um conflito, uma tensão dentro da língua (entre o que a metáfora é, por ser semelhante, e o que ela não é, por ser diferente) e, entre a língua e o real (pois a metáfora visa a algo que não está dado, que não está presente, ela dá vida a um produto da imaginação)". (GAUTHIER, p.131)

Por que fui buscar nessa teia ou não em qualquer outra o que haveria de ser descoberto? Porque identifiquei esses sujeitos da pesquisa,

desde que os vi pela primeira vez, e depois nas matérias de jornal, no documentário realizado ali, como metáforas da minha vivência. Fui buscar neles algo que me era incômodo: como viver cercado de desiguais? Como resignavam-se ou rebelavam-se vivendo cotidianamente em um mundo de ambigüidades e ambivalências? A questão vinha, pois, de uma vivência de estranhamento a qual eu não conseguia me adequar. Refiro-me aqui ao que Gauthier denomina, a partir de Deleuze e Guattari, do “componente transformacional, que mostra como um regime pode ser traduzido num outro, e um novo ser criado a partir de transformações” (p. 130).

Tal componente, segundo o autor, encontra-se muito ativo nos sujeitos falantes de nossas pesquisas. Ainda que nossas histórias de vida sejam distintas, as minhas e a dos sujeitos de investigação, sempre tive nessa inter-relação uma questão subjacente à minha existência: sendo neta de imigrantes, filha de operário do ABC, vivia eu em 2005 na vizinhança “rica” da Vila Madalena, onde a favela se encrustrava, metida a fazer doutorado na FAU, ou seja enredada numa trama a qual não me sentia pertencer, por várias razões: não tendo na origem intelectuais, não sendo urbanista, havia feito a escolha de me aventurar na busca de sentido para as vidas de sujeitos que se aventuram na busca incessante de se separarem daquilo que nelas é precário. Assim, foi com tal questão, de como transformar essa experiência em algo que fizesse sentido à academia que iniciei o processo de pesquisa. Portanto, meu objeto de pesquisa, está relacionado ao modo pelo qual transformamos nosso espaço de vivência, a partir de nossas experiências, como ressignificamos espaços, a partir de nossas próprias experiências.

“O importante é que existem nessa máquina física poços de captura, que atraem as energias em pontos instituídos, repetitivos, reprodutores dele, devoradores; e existem, inversamente, linhas de fuga desejantes, criadoras de jogos não previstos, que nem sempre vêm por vontade própria das pessoas, mas perpassam o conjunto de corpos e afetos. Uma forma de desordem criadora, de caos na organização.” (GAUTHIER, p.129)

O significado, pois, de empreender essa tese, está atrelado à necessidade, como pesquisadora, de descobrir, a partir da interação com os sujeitos de pesquisa quais seriam as bacias de captura – para onde convergem os agenciamentos discursivos heterogêneos, sendo capturados pela cultura dominante – e quais seriam os espaços de desterritorialização, aqueles onde se multiplicam as variações, resistindo à média, onde mora a maioria.

“Todos nós queremos das armadilhas o mundo, queremos que o mundo seja mais nosso e solidário. Todos queremos um mundo novo que tenha de tudo de novo e muito pouco do mundo, e queremos que ele seja um sonho e que nós apareçamos nesse mundo como um sonho também.

Há armadilhas que moram dentro de nós. Nós acreditamos que as armadilhas mais sérias moram fora de nós, moram no mundo. Mas nós somos parte desse mundo e incorporamos essas armadilhas de maneira tão sutil que elas se instalaram na raiz do nosso próprio pensamento. Quebrar as armadilhas do mundo é em primeiro lugar quebrar o mundo das armadilhas que vive dentro de nós. Vou escolher algumas delas.

A primeira é a que chamarei de armadilha da ‘realidade’. Esse conceito é uma espécie de grande fiscalizador e controlador de nosso pensamento. O desafio é não levarmos tão a sério isso que afinal é uma construção social e uma representação ideológica. De fato, ensinar a ler é sempre um apelo para essa transcendência, pra vermos para além daquilo que é imediato.

A armadilha número dois é a da identidade. Pensamos a nossa identidade como uma espécie de dado adquirido. Nossa verdadeira natureza humana é não termos natureza nenhuma. A escrita me deu a felicidade de poder viajar entre identidades que estão dentro de mim. Eu já fui mulher, já fui velho, já fui criança, já fui de todas as raças. É isso que a literatura dá não só a quem escreve, mas a quem a lê. É possível transitar de vidas, podemos ser múltiplos. Não vale a pena saber ler e saber escrever se não for para isso: para nos deixarmos dissolver em outras identidades.

A terceira armadilha é a hegemonia absoluta da escrita. Existe uma idéia de que a sabedoria mora no universo da escrita, e isso transmite um certo olhar arrogante para o universo da oralidade, como se fosse uma coisa menor, olhado com certa condescendência. No universo da oralidade existe uma filosofia com sua própria lógica. Esse culto que fazemos de uma cultura livresca pode de fato destruir aquilo que é o sentido da cultura e do livro, que é a descoberta da alteridade. O desafio é ensinar a escrita a dialogar com o mundo da oralidade.

A quarta armadilha é achar que a leitura se restringe à leitura da palavra. A idéia de leitura aplica-se a um vasto universo. Lemos a emoção no rosto das pessoas, lemos as nuvens para sabermos o tempo, lemos a vida em geral. Tudo pode ser uma página. O que faz com que alguma coisa seja uma página é a intenção da descoberta em nosso olhar.”

(Trecho da conferência de Mia Couto no 16º Congresso de Leitura do Brasil, realizado em julho de 2007, na Unicamp, publicado no Jornal da USP, 16 a 22/07, página 3)

O escritor me veio à mente quando ouvi o relato de um dos entrevistados sobre a morte da avó. Segundo seu relato, quando

velhinha, a avó começou a “cantar feito galo”. Só depois de muito tempo, disse-me ele, é que conseguiu compreender a doença da avó: “coisa de macumba”, só o pai-de-santo poderia resolver. Passaram oito meses ele, os irmãos, que eram criados com os avós, morando em uma cidade vizinha, para que a avó fosse curada. E de fato se curou, como relata, mas pouco tempo depois morreu pequenininha, do tamanho de um bebê.

- ... meu avô tinha coisa, gado, mas vendeu tudo, para cuidar da minha avó, que tinha uma doença séria, que só vim a entender depois de grande. Me disseram que era de macumba que tinham feito com ela. Ela cantava como galo, meu avô ficava louco, levava ela em pai-de-santo para curar, chegava lá, fazia trabalho e ela ficava boa. Uma vez tivemos que mudar de cidade, vivemos em Utinga por 8 meses, por causa disso, que era para passar um tempo fora e depois voltamos para a cidade

- Como é o nome da doença dela?

- É coisa assim de macumba, ela cantava como galo, negócio horrível, a gente era pequeno, ficava desesperado, aí ela teve diabete também e acabou morrendo. Meu irmão disse que ela morreu bem pequenininha (fez com o braço como um bebê). Murchou, ficou um caixão bem pequeno.

Senti-me tal qual o italiano Massimo Risi, personagem de Mia Couto no romance *O último vôo do Flamingo*, um enviado da ONU a Tizangara, cidade africana, para desvendar as causas das mortes de soldados da força de paz. Tal como o italiano, que falava bem o português, mas não compreendia as histórias fantásticas da população local, às vezes me via diante de tais situações com os sujeitos de minhas pesquisas. Embora falemos a mesma língua, a distância entre nossos mundos nos impedia de compreender as perguntas e as respostas que fazíamos. Em alguns momentos, observei que minhas questões não faziam sentido a eles, e isso facilmente se identifica pelas respostas simples, monossilábicas ou então pela repetição de algum bordão, de frases feitas, como explicação. Só a partir da abertura da escuta, da percepção de que o pesquisador atua como um tradutor, alguém a captar a história daqueles que têm na oralidade seu meio de comunicação, é que pude então desvendar as questões relevantes para os sujeitos pesquisados.

Meu campo de pesquisa, contudo, não se desenvolveu em algum vilarejo africano, mas em São Paulo, maior cidade brasileira, 10 milhões de habitantes atualmente. Grande parte dos entrevistados na pesquisa nela vivem por mais de 20 anos; embora tenham nascido em outros estados brasileiros, migraram nas décadas de 70 e 80 em busca de oportunidades de uma vida melhor na cidade grande, cujo crescimento parecia capaz de incorporar a grande massa de trabalhadores em busca de seu quinhão de modernidade.

Um dos entrevistados, a quem me refiro nessa parte do texto, nasceu no sertão baiano, em Nova Cruz, e lá vivenciou a história da morte da avó, que agora relato como uma questão que permeia todas as narrativas: a difícil experiência da morte, a falta de explicação, o escancaramento a que esses sujeitos nos colocam quanto à fragilidade e precariedade da condição humana. O entrevistado sujeito da sua história, insere-se na vida e no cotidiano da metrópole, com os valores apreendidos no sertão baiano. Ser um “homem de respeito” é sua marca, seu traço de distinção para adentrar na modernidade.

“Meu avô, mas ele era de autoridade, bastava olhar pra gente, já abaixava a cabeça. Se tivesse uma pessoa mais de idade que a gente conversando, não podia passar no meio, tinha que sair de perto, tinha que rezar todos os dias. Era legal, até hoje tenho muito respeito pelas pessoas, às vezes dizem ‘o Matias, você é tímido, não fala com ninguém’ mas é o jeito, o respeito que aprendi com os avôs. Essa vergonha veio da criação. E isso foi... crescendo, crescendo, estudei pouco, até o segundo ano, do colégio, não, segundo ano, como a gente falava lá, aí fui trabalhar na venda do irmão do Zé, e só sonhava em vir para aqui. Via todo mundo que chegava daqui bem vestido.” (Matias, ex-morador da favela)

E o respeito permanece como conceito relevante durante toda a entrevista. A mulher, com quem se casou, era “assim, moça de respeito”. Sobre o apelido dele – que se refere a um local de origem diverso do seu -, a explicação remete ao respeito, à timidez, em oposição à imagem de malandragem, associada à favela, e também à atividade – dono de bar e apontador de jogo do bicho.

É, esse foi o apelido que botaram em mim, mas sempre fui assim, muito tímido, de respeito, aquele que meu avô me ensinou, eu não sou de chegar nas pessoas e trocar idéia, se a pessoa chegar em

mim, falo. Tenho um primo que conversa, nem parece baiano, fala... mora aqui no Rosana, tem um lado de chegar e conquistar a menina mesmo, com a palavra e eu pergunto 'como você faz?' e eu tenho que tomar umas (riso) para ver se fico mais alegre, ele não, tem o papo, eu fico com inveja, tem o jeito de chegar nas pessoas, às vezes mentir...

Na leitura da entrevista⁷, ele se espanta com o tanto de história que tinha para contar, começou na primeira página (eram 17, ao todo) e foi logo dizendo que autorizava que eu usasse tudo, orgulhoso do tanto de escrita que havia produzido. Insisti para que ficasse um tempo com ela, que relesse com cuidado e que me apontasse, caso houvesse, trechos que preferia não ver publicado. Na manhã seguinte, fui visitá-los (ele e o filho) e aí então me indicou aquelas partes que não deveriam ser reveladas. No item relativo ao silêncio e à memória, retomo o assunto, analisando-o em conjunto com os demais, mas só registro aqui a emoção que lhe causou ver transposta para o texto escrito aquilo que me contara.

Acho relevante tal apontamento e agora o associo ao trecho da conferência de Mia Couto, quando discorre sobre a terceira e quarta armadilhas que vivem dentro de nós. Na terceira, fala da armadilha da hegemonia da escrita sobre a oralidade. Recolher memórias de pessoas simples não é das tarefas mais triviais; demanda um tempo convencê-los de que tenham história para contar e de que não tenham que ser conduzidos por perguntas. Em geral, encaminhamos – os pesquisadores – aos mais velhos, porque “esses sim têm história para contar”. Por muitas vezes, me indicaram o velho Zé, na favela, como a autoridade legitimada pelos moradores para falar em nome deles. Era no endereço de José – Djalma Coelho, 221 – que a correspondência chegava, era com a assinatura de José que o contrato de compra dos barracos dava prosseguimento. No caso da família do Matias, fui encaminhada para a “tia” Isaura, que era mais

⁷ Depois de transcrito, voltei aos entrevistados para que lessem a entrevista e indicassem aquelas partes que preferiam não tornar públicas. Embora eu as interprete, essas lacunas nas narrativas não podem ser associadas aos interlocutores.

velha e tinha chegado há mais tempo em São Paulo, além de ter sido, junto com outras três mulheres, parte do núcleo fundador da favela.

Entretanto, após se lerem no texto, era comum o desejo de falar mais. Aparece nas entrevistas, quando as faço em mais de uma etapa, a fala mais solta na parte que sucede a leitura da transcrição. A lógica de que a sabedoria guarda-se no mundo da escrita perpassa a nossa relação de entrevistador-entrevistado em todos os assuntos.

Assim, foi comum que me dessem documentos – cartas da Receita Federal solicitando regularização do CPF, comunicado dos advogados – para que os interpretasse. Note que não se tratavam de analfabetos⁸ – tema da conferência cujo trecho cito acima – mas da dificuldade de interpretar a palavra escrita. Seus conhecimentos são precários para lidar com esse “mundo dos homens”, ainda que convivam cotidianamente nesse mesmo mundo e estabeleçam relações nele pautadas.

Certa manhã, ainda durante o processo de desocupação da favela, fui acordada por um telefonema que me deixou apreensiva. Zé, a quem chamavam de morador mais antigo, me procurava para me avisar que ninguém mais na favela falaria, pois os negociadores do terreno haviam dito, a partir do que saíra na imprensa naquele dia, que interromperiam as negociações caso houvesse mais declarações à imprensa.

Levantei-me e fui até a favela, encontrando Zé um tanto apreensivo. Fui logo dizendo que não tinha nenhuma relação com a imprensa, que não era do jornal, reforçando mais uma vez que fazia uma pesquisa junto aos moradores. Ele a certa altura me interrompeu e me perguntou se eu tinha visto a Folha de São Paulo do dia. Disse que sim, que estava com ela até, e foi então que me pediu que eu lesse para ele os depoimentos que apareciam. Li para ele e então

⁸ Ao menos não no sentido estrito do termo. Muitos dos entrevistados frequentaram escola nos seus locais de origem.

notei que ele havia recebido a notícia dos advogados que faziam a negociação entre proprietário e moradores, mas ainda não tinha visto o jornal e pedia que eu “traduzisse” o que alguns analistas diziam a respeito do caso.

Zé, assim como outros tantos moradores que entrevistei, sabia ler, mas o mundo da escrita ao qual eu estava associada os distanciava de mim. Além de tantas outras distâncias – de não nos conhecermos e de não termos intimidade – enfrentamos ainda essa, a distância entre o mundo escrito – dos livros, jornais, documentos – o qual eu representava, e o mundo da oralidade, no qual o que vale é a “palavra dita”, o “testemunho”. Os mais jovens e até mesmo as crianças embora disponham dos instrumentos que os insiram no mundo da escrita, não tinham experiência acumulada para contar a história da favela. Houve um caso de um jovem, de 14 anos, nascido na favela, que marcou várias vezes de falar comigo, mas quando ligava o gravador ele se calava. Sugeri-me então que ele escrevesse suas memórias, mas ainda assim não obtive sucesso. Ele não tinha o que dizer, e se calou.

A outra armadilha de que nos fala Couto é que existem outras formas de leitura que não só a da palavra escrita. Lemos expressões, silêncios, qualquer coisa, pois o que faz de algo “uma página é a intenção de descoberta no olhar” e eu acrescentaria “na escuta”.

Um grupo de crianças, durante a desocupação da favela, sentou-se à praça, para gravar a música que sabiam de cor. Foi um sucesso do grupo “Racionais”, um rap longo, e as crianças mostravam muito orgulho por saber a longa letra, todos os 4, sentados à praça, caras sérias, entoando as estrofes que são muitas. Transcrevo apenas um trecho, que permite identificar o estilo repetido pelas crianças, um rap cheio de gírias, apelidos, que, mesmo sendo do Capão Redondo, um dos bairros conhecidos e reconhecidos pelos altos índices de

violência, até mesmo pelas crianças da favela da região oeste de São Paulo, são contados e cantados com desenvoltura por elas:

... Fumamos uma tora, cheia de semente, queimei a minha bermuda,
Perdi o meu boné, rasguei o meu casaco, manchei a minha blusa,
Não tenho roupa doida só pano de chão
a minha calça é metade de um roupão
Durmo no chão, não tenho nem colchão, perdi o meu relógio
Vô dormir boa noite pros Manu Brown
isso é legal, porque quem sempre me vê
e tem me ajudado não é a Kelly Key e nem essa cambada de viado
Tem sido o meu porteiro, a minha empregada, o meu motorista, e também outros mendigos...
Vida loca parte final e assim acabou como o hino nacional
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas... (Vida Loka, Racionais MC's)

Não posso deixar de mencionar que tal acontecimento gerou em mim um grande desconforto: pelos quinze minutos de cantoria, era tanta morte, destruição, abandono... uma linguagem crua, tensa, uma intimidade com a tragédia, com a fragilidade do humano.

Jânio de Freitas, jornalista e colunista do jornal Folha de São Paulo, escreveu, analisando criticamente o espanto diante da manutenção dos índices de popularidade do Governo Lula, mesmo com a deflagração da crise aérea – depois de mais uma tragédia com mais de 200 mortos, fato que causou grande comoção no país – com seus efeitos politizados distintos conforme o segmento social analisado, escreveu:

“Em relação à crise aérea, por exemplo, uma constatação simples pode facilitar certas compreensões. O que tem acontecido nos saguões dos aeroportos, nos últimos meses, acontece todos os dias da vida toda da maioria carente nos hospitais públicos, nas filas e nos saguões do INSS, nas paradas de ônibus do ‘rush’, nos trens que trazem e devolvem rebanhos humanos às cidades-dormitórios.”

(Folha de São Paulo, Caderno Brasil, terça-feira, 07 de agosto de 2007, página A7).

Mas não é tanto essa comparação ou o tema da popularidade do presidente que interessa aqui como fenômeno, mas a assertiva do jornalista a respeito da politização das reações entre “os carentes” quando comparada ao que ele designa como bem-servidos:

“As emoções dos bem-servidos logo começaram a apontar, enquanto os destroços e os corpos ainda fumegavam, os imaginários ‘assassinos’ e os co-autores da tragédia. Os carentes têm o hábito de uma resignação comovida, feita de dor e do que

parece ser um sentimento de destino, imobilizador e irremovível. Os carentes são íntimos da tragédia.

A relação das classes carentes com a dinâmica da realidade, no Brasil, é mais complexa do que se tem percebido, no nosso facilitário intelectual, universitário e jornalístico.”

(Idem, ibidem)

Interessou-me nesse trecho do comentário de um dos analistas mais importantes de um dos mais relevantes meios de comunicação no Brasil, o uso do termo resignação. Sem adjetivá-la, a assistente social da sub-prefeitura de Pinheiros, que esteve presente em diversas reuniões com os moradores da favela Djalma Coelho também a empregou ao comentar a saída dos moradores. De fato, quando pude acompanhar o processo de demolição da favela, em junho de 2005, não houve nenhum movimento dos moradores no sentido de impor resistência à remoção.

Um único comentário dentre tantos os que colhi à época da saída dos moradores poderia denotar alguma rebeldia. Um jovem morador da favela disse que um dos vizinhos ricos havia comentado que temia pela segurança das casas ao redor da favela, após a saída de seus moradores. A ameaça, portanto, não se fez de forma direta, mas sim implícita. Nada muito elaborado, apenas o que me indicou o jovem entrevistado era que os moradores da favela, que um dia haviam se inserido no contexto social e urbano do bairro de classe média da Vila Madalena, como porteiros, empregados domésticos, motoristas da vizinhança bem-servida, poderiam se insurgir, caso fossem dali retirados, como foram meses depois.

Um ponto na teia: o reencontro dos sujeitos

Matias é um dos sujeitos dessa tese. Matias por apelido, baiano por origem, de Nova Cruz, um distrito de Macajuba, interior da Bahia, distante 300 quilômetros da capital Salvador. No início de 2007, retomando a pesquisa de campo, encontrei Matias, tomando uma coca em um boteco uma quadra acima do terreno onde até meados de 2005, existia a favela Djalma Coelho, ou “favelinha da light” uma

pequena favela, com 105 famílias, encravada no bairro de Vila Madalena, bairro que de vila de portugueses em meados da década de 50, passou por intenso processo de transformação espacial, sendo conhecida hoje como “talvez... o mais charmoso bairro paulistano”.

A favela Djalma Coelho foi desfeita, e em seu lugar cresce agora uma vegetação desordenada, cercada de arame farpado, onde vivem, de certo, muitas outras aranhas que tecem suas teias. E as aranhas-sujeitos que de lá saíram reconstroem suas teias em outras partes da cidade, naquele tal processo de construção, destruição, reconstrução da vida, a partir dos fios internos que restam, através dos quais nos lançamos a outros pontos no espaço e no tempo, retecendo teias que nos conectam à vida...

Pois foi em uma tarde de janeiro, em 2007, sol quente do verão paulistano, que saí em busca, movida por um fiapo interno de coragem, de algum ponto para continuar a tecer essa tese que agora apresento. Descrevo então um pouco da trajetória dessa pesquisa.

Do início, que é também um meio da história, da minha própria história. O início é, assim, algo que considero como ponto inicial, uma escolha deliberada, um ponto, por onde começo a contar essa história.

No início de 2003, escrevi um projeto de doutorado e me inscrevi no processo de seleção da FAU. Grávida de sete meses do meu segundo filho, fiz as provas de seleção e, aprovada, ingressei no doutorado em agosto. O projeto ora desenhado se detinha na análise da segregação sócio-espacial sob uma perspectiva de abordagem quantitativa, e se propunha a analisar as formas de inserção sócio-profissional, segundo local de moradia. Trabalhando como economista na Fundação Seade elaborei um projeto a partir dos dados da PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego, que mostrava grandes diferenciais em termos de taxa de desemprego, de grau de formalidade e de nível de renda ocupacional entre os habitantes do centro e da periferia da

metrópole. Baseada nessas informações, elaborei uma proposta de tese atendo-me às causas desses processos de diferenciação nos anos 80 e 90. Aos poucos essa carapaça de mapas, dados e questionários estruturados foi cedendo lugar a um estudo etnográfico na favela, ao perceber que nos microprocessos sociais tanto a estrutura como a dinâmica da metrópole se reproduziam. E o olhar atento sobre um pequeno trecho da cidade ainda permitiria olhar de perto⁹ como se tecia a trama e quais as conexões desse trecho com o restante da cidade.

Muitas idas e vindas depois, encontrei-me nesse janeiro em busca de outro ponto no espaço, um outro fio que reconectaria a trama dos sujeitos que escolhi para relatarmos essa história.

Meu primeiro salto, após sair da análise, onde eu e minha terapeuta conversamos sobre as opções de continuar ou desistir da pesquisa, inflei o peito de coragem e fui em busca de informação. Guiei-me, aos prantos ainda, ao Centro de Saúde, onde então trabalhava Jane, a agente comunitária de saúde, que à época da retirada da favela havia me relatado sua história de vida, uma de minhas informantes diletas, porque sempre se dispôs a relatar, a contar, a dar o testemunho para compor essa narrativa.

Na primeira tentativa, não houve sucesso. Jane havia sido demitida do Posto de Saúde, pois não poderia mais exercer sua função como agente comunitária de saúde, dado que justamente perdera um dos requisitos para o trabalho: não mais residia nos arredores do Posto de Saúde. Fui, então, não sem antes tentar um contato, um telefone dela, visto que o celular que eu tinha não mais respondia, tentar a sorte com as demais agentes do Posto. Elas, muito gentis e solícitas não tinham autorização para fornecer as informações de Jane, apesar da minha insistência. Uma delas se dispôs a falar que a filha de Jane, Paula, estudava na creche ao lado, e que eu poderia obter alguma

⁹ De perto de dentro, na feliz expressão de Magnani.

informação lá. Bati na creche, conversei com várias atendentes até que encontraram a Paula e me disseram que o pai dela, Rui – um personagem também central na história, porque foi presidente da associação de moradores da Djalma Coelho – viria buscá-la às quatro horas da tarde. Passei em casa, perto dali, e peguei gravador, fita, e todos os apetrechos necessários... Cheguei às pressas na creche, faltavam quinze minutos para as quatro. Esperei calmamente os pais e mães que buscavam seus filhos, até que quatro e cinco, quatro e dez e nada do Rui. Encontrei então a professora da Paula e ela disse que naquele dia justamente Rui havia passado um pouco mais cedo, três e meia da tarde.

Ainda assim não desisti. Fui até o que conheço como “favela do Mangue”, onde sabia que encontraria duas famílias ao menos, a do Moisés, um informante antigo, dono da mercearia da favela Djalma Coelho e a de seu irmão, Matias, dono de um dos bares de lá.

Chegando à favela do Mangue, encontrei apenas o filho de Moisés, Rô, um adolescente, muito atarefado com os afazeres domésticos e os dois irmãos pequenos. Perguntei pelos pais, mas eles não estavam, pediu-me que voltasse outra hora, para que falasse com eles. Perguntei pelo tio, o Matias. Rô me conduziu até a casa do tio, mas também não o encontramos lá.

Ainda recorri a um outro entrevistado, sempre disposto a conversar, o Roberto, que pelo que sabia morava em um cortiço próximo. Não encontrei a família em casa e nem soube ao certo se ainda residiam lá.

Saí de carro pensando se não era um sinal para que eu desistisse de tudo, para que respondesse a mim mesma que havia tentado e nada. Mas resolvi insistir mais uma vez, com um gesto nada calculado, bastante desesperado, confesso, fui até o terreno onde até 2005 todos esses sujeitos seriam encontrados, na rua Djalma Coelho. Parei em frente a um bar, pedi uma coca e perguntei aos donos do boteco,

muito desconfiados, se sabiam onde poderia encontrar um ex-morador da favela.

O atendente no balcão, tascou, sem trégua: “graças a Deus, não sei de mais ninguém que morava aqui nessa favela”. Um outro sujeito que havia entrado no bar naquele momento, ao escutar a pergunta e notar o ar desolado que eu deveria ter na hora, me falou que havia acabado de encontrar o Matias no bar a um quarteirão dali. Agradei ao sujeito e corri para lá. Falei com Matias, e ele se dispôs a conversar em outro momento, já que tinha pressa para ir ao trabalho; no entanto, nos poucos minutos que conversamos, reconectou-me a vários dos antigos moradores, os de sua família, os J. de L., ou L. de J., porque varia. Mas também sabia do paradeiro de outros tantos, e só ali na calçada do bar, encontramos outros quatro antigos moradores, que trabalhavam por ali, ou que estavam mesmo de passagem pelo local da antiga moradia, se não eram mais habitantes, ao menos ainda poderiam ser transeuntes. Falou-me ainda da tia Isaura, uma moradora muito antiga da favela e sua tia, e achava que poderíamos conversar com ela. Sabia do Ivan, da Cleusa, de alguns já haviam se mudado do local aonde teriam ido de pronto. Sabia de muita gente e se dispôs a colaborar.

Na semana seguinte, fizemos uma longa entrevista, na praça perto de lá, lugar escolhido por ele por ser tranqüilo e aprazível de se ver. E tudo recomeçou.

Um outro ponto na história: abertura à escuta do outro

A palestra de Ignácio Gerber, *Abertura à escuta criativa*, tratando de transdisciplinariedade e das fronteiras do pensamento, ou dos gradientes nos espaços e nos campos de estudo abriu-me uma outra perspectiva de abordagem na tese. Bem em meio à crise imposta pelas narrativas dos sujeitos de pesquisa, tentando buscar um recorte teórico para interpretá-las, surgiu-me quase que numa sincronicidade essa experiência. Gerber faz uma crítica propositiva à

mania restritiva de segmentar, dividir para estudar, o que me pareceu um alento em meio às minhas inquietações. Não é preciso, segundo ele, dividir para compreender. Até porque tudo se entrelaça, as idéias se associam livremente. A ciência moderna, para ser ciência, achou de separar tudo em partes e pelas partes conhecer o todo. Não se trata, nessa sua proposta de análise transdisciplinar, de estudar algo por diversos ângulos, de distintas especialidades, mas de estudar fenômenos e seus entrelaçamentos sem que as fronteiras do conhecimento estejam definidas. Na imagem por ele sugerida, como se pudéssemos passar um esfuminho nos traços que dividem territórios, sem que se desenhasssem as fronteiras, num contínuo... sem rupturas.

Na minha interpretação, interpretar um texto com todo o meu ser, que não se restringe à economista, urbanista, ou qualquer segmentação disciplinar. Interpretar esse texto com esse vaguear transdisciplinar, a fim de não fechar, mas de abrir os sentidos do que é escutado, visto, percebido.

Em outro momento dessa pesquisa, deparei-me com uma outra palestra, *Cidade e subjetividade*, do poeta e letrista José Miguel Wisnik e de seu filho Guilherme, urbanista e articulista da Folha de São Paulo. Na fala de ambos, a referência a Nelson Peixoto. Busquei e encontrei a tal referência a Nelson Peixoto¹⁰, em um seminário ocorrido em março de 2007. José Misquel Wisnik tematizou a modernidade e as cidades. Com Baudelaire e Benjamim, Drummond e Mario de Andrade – Paulicéia Desvairada – abordou o tema das cidades e de seus habitantes na virada e no decorrer do século XX, citando a imagem do poeta que perde sua aura ao atravessar o bulevar parisiense. E citou Berman¹¹, especificamente no capítulo que trata de Walter Benjamim.

¹⁰ Peixoto, N. B. (2007). Mapear novos territórios.

¹¹ Berman, M. (1986) Tudo que é sólido desmancha no ar.

“Nossa próxima cena moderna arquetípica se encontra no poema em prosa ‘A perda do halo’ (Spleen de Paris, nº 46), escrito em 1865, mas rejeitado pela imprensa e só publicado após a morte de Baudelaire. Como ‘Os olhos dos pobres’, este poema é ambientado no bulevar; trata da confrontação que o ambiente impõe ao sujeito, e termina, como o título sugere, com a perda da inocência. Aqui, porém, o encontro não se dá entre duas pessoas de diferentes classes sociais, mas, antes, entre um indivíduo isolado e as forças sociais, abstratas, embora concretamente ameaçadoras. Aqui, o ambiente, as imagens e o tom emocional são enigmáticos e alusivos; o poeta parece interessado em promover o desequilíbrio dos leitores, ele próprio talvez esteja desequilibrado.” (p. 177).

O aspecto mais interessante na comunicação desse sujeito de fala sutil, que se utiliza de poesia para se expressar, estabelece um vínculo imediato com o tema de que se tratou ali: da poesia como forma de expressão do indizível diante da exposição aos choques sucessivos impostos pela modernidade na metrópole. O sujeito, exposto a essa sucessão, cria uma carapaça psíquica que o protege dos efeitos dos traumas consecutivos na sua vida cotidiana. O sujeito, na modernidade, ao se fechar em sua carapaça protetora, distancia-se das experiências e das lembranças involuntárias, não por ato de vontade, mas para se proteger dos choques sucessivos.

Um outro ponto: da difícil representação do espaço

Eis mais um caco que junto a essa tese. Diante da dificuldade de interpretar as representações do espaço, amparei-me nos conceitos de Peixoto, muito afinado com a abertura de sentidos que eu buscava ter na interpretação que é essa tese.

Ao buscar o texto do Nelson Peixoto, deparei-me logo de cara com a afirmação:

“A estrutura variável dos territórios contemporâneos torna problemático todo mapeamento. Como cartografar essa geometria em mutação, constituída de megacidades extensas e descontínuas e paisagens massivamente deformadas pela industrialização?”

E ao longo do texto, o autor se depara com a difícil experiência de representação do espaço na contemporaneidade. Não porque nos faltem instrumentos apurados – menciona as fotos aéreas do Google Earth que nos dá a falsa sensação de “acesso absoluto ao mundo”.

“Todas as tentativas de mapear a cidade pela experiência da rua – a deriva benjaminiana ou os planos afetivos dos situacionistas –

implicavam a expectativa de uma renovação da percepção. Mas no universo totalmente construído e elaborado do capitalismo tardio, não há lugar para essa renovação. Se na cidade tradicional, do mercado, a experiência limitada e imediata dos indivíduos era ainda capaz de abranger a forma social e econômica que a regula, hoje isso não ocorre mais. A legibilidade da paisagem das cidades era relacionada à imaginabilidade, à capacidade de evocar uma imagem forte no observador. Pressupunha referências visuais, um domínio sensorial do espaço, através da experiência e da observação ocular. (grifo meu)

Mais adiante, sobre a impossibilidade de representação do espaço, admite que mesmo com as ferramentas mais apuradas da fotografia, não há possibilidade de representação.

“Ocorre uma ruptura radical entre a experiência cotidiana e esses modelos de espaços abstratos”... as novas dimensões do mundo globalizado exigem uma nova cartografia: das dinâmicas, dos fluxos, das reconfigurações permanentes e variáveis.”

Essas situações são paisagens abertas, em que múltiplos e contraditórios pontos de vista revelam um conflito de ângulos e ordens: um senso de simultaneidade que elimina toda referência anterior. Uma área surda é uma região onde toda lógica foi suspensa. Aqui não vigoram relações comensuráveis. Durante o processo de remoção da favela, pude experimentar tal “conflito de ângulos e ordens” e o que talvez me passasse despercebido, em algum momento saltou-me aos olhos. Ao interpretar minhas fotografias, a de alguns colegas, e aquelas que os próprios moradores faziam, esse mosaico de paisagens, de visões simultâneas sobre um mesmo texto convenceu-me do método de pesquisa a ser apreendido e experimentado na tese. Não foi algo simples, foi sofrido desfazer-me da tendência de, a todo momento, querer fechar interpretações, quando a paisagem, ou o texto, clamava por explosão de sentidos.

Desvelar o método

“Método singular: trata-se de aprender a ver o que é nosso como se fôssemos estrangeiros, e como se fosse nosso o que é estrangeiro. E não podemos sequer fiar-nos em nossa visão de despatriados: a própria vontade de partir tem seus motivos pessoais, podendo alterar o testemunho. Se quisermos ser verdadeiros, deveremos dizer também esses motivos, não porque a etnologia seja literatura, mas porque, ao contrário, não deixa de ser incerta a menos que o homem que fala deixe de cobrir-se com uma máscara.” (Merleau-Ponty)

Utilizo o método qualitativo para aprofundar a questão da pesquisa. Amparo-me na literatura sobre os estudos etnográficos e os fenomenológicos, articulando-os a uma inserção no método autobiográfico de pesquisa. Refiro-me aqui à explicitação da relação entre o objeto de pesquisa, o método e a definição dos sujeitos em relação à minha percepção de mundo, à experiência subjetiva enquanto indivíduo, não dissociada da experiência de socialização.

Metodologicamente, fez-se uso de uma combinação de métodos de pesquisa, desde a observação etnográfica no momento da saída da favela, bem como a interpretação das memórias de algumas famílias que se deslocaram no processo. Alguns permaneceram próximos à antiga moradia, em cortiços que ainda sobrevivem, apesar do interesse de incorporadores e agentes imobiliários, outros procuraram colocação em favelas mais estabelecidas, mais antigas ou onde há eficiente organização de moradores, temendo nova remoção. Há ainda aqueles que se distanciaram espacialmente do local onde moravam, em novos territórios da cidade de São Paulo.

Além disso, fez-se uso do material publicado na mídia escrita, as fotos e depoimentos, fontes para a análise da representação social dos moradores desse local – a favela em questão – mas também das demais localidades para onde esses sujeitos se dirigiram, a fim de identificar como essa representação interferiu na escolha das novas localidades.

Ainda se investiga a relação entre o poder público e os moradores da favela, através de entrevistas dirigidas aos diretores das escolas estadual e municipal, da creche e do posto de saúde ali localizados, que ainda atendem a população da favela. Também importante nesse contexto é o vínculo que se estabeleceu entre os pobres ali residentes e as associações religiosas que se encarregam da assistência aos favelados, os advogados de uma ONG de defesa da moradia que os assessoraram no processo judicial e os incorporadores ou agentes

intermediários que participaram da negociação entre favelados e proprietária do terreno.

Mesmo não sendo o foco principal do trabalho de pesquisa, surgiu nesse contexto a questão da disjunção entre a legislação urbanística, sob a figura do plano diretor regional, que definiu a área como ZEIS (zona especial de interesse social), elemento moderno na discussão sobre apropriação do território, e os aspectos jurídicos relacionados à titularidade da posse da terra, que ainda guarda traços arcaicos do patrimonialismo como conceito presente e incorporado ao discurso não só dos proprietários mas igualmente entre os pobres. A remoção de uma favela em um bairro rico no momento posterior ao Estatuto da Cidade coloca em evidência esse conflito entre o fato, que é arcaico e anacrônico, e a lei, que traz elementos modernos para a discussão da função social da terra e da propriedade.

Breve trajetória da pesquisadora

Quando ingressei no doutorado na FAU, o tema da tese era a segregação sócio-espacial na cidade São Paulo, sob a perspectiva dos sujeitos que na contemporaneidade das metrópoles são expelidos não da periferia da cidade, local por excelência concebido como de movimento e moradia dos pobres em São Paulo, mas de espaços concebidos para moradia e convivência da “classe média”.

Os sujeitos da pesquisa permaneceram sendo os pobres na metrópole, entretanto o método de pesquisa alterou-se ao longo do processo. No início, detive-me nos dados quantitativos, na elaboração de mapas que permitiam visualizar e perceber diferenças no que diz respeito à espacialização dos pobres na metrópole. Trabalhei com informações censitárias, e com o método desenvolvido por Preteceille e aplicado no Brasil pelo Observatório das Metrópoles - UFRJ. Por esse método, que utiliza análise fatorial de três dimensões – renda, escolaridade, ocupação – e utiliza dados censitários, foi possível espacializar as categorias sócio-ocupacionais na metrópole.

Através dos mapas, os pesquisadores procuram mostrar ou demonstrar as mudanças no padrão de urbanização nas últimas décadas. De uma forma urbana mais concentrada e dividida em centro-periferia para uma outra forma, um "novo" padrão", que ora denomina-se disperso ora fragmentado no espaço.

A partir da imersão nesse debate acerca da exclusão e da segregação social na metrópole, deparei-me com as questões que procurava investigar: o que é ser pobre nesse novo padrão de segregação, como percebem a segregação esses pobres, e como percebem as mudanças. Se essas eram as questões da minha pesquisa, havia de ser repensado o método, pois aquele com o qual trabalhava não permitia que eu respondesse a contento tais questões. E esse foi um momento traumático, uma vez que toda minha trajetória profissional e acadêmica tinha se amparado no método quantitativo e analítico. Então comecei a investigar o método, fiz uma disciplina na pós-graduação do departamento de antropologia social da USP, que me pôs em contato com a literatura clássica antropológica e com o método etnográfico. No capítulo III da tese trato da produção social do espaço urbano teórica e historicamente a partir da literatura a produção social do espaço urbano de São Paulo, em um rápido e breve sobrevôo, que após os capítulos IV a VI, onde me debruço sobre a história dos sujeitos de pesquisa, volta ao debate, porque a macro-história, ou o macro-processo ganha contornos definidos com os relatos e as histórias de vida dos entrevistados. Homens e mulheres invisíveis, mas sujeitos dessa história.

Em pauta as continuidades e discontinuidades no processo de alinhavo da trama de relações que se estabelecem entre os sujeitos moradores de uma favela, removida de um bairro de classe média – a Vila Madalena – com o espaço social de seu entorno e com os demais territórios por onde circulam na cidade. O objeto de estudo é o conhecimento dos processos de deslocamento, da definição do

destino da moradia e das redes estabelecidas por esses sujeitos na redefinição de seus territórios, o processo pelo qual constroem e reconstróem seus espaços de moradia, suas relações de vizinhança e a rede de apoio na vida cotidiana. Para isso, fiz a pesquisa em duas etapas, na primeira, acompanhei o cotidiano dos moradores da favela Djalma Coelho, em São Paulo, observando como se relacionavam entre si, e, com os demais segmentos sociais que por ali circulavam. Na segunda parte, em razão da dispersão desses moradores, uma vez removida a favela, voltei a campo para levantar junto a eles suas memórias, reconstruindo com eles suas histórias de vida e o lugar da favela nesses contextos.

O foco no processo de remoção de uma favela constituída na década de 70 em um bairro de classe média – a Vila Madalena – no município de São Paulo justifica-se pela possibilidade da análise de um processo em transição, quando se explicitam inúmeros conflitos: no âmbito sócio-espacial, as disputas pela apropriação do espaço social pelos favelados e pelos vizinhos que os circundam, não só no que diz respeito à apropriação material, mas também simbólica do espaço (Bourdieu, 1996, p.164). O conflito antes implícito, permeando toda a história de ocupação da favela, ganha contornos diferenciados diante da concretização da saída desses moradores e da busca por novo espaço para se estabelecerem. O conflito não se restringe à relação entre os moradores da favela e de seu entorno imediato, mas é no intrincado dessas relações que macroprocessos são gerados e retro-alimentados. É a partir desses homens e mulheres de narrativa simples, permeada de metáforas, que interpreto os mecanismos sutis pelos quais esses sujeitos tecem a trama de suas história de vida.

Apresentei um artigo, em setembro de 2004, em um Laboratório da ISA, em Coimbra, onde 13 estudantes de pós-graduação de todos os continentes compartilharam seus projetos de pesquisa. Foi então que me deparei com a esquizofrenia da minha proposta de trabalho. O

projeto tratava da construção social do espaço, mas na apresentação do trabalho expressava-se claramente o interesse em investigar como os sujeitos percebiam a segregação. Meus colegas de laboratório e a coordenadora Sujata Patel então me encaminharam à literatura sobre fenomenologia.

Após meses de percurso literário, decidi começar meu trabalho de campo em janeiro de 2005 e escolhi tal como explicitado acima uma favela pequena bem próxima ao lugar onde moro para experimentar o método de conhecer e interpretar o mundo da vida.

Na segunda etapa de pesquisa, mais densa e menos “planejada”, deixei-me vagar pelas histórias dos sujeitos – é notório nas entrevistas que transcrevo na tese uma mudança de atitude minha, como pesquisadora, de um enunciado claramente construído para a abertura à escuta do que esses sujeitos têm a dizer. Não sou experiente no método, aprendi fazendo, sou uma “economista que virou suco”, me aproprio dos métodos dos antropólogos, dos psicólogos, dos historiadores, que fazem da construção dessa narrativa, do texto gerado a partir da interação do entrevistador e do entrevistado a fonte para uma entre tantas possíveis interpretações acerca desse fenômeno. Não os procuro como tendo respostas a minhas inquietações – não só intelectuais, mas também emocionais; procurando essa relação surpreendente entre sujeitos – eu e cada um daqueles com os quais me encontrei –, deparei-me com surpreendentes revelações e as questões foram surgindo desses encontros. Ao final do prazo da tese, já prorrogada em razão de um acidente que sofri, volto para o exercício de interpretação, algo que justifique a empreitada da tese.

Essa tese, portanto, corre o risco de não ser uma tese estritamente acadêmica, ou pode ser até que seja aceita sob um conceito mais líquido sobre o conhecimento acadêmico. Ela se insere, não subordinadamente – quem já fez uma tese sabe do que estou

dizendo, de como esse objeto ganha vida própria, muito comum ouvirmos perguntas “Como vai a tese?” como se fosse algo dissociado de nós mesmos, algo com vida própria – na auto-biografia de quem a escreve. E ela vai ganhando, sim, sua vida própria, que nada mais é que a descoberta ou o desvelamento das questões e relações pertinentes a essa trama.

A carapaça do questionário estruturado

Por muitas vezes evitei um contato mais próximo com meus entrevistados. Fazia a entrevista, sentava com eles no bar, nas cozinhas de suas casas, conversei com as mulheres enquanto lavavam roupa, os homens quando jogavam sinuca e as crianças enquanto brincavam na praça em frente à favela, mas sempre tive o incômodo de conversar sobre a vida deles, sem, em contrapartida, contar-lhes da minha.

E nessas conversas, muitas vezes, os relatos sobre a trajetória de trabalho, de construção da moradia entrelaçavam-se com a vida afetiva deles. Muitas vezes não, quase sempre a demarcação do tempo se dava pelos acontecimentos mais íntimos da vida deles, assim como nas nossas, suponho.

Atualmente, já posso admitir que os momentos mais importantes da realização desse campo se deram quando consegui me expor aos sujeitos, falando de meus sentimentos e angústias. Mas essa atitude pressupõe despojamento da carapaça protegida do pesquisador, que se distancia do seu objeto de pesquisa para melhor analisá-lo.

Foi, assim, portanto, que dei meu telefone ao Zé, um dos moradores mais antigos da favela. Por que eu havia feito isso?? perguntavam meus amigos pesquisadores, alertando-me do risco de me expor em demasia. Dei o telefone a ele, assim como ele havia dado a mim. E com o mesmo significado, entendo: quando me lembrasse de algo, ou quisesse esclarecer qualquer coisa, poderia ligar-lhe e assim

reciprocamente. Quando se interpreta algum evento que envolva outras pessoas, podemos devolver essa interpretação, não para que seja corrigida, mas porque o objetivo final dessa tradução é a comunicação com os outros, ou nos termos de Geertz, não simplesmente remoldar a forma naquilo que usamos como forma, mas sim mostrar a lógica das formas de expressão dos outros na nossa fraseologia.

Lembro-me de comentar esse assunto com um amigo sociólogo que havia acabado de dirigir um documentário, ao ouvir uma história que havia me contado sobre a realização de seu filme. Tratava-se de recolher relatos de descendentes de japoneses que voltavam ao Japão para trabalhar, contando de suas experiências de vida e trabalho lá e dos que aqui ficavam. Lembro-me de contar do meu susto com a ligação do Zé, da questão da interferência na vida dos sujeitos que escolhemos e ele logo se lembrou de uma senhora que, ao participar das filmagens do documentário e ao se deparar com a necessidade de falar de sua vida, acabou se convencendo que o melhor a fazer era se separar do marido e voltar a ter sua própria vida. O tal amigo estava arrasado, pensando se o fato de ter escolhido essa senhora e de ter-lhe feito algumas perguntas sobre a trajetória dela poderia ter mudado a sua vida. Rimos, ambos, constrangidos pela nossa prepotência, de um lado, mas nos demos conta que de fato transformamos a vida daqueles que nos falam, assim como eles transformam a nossa, ao nos colocarmos a questão, ao ouvirmos seus relatos. E isso é constitutivo da vida, da descoberta e da pesquisa quando nos dispomos a escutar.

Por que digo que é quando nos dispomos a escutar? Simultaneamente à realização dessa pesquisa de doutorado, fiz um outro trabalho, na periferia de São Paulo, um distrito bastante pobre e distante do centro da cidade. Fui de carro até lá, embora a equipe de pesquisadores tivesse conseguido uma van que os levaria até o

hospital da região. Quis ir com meu próprio carro, para experimentar a dificuldade de chegar até lá. Quando já havia andado por mais de 40 minutos, parei em uma borracharia para perguntar como chegar até o hospital. Todos me olharam com ar espantado, porque não faziam idéia de onde ficava o hospital que procurava, meu único ponto de referência. Depois de algumas tentativas, soube que estava ainda a uns outros 40 minutos do destino e que ainda iria perguntar muito como faria para chegar ao tal hospital. Mas não é essa a questão relevante. O que me interessa contar aqui é como me sinto protegida trabalhando com questionários fechados em pesquisas encomendadas e como me sinto absolutamente vulnerável na pesquisa do doutorado.

Na pesquisa em questão, entrevistavam-se pessoas em hospitais, postos de saúde e no domicílio para identificar satisfação do usuário quanto ao atendimento recebido. Fui testar os instrumentos – questionários estruturados, com respostas fechadas – junto a alguns entrevistados, selecionados ao acaso. Abordava os entrevistados, dizia do que se tratava a pesquisa e observava a clareza das questões, se os entrevistados demoravam a compreender ou a responder as perguntas e se havia problemas de seqüência ou fluxo do questionário. Fiz isso por muitas vezes na vida, e sentia-me absolutamente à vontade. Se o entrevistado, por acaso, resolvesse contar detalhes de sua vida, algumas outras informações que não constavam como objeto da pesquisa, por exemplo o fato de ter uma parente que conhecia a enfermeira do local, o que o ajudava a conseguir a consulta com tal médico, eu apenas ouvia, desinteressadamente, seu relato. Se queria contar da doença e de quanto era duro conseguir o medicamento, eu consentia simplesmente. O fato de ter um objetivo claro, dado por outra instituição, pessoa ou até mesmo os critérios científicos epidemiológicos, resultavam nesse ar de quem está ali apenas de passagem. Ao colocar o entrevistado diante de nossa lógica de

pensamento e da nossa estrutura de respostas, nem ao menos lhes damos chances de evidenciar a sua própria lógica, que permanece encoberta sob diversos véus. Ao contrário, nessa experiência, tentei retirar os véus, e a cada um retirado, novos enigmas surgiam, novas questões se colocavam.

Apenas uma interrupção na história que aqui transcrevo, mas que diz respeito ao debate subjetivo acerca do método de pesquisa escolhido.

Do impasse diante do objeto

No início de 2005 comecei o trabalho de campo, indo à favela da Djalma Coelho - ou *favelinha da Light* - todas as tardes com meu caderno de anotações, o gravador e a máquina fotográfica, lápis e papel para que representassem o espaço onde viviam. Os sujeitos da minha pesquisa eram os moradores da favela, a questão era como percebiam a segregação, vivendo em um espaço mais amplo, o bairro, compartilhado por moradores de outra classe social. Acompanhei as crianças na escola pública do bairro, as mães no posto de saúde, e o cotidiano dos moradores daquele lugar por quinze dias. No entanto, como o mundo da vida é mais dinâmico e instável do que gostaríamos de supor – nós, os pesquisadores, ao menos aqueles que se escondem atrás da carapaça psíquica de distantes do objeto –, em março, um fenômeno alterou a vida daquelas pessoas e também a minha. O processo de reintegração de posse do terreno, movido pela proprietária, havia sido julgado em segunda instância e a decisão era favorável à proprietária. Os dois recursos movidos pelos advogados dos favelados foram recusados em meados de março. Desde outubro anterior, os moradores sabiam do resultado do processo e os negociadores do terreno os procuravam para proposta de acordo. Em janeiro, houve um primeiro acordo entre os intermediários e a associação de moradores. Ficou estabelecido o valor da negociação, algo em torno de R\$ 780 mil, a serem divididos entre as 105 famílias proprietárias. Os

intermediadores não definiram os critérios de divisão do valor da indenização, ficando a cargo dos moradores tal definição. Após inúmeras reuniões, fechou-se um acordo entre os favelados e os intermediários. No meio da pesquisa de campo, portanto, foi possível identificar a dinâmica desse processo. Simultaneamente às negociações, alguns moradores ainda tentavam se organizar para encontrar alguma saída para a permanência no local. Foi com a notícia da recusa dos recursos que se arrefeceu a resistência dos moradores. Então, quinze dias após o início do campo, a situação se alterou drasticamente. Na saída da escola, nas conversas nas casas, no bar de entrada da favela, em todos os espaços públicos ou privados, o assunto era a remoção da favela e seus impactos sobre a vida dos moradores: os valores da indenização, o mercado imobiliário nas favelas... todos, homens, mulheres e crianças falavam de valores e de novas possibilidades de localização no território – alguns na metrópole, outros retornando às origens.

Testemunhei esse processo sem muito recurso ou tempo para processá-lo. Foram dois meses de visitas à favela, que se desintegrava paulatinamente. Acompanhei famílias em mudança, a demolição dos barracos, a cada dia descobria que os sujeitos da minha pesquisa haviam se deslocado e tentava manter um contato com eles. A cada final de semana, saíam 20, 30 famílias. Durante o mês de junho, toda a favela foi desocupada, sem que houvesse força policial ou ação de despejo judicial. Os próprios moradores eram contratados para a demolição das casas e trabalhavam na demolição de casas que haviam levado meses, anos até para serem construídas, às vezes até mesmo tinham participado das construções, ajudando os vizinhos e parentes em processo de mutirão. Em menos de 20 dias, a favela havia se transformado em um terreno vazio, cercado de muros e arame farpado. Pensei então em desistir desses sujeitos, em razão da dificuldade em acompanhá-los. Ao me defrontar com a dispersão dos sujeitos e com a destruição do espaço de estudo, experimentei

com eles a sensação de não ter território - de desterritorialidade - ao menos temporariamente, o deles de moradia e o meu de pesquisa. Passados seis meses do trauma da remoção, que compartilhei com os moradores, embora em outra condição, a de pesquisadora e testemunha, em dezembro de 2005, retomei a pesquisa. Telefonei àqueles dos quais mais me havia aproximado, refiz contatos com a escola, o posto de saúde e procurei refazer a rede de entrevistados. Posso dizer que só passados mais de um ano da remoção é que consegui entrevistar de novo as pessoas, para que pudéssemos retomar a pesquisa, com outro foco então: a trajetória de vida desses sujeitos. A partir de duas entrevistas em profundidade, em que os sujeitos falaram livremente de suas histórias de vida, percebi a questão do deslocamento dos pobres e da descontinuidade de suas experiências como algo muito constitutivo da biografia deles. Na tese, refaço então a partir das narrativas desses sujeitos, interpretações sobre suas relações com o território, com os deslocamentos cotidianos e os traumáticos. A partir desses relatos, discuto como se inserem esses pobres na modernidade e na pós-modernidade, os elementos do mundo privado e público, a articulação da esfera econômica, social, política e afetiva na vida dos pobres, tendo como material de pesquisa as entrevistas com os moradores da favela e o material gravado para dois documentários de Marta Nehring, cuja realização se deu em dois momentos: em 2000, quando a saída ainda era uma possibilidade, resultando no documentário já produzido "Vizinhos" e, no contexto da remoção, em junho de 2005, gerando material que ainda não foi finalizado, mas que deverá resultar no documentário "Vizinhos 2".

Toda história tem um começo, um meio e um fim, que recomeça a história. Com a história da favela Djalma Coelho, ou favelinha da Light, não foi diferente.

Simultaneamente à destruição do espaço, foi-se desconstruindo a estrutura dessa tese e (por que não dizer?) a estrutura do pensamento de quem a escreve. De economista, matemática, me desmanchei em uma contadora de história, e na travessia quase me afoguei no próprio suco no qual me transformei. A vivência da desconstrução dos três sujeitos dessa história – a da favela, a da escritura da tese e da desconstrução do pensamento – tem seus vasos comunicantes e não são mera obra do acaso. Olhando agora um pouco para trás, os três processos andaram simultaneamente e nem sei ao certo dizer se houve alguma escolha deliberada, simplesmente aconteceu o encontro.

Defini, quando ainda acreditava que se escolhesse racionalmente um objeto de estudo e a metodologia de pesquisa, essa favela como o campo de pesquisa para o estudo das relações dos moradores de um assentamento humano, arquitetonicamente, sócio-economicamente e historicamente distinto de seu entorno. Por agora, posso ser mais honesta comigo e com quem lê essa história: os motivos foram muito triviais, banais até eu diria: fica bem próximo ao local onde moro, minha curiosidade por esse habitat antecede o ingresso no Doutorado, sempre quis espiar esse habitat de perto, além do mais, e não menos importante, eu tinha a contingência da rotina de dois filhos pequenos, um de dois anos, uma de seis, e não poderia, se quisesse estar perto deles, pesquisar algum lugar mais distante. A posteriori, várias justificativas racionais se justapuseram a essa: esse campo de análise parecia justificável: o bairro da Vila Madalena, onde a favela se situava, vinha se modificando ao longo dos últimos vinte anos, da paisagem das antigas casas térreas ou sobrados, originários da ocupação de imigrantes, sobretudo portugueses, para uma configuração urbana de torres de prédios altos e de casas de alto padrão. Isso sob o aspecto da paisagem arquitetônica. Sob a perspectiva sócio-econômica, desde os anos 80 observaram-se outras mudanças: em fins dos anos 70 e início dos anos 80, a Vila Madalena

atraiu muitos estudantes universitários, boêmios, poetas e artistas, seja pela combinação de aluguéis de baixo custo e proximidade ao centro da capital e à Universidade de São Paulo, seja pelo “clima” de cidade de interior, com suas ruas tranqüilas, e ainda por cima com nomes simpáticos – Harmonia, Girassol, Purpurina, e até mesmo a Simpatia.

Desde meados dos anos 80, e mais intensamente a partir dos anos 90, de novo uma mutação: a produção de um novo padrão de moradia nesse bairro atraiu moradores com um nível de renda mais elevado que os antigos residentes, e com eles a atividade econômica do bairro também se alterou: farmácias de rede se instalaram, os bares e restaurantes tornaram-se mais sofisticados, os serviços se ampliaram e se diversificaram. Eu poderia usar uma infinidade de indicadores para demonstrar essa mudança. Escolho um: a “crônica histórica e sentimental” de um artista plástico, Enio Squeff, um gaúcho desterrado, que chegou à Vila em meados da década de 80, reunindo memórias, histórias e impressões sobre seu novo habitat.

“O impressionante para um pintor que se dedicou durante anos a flagrar algumas paisagens da Vila é o quanto ela se transformou em apenas uma década. De repente, de onde se avistavam casas emergindo em meio ao arvoredo até a vista se perder pelas alturas, em questão de meses nasceriam como que adamastores implacáveis, imensos espigões de concreto numa multiplicidade de montanhas quadradas – monstros que a construção civil engendrou em cima da fama dos que chegaram à Vila Madalena, justamente por não terem como se instalar nos espigões.” (SQUEFF, 2002, p. 198)

Mas esse é só o contorno do habitat dos sujeitos que escolhi para a pesquisa. Na favela, também houve expansão demográfica a partir dos anos 80, intensificando-se nos anos 90, os barracos antes de madeira deram lugar a casas de alvenaria. Os dois bares da favela foram reformados e um deles ampliado. Aos poucos, foram chegando os serviços de água, luz e esgoto – esse último em meados dos anos 90. Muitas famílias antigas residentes da favela dali se mudaram, mas não há dados suficientes para se definir uma mudança do padrão sócio-econômico daquele assentamento.

Esse seria o pano de fundo para o estudo desse assentamento e da relação de seus moradores com o entorno. Mas não houve tempo para empreender tal estudo, sob a metodologia de observação do cotidiano desses moradores, de suas organizações, relações de trabalho e o lazer no bairro. Três meses após o início da pesquisa de campo, a favela começou a ser demolida. Entre maio e junho de 2005, as 105 casas foram demolidas, mediante indenização monetária aos moradores, que se dispersaram pela cidade ou regressaram aos seus territórios de origem, mais especificamente o interior da Bahia, de onde vieram muitas das famílias entrevistadas.

Assim, se o objetivo era estudar o assentamento e as condições precárias de moradia desses sujeitos em meio à cidade legalmente construída, e como se dava – em havendo – o conflito ou a tensão e torno da apropriação do espaço, a realidade se impôs sobre a pesquisa e mostrou novas questões a serem exploradas. Para contar de verdade essa história, a posteriori identifiquei as novas questões que poderiam surgir desse caso, por isso a tese foi revirada de cabeça para baixo, e eu junto com ela. Por algum tempo, fiquei paralisada diante do caos e do nada, aos poucos fui reconstruindo a temática e explorando novas fendas abertas nesse labirinto que em determinado momento pareceu-me sem saída. E o sentimento de impotência diante do acontecimento, da demolição, longe de me afastar do meu objeto de estudo, ressignificou-o, mostrando limites ao planejamento, à antecipação do fenômeno, deixando passar por entre as veias abertas da contingência a história desse pequeno pedaço de mundo, do qual faço parte.

Um espaço atípico na metrópole que se constituiu sob um padrão dual de espacialização: sumariamente lida como a oposição entre dois lados, ou círculos, em um deles a cidade formal e legal, e, no outro, a cidade informal que tem na ilegalidade e na precariedade seus elementos essenciais constitutivos. O espaço que se desintegrou

ao longo da pesquisa estava entre esses dois outros, pois significava a convivência e a proximidade física entre precariedade e ilegalidade no seio da cidade legal. Daí sua singularidade.

Sob o ponto de vista do desenho urbanístico da cidade e da atuação do Executivo municipal, este pequeno retângulo estava circunscrito àquilo que se considera o que há de mais moderno e progressista na legislação urbanística brasileira. A área definida como ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) pelo Plano Regional de Pinheiros, aprovado pela Câmara Municipal em outubro de 2004, define:

“Art. 75: Para a Zona Especial de Interesse Social Djalma Coelho, localizada em área particular, fica o Executivo autorizado a fazer parceria com a iniciativa privada para a construção de novas habitações para os atuais ocupantes”.

Os dispositivos legais, introduzidos pelo Estatuto da Cidade (2001), que está entre as “referências mundiais de marco jurídico para a divisão justa da terra urbana”¹², e a inovação do termo parceria público-privado, elementos do moderno desenho de políticas públicas no Brasil, sucumbiam no caso de pesquisa aos mecanismos sutis de convencimento dos operadores do mercado imobiliário, e da ameaça judicial.

¹² Segundo William Cobbett, diretor-geral da Aliança de Cidades, organização internacional, financiada pelo Banco Mundial, em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, Caderno Cidades/Metrópole, domingo, 15 de julho de 2007, página C5.



Em matéria publicada pela Folha de São Paulo, em fevereiro de 2005, a frase “Rumo à periferia” no sub-título da matéria que denuncia a remoção da favela da Vila Madalena, prenunciava o que se esperava do destino de seus moradores. Dois anos depois da remoção, algumas famílias resistem ao rumo da periferia.

Diante do caso escolhido, a reconstrução da memória coletiva dos pobres migrantes, através de entrevistas e observação de seu cotidiano, é um dos meios de compreensão do modo pelo qual se articulam – ou não articulam, a depender do conceito de articulação que se estabeleça – no momento da remoção.

Como pano de fundo para a história singular que apresento, não deixo de mencionar os macro-processos históricos, econômicos e sociais que acompanham os trajetos dos sujeitos da pesquisa que ora empreendi. Não são deslocados do mundo em que vivem, são parte do todo e, portanto, dos grandes movimentos tomam parte, mas reitero mais uma vez a importância desse foco na trama, da micro-história como condução da narrativa que aqui apresento e que me encaminha para questões muito particulares a esse campo de análise.

Na interpretação do que vivemos no momento da demolição e das suas biografias, atreladas a minha própria, recrio uma outra história, que pode ser recontada, sob a perspectiva de outros intérpretes.

Construo meu campo de análise a partir de relatos e histórias de vida de sujeitos pobres e acompanho seus trânsitos, os cotidianos e os traumáticos. Procuo relacionar esses deslocamentos e essas histórias ao macroprocesso social, ao fenômeno urbano da transição. Desde a transição do rural ao urbano, do pré-moderno ao moderno, mas não me atendo às pontas desses trajetos e sim aos caminhos que percorrem e aos entrecruzamentos desses conceitos na vida cotidiana desses sujeitos.

Escolho São Paulo por motivos autobiográficos: é a cidade onde moro, onde transito, para onde vim também como migrante. Assim como muitos dos meus entrevistados, não nasci na cidade, mas com ela criei vínculos afetivos, nela estabeleci meus vínculos afetivos. Meus pais vieram do interior de São Paulo, no início dos anos 70, em busca de melhores condições de vida. Trazido por um irmão de minha mãe, meu pai ingressou na vida moderna como operário de uma montadora no ABC paulista, viveu sua fase áurea, vivemos a possibilidade de mobilidade social, através da compra de casa própria pelo Sistema Financeiro de Habitação, a compra dos bens de consumo duráveis. Nessa trajetória me sustentei e cheguei até a universidade pública, me aventurando no estranho, em oposição ao familiar, mundo da intelectualidade.

Antecipo que o termo afetivo perpassará todo o trabalho, assim como perpassa a trajetória de meus entrevistados. Não há como falar de seres humanos, olhando o mundo da vida sem falar dos afetos que percorrem essas trilhas. Nas histórias de vida, eles são como o alinhavo que costura e dá sentido às vidas. Vidas de homens e mulheres simples, que se espantam diante de quem quer escutar o

que têm a dizer. Pus-me a escutar suas narrativas de vida a fim de criar elos por onde passassem emoções e experiências sensoriais.

A pesquisa de campo teve início em fevereiro de 2005, na favela da Vila Madalena. Comecei a observar o cotidiano das famílias que ali residiam, buscando compreender como se relacionavam com o espaço. Queria entender como se davam as relações entre pobres e ricos, em espaços de forte contraste social. A favela era um retângulo espremido entre prédios e residências de alto padrão¹³. Quando cheguei ao campo, tinha uma questão. Para os pobres, faz diferença viver entre os ricos ou entre os seus iguais? Ou, a convivência de pobres e ricos em espaços contíguos altera a condição dos pobres? Quais são as alterações?

Esse doutorado é o primeiro passo nessa descoberta, mas trago na “mala” a minha vivência, minhas experiências de vida. Sendo assim, já antecipo que não sou neutra em relação à situação que pretendo estudar.

¹³ Denomino alto-padrão imóveis residenciais recentemente lançados na região, sobrados de 4 dormitórios em condomínios pequenos de 3 a 4 unidades, no valor unitário de 1,5 milhão de reais, ou apartamentos de 70 m² no valor de 400 mil reais.

“O lado psicológico de todo mundo aqui está péssimo. É uma família que se separa”
(R., ex-morador da favela Djalma Coelho)

“Não sei como vou fazer para morar, para trabalhar e para manter os filhos na escola – condução para todo mundo, eu já fiz as contas, não vai dar para pagar. Aí eu acordo todos os dias às 4 h, suando, lembrando disso, e não consigo mais pegar no sono”
(D., ex-morador da favela)

Folha de São Paulo, 14 de junho de 2005, Caderno Cotidiano.

O fenômeno que me despertou a curiosidade intelectual também despertou em mim os sentimentos de ódio, amor, angústia. Vivo perto desses sujeitos e acompanhei passo a passo com eles o momento traumático da remoção; a poeira da demolição, os caminhões de mudança, as decisões rápidas, as dúvidas, os medos, as sensações que as rupturas provocam. Vivemos esse desconforto em conjunto, eu com o sentimento de perda e fragmentação do grupo social que pretendia investigar, eles com a perda da moradia, com a dissociação das redes de apoio da vida cotidiana. Dois anos depois, nos refizemos do trauma da desconstrução, estamos todos nos confortando com a situação, mas a memória do trauma vivido, experimentado com os sujeitos da pesquisa, criou vínculos entre nós, pesquisador-pesquisados, e desses vínculos construídos em meio ao caos, refazemos a história desse lugar.

De todas as formas nos deparamos com escolhas e, ao invés do esforço hercúleo de justificar tais escolhas por processos racionais, não conectados com nossas razões mais emocionais, aquelas do coração, opto aqui nesse capítulo por tornar explícitas as angústias iniciais, não por exibicionismo auto-biográfico, mas para que esse trajeto seja lido por meus leitores como mais um elemento, para que reconstruam a partir desses relatos outros recortes, me tendo aí então também como sujeito investigado. Obviamente, assim como faço aos meus entrevistados, revelo apenas aquilo que me é possível

revelar; entretanto, posso manifestar meu desejo sincero por não ocultar mais do que o necessário.

Trauma e luto

Quando me deparei com a remoção da favela, em maio de 2005, experimentei com os entrevistados uma situação traumática: eles por serem removidos do local sem perspectiva nem tempo suficiente para a procura de uma nova moradia, na transitoriedade e precariedade que se experimenta no processo de mudança, em especial desse tipo traumático; eu, por ficar sem objeto de pesquisa¹⁴. Entre abandonar ou encarar o objeto, fiquei com a última opção, mesmo porque não conseguiria me desvencilhar do elo criado entre nós – eu e esses sujeitos de pesquisa.

Trago à tona a questão do trauma e de suas implicações, diante do desaparecimento do objeto de pesquisa dessa tese: a favela desaparecida. A partir da experiência dessa perda, refiz meu projeto de pesquisa, buscando na teoria psicanalítica e na filosofia meios de lidar simultaneamente com o trauma da saída repentina dos sujeitos de pesquisa do território que ocupavam e o trauma de perder de vista o objeto de pesquisa: a favela. A contingência ganhou um espaço central na tese desde então e ao invés de abandonar o objeto atendo-me ao sentido cartesiano, abandonei-me pelas tramas do não-sentido, do ambíguo e refratário à pureza das classificações e identidades.

Na conferência “Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje”¹⁵, Figueiredo nos apresenta como a teoria psicanalítica aborda a questão do trauma e associa essa abordagem ao conceito de ambivalência em Bauman, “produtora de novas e cada vez mais intratáveis contingências e ambigüidades.”

¹⁴ Ao menos era assim que vivia isso naquele momento. Posteriormente, na transição metodológica, retomo o objeto que é o conhecimento de como vivem esses pobres e como ressignificam seus territórios.

¹⁵ Refiro-me ao primeiro capítulo do livro de Figueiredo, L. C. (2003). *Psicanálise: elementos para a crítica contemporânea*.

Dialogando com Bauman e Latour¹⁶, Figueiredo associa a modernidade à geração das dicotomias, através de “procedimentos dissociativos, separadores e segregadores, implicados nas classificações e identificações purificantes”.

“O fracasso reiterado da tarefa moderna, a convivência inevitável com seus produtos involuntários e indomáveis – o ambíguo, o contingente e as ambivalências – em uma era marcada pela inflação da vontade e do empenho do domínio, clareza e distinção, fazem da Idade Moderna uma época extremamente exposta ao traumático” (op. Cit, p. 13)

Me aproprio da metáfora de um jovem morador para representar um fenômeno que não é novo – a expulsão do diferente – mas ressignificado e transmutado. Ao questioná-lo sobre a razão de terem que sair de tal território, o jovem me respondeu: “Ninguém quer bêbado na festa”. As crianças, mais lúdicas, interpretaram a saída como “Cada macaco no seu galho”. Uma senhora, líder da comunidade: “somos o câncer dos milionários”. Essas imagens lingüísticas metafóricas revelam os mecanismos de desconstrução do espaço dessa classe popular que “ousou” **dividir** ou **invadir** o espaço dos ricos na metrópole. “Gentilmente” – em troca de indenização monetária e sob ameaça de despejo - paulatinamente foram saindo, destruindo por suas próprias mãos e ferramentas o que haviam construído por 20, 30 anos, convidados a se retirarem da festa que haviam ajudado a preparar, a procurarem seu galho nas extremidades da árvore frondosa que não mais poderia crescer com a macaquice barulhenta, a serem extirpados do organismo social por imporem risco de morte a uma sociedade que tem no corpo estranho o seu maior temor.

¹⁶ Bauman, Z. Modernidade e ambivalência (1999) e Latour, B. Jamais fomos modernos (1991)

Capítulo II: Conceitos de habitar

“Intentamos meditar en pos de la esencia del habitar. El siguiente paso sería la pregunta: ¿qué pasa con el habitar en ese tiempo nuestro que da que pensar? Se habla por todas partes, y con razón, de la penuria de viviendas. No sólo se habla, se ponen los medios para remediarla. Se intenta evitar esta penuria haciendo viviendas, fomentando la construcción de viviendas, planificando toda la industria y el negocio de la construcción. Por muy dura y amarga, por muy embarazosa y amenazadora que sea la carestía de viviendas, la auténtica penuria del habitar no consiste en primer lugar en la falta de viviendas. La auténtica penuria de viviendas es más antigua aún que las guerras mundiales y las destrucciones, más antigua aún que el ascenso demográfico sobre la tierra y que la situación de los obreros de la industria. La auténtica penuria del habitar descansa en el hecho de que los mortales primero tienen que volver a buscar la esencia del habitar, de que tienen que aprender primero a habitar. ¿Qué pasaría si la falta de suelo natal del hombre consistiera en que el hombre no considera aún la propia penuria del morar como la penuria? Sin embargo, así que el hombre considera la falta de suelo natal, ya no hay más miseria. Aquélla es, pensándolo bien y teniéndolo bien en cuenta, la única exhortación que llama a los mortales al habitar.

Pero ¿de qué otro modo pueden los mortales corresponder a esta exhortación si no es intentando por su parte, desde ellos mismos, llevar el habitar a la plenitud de su esencia? Llevarán a cabo esto cuando construyan desde el habitar y piensen para el habitar.” (Heidegger, “Construir, Habitar, Pensar”)

Habitar e habitat

No mundo moderno, e na moderna academia, a arquitetura se ocupa dos objetos, das casas, dos bairros e das cidades, esses são seus temas por excelência. Dentre os vários temas da arquitetura, essa tese se insere na área do Habitat. Nem Projeto, nem História, nem Tecnologia, nem Paisagem, mas Habitat, que é uma área da pós-graduação da FAU, cujo nome revela uma certa hibridez. Na proposta da área de concentração, o objetivo:

“Assim, esse campo deverá privilegiar a análise e proposição de produtos e práticas efetivas que compõem a ‘cidade real’ (www.fau.usp.br)

Desde logo, já anuncio a minha não intenção em propor “produtos e práticas” e é com muito gosto que pude encontrar nesse campo de estudo – o habitat - “uma interpretação dos produtos e práticas” que compõem a cidade real, nisso cabendo uma plêiade infinita e explosiva de possibilidades. As histórias que aqui vou contar e as interpretações que delas farei partem da *cidade e da vida real*; a interpretação que delas faço não as distancia da realidade, dado que também sou real e assim participo da “cidade real”. Como essa tese também se insere em um trânsito da autora, ela tem *dupla linguagem*, uma mais acadêmica, outra mais interpretativa, ligada ao sentido e ao significado das experiências bem ou mal vividas.

Quero com isso dizer que fico nela – na realidade e na cidade “real” – o mais que posso; tento habitá-las e narrá-las. Narração que é quase “fala” coloquial e, então, muito longe da abstração (dita) científica que isola, abstrai, conceitua.

Preferiria estar no campo do *habitar* e não do *habitat*, pela característica funcional e abstrata desse último conceito. Lefebvre, ao discorrer sobre a oposição entre *habitar* e *habitat*¹⁷, aponta neste último seu caráter de pseudo-conceito, *conceito-caricatural*. O *habitar* ficou em suspenso desde fins do século XVIII; foi preciso, nos diz ele,

¹⁷ Lefebvre (1999), A revolução urbana.

a metafilosofia de Nietzsche e Heidegger para restituir o **sentido** do *habitar*:

“O habitat, ideologia e prática, chegava inclusive a reprimir as características elementares da vida urbana, constatadas pela ecologia mais sumária: as diversidades das maneiras de viver, dos tipos urbanos, dos ‘patterns’, modelos culturais e valores vinculados às modalidades ou modulações da vida cotidiana. O habitat foi instaurado pelo alto: aplicação de um espaço global homogêneo e quantitativo obrigando o ‘vivido’ a encerrar-se em caixas, gaiolas, ou ‘máquinas de habitar’”. (Op. Cit, página 81).

Lefebvre propõe a leitura do espaço urbano a partir da experiência do habitante, reestabelecendo os nexos entre espacialidade/experiência, considerando-se que a experiência urbana seja menos afeita às categorizações que ao *inexato da filosofia*¹⁸. E estabelece três dimensões de espacialidade: o *concebido*, o espaço abstrato, conceituado, o *percebido*, o espaço dos objetos e das coisas, dos movimentos, das rotas que ligam as coisas e o “*vivido, as concepções de realidade que condicionam as ações*”.

A cidade, o bairro, a rua e a casa há muito têm deixado de ser *objeto específico* da Arquitetura e do Urbanismo e da Geografia. Nelas se aventuram os sociólogos, os filósofos, historiadores, os economistas e até mesmo os psicanalistas, todos dando a sua espiada pelas frestas da casa, do bairro ou das cidades. Nessa tese nelas darei uma espiadela e será uma do tipo transdisciplinar. Não tendo sido arquiteta de formação, tampouco filósofa, psicanalista, socióloga, tendo lido um pouco de tudo, e não sendo nada especificamente, visto que deixei também de ser – ou de atuar como – economista e especialista em políticas públicas, farei aqui um breve ensaio sobre as infinitas possibilidades de lermos a casa, o bairro e a cidade, a partir de um caso muito singular e específico: uma favela que desapareceu do mapa. É, esse é o objeto *desaparecido* sobre o qual essa tese se

¹⁸ Velloso, Rita de Cássia Lucena. Na vida das ruas. Escrevendo muito depois de Heidegger. www.vitruvius.com.br/arquitetos. Texto apresentado seminário Arquitetura e Conceito (realizado pelo Núcleo de Pós Graduação em arquitetura e urbanismo, na Escola de Arquitetura da UFMG, entre 05 e 08 de agosto de 2003) como parte da mesa redonda Construir, Habitar, Pensar, Hoje. O que é Projetar?

debruça, espia, narra. A favela foi removida em meio ao trabalho de campo, em junho de 2005.

O objeto tem portanto sua singularidade, embora sua aparência com outras que têm trajetória semelhante. O que faz desse objeto – a favela inexistente – algo singular: são as pessoas que nela viveram e aquelas que com ela se relacionaram. Nunca haverá um objeto como esse, assim como nem gêmeos univitelinos são a mesma pessoa; nem mesmo duas favelas removidas de um mesmo bairro em um mesmo tempo seriam a mesma coisa.

A linguagem como a casa do Ser, ou a casa como linguagem do Ser

Palavra a palavra, mas não sem sentido. De múltiplas formas, copiando, criando, mas não sem sentido. Assim também se constrói uma casa, um bairro, uma cidade, cada tijolo, cada parte se justapondo. A construção de uma casa abre sentido para a interpretação de uma história.

A casa construída, fechada, sobre a qual não há mais o que ser dito é a casa morta. A casa viva, assim como o bairro e a cidade vivos, é aquela sobre a qual ainda há o que fazer e o que dizer. De alguma maneira o que está vivo – vida viva – interroga, pergunta.

Às vezes tais construções são interrompidas, como ocorreu no caso de estudo de campo dessa tese. A favela não era uma obra terminada, mas em construção, viva, pulsante. Aquele habitar jaz no que é o espaço vazio, que se reconstrói com o tempo e com outros tijolos e outros seres, mas aquele habitar acabou. Os seres que nele habitavam continuam sua existência e reconstróem novos abrigos, que com o tempo virão a ser novos lares, novas relações se estabelecerão, conectando-os de novo à vida da cidade. Por um tempo, que não sabemos precisar qual seja, há essa *suspensão do habitar*, mora-se aqui, trabalha-se ali, não se habita lugar nenhum. Para alguns dos meus entrevistados, os mais apressados e que

querem ter o controle da vida nas mãos, o “tempo não habitado” se esvai mais rapidamente, decide-se com mais clareza que se quer retornar à terra natal, que se quer permanecer no bairro, mesmo que irregularmente. Há outros que vagueiam mais erráticamente, sem saber ao certo para onde devem ir, dando-nos a sensação incômoda de que a vida lhes escapa dos domínios, como seixos conduzidos por um rio.

Esses seres que vagueiam são os que têm raízes flutuantes, seus vínculos afetivos são fluidos, assim como o são seus espaços, dando-nos a impressão que podem estar aqui ou ali, conforme o acaso quiser.

Sua condição é no mais das vezes o fluido e não o sólido, nenhum projeto é possível. Para eles, não há habitação, eles se movem. Eles não habitam nem quando têm residência fixa com certidão em cartório! Como “seixos rolados” em um rio de correnteza – a “modernidade líquida” – por vezes se engancham e suportam a impessoal correnteza, por vezes fluem afogados na velocidade do rio.

O que poderíamos chamar de resignação, de palidez, opacidade ou de sem-sentido, pode ter outro nome. O sentido parece escrito em descontinuidade dos seixos rolados que se engancham (ou não) na correnteza do rio. Por esse motivo, não desperdiço as entrevistas com sujeitos cuja trajetória é o que denominaria de trajetórias-ponte. Suas existências não são carregadas de sentido, mas carregam os sentidos para uma ou outra direção, simultaneamente. São narrativas descontínuas, em que o tempo não se acumula, em que os eventos se revelam em uma sucessão de fatos, em que nada é experimentado. Estão disponíveis para que outros deles façam sentido.

Certeau¹⁹ conceitua o bairro como o lugar entre o mundo de dentro – a moradia – e o de fora – a cidade. É nesse lugar que se passa pelo outro, mesmo que não se toque no outro; esse lugar é passível de reconhecimento, nem íntimo nem desconhecido: vizinho.

O primeiro documentário, filmado na favela do bairro, tem esse título: Vizinhos. No período em que foi filmado,²⁰ os vizinhos, moradores dos apartamentos e das casas no entorno da favela se reconheciam. No segundo documentário, ainda em fase de finalização, o título durante as filmagens, que ocorreram durante a demolição da favela, provisoriamente foi tomado como Vizinhos 2. Na entrevista que realizei com a diretora dos dois documentários, em meados de agosto de 2007, havia um outro título provisório ainda: Desvizinhos. Pois se houvesse uma continuidade desse documentário, eu sugeriria o nome de Re-vizinhos. Vejam só, três momentos que se sucedem mas que são simultâneos no tempo. Nem eram tão vizinhos assim em 2000, os moradores da favela e seus vizinhos, nem foram tão desvizinhos durante a demolição e nem tanto re-vizinhos agora, dois anos depois. O lugar de moradia do conjunto desses moradores foi desfeito e onde habitavam não habitam mais. A moradia, assim como a vizinhança de porta, que no caso da favela é também de janela, de banheiro, de cozinha, de tanque, pois que os limites entre uma moradia e outra não são tão definidos como nos bairros.

Há dois limites: um é a rua onde começa a favela, essa é sua ponte com o bairro, a vida lá fora. Quando comecei a estudá-la restringi-me a esse espaço, uma rua de onde já se via a vida interna da favela, onde se fazia o comércio da favela, mas também o comércio dos vizinhos, desde os mais antigos moradores e amigos de quem morava ali dentro, até mesmo os de passagem por ali. Os dois comerciantes entrevistados fizeram questão de afirmar que vendiam

¹⁹ Certeau, M. A Invenção do cotidiano.

²⁰ Finalizado em 2001, filmado durante o ano de 2000.

também para o público externo da favela, não só para os moradores. Na rua, havia o churrasquinho, o forró, o som alto, a mesa de sinuca, os bares, e até a mercearia que ficava em uma das vielas, tinha seu dono quase sempre sentado à frente da favela, na calçada oposta. Só depois de algum tempo ali “nesse entre” o bairro e a favela, pude entrar nas casas. Uma vez liberado esse trajeto, para o interior da favela, a passagem para as casas é imediata. Não que não existam ruas, eram três as vielas, representadas em várias ilustrações feitas pelos moradores, mas não há recuos entre esse espaço da viela e as casas, passando por elas, as vielas, as casas se descortinam, nas janelas não há vidros, as portas estão entreabertas e as conversas se ouvem mesmo sem querer que se ouçam.

Lava-se louça e roupa em tanques nas passagens de um beco a outro, as crianças brincam em frente às casas, que começam quase que invariavelmente pelas cozinhas. Abre-se a casa e já adentramos fazeres cotidianos, não se senta à sala, ou se toma um café na porta. Entramos e sentamos à mesa na cozinha, como fazem as famílias. Assim é que esse modo de habitar e de construir o lugar revela um jeito de ser, como se não só as casas, seu interior, mas também a forma da favela dessem pistas do modo de habitar das pessoas que ali moravam. O “ar” de sempre em construção, de nunca terminado, de um continuum de construção, reconstrução, melhoria, é algo que sempre me chamou atenção. As casas onde entrei nunca estavam finalizadas, sempre havia algo a ser feito. A construção é tijolo a tijolo, coisa a coisa, e cada “coisa” por mais simples que possa ser tem sua história.

Gonçalves Filho²¹, estudando a relação do proletariado e a casa própria assim interpreta essa relação:

“Se o proletário apega-se à casa própria, esse apego não é do homem que se agarra a valores de troca, mas o apego do homem excluído de benefícios terrestres – a casa como o mais caro entre

²¹ Gonçalves Filho, J. M. (1998). “O bairro proletário e a hospitalidade”. Boletim de Psicologia, volume XLVIII, nº 108, páginas 27-47. São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicologia de SP.

eles. Entretanto, deveríamos duvidar que os pobres, quando aspiram pela casa própria, mais não aspirariam do que por quatro paredes privadas". (p. 40)

Mas não é só à casa, às coisas de dentro da casa também se agarram esses sujeitos. A panela de pressão, o botijão de gás, o fogão, a máquina de lavar, o reboque do banheiro, o azulejo até metade da cozinha, cada pequeno fragmento é contado como componente da história de um lugar que também é a história das pessoas. A casa e a vida das pessoas se entrelaçam de maneira singular: seus nós são apertados, cada "coisa" da casa diz "outra coisa" das pessoas que a habitam.

Durante a demolição, lembro bem de ter visto os moradores retirando tudo que havia dentro das casas: a pia, o tanque, as louças sanitárias, os vitrôs. Quando vi no documentário, que também destina um tempo e um olhar da câmera e direção para esses objetos, detive-me um tempo, pensando no por quê dessa surpresa.

Poderíamos dar uma resposta simples e objetiva a essa questão, fechando seu sentido: os pobres assim o fazem porque lhes é custoso adquirir novas coisas. Não é desprovido de sentido. Mas escutando suas narrativas, essas coisas parecem ganhar novos sentidos, não apenas representam algo, falam de sentidos mais complexos: das saudades, dos medos, da insegurança...

Durante a realização da tese, comprei e reformei uma casa onde vim morar com meus dois filhos, e pus-me a fazer o exercício de pensar o que dela retiraria caso alguém – empreiteira, prefeitura, ou tufão, que seja – anunciasse que seria demolida. Os móveis, claro, objetos, utensílios, quadros, livros, os desenhos das crianças pendurados nas paredes, a TV, o som... etc... Mas da demolição das paredes e da estrutura da casa, talvez eu levasse apenas uma janela grande que tenho no escritório, comprada de uma revenda de material de demolição. Não pelo seu valor, mas porque demorei a encontrá-la, é uma janela grande, de madeira boa, uma janela de que gosto

especialmente. Gosto de coisas já usadas, compro coisas em brechó, sempre amei ganhar as roupas, sapatos e bolsas das minhas primas, sempre foi uma tradição na família de minha mãe, as tais marcas, "vestido da regina", "sandália da raquel", "boneca da daniela", de novo, cada "coisa" que diz "outra coisa" da vida das pessoas.

A escolha do bairro, da rua e da casa onde habitamos diz muito sobre nós e nossa relação com o mundo. Pois se vou apresentar os sujeitos dessa tese em suas casas, começarei a fazer o mesmo, por mim. Se a arquitetura das casas e das cidades diz algo sobre a vida das pessoas, então começarei a contar da minha vida.

Minha casa é um sobrado em uma vila de treze sobrados geminados. No meu, assim como em outros três, há um quintal em forma de corredor com outra entrada, lateral. Entrando em casa, vê-se a sala, e já a cozinha, pois derrubei a parede que as dividia, já intuindo que a cozinha precisaria ser mais ampla, uma vez que gosto desse espaço, para cozinhar, conversar, fazer lição, namorar... a cozinha é para mim, assim como para muitos um lugar de estar. Pois bem, mas mesmo assim, não tive como abolir a sala de estar, e nela quase não estamos, temos livros, estantes, um sofá grande, e uma poltrona também larga, ocupadas quase sempre pela Matilde, a cachorrinha, que, percebendo a falta de uso, logo a ocupou. Só na hora de deitar é que ela se encaminha para a casinha, no mais prefere a sala espaçosa e vazia.

Depois da cozinha, uma área de serviço, um pequeno retângulo coberto, onde ficam o tanque e a máquina de lavar. Acima desses, o varal seca as roupas quando chove, ou então, o varal de pé fica no quintal logo à frente dessa pequena área de serviço. Ainda há um banheirinho, pequeno, mas bem usado, quando estamos no andar de baixo. Nesse quintal para onde dá a área de serviço, a cozinha e o banheiro, sai uma escada em caracol, que dá no segundo piso da casa. Atravessando o que deveria ser um jardim, mas ainda hoje é só

um projeto de jardim, com grama nascendo ao Deus dará, e duas mudas de árvores que prometo plantar depois da tese²², sai uma ponte, que liga esse jardim à parte de cima da casa, aos dois quartos e banheiro. Logo que me mudei, o quarto que dava passagem para o jardim era o das crianças, mas como elas reclamaram que se sentiam inseguras por causa da passagem para os fundos da casa, mudei-me para ele, passando o quarto da frente a ser o dos filhos. No terceiro piso da casa, por uma escada que sai dessa ponte, há o famoso “quartinho”, que se transfigura conforme o tempo. Antes quarto de brinquedo e de TV, mais atualmente, chamo-o respeitosamente de escritório, até terminar a tese, combinei com os filhos. Hoje, as crianças, não só meus filhos, mas os vizinhos aqui da vila, me perguntam se podem entrar no quartinho, a que antes tinham livre acesso.

Mas é nesse quartinho também e dentro de um armário que há nele, que guardo aquele monte de coisas que não cabem nos demais espaços: álbuns de fotos, trabalhos de escola, recordações, brinquedos que não se usam mais, mas que escapam da limpeza anual pelo afeto e apego que anda temos por eles.

Quando me mudei para cá, em janeiro de 2006, vim de uma casa maior, onde os cômodos eram mais amplos, desde lá me desfiz de muita coisa, de outras não consigo me liberar. Às vezes uns amigos arquitetos, mas nem sempre arquitetos, uns são advogados, outros educadores, se incomodam com a minha mesa quadrada na cozinha e me põem a questão da mesa. Por que não “cortá-la ao meio?”, “por que não trocá-la por uma retangular?”. Os argumentos são sensatos, é verdade que ela ocupa um grande espaço: um quadrado de 1,40 com oito cadeiras toma quase a metade da cozinha, que é pequena. Nunca quis me desfazer dela, e depois de pensar em cortar, achei por

²² Uma jabuticabeira que trago comigo, plantada em vaso, já faz dez anos, e uma pitangueira que já estava no quintal plantada em vaso quando comprei a casa.

bem deixá-la como está. Se essa casa tivesse vida, acho que a mesa seria o coração e não gosto de coração dividido.

Essa casa, então, como falava, fica em uma vila, cheia de crianças e cachorros correndo, muito viva. Temos lá nossos conflitos, os de sempre, de estacionamento, cachorro bravo sem coleira, cocô de cachorro da porta, oposição uso residencial e comercial, mas de modo geral, vivemos bem. E nos unimos quando o assunto é cuidar da vila. Pintamos o muro em conjunto, com as sobras das tintas de cada uma das fachadas. O muro lateral, que fica abaixo de um viaduto, foi pintado numa síntese de todas as cores das fachadas da vila: amarelo, verde, azul, rosa e roxo – mas o roxo entra aqui como J. P. Fernandes nos versos de Drummond: não estava na história, sobrou de um malogro de uma vizinha.

Logo na rua debaixo, que dá acesso à vila, embaixo do viaduto, há de tudo: uma senhora vem pôr comida para os gatos da vila, a entrada do sacolão, um monte de entulho na entrada da rua, o que enfurece os vizinhos da vila. Até o início do ano, não tínhamos portão entre essa rua e a vila, o que causava alguns aborrecimentos: dejetos, sujeira, o fumódromo e cheiródromo por sob as árvores ou debaixo do viaduto. Conta-se que antes a vila foi utilizada como fuga e esconderijo de pequenos furtos que ocorriam na Avenida, que passa por sobre o viaduto já mencionado.

Logo abaixo dessa ruazinha que liga a vila à cidade, há outra paisagem: cortiços, prédios, restaurantes, casas de comércio, botecos, uma academia. À direita, passando por debaixo do viaduto, onde antes viviam pessoas em barracos improvisados, carrinheiros e catadores de lixo, mas agora vivem canteiros de plantas, há um imenso galpão onde uma associação faz triagem e reciclagem de lixo. Vou parar um pouco nesse assunto, porque foi essa construção que me permitiu ter a casa que eu queria. O viaduto, o galpão de lixo e os moradores de rua debaixo do viaduto eram os elementos que

“desvalorizavam” a vila onde hoje moro. Quando me separei e comecei a procurar uma casa onde morar, só com os dois filhos pequenos, com os recursos de que dispunha, não querendo me distanciar da escola e do círculo de amigos deles, dada a experiência da separação dos pais, procurei uma casa nos arredores.

Na Vila Madalena, onde morava, e nos arredores, o preço das tais “casas de vila” eram impagáveis para mim. Conhecia, então, duas famílias moradoras dessa vila e elas me avisaram de um sobrado à venda, sabendo que eu procurava uma casa.

O corretor, também morador da vila, me deu o preço, mas também me alertou sobre os problemas dos arredores. A casa não foi uma pechincha, mas valeu a metade do preço de outros imóveis de mesmo tamanho e condição física. A tal desvalorização vinha, portanto, da vizinhança debaixo do viaduto e do galpão a 200 metros. Em menos de um mês, fechei o negócio, comecei a reforma e vim morar nessa casa, de onde escrevo essa tese.

Quando a casa ficou mais ou menos pronta, me dei conta que ela se parecia muito com a casa de minha infância. Desde os 2 anos até a adolescência, moramos eu e minha família, em casas de ruas fechadas. Meu pai, vindo do interior, para trabalhar na indústria metalúrgica do ABC, sempre fez questão dessa paisagem de rua tranqüila. Moramos em três casas, as duas primeiras alugadas e quando ele finalmente pôde comprar a sua, pelo SFH, lá pelos idos de 75/76, escolheu uma casa térrea, em construção ainda, em um bairro popular de Santo André, mas ainda assim, em rua fechada.

A casa que é a mesma onde meus pais moram até hoje, tem uma oficina de marcenaria nos fundos, ocupação que ele tinha antes de ser metalúrgico, retomada por motivos de terapia ocupacional depois da aposentadoria. A cozinha é o maior cômodo da casa, tem uns 24 m², e dá para o quintal, onde criam duas cachorras e um jabuti. Na lateral, um quintal comprido abriga hoje as orquídeas que meu irmão

caçula insiste em florescer, e duas árvores grandes, um pé de nêspera, e outro de laranja-cavalo, que não se come crua, serve para fazer doce, uma especialidade de minha mãe.

Retomo um pouco essas lembranças só para dizer que os elementos dessa casa um pouco deformados e transfigurados persistem na minha, como se fizessem uma conexão da minha família com a dos meus pais. As histórias se ressignificam, se realizam ou acontecem no espaço, nas coisas...

E se a casa e a rua se parecem com aquelas que conheci na intimidade na infância, os arredores, o bairro e a cidade são o que me liga ao futuro, aos filhos, aos seus amigos e à escola, e aos meus amigos, que moram por aqui, freqüentam os bares, o comércio, a vida noturna e diurna da simpática Vila Madalena.

Como vim parar na Vila Madalena, vindo de Santo André? Estudando na USP, procurando casa para morar perto da faculdade, desejosa de sair da casa dos meus pais, e facilitar meu cotidiano, já que o trajeto entre Santo André e a faculdade, na cidade Universitária de São Paulo, levava quase duas horas de transporte coletivo – dois ônibus e um trem de subúrbio, sempre lotados. Antes da Vila Madalena, passei por várias moradias, no CRUSP, a primeira, a moradia universitária, fui recebida por uns amigos, temporariamente. Logo depois, conhecendo novos amigos, montamos uma república nos arredores da USP, no Butantã, até que conhecendo um rapaz, que depois foi meu namorado, fui morar na sua república, nos predinhos do BNH da Vila Madalena. Vivi o tempo da faculdade ali, início da década de 90. Separada desse namorado, mudei-me dali e tive uma trajetória urbana um pouco nômade – morei na Paulista, na Praça da Árvore, voltei um tempo para o BNH da Vila Madalena, depois na rua Maria Antônia, até voltar para a Vila Madalena, já casada e grávida da minha primeira filha. E quando me separei, vim morar bem ao lado da Vila, nessa casa onde resgato uma história da infância, sem deixar

de olhar para a história do início da vida adulta, como uma ponte ligando duas fases da vida.

Voltemos para a favela e os sujeitos: os homens e mulheres que saíram de suas casas na favela demolida não eram proprietários, nem do terreno nem da casa, mas eram sim das janelas, dos vitrôs, das pias, dos fios, do encanamento, dos tijolos e das madeiras. E se apegam a esses objetos como eu me apego aos objetos, às fotografias, aos desenhos das crianças. E também, como já disse, uma janela; se tivesse que me mudar levaria comigo, a colocaria em outra parede, de uma outra casa, em um outro bairro, quiçá. Os sujeitos da pesquisa, porém, não se atêm a uma ou outra "coisa"; eles se atêm e carregam (quase) todas as "coisas". "Coisas" que contam, sem saber, suas vidas, na maioria das vezes, mal-ditas ou não-ditas porque a narração é truncada, esquecida, por vezes distorcida, pelo que os psicanalistas chamam de traumas.

Sobre segregação, a questão inicial

Segregação é um termo associado às cidades. Como afirma Caldeira (2000), no capítulo que trata dos padrões de segregação espacial na cidade de São Paulo, em sua tese *Crime, segregação e cidadania*, "a segregação – tanto social quanto espacial – é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação". (p. 211) A segregação pois surge como característica, nem produto nem consequência da vida urbana, mas como característica intrinsecamente a ela relacionada.

Na interpretação de Bauman²³, a segregação funcional e territorial, se levada ao extremo, e observada meticulosamente, acabaria por minimizar a chance de desentendimentos, pois só possibilitaria a interação de setores de entendimento comum; entretanto, o risco de se deixar de fora do afã classificador qualquer zona cinzenta, "o

²³ Bauman, Z (1999). Modernidade e ambivalência.

inclassificável”, ou “estranho”, a possibilidade de surgirem problemas hermenêuticos é a um só tempo produto e motivo “de esforços para traçar fronteiras”.

Figueiredo, a partir dos conceitos de Bauman, concorda que a luta contra a ambivalência “sistemática, metódica, mas também desesperada” seja também geradora de novas e cada vez mais intratáveis contingências e ambigüidades. E a partir de sua experiência de clínica psicanalítica sugere:

“Manter-se *standing in the spaces between* é renunciar aos significados definitivos, às identidades inequívocas, à alergia diante das alteridades próprias e alheias. Em compensação, é também aliviar-se da carga acumulada de dejetos encravados, de afetos desautorizados e dissociados, quistos protegidos e concentrados, mas sujeitos a rupturas, cujos conteúdos tóxicos estão, portanto, sempre prontos a vaziar nas formas incontroláveis e tremendamente destrutivas...” (Figueiredo, 2003, p. 39-40)

Feldman²⁴, estudando os territórios da prostituição em São Paulo, faz uma síntese acerca das formas de se interpretar a segregação espacial. Segundo a autora, segregação espacial é um conceito muito impreciso, e muitas vezes utilizado como sinônimo de “segregação urbana” ou “segregação residencial”; a despeito disso, busca-se mensurá-la, e os indicadores que auxiliam nessa medida são, em geral, renda, escolaridade e situação ocupacional ou então um composto de indicadores que caracterizam graus distintos de vulnerabilidade social. Tais estudos e medidas, entretanto, não propiciam que se olhe “de dentro e de perto” os mecanismos de segregação no espaço, as formas pelas quais os territórios são “alisados”²⁵, a micro-política e as micro-histórias da transformação da cidade contemporânea.

Essa tese busca interpretar esse texto singular: a remoção da Favela Djalma Coelho de um bairro de São Paulo – a vila Madalena.

²⁴ Feldman, S. (1989) Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação de Mestrado. FAU-USP.

²⁵ Tal como o conceito de Guatari (1985), Espaço e Poder: a criação de territórios na cidade. Espaço & Debates nº 16.

Não se trata, entretanto, de desautorizar a linguagem dos mapas, gráficos e dados. Estes também podem ser textos a serem interpretados; trata-se apenas de uma escolha de perspectiva, pautada em minha experiência pessoal.

Um pouco da história da construção da tese e da desconstrução de pressupostos

Não abandono de todo o conceito de segregação, significado primeiro desse trajeto de pesquisa. Tal conceito, ao menos no sentido que utilizo, não se associa ao processo de aglomeração voluntária, em que um grupo populacional, por sua superioridade de poder, riqueza ou status, se aglomera em enclaves excludentes. Tal como Marcuse (2004) a define: segregação é “o processo pelo qual um grupo populacional é forçado, involuntariamente, a se aglomerar em uma área espacial definida”. Faço de antemão tal distinção, pois têm sido numerosos os estudos que tratam de um “novo” padrão de segregação sócio-espacial, no qual sujeitos se refugiam em “enclaves fortificados” para se protegerem da ameaça dos “outros”²⁶. Mas o enfoque dessa tese não se dá sobre os que se refugiam nos tais enclaves, mas sobre aqueles que são expelidos da convivência com seus desiguais, sendo destinados não a uma área específica da cidade, um território demarcado, mas a um conceito que concilia precariedade e pobreza. Outra perspectiva do mesmo processo, que nem sei se considero tão novo assim.

Para os sujeitos que entrevisto, esse movimento de expulsão, de destino na mão de outros sujeitos, ou da imagem “de seixos seguindo a correnteza de um rio” mais caudaloso, mais potente que as vidas de cada um deles não me parece que lhes causa estranheza. A constituição do “self”, do eu em contraposição ao “outro”, da construção identitária, parece ser um assunto mais recorrente entre aqueles que de algum modo penetraram na modernidade, fazendo a

²⁶ A esse respeito, são valiosas as contribuições de Bittencourt (2007), Caldeira (2000), Ribeiro (1997).

barragem, desviando o curso dos rios, na vã ilusão da potência diante da vida. Mais que “medo do estranho”, tenho a hipótese aberta pela experiência de pesquisa, que o que fragiliza e assusta os que se refugiam nos seus enclaves em segurança, é a própria explicitação da precariedade da vida desses sujeitos, precariedade do trabalho, de moradia, dos vínculos afetivos diante de nossos olhos. E do desejo de nos afastarmos não do gozo do outro mas de sua miséria, que evidencia a nossa, e com ela nossa impotência e fragilidade diante de nossa precariedade como humanos.

A associação com Bataille²⁷, interpretando a linguagem das flores:

“Porém, mais do que pela sujeira de seus órgãos, a flor é traída pela fragilidade de sua corola: assim, longe de responder às exigências das idéias humanas, ela é o sinal de sua falência. Com efeito, depois de um tempo de vigor bastante curto, a maravilhosa corola apodrece impudentemente ao sol, tornando-se assim, para a planta, um emurchecimento gritante. Retirada da pestilência do esterco, ainda que a ele parecesse ter escapado num élan de pureza angelical e lírica, a flor parece bruscamente recorrer à sua imundície primitiva: a mais ideal é rapidamente reduzida a um farrapo de esterco aéreo” (Bataille, 2007)

Voltando ao acontecimento em questão, a retirada dos moradores da favela, resta dizer que este revela outras facetas dos mecanismos contemporâneos de segregação sócio-espacial na metrópole e que são representativas do modelo de acumulação capitalista nas sociedades de “capitalismo tardio”, onde os elementos novos associam-se aos velhos e remanescentes produzindo e reproduzindo a exclusão, que é um dos elementos vitais para a expansão capitalista (Oliveira, 1988). O que quero dizer aqui: esses sujeitos estão no “olho do furacão”, são eles os refugiados, ou os refugos desse processo que na fase atual de capitalismo globalizado, de acumulação financeira e, especificamente, no Brasil, de um movimento que se reflete no urbano como a inversão de capital em bens imobiliários, de alto valor, para a manutenção de sua rentabilidade, depois de uma fase de intensa financeirização, quando

²⁷ Bataille, G. A linguagem das flores. Publicado em Inimigo Rumor, Revista de Poesia, nº 19.

as taxas de juros atraíam para o mercado financeiro esse capital na sua característica intrínseca de fluidez.

Segundo Ribeiro (2007)²⁸, chegou ao Brasil esse novo modelo de acumulação no segmento imobiliário: a inclusão de interesses de grandes corporações financeiras, articuladas pelo capital financeiro dirigem-se aos ativos urbanos, que se tornam atrativos em razão da combinação de sobre-acumulação de capital, queda da taxa de juros e estabilização monetária. Lançando mão de dados da Embraesp, o autor destaca o crescimento da oferta de bens imobiliários na região metropolitana de São Paulo: nos primeiros quatro meses de 2007, 152 empreendimentos imobiliários foram lançados na região, dirigindo-se no setor residencial, sobretudo ao segmento de imóveis de alto padrão, cujos valores oscilam entre 400 mil a 1,5 milhão de reais.

“Como fundamentos deste movimento, estão, de um lado os fundos de investimentos estrangeiros que buscam no imobiliário a diversificação da sua lógica de acumulação financeira e, de outro lado, os investidores que saíam da produção em busca das até então hiper atrativas taxas de juros e que agora correm atrás das promissoras expectativas de valorização imobiliária” (Op.cit, p. 2)

O caso da remoção da favela que estudo não é um caso isolado na contemporaneidade, se insere no contexto mais amplo dessa busca por valorização imobiliária e na forma de atuação – ou não-atuação – do poder público. A pactuação entre grandes incorporadoras e moradores de favelas se dá diretamente, sem a intermediação do poder público. Ribeiro cita o exemplo da negociação entre a empresa JHSF e os moradores da favela Panorama, no Morumbi: “a empresa está oferecendo 40 mil reais àqueles que se disponham a buscar moradias em outros bairros”²⁹.

As ambigüidades na cidade e na modernidade

“Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens

²⁸ Cidade-Mercadoria: a mixofobia no Paraíso Tropical. Qual o lugar dos pobres no urbano brasileiro. www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br, acessado em 22 de agosto de 2007.

²⁹ Noticiado na Folha de São Paulo, em 17 de junho de 2007.

incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade". (BERMAN, 1986, P. 17).

Em um seminário realizado em abril de 2006, na FAU, cujo título era "urbanização dispersa", foram apresentados inúmeros trabalhos tratando da questão da dispersão da forma urbana. Desde exemplos em cidades européias, como Barcelona, Gênova, aos casos no estado de São Paulo, em especial na região de Campinas, o foco do debate se concentrava no processo de deslocamento voluntário de classes altas e médias para enclaves. A auto-segregação das elites brasileiras, entretanto, não é um fenômeno novo. A nova fisionomia desse processo não é surpreendente, uma vez que guarda paralelos com o da colonização, como processo de expansão de territórios pelas elites, combinando estímulos governamentais, econômicos e espaciais que, associados, configuram o macro-processo denominado de urbanização dispersa.

Caldeira, assim define o novo padrão de segregação na metrópole de São Paulo:

"É também uma região metropolitana na qual as distâncias físicas que costumavam separar diferentes grupos sociais podem ter encolhido, mas cujos muros cercando propriedades são mais altos e os sistemas de vigilância mais ostensivos. É uma cidade de muros em que a qualidade do espaço público está mudando imensamente e de maneiras opostas àquilo que se poderia esperar de uma sociedade que foi capaz de consolidar uma democracia política."(Caldeira, 2000, p. 255).

Tal como apontado por Wacquant quando compara o Cinturão negro norte-americano (o gueto de Chicago) com o Cinturão Vermelho francês ³⁰, as diferentes configurações sociais e espaciais derivam em grande parte de questões de "ordem sócio-histórica e institucional". A análise das diferenças faz suscitar a necessidade de se tomar o mesmo cuidado ao mimetizar os conceitos de gueto ou de cidadelas

³⁰ O autor baseia-se sobretudo nos resultados de um estudo realizado em La Courneuve, especificamente do conjunto habitacional de Quatre Mille.

para o caso brasileiro. Para traçar a comparação, o autor levanta principalmente três aspectos: a composição étnica e racial da população que vive segregada; o nível de pobreza, especialmente vinculado à ação do Estado quanto à proteção social³¹; as taxas de criminalidade e violência e os tipos de intervenção pública adotada em cada localidade.

O que se coloca em questão não é a percepção de que a distância social não esteja aumentando ou que se tenha uma tendência à concentração espacial de ricos e pobres, pois o autor não nega a tendência ao aumento da distância social entre os excluídos e os beneficiários da globalização, que trouxe consigo a desproletarização – cujo sentido no caso francês, em comparação com o norte-americano, significa maior prejuízo em termos de acesso aos benefícios do welfare state. Comparando França, EUA e Inglaterra, pondera:

“Não está claro se a chegada de novos imigrantes acelerou a desproletarização parcial das classes trabalhadores nativas, ao fornecer a mão-de-obra substituta necessitada pelos setores de serviços não-especializados em expansão. Parece fora de dúvida que sua concentração em bairros segregados e degradados acentuou a polarização social na cidade, porque isso ocorreu numa época em que, graças em grande parte ao apoio do Estado à moradia individual, as classes médias mudavam-se de áreas mistas e realojavam-se em territórios protegidos, onde se beneficiavam de um padrão mais elevado de serviços públicos (França), proviam suas necessidades familiares básicas no mercado privado (Estados Unidos) ou gozavam de uma combinação de bens públicos e privados superiores (Inglaterra)”.(Wacquant, 2001, p.31)

Bastante cuidadoso em relação aos termos utilizados para designar os fenômenos sociais, Wacquant escreve:

“...deve-se resistir à tendência de tratar o gueto como um espaço estranho, ver nele apenas o que é diferente, em suma, exorcizá-lo, tal como os proponentes do mito intelectual da ‘underclass’ têm se acostumado a fazer...”

Com efeito, uma superficial sociologia da sociologia mostraria que a maior parte das descrições da ‘underclass’ revela mais sobre a relação do analista com o objeto e sobre seus preconceitos de raça e classe, seus medos e fantasias, do que sobre o objeto putativo...Os habitantes do gueto não são um ramo distinto de

³¹ Na comparação entre EUA e França, Wacquant aponta grandes disparidades quando se analisam as estatísticas relativas à pobreza nos dois cinturões analisados.

homens e mulheres necessitados de uma denominação especial.”
(Wacquant, 2001, p. 51).

Estudos recentes no Brasil tendem a se basear nos conceitos de Marcuse, especialmente no que diz respeito ao processo de amuralhamento das classes altas e médias, que tentam se refugiar do incômodo da convivência com seus desiguais, impondo obstáculos físicos (os muros ou os seguranças) ou até mesmo simbólicos para a integração com os “outros”.

Mesmo com todo o aparelhamento para manter os “excluídos” do lado de fora dos muros e garantir a convivência de iguais dentro da cidadela, os moradores dos condomínios fechados fazem uso do trabalho desses “estranhos” nas atividades que se desenrolam dentro de casa, em seu espaço de maior intimidade – os serviços domésticos e de manutenção da casa e, muitas vezes, até mesmo o esquema de segurança quem provê são aqueles que ficam do lado de fora dos muros.

Quando questionado se havia o incômodo de estar diante da favela que circunda os muros altos do condomínio e se os vizinhos não lhe causavam medo ou insegurança, um morador do condomínio Palos Verdes (na Granja Viana, município de Carapicuíba, vizinho a São Paulo) mostrou-se muito tranqüilo, afirmando que os jovens que poderiam ameaçar a segurança dos moradores de certo modo são controlados por seus pais, parentes ou vizinhos que trabalham no interior dos condomínios, impedindo, assim, que eles – os jovens filhos ou parentes – se aventurem para dentro dos muros.

Combinam-se assim equipamentos de alta tecnologia para a segurança dos condomínios, mas a tranqüilidade dos moradores de “dentro do muro” está associada ao vínculo familiar ou de vizinhança entre os empregados que lá trabalham e os que poderiam ameaçá-los.

Essa divisão geracional é uma outra questão que deve merecer estudo específico. Tal como na “banlieue” francesa descrita por Wacquant, onde os jovens são o grupo etário mais estigmatizado, porque associado às ações criminosas ou delinqüentes, também na fala desse morador apareceu tal referência: a necessidade de conter o impulso dos jovens em transgredir os obstáculos impostos pelas muralhas.

Esse item tem por finalidade a sistematização de vários trabalhos atuais tanto nacionais como internacionais no que se refere à segregação urbana, à formação de guetos e enclaves fortificados. A preocupação principal é a adequação de conceitos e a aplicabilidade de métodos para o estudo de uma metrópole complexa e em processo de transformação econômica e social como São Paulo, com suas especificidades em termos das dinâmicas espaciais e sociais.

Contrapõe-se, de certo modo, os autores que vêem na dualização espacial e social a tendência de desenvolvimento na era da globalização, àqueles que percebem a sociedade de forma mais fragmentária e multifracionada. Entre os últimos, destacam-se os estudos empíricos que se utilizam tanto de métodos quantitativos como de qualitativos – como a maioria dos estudos etnográficos.

Mais que responder se a distribuição do espaço urbano se dá de modo mais fragmentado ou mais dual atualmente, em relação ao que se observou no passado recente – ou seja, mais que fechar a questão –, o objetivo deste trabalho é apontar as questões comuns e específicas a cada um dos estudos analisados e identificar as distintas inquietações que os autores ou pesquisadores se colocam. Até mesmo porque a resposta a essa questão – estrutura social e espacial dual ou fragmentada – não é tomada aqui como a chave do enigma; decifrar essa questão parece estar fora do alcance da perspectiva interpretativa aqui adotada.

Considera-se apenas que a sistematização das idéias e abordagens sobre o tema possa contribuir para clarear os conceitos e para tomar conhecimento de métodos de pesquisa atualmente utilizados por aqueles que se debruçam sobre a problemática da apropriação desigual do espaço urbano.

Antes, porém de entrar propriamente no debate conceitual e metodológico, a leitura recente de dois cineastas sobre as relações sociais que se desenrolam em espaços definidos – *Machuca*, em Santiago do Chile e *Cidade de Deus*, no Rio de Janeiro – é apropriada para se ter em mente a representação social dos atores sobre o espaço e a sociedade. O filme chileno tem foco específico na questão política, mas aborda também a divisão social e espacial. Já o de Meirelles, baseado no romance homônimo de Paulo Lins aborda as mudanças sociais recentes em um espaço determinado – a favela Cidade de Deus.

O filme de Andrés Wood, *Machuca*, embora trate da relação entre dois meninos de classes sociais distintas, convivendo em um mesmo colégio na época do governo Allende, retrata a dificuldade cotidiana de integração, mesmo na infância, de mundos culturais e sociais tão divergentes. Também chama a atenção a visão dual com que o diretor trata o tema: a classe média homogênea, bastante estereotipada, a família do garoto classe média (Gonçalo) como representativa do consumismo, da família burguesa e fútil – as compras no mercado negro, as roupas, o estilo, a maquiagem para a participação no manifesto da direita – e, de outro lado, os comunistas, que moram em uma favela na cidade de Santiago, muito próxima à moradia da classe média, mas muito distante socialmente destes.

Como retrato da favela, as condições precárias de moradia e higiene, as famílias desestruturadas, o alcoolismo, o trabalho das crianças, a auto-construção dos barracos. A ambigüidade quase não tem lugar

nessa sociedade dos anos 70, a não ser pelo garoto Gonçalo que vive nos dois mundos apartados, após ter se tornado amigo de Machuca. Até mesmo quando se coloca em discussão a questão dos alunos pobres em uma reunião de pais e alguns deles defendem em público o projeto do padre Mac Enroe – que é quem decide implementar as bolsas de estudo – a tensão e a bipolaridade estão presentes. O pai de Gonçalo, que é favorável à política do padre decide deixar o Chile quando a crise se instala, afirmando que “o governo de Allende é bom para o Chile, mas não é bom para nós [família de classe média]”.

Do mesmo modo, o filme Cidade de Deus, sobre a favela de mesmo nome no Rio de Janeiro, ao retratar dois momentos, o início dos anos 70 e os anos 90, tem um olhar clivado pela dualidade; nos anos 70, o lugar tranqüilo, as crianças na rua, a construção do espaço dos trabalhadores. Nos anos 90, o ritmo do filme se altera, como se as coisas acontecessem de modo mais acelerado e mais fragmentado, em ritmo de vídeo-clipe. Os personagens não são mais os trabalhadores em busca de ascensão progressiva do passado, mas os “soldados e comandantes do tráfico”, que buscam e – alguns conseguem – ascensão rápida, alcançando o topo da escala social no que diz respeito ao poder político e econômico dentro – e algumas vezes – até mesmo fora da favela.

Em Cidade de Deus, não se tem tão marcada a contraposição entre o mundo da favela e o “outro” mundo, o que se opõe é o tempo passado e o presente. Já em Machuca, a contraposição se dá fortemente em termos espaciais: o contraste das casas, das ruas, dos trajetos, do cotidiano entre os ricos e pobres está sempre presente. Interessante notar que no filme chileno a perspectiva é do menino classe média, enquanto em Cidade de Deus, o roteiro baseado no livro de Paulo Lins, criado nessa favela, revela um olhar de dentro da favela, o que não é muito comum em filmes ou na história.

A literatura clássica sobre a questão da segregação na era da globalização (Marcuse, Sassen) tem como foco principalmente as metrópoles de países desenvolvidos, em especial os Estados Unidos, a França, a Inglaterra e o Japão. Ao transpor os modelos de análise para os países latino-americanos, melhor dizendo, para suas metrópoles (Buenos Aires, Cidade do México, São Paulo) sem ao menos pontuar as diferenças entre as formações do Estado e da sociedade, os aspectos políticos e as questões culturais ou étnicas em cada uma delas, corre-se o risco de desconsiderar uma questão fundamental que norteia esse trabalho, que é a importância da estrutura social e política sobre a qual incidem as mudanças ou os impactos da globalização. As diversas camadas de história social e política e a conformação do espaço sobre as quais se imprimem as mudanças econômicas e sociais do mundo globalizado não podem ser tratadas como um mero pano de fundo, porque com elas interagem, resultando em novas formas sociais e espaciais. Wacquant (2001) ao comparar o gueto norte-americano com o *banlieue* francês aponta que embora possam se identificar muitas similaridades (o estigma dos moradores e a concentração de minorias, entre os mais destacados pelo autor) há diferenças marcantes no que diz respeito às formas institucionais, à estrutura social e à vida cotidiana de seus moradores, que resultam de histórias urbanas e de “estruturas e tradições estatais” completamente diferentes nos dois países.

Da mesma forma, transpor os modelos de análise europeus e americanos para compreender os efeitos da globalização na estrutura sócio-espacial de uma metrópole na periferia do capitalismo – como São Paulo – causa certo desajuste de termos e conceitos, porque a história urbana de cidades latino-americanas guarda grandes diferenças com as dos demais continentes. Até mesmo em um mesmo país há particularidades nas formas de apropriação do espaço: comparando-se os casos de São Paulo e Rio de Janeiro, percebe-se uma diferença crucial no processo de urbanização das

duas cidades na segunda metade do século XX: enquanto no primeiro, as classes populares ocuparam predominantemente a periferia, sob a forma de moradias precárias e auto-construídas, no Rio, a ocupação predominante se deu sob a forma de favelas, o que resultou em um modelo de segregação resumido sob a expressão de “distância social e proximidade física”.

Para melhor apresentar o debate acerca da segregação espacial, pode-se dividir os estudos contemporâneos em dois grandes blocos: autores que postulam a exacerbação do modelo dual nas cidades globais – entre os quais, Sassen (1995), Marcuse (2004) e Castells (1983) – com o aumento da proporção de incluídos e de excluídos e o enxugamento das classes médias, como decorrência do processo de globalização, e os autores que, amparados nos resultados de estudos empíricos, colocam em questão o modelo de segmentação das cidades em duas, três ou mais partes, tais como Preteceille e Tabard, baseando seus estudos na metrópole de Paris e de Hamnet, para Londres, especialmente como decorrência do fenômeno da globalização, pois, segundo esses autores, não se verifica a bipolarização, embora se observe aumento da desigualdade social, que resulta em grande medida das ações (melhor seria dizer, inações) do Estado frente ao desemprego e à provisão de bem estar à população.

Porém, como aspecto compartilhado por ambos, tem-se a constatação de um aumento da desigualdade social, especialmente pelo processo de elitização, de um lado, e pelo empobrecimento da população à margem das benesses da globalização.

No Brasil, o debate em torno da questão foi retomado, e é numerosa a literatura acerca do tema, em grande medida impulsionada por pesquisas de grande porte, tais como os estudos realizados pelo Cebrap, mais especificamente no âmbito do projeto do Centro de Estudos da Metrópole, e no caso do Observatório das Metrópoles, por

um conjunto de universidades e centros de pesquisa, sob a coordenação do IPPUR-UFRJ. O aspecto comum a essas experiências diz respeito ao fato de utilizarem como fonte de informações os dados censitários, desagregados por micro-unidades espaciais, possibilitando identificar a morfologia da estrutura espacial metropolitana. Se no caso do CEM, privilegia-se a construção de um indicador de vulnerabilidade social, composto por variáveis demográficas, educacionais e de moradia, no caso do Observatório, o enfoque recai sobre a estrutura sócio-ocupacional, nos moldes dos trabalhos franceses. No entanto, no caso brasileiro, identificam-se apenas as inserções do indivíduo ocupado, enquanto nos estudos de Preteceille, incluem-se os desempregados como categoria de análise.

No estudo realizado pelo Cebrap³², coloca-se em destaque o processo de heterogeneização da periferia, decorrente das ações do Estado no que concerne à ampliação dos serviços urbanos nesses espaços, da disseminação da pobreza por toda a cidade e do surgimento de empreendimentos imobiliários fechados em espaços "tradicionalmente ocupados pelos pobres", especialmente na porção oeste da região metropolitana. Através da análise do indicador de privação calculado para os setores censitários da região, os autores concluem que a população das periferias mais distantes sofre maior nível de privação que os que habitam o centro (p. 109), mas apontam para o grau elevado de heterogeneidade dentro de cada um dos anéis, o que os faz concluir que "o modelo centro-periferia não é suficiente para explicar os diferentes contextos das periferias. Essas áreas são grandes e tendem a ser bastante heterogêneas, o que exige um significativo trabalho empírico e um razoável esforço de elaboração conceitual para que compreendamos o que a segregação realmente significa" (p. 110).

³² São vários os estudos produzidos pelo CEM, entre os quais Torres et alli. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. Estudos avançados, 17 (47), 2003, p. 97-128.

Os resultados para a década de 80 revelam uma estrutura que não se restringe à bipolaridade, com aumento da representatividade das camadas médias, especialmente nas áreas periféricas. Entretanto, segundo Pasternak e Bogus (2004)³³, os “dados apontam, também e com força relativa considerável, para a existência de espaços fortemente segregados, onde a presença, seja de população de alta renda e alta qualificação, seja de população de baixa renda e precária qualificação para o trabalho, é pouco permeada por elementos de outras camadas sociais. O antigo modelo centro-periferia ainda se mostrou bastante explicativo em 1991.”

Ribeiro (2004)³⁴, utilizando a mesma metodologia para o Rio de Janeiro pondera que nessa metrópole “os resultados evidenciam a disseminação da classe média, que está presente inclusive nos espaços operários e populares”.

Nos dois casos, portanto, observa-se a diversificação das áreas anteriormente ocupadas por classes populares ou operárias, devido à penetração de camadas médias, simultaneamente à persistência de espaços fortemente segregados.

O papel do mercado imobiliário como propulsor da ocupação dessas áreas pela classe média não pode ser negligenciado. Para o caso do Rio de Janeiro, Lago (2004), privilegiando o enfoque da produção do espaço aponta que “a lógica da inovação, inerente à incorporação imobiliária empresarial induz à produção de uma nova mercadoria, no caso moradias cercadas e ‘seguras’, que responda à ameaça gerada pela proximidade física dos pobres”.

Nesse sentido, destaca a autora, o padrão de segregação dos anos 80 e 90 pouco difere do anterior, pois a hierarquização do espaço

³³ Bógus, Lucia M. M. e Pasternak, Suzana. Região Metropolitana de São Paulo: redistribuição espacial, desigualdade e heterogeneidade. Cd-rom que acompanha Metrôpoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito.

³⁴ Ribeiro, Luiz C. Q. Cidade desigual ou cidade partida? Tendências da metrópole do Rio de Janeiro. Cd-rom que acompanha Metrôpoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito.

sempre esteve atrelada à dinâmica do mercado imobiliário, que produz formas complexas de configurações sócio-espaciais. Nos anos 70, sob a clivagem do modelo dual, à tal complexidade se sobrepôs a perspectiva da análise das condições urbanas de acesso à moradia e aos equipamentos, proporcionando a leitura de fortes contrastes. Desde os anos 80, a literatura sobre segregação urbana nas metrópoles do mundo todo tem se debruçado sobre essa complexidade, quando nos anos 70, as abordagens estavam pautadas pela visão estruturalista e pela clivagem centro-periferia. Vários autores referem-se à necessidade de empreender estudos que considerem a diferenciação das situações urbanas, mas os de orientação marxista-estruturalista não negligenciam o papel do Estado e do capital na formação desse novo padrão de apropriação do espaço. Enquanto outros autores, especialmente no campo da antropologia, buscam os condicionantes culturais como explicativos da mudança.

Em uma tentativa de organizar a condição atual do debate em torno da questão, Preteceille (2004)³⁵ constata a dificuldade de comparar os diferentes graus de segregação urbana, uma vez que se trata de um conceito construído socialmente e, assim, atrelado às diferentes configurações sociais e espaciais. Por isso, a dificuldade de se traçar comparação entre países – e até mesmo no interior de um mesmo.

Uma das questões levantadas refere-se à escolha das *categorias* a serem utilizadas. A depender do enfoque, mostra-se como mais relevante a categoria étnico-racial, como no caso das pesquisas norte-americanas e, mais recentemente, das britânicas. As diferenças em termos sócio-econômicos ou de classes sociais são centrais no debate sobre segregação no caso brasileiro e francês e algumas vezes nos casos britânicos. Porém, mesmo entre aqueles que adotam o mesmo enfoque, as informações disponíveis em cada um dos países

³⁵ A construção social da segregação urbana: convergências e divergências. Espaço & Debates, São Paulo, v. 24 n. 45, p. 11-23.

apresentam elevado grau de heterogeneidade, nem sempre sendo possível a comparação entre indicadores construídos sob o mesmo conceito.

Também há uma *clivagem* no sentido da definição das unidades espaciais a serem trabalhadas. Há estudos que se concentram em espaços específicos – como os guetos norte-americanos, os bairros centrais gentrificados, os condomínios fechados. Se tais estudos têm a vantagem de “concentrar a análise nos fenômenos mais intensos e mais fortemente ressentidos socialmente, têm o inconveniente de dar somente uma visão dicotômica ou tricotômica da estrutura social urbana que pode conduzir... à produção de imagens falsas”. (Preteceille, 2004, p. 14).

No entanto, as abordagens que consideram o conjunto da cidade, pondera o autor, enfrentam o problema de definição de limites do espaço urbano da cidade – e esse fenômeno é particularmente percebido em São Paulo, pelo alto grau de mobilidade entre as cidades da região metropolitana e até mesmo as que se espriam para fora desse limite regional. O autor ainda levanta como questão a definição da escala de estudo, apontando que as tentativas de refinar a escolha – analisando os indicadores de modo desagregado – não necessariamente conduziram ao conhecimento da *‘verdadeira geografia da divisão social’*:

“...[tal procedimento] não leva em conta que a descrição espacial da divisão social objetiva a compreensão das desigualdades e práticas sociais que dela decorrem; logo, se algumas práticas sociais se organizam efetivamente no nível do bairro, do neighborhood, outros se organizam em escala menor – o imóvel, a rua,...É preciso escolher – quando se tem a oportunidade – aquele [recorte espacial] cuja escala corresponde à prática social da qual se quer privilegiar a análise” (op. cit., p.15).

O texto se propõe a uma síntese – “rápido sobrevôo”, na definição do autor - das questões a serem consideradas quando se comparam estudos de segregação urbana em realidades sociais distintas, e foi aqui abordado, por explicitar a dificuldade e a responsabilidade daqueles que se debruçam sobre o tema. A postura crítica em relação

às categorias e representações definidas pelo Estado e pelos peritos e o diálogo com as representações sociais – sem recair no engajamento acríptico - são elementos fundamentais, segundo o autor, para “definir as questões pertinentes, ancoradas em uma problemática teórica explícita e as categorias descritivas da estrutura social adaptadas a essa problemática.” (p.20).

Ainda quanto ao debate metodológico, Marcuse (2004) estabelece e denomina as diferentes formas de divisão social do espaço, tanto em termos de processo como propriamente espaciais, com o objetivo de “padronizar” os conceitos para que se tenha clareza dos problemas que as políticas públicas devem enfrentar. Assim, de modo mais geral, o autor chama de **aglomeração** “qualquer área de concentração espacial”, por motivos diversos; de segregação – o que é mais relevante para fins desse trabalho – “o processo pelo qual um grupo populacional é forçado, involuntariamente, a se aglomerar em uma área espacial definida, um **gueto**”. Já “**quartering**” é a divisão do espaço urbano com base na renda ou na riqueza das famílias residentes e que aparentemente se dá de forma imediata por meio de operações do mercado privado de imóveis e moradias”. Se o resultado da segregação, em termos espaciais, é a formação do gueto, o processo de **amuralhamento** – “reunião voluntária de um grupo populacional para fins de auto-proteção e desenvolvimento de seus próprios interesses através de mecanismos de exclusão dos outros” – resulta nos **enclaves excludentes**. Processo distinto é o da formação de uma **cidadela**³⁶, pois nessa o grupo populacional que tem superioridade sobre os demais não apenas se agrega para proteger seus interesses, mas também para “ostentar e intensificar essa posição”. Este seria o termo que, de modo geral, poderia ser aplicado ao caso dos condomínios fechados e cercados protegidos por esquemas de seguranças particulares e por sistemas de alta

³⁶ Marcuse denomina o processo de fortificação (fortification).

tecnologia, o que ocorre sobremaneira nos arredores da cidade de São Paulo e nas demais metrópoles brasileiras³⁷.

Marcuse ainda nesse artigo procura mostrar como o Estado norte-americano teve um papel marcante na formação e consolidação dos guetos, exemplificando tal argumento com ações públicas e leis que explicitamente corroboravam a segregação étnica e espacial.

“Nos Estados Unidos, o gueto negro, assim propriamente chamado, foi criado, imposto de fora para dentro, tendo como instrumento de sua imposição o Estado (...) Indispensável, porém, à sua criação, foi a capacidade daqueles beneficiados pela segregação de usar as instrumentalidades do governo para impor e fazer respeitar os padrões de separação aos negros.” (Marcuse, 2004, p. 28)

³⁷ Especificamente para a Região Metropolitana de São Paulo, ver Taschner e Bógus, Op. cit, p. 14.

Capítulo III: Contexto histórico da urbanização em São Paulo

A ocupação periférica baseada no tripé auto-construção, casa própria e loteamento irregular – modelo vigente nas décadas de 40 a 80, segundo a periodização de vários autores, entre os quais Bonduki (1998), Caldeira (2000) e Rolnik (2003) –, obviamente não foi fruto de uma política pública de integração das massas de migrantes atraídos para a cidade grande em busca dos empregos gerados no período de industrialização de São Paulo, mas da inação do Estado, seja por incompetência deste ou por compartilhar dos interesses do capital privado, como defendem os de orientação marxista.

Na consolidação desse processo, o Estado, mesmo sob a figura de administradores municipais de orientação progressista, tem atuado de forma mais explícita. O fechamento de ruas pelo poder público e a legislação sobre o zoneamento de determinadas áreas “escolhidas” para o refúgio da classe média e alta revelam que o Estado assume a falência no sentido de garantir igualdade de acesso e proteção, delegando uma de suas funções básicas ao mercado privado. Há condomínios, por exemplo, em que o papel da polícia, a segurança institucionalizada do Estado, entra em conflito com aquele desempenhado pela segurança privada.

A desproletarização nas grandes metrópoles e seus efeitos sobre a estrutura social e espacial

Qual o significado da desproletarização para a segregação espacial no caso brasileiro³⁸? Em que medida pode-se falar que nas metrópoles brasileiras esteja ocorrendo esse processo e qual o grau de similaridade em relação às experiências vividas nos países desenvolvidos? Assim, de uma perspectiva tão ampla, é difícil traçar a tendência geral. Tal como mencionado anteriormente, as diferenças entre as metrópoles brasileiras tornam a tarefa de estabelecer um único caminho muito complexa ou até mesmo impossível. Falar de

³⁸ Tal como os franceses abordam a questão. Ver em especial Preteceille (2003).

desproletarização na região metropolitana de São Paulo, em comparação ao Rio de Janeiro, já revela o grau de dificuldade do empreendimento, pois embora ambas sejam centrais no processo de industrialização brasileira, cada qual tem especificidades no que se refere ao grau e ao tipo de indústria localizado nessas regiões.

Há diferenças também no que diz respeito ao padrão de localização dos trabalhadores da indústria nessas duas metrópoles e à concentração da população por tipo de inserção ocupacional. A comparação que se irá fazer a seguir baseia-se no trabalho do Observatório das Metrópoles, já comentado anteriormente, analisando-se as regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro em dois períodos: 1980 e 1991³⁹.

Analisando-se o mapa das áreas homogêneas de São Paulo para 1980, observa-se que a concentração dos operários em uma área relevante do ABC paulista, especialmente em Mauá, Santo André, na porção norte de São Bernardo do Campo, em Diadema e São Caetano do Sul. Também é forte a presença de operários em Suzano e Ribeirão Pires. As áreas intermediárias situavam-se bastante próximas àquelas ocupadas pelas superiores (centro e sudoeste de São Paulo), como se “formando um anel em torno das mesmas”, ocupando uma porção da Zona Leste (Tatuapé e arredores) e outra da Zona Norte (Tremembé, Vila Maria).

As áreas de concentração popular-operário ou popular localizavam-se a extremo norte, sul e leste do município de São Paulo e nos municípios de Mogi das Cruzes ao leste (na porção sul do município, pois ao norte há uma extensa área de concentração agrícola), Guarulhos a nordeste, Francisco Morato, Franco da Rocha e Cajamar

³⁹ As informações para 2000 e indicam na mesma direção. Não é possível, porém, analisar todo o período de 80 a 2000, por razões metodológicas. Assim, opto por detalhar a análise dos anos 80, que já mostram mudanças que depois se intensificariam na década seguinte. De qualquer modo, essa é uma tentativa de compreender o que ocorreu nas duas metrópoles no período, a partir das análises de Luiz César Queiros Ribeiro, para o Rio de Janeiro e de Suzana Pasternak e Lúcia Bógus, para São Paulo. Os textos que servem de base para essa análise são aqueles disponíveis no Cdrom que acompanha a publicação *Metrópoles – entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*.

a norte e uma porção de municípios pequenos a este, como Cotia, Itapevi e Santana do Parnaíba.

O processo de abertura econômica iniciado em 1990, com o plano de estabilização econômica (Plano Collor, em março de 1990) acarretou uma série de transformações na economia, com impactos especialmente para as regiões mais industrializadas do país. A taxa de desemprego na região metropolitana de São Paulo dobrou entre 1985 e 1992, segundo informações da Fundação Seade e Dieese, como impacto das políticas de liberalização comercial.

Analisar as mudanças em termos de perfil sócio-ocupacional entre 1980 e 1991 poderia não captar ainda todas as transformações decorrentes desse processo, que se acentuou ainda mais nos primeiros anos do Governo de Fernando Henrique Cardoso, quando a política de estabilização econômica, ancorada na sobrevalorização cambial, resultou em profundos ajustes na indústria nacional. O barateamento das importações que tinha por objetivo provocar um choque de competitividade no parque industrial brasileiro acabou por reduzi-lo drasticamente, não só em termos de produto, mas ainda mais em termos de geração de emprego.

Para se ter uma idéia da magnitude desse processo, na região metropolitana de São Paulo, entre 1989 e 2000, foram eliminados mais de 1 milhão de empregos assalariados na indústria, embora parte desses postos possa ter sido convertido em empregos ainda ligados à indústria, mas em novos setores de atividade, em função do processo de terceirização, uma das formas de ajuste adotadas pelas indústrias para ganharem competitividade no mercado internacional.

Analisando-se o mapa de 1991, período em que o processo ainda não se havia completado, é bom lembrar, percebe-se claramente que as categorias médias e intermediárias penetram os espaços outrora ocupados predominantemente por operários – o que ocorre tanto nos municípios do ABC, como na porção Leste 1 – aquela mais próxima

ao centro do município de São Paulo. É como se houvesse uma força “empurrando” os operários para o extremo leste do município, atingindo ainda alguns municípios vizinhos, como Guarulhos, Itaquaquetuba, Poá e Ferraz de Vasconcelos e para o extremo norte, nos municípios de Cajamar, Franco da Rocha e Francisco Morato, todos antes dominados pela categoria popular ou popular-operária.

Em termos quantitativos, somando-se as parcelas “residentes no grupo popular operário e no grupo operário [categoria que desaparece em 1991], tem-se 2,4 milhões de ocupados [em 1980], parcela maior que os 1,4 milhões de moradores do popular operário em 1991”. (Pasternak e Bógus, p. 6)

A hipótese que as autoras colocam para esse declínio é o deslocamento dessa população para áreas populares ou, em menor medida, como ponderam, a ascensão destes para o grupo médio. Como só se analisam as informações da população ocupada, é difícil chegar a uma conclusão a respeito, mas há fortes indícios de que o deslocamento tenha sido mais significativo, em razão da elevação da taxa de desemprego, especialmente nas regiões anteriormente designadas por operário ou popular-operário. Este é o caso das regiões a extremo leste do município de São Paulo e do ABC, onde a taxa de desemprego se ampliou consideravelmente, atingindo em 2000, mais de 20% da população ocupada (mais que o dobro da taxa de desemprego das porções centro e sudoeste de São Paulo, que ficavam em torno de 10%, neste mesmo período).

Uma outra questão abordada no texto das autoras diz respeito à invasão das áreas popular operárias por outras categorias, composta por categorias médias, sendo menos operário e secundário, mais ligado ao proletariado terciário e às categorias médias. Essa análise revela a ocorrência de maior heterogeneidade dentro das áreas popular operárias, o que pode ser designado como o fenômeno de

maior aproximação no espaço de categorias socialmente distintas, processo que se inicia na década de 80 ainda.

Concluindo o estudo e dialogando com as teses de dualização e fragmentação, embora as autoras reconheçam o aumento das camadas médias em áreas periféricas, os dados para São Paulo reforçam a tendência existência de espaços fortemente segregados:

“Entretanto, nossos dados apontam, também, e como força relativa considerável, para a existência de espaços fortemente segregados, onde a presença, seja de população de alta renda e alta qualificação profissional, seja de população de baixa renda e precária qualificação para o trabalho, é pouco permeada por elementos de outras camadas sociais”. (Pasternak e Bógus, p. 15)

Analisando o caso do Rio de Janeiro, Queiroz Ribeiro avalia que:

“...se, por um lado, não ocorreu aumento da polarização no que diz respeito a sua estrutura social, não confirmando a tendência à dualização prevista em parte da literatura, por outro, é possível que tenhamos um espaço crescentemente desigual”. (p. 17)

O autor se refere aqui basicamente aos processos de concentração da elite dirigente, de um lado, e à relativa mistura social nos tipos inferiores – áreas popular e popular-operárias – de outro. O aumento da segregação no período analisado se dá em decorrência das práticas de auto-segregação das elites dirigente e intelectual, que detêm o poder político, econômico e cultural, muito mais que das classes médias, que têm “pouco poder segregativo”.

Sob o aspecto espacial, as classes médias ocupam áreas dominadas pelos operários ou por categorias populares, embora tentem se diferenciar destas últimas por padrões de habitação – o que é de difícil verificação em estudos abrangentes como estes.

É o processo que descrevem Pasternak e Bógus:

“Dentre as ‘cidadelas’ detectadas hoje em grandes metrópoles pode-se perceber, segundo aquele autor [Marcuse], algumas habitadas por aqueles que estão no ‘topo’ em termos de poder econômico e político. Outras, no entanto, são ocupadas por famílias ‘bem-sucedidas’, que embora estejam no topo da escala social, sentem-se vulneráveis em relação aos mais pobres, em cuja proximidade residem.(p.15)

A produção social do espaço urbano

O espaço aqui é compreendido como construção social, tal como designa Lefebvre (1999) e não como resultado de processos sociais. Baseada na concepção de Giddens, a dualidade de estrutura trata as relações espaciais como produto, mas também como meio de produção e reprodução das relações sociais. Também se utiliza o conceito de "habitus" de Bourdieu, que permite uma compreensão cultural da moradia em relação às práticas sociais produzidas, reproduzidas e reestruturadas no seu interior. Tais associações permitem a compreensão de como as relações no interior da casa reproduzem as relações sociais, mas também como se ajustam às condições objetivas de existência.

Muito do debate que hoje se trava no que diz respeito à segregação se associa ao papel das políticas públicas como indutoras do processo de segregação sócio-espacial. Esse é um debate ao qual não devo me ater, nem é o foco da pesquisa em questão, já que o que me interessa **desvelar é o sentimento ou a percepção da segregação como processo vivido.**

O Estado Nacional frente à questão urbana

Antes, porém, aqui se retoma a história da urbanização e da ação pública estatal no caso brasileiro, especialmente no que se refere ao processo de ocupação da periferia paulista a partir da década de 40, amplamente debatido na literatura. Nessa fase histórica, as ações do Estado Nacional para lidar com a questão da explosão do crescimento demográfico nas cidades, revelam mais que debilidade ou incapacidade em controlar esse processo. A hegemonia do capital industrial e a necessária canalização da acumulação de capital para o acelerado processo de desenvolvimento da indústria, simultaneamente ao barateamento da reprodução da força de trabalho, combinou-se ao modelo vigente de autoconstrução em lotes

ilegais na periferia. Este aspecto será tratado mais adiante quando serão esboçadas as origens da ocupação periférica em São Paulo.

De qualquer modo, débil financeiramente ou fraco frente às pressões da classe capitalista emergente, o Estado brasileiro não atuou, como nas economias capitalistas avançadas, no sentido de garantir as condições de reprodução da força de trabalho, ao menos no que diz respeito às necessidades de transporte e de moradia da classe trabalhadora. Os grandes conjuntos habitacionais do cinturão-negro norte-americano ou das banlieus francesas, só para citar dois exemplos mundiais, aqui não se configurou como política de habitação para a classe popular.

Também não se trata de centrar a tese na produção social do espaço urbano em São Paulo, mas como situo a pesquisa nessa cidade cabe levantar quais foram as formas dominantes de produção do espaço no século XX em São Paulo e quais os seus condicionantes. Para engendrar essa análise, é necessária uma reconstrução não só da produção de espaço, mas também de outros aspectos políticos e econômicos, visto que as formas de produção do espaço não estão dissociadas, mas diretamente relacionadas, a questões de desenvolvimento econômico, social e político.

Os estudos urbanos, ainda que tenham a ótica da produção do espaço, nem sempre consideram questões relativas à fase de acumulação do capital, à aliança entre capital privado e Estado na construção do espaço, tampouco ao conflito de interesses entre capital financeiro, produtivo e imobiliário, ou, por outro lado, às inter-relações destes diferentes capitais na produção do espaço das cidades. Também neste caso há numerosas exceções, entre as quais Bonduki (1998), Maricato (1996) e Mautner (1999). É nesses estudos que o presente trabalho buscará informações e modelos de análise, não se propondo, por razões da limitação de seu escopo, a avançar

na formulação de teorias alternativas àquelas já apresentadas pelos autores mencionados.

A análise que segue baseia-se, fundamentalmente, em Furtado (1986) e Singer (1975) e busca identificar as condições econômicas sob as quais se dá o processo de dispersão da ocupação da região metropolitana de São Paulo.

Singer centra a análise nos condicionantes da transformação de São Paulo no principal pólo de desenvolvimento industrial do país. O desenvolvimento de uma rede ferroviária, o intenso processo de crescimento demográfico – impulsionado pela imigração de mão-de-obra destinada à produção do café –, a consolidação da capital como entreposto comercial entre o planalto e o litoral, a disponibilidade de um cinturão de produtos de insumos agrícolas para a indústria, principalmente, a geração de um mercado consumidor para produtos industrializados (têxtil e alimentos, especialmente) e a acumulação de capital da economia cafeeira constituíram-se nos condicionantes principais da industrialização.

O surto inflacionário do período 1898 a 1900 também contribuiu para o financiamento da indústria nacional. Entre 1885 e 1895, foram criadas 700 empresas industriais, movimento favorecido pelo encarecimento dos produtos importados e da ampliação do mercado consumidor, em decorrência da proliferação do trabalho assalariado. A recorrência à expansão monetária como forma de financiamento industrial também foi um expediente utilizado no Governo Vargas, especialmente a partir de 1939⁴⁰. Como analisa Fiori (1995), o recurso à inflação denotava a fragilidade do Estado em impor perdas às oligarquias, sejam as tradicionais (cafeeira, neste período) seja à industrial nascente, consolidando um modelo de fuga para frente, que perdurou até a década de 80.

⁴⁰ Entre 1939 e 1946, a inflação acumulada foi de 206,6%, cf Bonduki, 1998 (p. 230), baseado em Villela e Suzigan (para 1900 a 1944) e na FIPE, para o período posterior a 1945.

Quais são os impactos do modelo de industrialização por substituição de importações, e do financiamento via expansão monetária, para a produção do espaço construído? Bonduki (1998), em relação à Lei do Inquilinato em 1942, tem a seguinte avaliação:

“Minha hipótese é que a Lei do Inquilinato estava relacionada a uma intervenção governamental de reduzir a atração que o setor imobiliário exercia sobre investidores e capitalistas em geral, com o objetivo de concentrar recursos na montagem do parque industrial brasileiro. E, ao mesmo tempo, reduzir ou eliminar um setor social não-produtivo e que vivia basicamente de rendas”. (p. 227)

Essa hipótese de uma ação deliberada do Estado para inibir o investimento imobiliário obscurece a influência da burguesia industrial que, nesse período, está não só interessada na acumulação de recursos para investimentos na planta industrial, mas também na liberação de recursos da classe trabalhadora para a aquisição de bens de consumo e intermediários produzidos pela indústria nacional. Os salários, com o surto inflacionário pós-39, perdiam poder aquisitivo e os aluguéis, mesmo não subindo na mesma proporção que os demais bens, passavam a consumir parcelas cada vez maiores dos rendimentos familiares.

Como analisa Caldeira (2000):

“A segunda fonte de influência nas transformações urbanas veio do grupo de industriais congregados na Federação das Indústrias e liderados por Roberto Simonsen. Eles estavam interessados em estudar os padrões de consumo e moradia das classes trabalhadoras a fim de reformá-los. (...) Convencidos de que os empregadores não podiam arcar com a responsabilidade de resolver esse problema, os industriais eram favoráveis à aquisição da casa própria pelos trabalhadores, o que poderia reduzir suas despesas com moradia e aumentar suas possibilidades de consumo”. (p. 217)

Em discurso proferido em 1942, o empresário Simonsen revela mais que a preocupação com a casa própria, a intenção de transferir para o Estado o custeio da moradia para a classe trabalhadora:

“Não é possível aguardarmos, por tempo indeterminado, que o padrão geral de vida médio se eleve, por toda parte, a um tal grau, que dentro do regime econômico vigente e sob a ação da oferta e da procura de capitais, possa a iniciativa particular proporcionar casas confortáveis para todos os que dela precisam (...). Problema de difícil solução por simples iniciativa privada, porque num país onde o capital é escasso e caro e o poder aquisitivo médio tão baixo, não podemos esperar que a iniciativa privada venha em escala suficiente ao encontro das necessidades da grande massa

proporcionando-lhe habitações econômicas (...) O problema de moradia das grandes massas passa a ser questão de urbanismo. Para sua integral solução torna-se indispensável a intervenção decisiva do Estado (Discurso de Roberto Simonsen, presidente da FIESP, 1942, em Bonduki, 1998, p. 79).

A questão da moradia não parecia, pelos dados apresentados por Bonduki, no início dos anos 40, um problema de difícil solução na cidade de São Paulo. A crise do final do século anterior, quando a média de ocupação por prédio era 11,7 moradores, o que revelava uma intensa ocupação de cortiços, já havia sido aliviada pelo processo de construção de moradias de aluguel nos anos 20 e 30, que se mostraria um negócio lucrativo no período. Em 1940, do total de 277 mil domicílios na capital, 187 mil (67% deles) eram ocupados por locatários, mostrando que o aluguel era ainda a forma predominante de moradia na capital. Mas a partir daí, o intenso crescimento populacional (900 mil de incremento entre 1940 e 1950) iria pressionar uma alteração do padrão de ocupação do espaço urbano e da forma de construção, pois o que estava em questão era a rentabilidade do negócio imobiliário para o setor privado, que era quem até então dominava a cena da produção de moradia. Nos anos 70, a situação já havia se invertido: 486 mil (35% de 1,272 milhão) eram domicílios alugados, e 684 mil eram ocupados por proprietários, grande parcela na periferia da capital.

A produção dos trabalhadores que investiam parte do excedente na construção, às vezes auto-construção de casas de aluguel só viria se tornar relevante, segundo o autor, após a década de 20, “quando a oferta de ‘lotes periféricos’ a baixos preços permitiu a realização desse tipo de empreendimento por indivíduos com renda relativamente baixa” (Bonduki, 1998). O segundo grupo, especialmente os industriais, diante da rentabilidade do capital industrial já poderiam ter deixado de investir em imóveis antes mesmo da Lei do Inquilinato, uma vez que a atividade industrial passou a ser mais lucrativa que a locação de imóveis. Tal hipótese encontra apoio nos dados fornecidos pelo autor sobre a evolução de

construções no período 1939-1944. Em 1941, foram 11.819 unidades, reduzindo-se para 7.509 em 1942. Essa diminuição não parece estar atrelada integralmente às limitações impostas pela Lei do Inquilinato, uma vez que sua promulgação é de agosto e o processo de construção tem longa maturação, ou seja, decisões de investimento desse montante de construções devem ter sido tomadas no período anterior à Lei.

Neste momento do texto, é importante salientar que o que estava em jogo nesse período – início da década de 40 – não era um conflito reduzido à esfera dos rentistas x capitalistas industriais. O Estado brasileiro, que havia protegido o setor agro-exportador ou a oligarquia cafeeira (hegemônica até meados da década de 30), não havia criado os mecanismos de absorção de poupança desse setor para o financiamento da industrialização, tendo posteriormente que administrar um conflito de interesses das velhas oligarquias com os novos capitalistas industriais, simultaneamente ao conflito distributivo entre capital e trabalho. Em relação aos ganhos do trabalho, o Estado mostrou-se simultaneamente forte para controlar as demandas sociais, mas frágil para impor perdas ao velho aliado agro-exportador. Essa dimensão da ação política não pode ser ignorada, sob risco de interpretar equivocadamente a direção das ações do Estado brasileiro frente às questões de moradia e das demais demandas advindas do conflito distributivo entre capital-trabalho.

Em um momento em que as economias capitalistas avançadas pautavam-se no Keynesianismo, configurando-se em Estados de Bem-Estar Social, a economia periférica brasileira, assim como a dos demais países latino-americanos, com forte intervenção econômica, não se direcionou (e nem seus recursos, ainda que sob a forma de expansão monetária) para a garantia de direitos aos cidadãos, entre os quais a moradia.

Esse pode ser considerado um momento decisivo para a forma de organização e produção da região metropolitana de São Paulo. A “alternativa” de moradia da classe trabalhadora, baseada no trinômio auto-construção/loteamento periférico/casa própria⁴¹ derivou da incapacidade do Estado em resolver o problema da habitação em massa e do empreendedor privado ter “escolhido” a forma de valorização do capital pela comercialização de terras longínquas, no conhecido processo de venda de lotes afastados para valorização dos vazios mais próximos ao centro, pelas melhorias de transporte e infra-estrutura urbana que o Estado se incumbia de prover, e não pela produção da habitação.

A insuficiente tributação da propriedade dos lotes tanto quanto a Lei do Inquilinato, foram, portanto, importantes instrumentos de valorização da alternativa ocupação da periferia. Fica a hipótese a explorar: o capital imobiliário, produtor de imóveis para aluguel não teria se dirigido para a comercialização de lotes, mantendo, portanto, seus ganhos na esfera de comercialização e não na produção?

Vários autores analisam o período de fins do século XIX à década de 1940 como um período de concentração da ocupação urbana em uma área restrita da cidade. A demarcação de uma nova fase a partir de 1940, com predomínio das auto-construções de moradia própria em áreas periféricas, não deve obscurecer o movimento anterior de deslocamento populacional para áreas mais distantes do centro da capital.

Caldeira (2000) cita três padrões de segregação espacial na cidade de São Paulo no século XX, considerando o período de 1890 a 1940

⁴¹ Um quarto elemento poderia ser integrado a esse trinômio: o trabalhador assalariado na Indústria da região Metropolitana, pois esse foi o momento de maior expansão da produção industrial, ainda calcada em uma base tecnológica de uso intensivo de mão-de-obra. Mesmo com os salários reais em queda, os trabalhadores encontravam oferta de trabalho crescente e uma relativa estabilidade no emprego, que garantia a possibilidade de pagamento das parcelas dos lotes e do financiamento do material de construção. O arrefecimento dessa forma de produção guarda, na hipótese aqui adotada, relação estreita com a mudança das relações de trabalho, maior rotatividade da mão-de-obra, vínculos de trabalho mais precários e instáveis, além da redução do nível de rendimento real da classe trabalhadora das décadas de 80 e 90.

como um momento em que a cidade de São Paulo era concentrada e heterogênea, embora reconheça que já no início do século,

“embora a elite e os trabalhadores vivessem relativamente próximos uns dos outros, havia uma tendência de a elite ocupar a parte mais alta da cidade – em direção ao espigão central onde se localizaria a Avenida Paulista – e os trabalhadores viverem nas áreas mais baixas, ladeando as margens dos rios Tamanduateí e Tietê e próximo ao sistema ferroviário”. (p. 214).

Uma outra forma de expressão da segregação espacial, segundo a autora, deu-se, no período analisado, pela diferenciação dos padrões de moradia:

“(…) enquanto a elite (da indústria e da produção de café) e uma pequena classe média viviam em mansões ou casas próprias, mais de 80% das habitações de São Paulo eram alugadas. A propriedade de uma casa não era definitivamente uma opção para os trabalhadores, que, em sua maioria viviam em cortiços ou casas de cômodos, todos superpovoados”. (p. 214)

Se a noção de concentração espacial encontra respaldo nos dados censitários, ainda que a expansão dos limites da cidade seja perceptível antes da década de 40, o mesmo não se pode dizer a respeito da idéia de ocupação heterogênea do espaço urbano. A heterogeneidade a que se refere a autora poderia ser interpretada como uso misto do solo urbano (atividade industrial, comercial e residencial no mesmo espaço) ou à heterogeneidade em termos de classes sociais. Em relação às classes sociais, não se encontram, na literatura, dados que comprovem a proximidade da elite com a classe trabalhadora. É possível que se fale de proximidade, tendo em vista o processo de distanciamento físico do período 1940-70; entretanto é necessário investigar ainda se havia uma distribuição igualitária do espaço urbano, se os espaços públicos eram compartilhados pela elite e pelos trabalhadores nessa fase anterior.

Esse aspecto merece menção, uma vez que existe um debate atual sobre a forma de apropriação do espaço urbano na metrópole paulista, em que se identifica maior fragmentação e complexidade do que no passado. Valeria a pena investigar se esse “novo” padrão de segregação – com os condomínios murados, os tais “enclaves

fortificados”, lado a lado com o espaço dos pobres – não tem semelhanças com o que ocorria no início do século XX, quando também se observava a proximidade física entre a elite e os trabalhadores, o que não significa, necessariamente, a distribuição igualitária do espaço social urbano.

Nesta parte do texto, convém apenas apresentar o que já foi amplamente debatido sobre esse período de expansão periférica da metrópole de São Paulo. A forma de produção dominante foi a auto-construção em lotes periféricos, que se em uma primeira fase, teve seu motor na geração de valor de uso para os auto-construtores, posteriormente tomou a forma de mercadoria, pois se verificou um mecanismo de geração de poupança da classe trabalhadora que se alimentava da venda de imóveis auto-construídos para a ocupação de lotes cada vez mais distantes. A diferença entre o valor do produto moradia em locais onde estava instalada a rede de infra-estrutura e aquele nos locais ainda não alcançados pela ação do Estado era a forma que a classe trabalhadora encontrava para a valorização do trabalho incorporado na construção.

A ação do Estado em relação à ocupação clandestina não pode ser atribuída à incapacidade técnica de controle e fiscalização, tampouco ao poder de barganha dos loteadores junto ao poder público, sendo mais crível supor que ela fazia parte de uma estratégia de barateamento da reprodução da força de trabalho.

“A omissão do poder público na expansão dos loteamentos clandestinos fazia parte de uma estratégia para facilitar a construção da casa pelo próprio morador que, embora não tivesse sido planejada, foi se definindo na prática, como um modo de viabilizar uma solução habitacional ‘popular’, barata, segregada, compatível com a baixa remuneração dos trabalhadores e que, ainda, lhes desse a sensação, falsa ou verdadeira, de realizar o sonho de se tornarem proprietários.” (Bonduki, 1998, p. 288).

Tal omissão somente na esfera de controle da expansão urbana, mas também na área da produção, já que, em todo o período analisado, a produção estatal de habitação popular foi ínfima: nos anos 30, foram implantados os IAPs, que se destinaram, basicamente, ao

atendimento da classe média assalariada (funcionários públicos, categorias profissionais específicas), no rastro das políticas corporativas do Estado Novo. A Fundação da Casa Popular, de 1946, não produziu, segundo Mautner (1999, p.249), mais que 16 mil moradias entre 1946 e 1964.

A incapacidade de o Estado brasileiro responder por uma política de habitação esteve atrelada, até 1964, à precária organização do sistema financeiro nacional, que não garantia a correção monetária dos recursos investidos e à inexistência de uma fonte de recursos destinados à habitação.

A instituição da correção monetária e do atrelamento dos recursos do FGTS ao financiamento habitacional foram os elementos decisivos para o início de um novo período da produção estatal no Brasil, através do BNH. A política do Banco, entretanto, voltou-se para o financiamento de empreiteiras para a construção de moradia para a classe média. No período 1964-86 foram construídas 2,4 milhões de unidades pelo BNH, atenuando, ao menos quantitativamente, a questão da moradia para a classe média no Brasil. As camadas de baixa renda não foram atendidas pelo sistema, dando continuidade ao processo de auto-construção nos loteamentos clandestinos e periféricos ou ocupando favelas, que tiveram intenso crescimento durante as décadas de 70 e 80.

Os efeitos da política habitacional pós-64 consubstanciaram-se na mudança física das cidades brasileiras: o processo de verticalização, que já havia se iniciado na década de 40 em Copacabana, no Rio de Janeiro, e a partir de 1945 em São Paulo, alastrou-se pelas cidades brasileiras. Outro efeito da atuação do BNH foi o impulso dado à indústria da construção civil no período posterior à criação do banco: durante o período de 1965-70, este segmento pela primeira vez desde o pós-guerra cresceu a taxa superior à indústria de transformação (10,6% e 10,4%, respectivamente.)

É a partir deste momento também que ganha força a figura do incorporador imobiliário, especialmente em São Paulo, segundo Souza (1994):

“No Brasil, especialmente em São Paulo, a explosão da verticalização se dá a partir de 1964, com a criação do BNH (...) O Estado brasileiro, portanto, através de um banco público, é que vai financiar esse processo, pelas razões anteriormente expostas: a longevidade do período de produção e de circulação da mercadoria-habituação. Por outro lado, no que concerne à propriedade fundiária e ao seu uso pela verticalização, será objeto de múltiplas alianças entre os donos da terra e os incorporadores, manifestas por uma intermediação do Estado que, em última análise, não só libera o solo para verticalização (lei de zoneamento e uso do solo) como promove a sua valorização através de implementação das políticas públicas (infra-estrutura, saneamento, comunicação, transporte, etc)”. (pág. 196)

Assim, quando o Estado brasileiro define, pela primeira vez, uma política habitacional de cunho nacional, com vultosos recursos provenientes, sobretudo, do Fundo de Garantia, subordina-se aos interesses do capital imobiliário incorporador. Embora se destinasse à classe média, segmento social estratégico na sustentação do regime autoritário, o interesse preservado é o do capital. Caso tivesse optado pelo financiamento direto ao usuário, a política habitacional poderia ter sido mais eficaz, atendendo parcelas mais amplas da sociedade, a um custo de aquisição mais baixo. A opção pelo financiamento das empreiteiras não foi, entretanto, um caso a parte na história da relação do Estado com o capital, apenas reforçando o caráter frágil daquele em relação ao interesse privado dos capitalistas, e ao mesmo tempo forte para coibir as demandas da classe trabalhadora.

Ainda nesse tópico, não há como desconsiderar o papel da Cohab na produção habitacional da região em análise. Criada em 1965, a Companhia tinha por objetivo a produção de conjuntos habitacionais para a população de baixa renda, mas além do número reduzido de unidades produzidas na região metropolitana de São Paulo, não se destinou ao atendimento da população com renda até 3 salários mínimos. Essa modalidade de produção, embora insignificante na região, tem peso significativo no município analisado, onde foram

construídas ao longo da década de 70, cerca de 12 mil unidades, o que corresponde a 13% do total de domicílios em Carapicuíba.

Se nem a produção estatal foi significativa, nem a promoção privada, financiada ou não por recursos públicos (ou semi-públicos) foi dirigida para a provisão de moradia para a população pobre, não seria de se esperar que o problema da apropriação do espaço urbano estivesse solucionado.

Artigo publicado na Folha de São Paulo⁴², baseado em pesquisa realizada pelo LabHab nos distritos paulistas de Brasilândia, Jardim Ângela e Cidade Tiradentes, onde se observam os piores indicadores de qualidade de vida e violência, e se concentram 700 mil paulistanos, fornece um retrato do diferencial dessas regiões:

“Apontado como um dos locais prioritários pelo plano de ação do Jardim Ângela, o bairro Morro do Índio registrou taxa de 208 assassinatos para cada 100 mil habitantes em 2002. Esse número é cinco vezes o da cidade de São Paulo, onde a proporção foi de 44 para cada 100 mil. Em Cali (Colômbia), uma das cidades mais violentas do mundo, foram assassinados 91 em cada grupo de 100 mil. As estruturas viária e de moradia revelam a interdependência perversa entre a organização do espaço e a violência. Como afirma o próprio estudo, “o morro é uma espécie de “fortaleza” de difícil e reduzido acesso viário, facilmente controlável pelo crime.

Segundo policiais da região, a presença do tráfico combinada com a habitação precária contribuem para a banalização da violência.” (FSP, Cotidiano, 11/01/2004)

Difícilmente a promoção privada se interesse pela produção de espaços nesses locais e, mesmo que venha a se interessar, dificilmente poderá solucionar os problemas urbanos na magnitude que alcançam.

Se houve desaceleração na expansão periférica da cidade, simultaneamente ao aumento do desemprego e da pobreza nas décadas de 80 e 90, fica a questão sobre o destino das classes pobres no período atual. O aumento da população favelada, estimada em 1,16 milhão⁴³ e do número de moradias inadequadas, que passou de

⁴² No Caderno Cotidiano, de 11 de janeiro de 2004.

⁴³ Segundo estudo realizado pelo Sinduscon, em parceria com a FGV, cujos resultados foram publicados na Folha de São Paulo, no caderno Imóveis, de domingo, 18 de janeiro de 2004.

94 mil, em 1970, para 266 mil, em 2000⁴⁴, contribui para uma resposta preliminar à questão. Mas ainda não se tem a resposta sobre a forma como são produzidas essas habitações, tema de grande interesse acadêmico nos anos 70.

Segundo Maricato (2000), nas duas últimas décadas do século XX, mais da metade dos domicílios de São Paulo foi produzida fora da lei. No Brasil, o mercado privado respondeu, no período 1995-99, por apenas 20% da produção de novas moradias.

Essas informações revelam que embora o mercado privado seja dominante na produção do espaço, no sentido de definir o padrão hegemônico de ocupação, ele não atende grande parte da população brasileira, o que decorre na hipótese levantada nesse texto, segundo a qual para garantir a rentabilidade do capital imobiliário em nível compatível com aquela oferecida no mercado financeiro, não haveria como dirigir a produção capitalista para as camadas de menor poder aquisitivo (até 3 salários mínimos).

Nessa tese, reafirmo que o padrão de construção do espaço dos promotores privados tem modificado a forma de relação entre espaço público e privado para todas as classes sociais, definindo um padrão de segregação espacial diverso daquele verificado nas décadas de 40-70, quando as classes estavam mais marcadamente separadas no espaço da metrópole, por isso seu aspecto dominante na produção do espaço atualmente. Entretanto, as disparidades entre centro-periferia parecem permanecer, não mais naquela configuração anterior, em que o centro equipado distanciava-se fisicamente da periferia. Atualmente, o padrão predominante é a aproximação no espaço entre extremos das classes sociais, o que pode ser encontrado no bairro do Morumbi, que contorna a favela de Paraisópolis, exemplo mais

⁴⁴ Crescimento de 182% no período, superior ao incremento populacional (93,9%) e de moradias (138%) no período. O aumento de moradias inadequadas, rústicas e improvisadas (somando 343 mil moradias), respondeu por cerca de 20% da ampliação do número de moradias na cidade, segundo informações da pesquisa citada.

clássico dessa nova configuração, e nos arredores da capital (Carapicuíba, entre outras), mas a segregação espacial permanece, ainda que mais fragmentada (porque as diferenças encontram-se atualmente no nível da unidade de distrito e até mesmo de setor censitário) e com características diversas daquela da década de 70. As carências do espaço da pobreza não são mais de água, luz, esgoto – embora ainda estejam presentes em alguns locais de urbanização mais recente – mas de espaços de lazer, de alternativas de trabalho, de educação e de saúde.

Se a democracia política se ampliou nos últimos vinte anos, a partir do processo de consolidação dos partidos políticos e dos espaços de representação política – expansão de conselhos, comissões – isso ocorreu sem que se alterassem significativamente as estruturas sócio-econômicas, sem que a autonomia política fosse conquistada. O caso particular em estudo permite, mesmo que no microcosmo social, avaliar os efeitos de instrumentos políticos avançados – a aprovação do Estatuto da Cidade e o Plano Diretor elaborado com a participação de vários segmentos da sociedade – na estrutura sócio-econômica herdada.

A definição da área da favela como ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) constante no Plano Diretor do município não impediu que a população de baixa renda que ali residia fosse removida. E por todo o período em que realizei o trabalho de pesquisa, detive-me a investigar as razões para a falta de resistência dos moradores à saída. Mais adiante no texto, retomo a questão, mas já antecipo que é um conjunto intrincado de fenômenos, uma malha de tessitura complexa, onde se combinam razões econômicas, políticas, e também as de outra esfera, não-rationais, mas psíquicas, individuais e coletivas que se combinam de um modo peculiar, gerando um fenômeno particular, mas que remete a uma estrutura macro-social, pois nele há elementos que se repetem em outros microcosmos.

Capítulo IV: Um mergulho caótico na trama desses sujeitos

A MULHER E A CASA
(João Cabral de Melo Neto)

Tua sedução é menos
de mulher do que de casa;
pois vem de como é por dentro
ou por detrás da fachada.
Mesmo quando ela possui
tua plácida elegância,
esse teu reboco claro,
riso franco de varandas,
uma casa não é nunca
só para ser contemplada;
melhor: somente por dentro
é possível contemplá-la.
Seduz pelo que é dentro,
ou será, quando se abra;
pelo que pode ser dentro
de suas paredes fechadas;
pelo que dentro fizeram
com seus vazios, com o nada;
pelos espaços de dentro,
não pelo que dentro guarda;
pelos espaços de dentro:
seus recintos, suas áreas,
organizando-se dentro
em corredores e salas,
os quais sugerindo ao homem
estâncias aconchegadas,
paredes bem revestidas
ou recessos bons de cavas,
exercem sobre esse homem
efeito igual ao que causas:
a vontade de corrê-la
por dentro, de visitá-la.



Rosa Almeida



Rosa Almeida



Rosa Almeida

Das casas por dentro, temos as fotos e as lembranças, porque já não existem mais como antes. Hoje são outras casas, outras formas de preencher os vazios por dentro. Na favela, as fachadas não são extensas, nem brancas. Algumas ainda no bloco, sem pintura, outras coloridas, mas quase não se vê branco nas paredes. Nem por dentro, nem por fora. A cozinha pode ser verde água, ou ainda de reboco; nos banheiros há azulejo ou pintura.

Já do lado de fora, é possível ler o tanto que há de nós; a fiação confusa, não-linear; seu desenho nos remete a um emaranhado cujo sentido ou lógica não se insere na ordem da modernidade. Podemos refletir rapidamente que se trata de algo provisório, algo a ser moldado ou ordenado. De algum modo, nas suas narrativas, os sujeitos que fazem e vivem desses emaranhados invejam ou desejam a ordem. Mas se lermos mais detidamente esses sinais, junto a outros que vem da fala, da memória e da imaginação desses sujeitos, podemos ver como se entrelaçam e se fundem a suas vidas.



Rosa Almeida

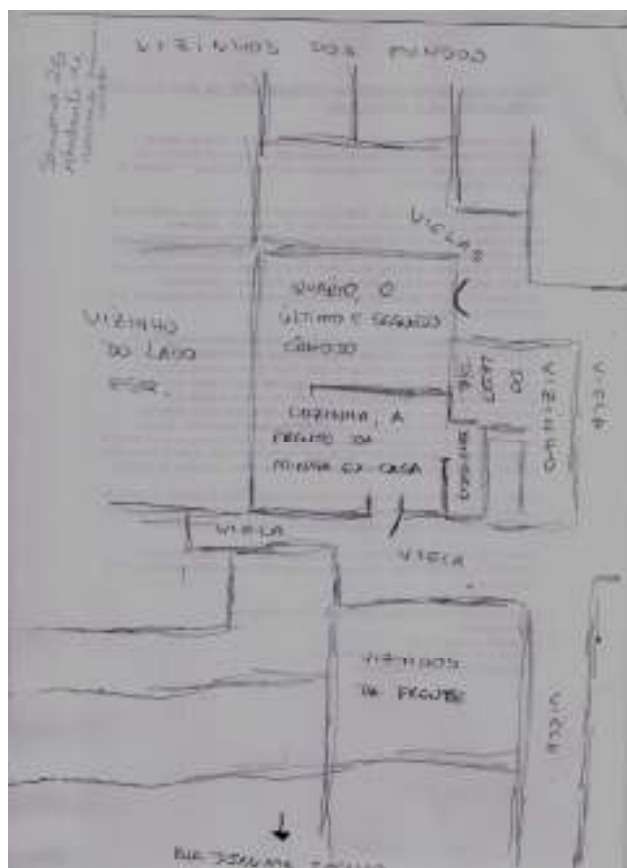


Rosa Almeida

Se olharmos o contraste das primeiras fotos, onde vivem os sujeitos dessa pesquisa, com essas duas últimas, de uma nova construção a menos de 100 metros da antiga favela, podemos ler quais seriam esses sinais de modernidade que tanto almejam: a ordem das calçadas, das linhas dos fios, um arranjo tão ordenado e geométrico contrasta fortemente com a desordem, as curvas e os desenhos irregulares de seus modos de habitar.

Não quis ficar nessas imagens de fora: percorrer essas casas por dentro era o que eu queria fazer, uma curiosidade em conhecer a decoração e os detalhes, os jeitos de fazer. Mas isso, dentro de alguns limites. Quase nunca conheci os quartos de dormir, nunca tive essa intimidade com qualquer um dos sujeitos que pesquisei. Às vezes buscavam documentos ou fotografias que ficavam lá nos armários fechados dos quartos, e eu me mantinha na cozinha. Se precisasse usar o banheiro, dado o tempo demorado de entrevista, ele ficava sempre próximo à entrada da casa, me impedindo de adentrar os aposentos mais íntimos.

A planta abaixo, desenhada por um dos moradores, um jovem universitário, mostra o desenho do quarto, com legendas. No quarto, a inscrição: "o segundo e último cômodo". À frente, a cozinha, onde sempre me receberam. Esse último cômodo, da intimidade, do sono, nunca me foi aberto. E quando contam de aberturas indevidas ou agressivas – invasões da polícia, por exemplo - é a esse cômodo que se referem.



O documentário

Estive com a equipe de filmagem de um documentário sobre a remoção da favela em diversos momentos enquanto eu fazia a pesquisa de campo. Pude, ainda, assistir junto com os moradores à exibição do primeiro documentário "Vizinhos" (2004), da mesma diretora, Marta Nehring, em junho de 2005, de modo improvisado, no bar do Zé. Todos se reuniram, assistiram ao filme, comentaram e depois fizemos uma roda para conversarmos sobre o assunto da

hora: a remoção. A relação com os vizinhos havia mudado. Durante a exibição do documentário, a polícia rondou o local, mas os moradores trataram logo de avisar às “autoridades” do que se tratava. Por termos sido vistas muitas vezes juntas na favela, alguns moradores chegaram a nos confundir algumas vezes, e mesmo quando voltei a entrevistá-los mais tarde, eles ainda falavam do filme, curiosos em saber se poderiam ver o novo documentário.

A todo momento era necessário que eu recolocasse para eles o motivo de meu interesse na história. Queria apenas testemunhar o processo, interpretá-lo e escrever sobre ele. Que não era da imprensa, apesar da máquina fotográfica e do gravador, nem da polícia – sim, muitos pensaram que eu fosse policial à paisana – nem de ONG que prestava assessoria. Queria apenas ser intérprete ou tradutora daquele processo que vivenciavam e de como agiam para resolver seus problemas de moradia, como se articulavam, em família, em rede de vizinhança... mas acredito que só tomei mesmo distância dos demais interessados nesse processo quando passei a ir sozinha à favela. Algumas vezes mais, aconteceu de me encontrar com o negociador da incorporadora lá, outras com a equipe de filmagem do documentário, mas logo interrompia minhas entrevistas e deixava o campo, até mesmo porque eles se mostravam sempre mais interessados no filme e nas questões de dinheiro, como era de se esperar.

O segundo documentário concentra-se na remoção da favela, na interpretação que os moradores têm da saída, ao contrário do primeiro, cujo foco recai sobre as narrativas dos moradores da favela e de seus vizinhos, uns falando sobre os outros. Além dos moradores, que falam sobre as alternativas de novas moradias, valores recebidos, as perdas sofridas, só foi entrevistado o advogado que negocia com os moradores, Murilo.

A dúvida, a ambigüidade, a desconfiança dos moradores em relação às lideranças comunitárias, aos advogados, permeia o documentário. Ele começa e termina com a questão: qual teria sido a ação necessária para que não houve saída? Alguns entrevistados mencionam suborno, criticam a negociação. Há um momento relevante para essa tese, por isso o transcrevo. A diretora, Marta, junto com a cinegrafista percorrem de carro o trajeto até a favela; ao cruzarem a rua Djalma Coelho, vêem o negociador de frente à favela e enquanto fazem a volta de carro para poderem descer a rua (que tem uma mão só) combinam como seria a abordagem. Tomariam-no de surpresa para evitar que se esquivasse da entrevista. De fato, conseguem conversar com ele. Transcrevo abaixo a cena:

Tati - Você viu?

Marta - Vi.

Tati - Nossa, que sorte se a gente encontrar esses caras, né? Agora você ficou louca, acelerando...

Marta - Espero que eles não tenham visto a gente.

Tati - Acho que não, o cara estava escrevendo.

Marta - Eu tive essa intuição, por isso que eu pensei: vamos com a câmera filmando. A gente pára lá e você já sai filmando, tá, Tati?

Tati - Tá. Mas a gente... a gente... onde a gente vai estacionar?

Marta - Depois eu vejo isso.

Tati - Eu estou só com o áudio da câmera.

Marta - Eu paro na frente do carro dele.

Tati - Ninguém vai mexer no nosso carro na frente da favela. Nosso carro é ótimo. Seu carro. Mas que que a gente faz? Eu plugo aqui esse outro microfone, ou depois você...

Marta - Não. Filma a imagem do cara. Qualquer coisa a gente põe a legenda. Entendeu? Se o cara sair correndo.

Tati - Tô pronta.

Marta - Vou parar o carro na frente dele.

Tati - Tá. Eu preciso te dar isso aqui. Aí quando você sair do... você pega isso e pega isso, tá?

Marta - Tá.

Tati - Chega a dar... o coração chega a bater. Os caras tão aí.

Quando param o carro, Murilo, falando ao telefone olha para elas. Elas estacionam, saem do carro e começam a filmá-lo, mas ele não se altera. Continua a falar ao celular, olhando o mapa da desocupação e combinando depósito de valores, "para o número 84, 4.150. À tarde, o 15, 9.650 31, não 31 vai sair hoje... o de 9.150 a pessoa é porteira aqui do lado", e continua a passar informação

pelo celular, verificando seu mapa e seus envelopes. Depois daquela tensão no carro, cinegrafista e diretora esperam para gravarem a entrevista. Ao contrário do que supunham, nenhuma tentativa de fuga. Murilo entra no bar do Zé e recebe Marta, com uma aparente tranquilidade.

Marta – Meu nome é Marta. A gente tá fazendo um documentário sobre a favela.

Murilo – Documentário de onde?

Marta – Bom, eu fiz um documentário há uns cinco anos atrás na região, sobre a convivência da favela entre os prédios e as casas. Chama-se Vizinhos o documentário; eles viram, passou na televisão, na Mostra de Cinema, e aí quando soube que a favela ia sair, eu vim filmar, para saber em quais circunstâncias eles estavam saindo.

Murilo – Certo.

Marta – Será que a gente pode conversar?

Murilo – Podemos.

Marta – Como foi o processo? O que aconteceu?

Murilo – Essa área já está em discussão com o proprietário há mais de 20 anos. Em dezembro saiu a decisão em segunda instância, dando direito aos proprietários. De retomarem a área. Nós já tínhamos começado uma negociação com os moradores através de um terceiro interessado que adquiriu tanto dos moradores quanto do proprietário. Mesmo tendo a decisão contrária aos moradores, nós conseguimos manter a negociação já firmada. Então todos estão saindo tendo uma contrapartida financeira, que seria o valor dos barracos de cada um.

Marta – Você sabe qual a imobiliária que adquiriu isso aqui?

Murilo – É um grupo de construtores que não querem se apresentar no momento.

Marta – Aqui não é área de interesse social?

Murilo – Ele foi declarado de interesse social no plano regional, não no plano diretor e começaria a vigorar a partir de fevereiro desse ano [2005]. A todos os processos protocolados antes da entrada em vigor da Lei, se garante os direitos da lei antiga. E foi protocolado antes.

Marta – E aí como fica?

Murilo – Ela não é uma área de interesse... Como foi protocolado um projeto anterior, ela não era área de interesse social.

Marta – Só para entender: qual projeto foi protocolado antes?

Murilo – Um projeto de construção para o terreno.

Marta – A decisão judicial saiu quando?

Murilo – A decisão saiu em dezembro do ano passado e foi recusado o pedido de encaminhamento para instância superior em Brasília.

Marta – E como foi protocolado o projeto da construtora em dezembro?

Murilo – Não falei que foi em dezembro.

Marta – Quando foi?

Murilo – No início desse ano. Antes... Não era área. Só seria se área de interesse social a partir de fevereiro. A Lei não estava em vigor.

Marta – Os moradores não poderiam recorrer?

Murilo – Mesmo sendo considerada área de interesse social, isso não implica que o direito seja dos moradores e nem que o proprietário perdeu o título. Para construir, a prefeitura teria que desapropriar ou o proprietário resolver fazer algum projeto nos moldes do interesse social, que seriam para habitações de até 50 m², um banheiro só, com valores de mercado baixo...

Marta – Me desculpe, como é que você se chama?

Murilo – Murilo

Marta – Murilo, por que tão rápido? Sei que você tá fazendo seu trabalho

Murilo – *Rápido porque você tá vindo de fora, as negociações começaram em dezembro do ano passado [mas mesmo assim] e a saída efetiva está sendo feita seis meses depois.*

Marta – *Mas você sabe que tem várias famílias que saíram agora, maior parte é analfabeto, eles não têm o domínio das leis, da papelada, dos direitos...*

Murilo – *Essa é uma visão um pouco distorcida. Eles estão sendo assistidos.*

Marta – *Você acha?*

Murilo – *Que eles estão sendo assistidos por advogados, há 20 anos que eles brigam pela área, e o Judiciário se posicionou que o direito não é dos moradores, dos ocupantes e sim dos proprietários.*

Marta – *Agora, uma curiosidade: você sabe que tem várias crianças que moram aqui, que devem perder o ano... a prefeitura*

Murilo – *É... A prefeitura não fez nada. A prefeitura não tem recursos para intervir.*

Marta – *Eles poderiam ter negociado para ficarem até o final do ano, para pelo menos...*

Murilo – *Não, a prefeitura não tem recurso. Só que tem uma coisa que não estão observando: se se cumprisse a decisão judicial, não haveria possibilidade de discussão. Eles estão saindo com dinheiro, com a chance de adquirir outros imóveis ou na região ou mais distante, é uma solução muito melhor que ter que sair numa reintegração de posse.*

Marta – *Mesmo com a reintegração de posse, a prefeitura em geral costuma providenciar abrigo para favelado.*

Murilo – *Não, não é assim. Você precisaria pesquisar. Teve até uma reintegração de posse que foi ontem, na Zachi Narchi, 180 famílias.*

Marta – *Foram jogadas na rua?*

Murilo – *Aí que tá. Se você quiser sempre olhar o lado dos moradores, o dos proprietários nunca vai ser atendido. E vice-versa. Se você olhar sempre o lado dos proprietários, o dos ocupantes nunca vai ser atendido. Então, já veio um processo, já tinham ciência de que estava terminando. Teriam uma decisão definitiva. Ela não foi favorável aos moradores e que eles teriam que sair. Então, não teria como dar esses prazos. Cada um tem uns certos compromissos, então não daria para atender todo mundo. O que foi possível foi uma solução negociada dentro de um prazo, inclusive já terminou esse prazo, praticamente temos uma semana só de aula para terminar esse semestre, e eles estão tendo a possibilidade de... muitos estão melhorando de vida, estão comprando barracos ou casas muito melhores do que as que têm hoje aqui.*

Marta – *Ouvi dizer que barracos no Jaguaré e nessas favelas custam mais caro...*

Murilo – *Não, isso é uma distorção. Ou seja...*

Marta – *Você conhece mercado imobiliário em favelas, Murilo?*

Murilo – *Eu estou conversando com todos, que contam para onde estão indo, o que compraram, o que não compraram e a posição que eu tenho é diferente. Existe sempre um ou outro que está descontente. Se você entrevistar, ele está sempre descontente e não fala o quanto recebeu, porque muitas vezes têm dois ou três barracos aqui dentro. Ele fala que com o dinheiro de um barraco não conseguiu comprar outro, maior ou melhor, mas com o dinheiro de dois ou três ele poderia comprar coisas muito melhores.*

Marta – *O que aconteceu com as pessoas que moravam de aluguel?*

Murilo – *Nós compusemos um valor e esse valor foi dividido entre os moradores.*

Marta – *Qual era o valor?*

Murilo – *O valor eu não estou certo agora.*

Marta – *Então, vocês pagaram quem tinha barraco...*

Murilo – *E pagamos também um valor para aqueles que estavam alugando.*

Marta – *Nem mais ou menos?*

Murilo – *Em torno de uns 400 reais para cada um.*

Marta – *De quanto a quanto variaram os valores?*

Murilo – *O interessante seria vocês filmarem os tamanhos dos barracos e as condições. Então, você tem barracos muito pequenos, de madeira, esses receberam*

em torno de uns 3,5 mil reais. E uns de alvenaria maiores que chegaram a receber até 12 mil reais.

Marta – Só mais uma curiosidade: esse despejo que aconteceu na avenida Zachi Naki, é isso? Lá em Santana? Era área de interesse social?

Murilo – Não sei, provavelmente sim.

Marta – Será?

Murilo – Provavelmente, porque se eles mapearam São Paulo inteiro nesse plano regional, essa área deve ter sido mapeada também.

Marta – Ta bem, vou investigar. Agora, o que você acha que é seu papel aqui?

Murilo – Eu consegui um acordo, que foi um acordo que foi o melhor dentro do quadro jurídico que tinha. Eles já tinham uma decisão que deveriam reintegrar a posse, deveriam indenizar os proprietários pelo tempo que ocuparam. Isso já tinha sido decidido em primeira e segunda instância e o recurso para terceira instância tinha sido negado, ou seja, já estava consumada essa situação. Mesmo assim conseguiram... consegui fazer um acordo em que eles saíram com dinheiro.

Marta – Você conduziu a negociação, Murilo? Como foi feita? Em assembléia?

Murilo – Em assembléia.

Marta – Quem estava na assembléia, José [o dono do bar]?

Murilo – Foi uma assembléia onde estavam todos os moradores, aberta.

Marta – Vocês também falaram individualmente com cada morador?

Murilo – Não, foi geral, quando vinham conversar com a gente, nós explicávamos, mas não fomos procurar individualmente pra ver detalhes, ela foi uma negociação com todos os moradores, atendemos todos, disponibilizamos telefones inclusive para ligarem e conversarem com a gente no que precisasse.

Marta – Quantas assembléias?

Murilo – [voltando-se para o dono do bar, José] José, mais de dez, né? Mais de 10, de dezembro para cá.

Marta – vocês fecharam quando o acordo com a favela?

Murilo – Começamos, alinhávamos questões de preço em final de fevereiro, começo de março. E a questão de tramitação de como seria a desocupação foi fechada em final de maio, começo de junho.

Marta – Quer dizer que uma vez fechada a negociação eles tiveram quanto tempo para sair daqui?

Murilo – Concluída a negociação tiveram em torno de 2 meses, depois de firmarem o comodato, 30 dias. O comodato foi firmado dia 22 de maio.

Marta – Então, na verdade não foram 6 meses, foram 30 dias...

Murilo – De que?

Marta – Digo, porque até a pessoa assinar um acordo, qualquer que seja ele, e esse acordo, a pessoa se organize para sair, na verdade não foram 6 meses, foram 30 dias.

Murilo – Já tinham negociado antes, só estavam esperando receber os valores para poderem se mudar.

Marta – E como foi feita a negociação da saída?

Murilo – Em que aspecto?

Marta – Como funciona a saída?

Murilo – As tratativas vieram desde dezembro até agora, foi acertado primeiro a questão de valor, eles mesmo se organizaram e fizeram um cadastro com os valores de cada barraco. Fechado o valor, nós combinamos um modo de sair, primeiramente pensamos em uma saída por blocos, vimos que isso não ia dar certo, mudamos para que cada um pudesse sair dentro do período dos 30 dias do comodato na data que quisesse.

Marta – Como é que faz? Já pagaram todo mundo? Tão pagando?

Murilo – Na assinatura do comodato, cada um pode levar um cheque de mil reais, como um sinal, e na data de desocupação, receberia o saldo.

Marta – Tá. Como é essa coisa de já terem demolido uma parte da favela?

Murilo – É questão de não invadirem de novo e a maior parte das demolições está sendo feito por eles mesmos. Tirando janelas, telhas, para aproveitarem em outro local.

Marta – Qual o valor total pago nesse acordo?

Murilo – Eu preferia não falar, já falei os valores individuais, mas por uma questão de sigilo, preferia não falar.

Na seqüência, ao menos no primeiro corte do documentário que fala da remoção, fica-se um tempo acompanhando a demolição de um barraco, mais especificamente a retirada por um morador de um vitrozinho bem pequeno de um dos barracos. Uma longa seqüência de imagens da demolição, dos caminhões levando a mudança, todas as coisas amontoadas...

O tempo de espera

Posso dizer que só passado mais de um ano da remoção é que consegui entrevistar de novo as pessoas, para que pudéssemos retomar a pesquisa, com outro foco então: a trajetória de vida desses sujeitos.

Esse caminho ou trajetória de pesquisa aponta para a primeira questão que procuro abordar: os moradores que ocuparam o terreno na Vila Madalena nos anos 70 migravam espontaneamente, vindo em busca de melhores oportunidades de trabalho, em geral trazidos por uma rede de apoio de familiares que aqui chegavam e se re-estabeleciam no território. Nenhum entrevistado conseguiu precisar o motivo de escolha por esse terreno. Era um terreno pequeno, vizinho a uma estação de energia elétrica, em uma rua ainda não-asfaltada. O dono do terreno, Sr. Romeu, era conhecido pelos primeiros moradores. Não há nos relatos nenhuma lembrança da contenda, do movimento pela ocupação da terra: a favela foi se formando paulatinamente, os primeiros barracos foram sendo construídos, de madeira, a princípio. Mais moradores chegavam, parentes ou amigos dos mais antigos e por ali foram ficando, conforme relato do morador mais antigo.

- O rapaz falou assim: se você quiser morar aí... ele vendeu naquela época por 1.350, aí ficou com dó de mim e me vendeu por 1200

- **Era como essa área na época?**

- Era tipo roça, tinha muito pé de pau-grande, tinha muita pedra e eu trabalhava de domingo a domingo, igual trabalho hoje, sem folga. Trabalhava de ajudante, né, E aí determinamos que ia chegando gente querendo comprar, mas a gente não conhecia as pessoas e não deixava entrar.

- **Como?**

- Não deixava construir. Aqueles que podiam comprar o barraquinho iam comprando.

- **Eram conhecidos?**

- Era tudo conhecido.

Pelo relato de outro entrevistado, o dono do terreno já havia feito uma "limpeza na área", na tentativa de retirar os moradores de sua propriedade.

- *Aí falei vou sair daqui, vou pra favela. E ela 'não, não vai não, que ali vai sair', aí ficou aquela conversa. Aí compramos o barraco e viemos eu, ela e Moisés.*

- **Nesse momento, tinha quantas pessoas na favela?**

- Ah, pouca gente. O Romeu tinha dado dinheiro para as pessoas construírem fora e tinha limpado a área. Mas aí meu primo foi e construiu.

- **Que primo é esse?**

- Já faleceu, filho da Isaura. Aí todo mundo fez, mas eu não fiz, comprei o barraco da mão do rapaz.

... o Romeu pagou para tirar o pessoal, botou guarda, mas um dia falamos vamos fazer, aí o primo comprou madeirite e construiu. Com um tempo, comprei da mão do rapaz. Fiquei um tempo lá no madeirite, aí juntei um dinheiro, com o negócio do jogo e fiz de bloco. Aí fiz o bar.

O interesse por estudar as relações de vizinhança estabelecidas entre os moradores da favela Djalma Coelho e daqueles do entorno, especialmente os que habitam os prédios de alto padrão surgiu de um conjunto de fatores: o fato de os moradores da favela viverem um momento de grande instabilidade, o que permitia olhar o deslocamento destes, ao menos simbólico, pois eles viviam sob a ameaça premente de serem despejados do local, refletindo, portanto, sobre o significado de morar entre desiguais. Sua posição explicita as mazelas de serem considerados estranhos ao ambiente dominante do bairro (classe média alta) simultaneamente ao conforto de desfrutarem de uma rede de serviços (públicos ou privados) diferenciada em relação à que predomina nas áreas de exclusão, situadas na periferia, o que confere a esses moradores um capital social e uma "estrutura de oportunidades", especialmente no que diz respeito à oportunidade de empregos junto aos prédios vizinhos,

maior que paragrande parte dos pobres residentes na região metropolitana de São Paulo⁴⁵.

Seguindo, entretanto, a orientação de Bourdieu⁴⁶, evita-se “procurar os princípios explicativos das realidades observadas exatamente no lugar onde eles não se encontram (pelo menos, na sua totalidade), isto é, no próprio local da observação; assim, é certo que a verdade do que acontece nos ‘subúrbios difíceis’ não reside nesses lugares, habitualmente esquecidos, que surgem, de tempos em tempos, no primeiro plano da atualidade”.

Como afinar a escuta e a percepção sobre a realidade e como evitar que as diferenças de capital social entre entrevistado e entrevistador ofusquem a realidade que se tenta desvendar é a pergunta para qualquer pesquisador que se aventure na pesquisa sociológica. Bourdieu ressalta a importância de se evitar a comunicação violenta e intrusiva, substituindo-a por uma “relação de escuta ativa e metódica, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário” (Bourdieu, 1997, p. 695). Mas o próprio autor assume que a tarefa de por em prática essa escuta não é fácil⁴⁷.

Tempo de incertezas

As primeiras visitas à favela foram difíceis, porque os moradores estavam assustados pelo movimento em torno da questão da posse

⁴⁵ Tal como identificado por Almeida e D’Andrea, em estudo sobre a favela de Paraisópolis, onde, segundo os autores, a localização da favela [próximo ao bairro de classe alta do Morumbi] bem como sua antiguidade são fatores que aumentam o capital social de seus moradores.

⁴⁶ Bourdieu, P. “A demissão do Estado”, em *A Miséria do Mundo* (coord. Bourdieu, P.), pág. 215.

⁴⁷ Deparei-me com essa questão no trabalho de campo inúmeras vezes, tanto no que diz respeito à dificuldade de linguagem quanto à questão da necessidade de antecipação daquilo que o entrevistado concebia sobre o meu interesse e a minha posição como ser social no contexto da pesquisa. Esclarecendo melhor, na pesquisa de campo sobre a percepção dos entrevistados sobre a segregação sócio-espacial muitas vezes fui questionada a respeito do meu local de moradia, se era próximo ou distante dali, se eu estava do lado dos investidores imobiliários que pretendiam retirar a favela do local a fim de valorizar a área – o que era suposto por eles, visto que eu era moradora dessa vizinhança, interessada, portanto na questão – ou, surpreendentemente para eles, do lado deles.

do terreno e da remoção da favela. Em outubro de 2004, haviam sido informados pelos advogados⁴⁸ de que haviam perdido o processo que requeria a reintegração da posse do terreno aos proprietários particulares em segunda instância⁴⁹. Após esse evento, qualquer pessoa que se aproximasse do local seria visto como suspeito – como afirmou uma moradora – porque acreditavam que se tratasse de uma estratégia dos proprietários ou dos agentes imobiliários interessados no terreno em desestabilizar a comissão formada por moradores da favela. Logo após a decisão judicial, eles receberam a visita de “investidores”, termo pelo qual são designados os intermediadores da negociação entre os favelados e a proprietária, querendo persuadi-los a vender as “casas” o quanto antes, para apressar o processo de remoção da favela. Essas visitas parecem de fato ter assustado alguns moradores, que imediatamente após essas conversas, começaram a se mobilizar para a saída.

Nas visitas seguintes, foi possível compreender que a comissão não se encontrava tão articulada e informada sobre o que estava ocorrendo. Embora os advogados da ADM (Associação em Defesa de Moradia) estivessem se reunindo com eles, não havia por parte dos moradores e da liderança clareza quanto às informações legais. Ao narrar a história, um dos líderes afirmou que não compreendia como em 1996 eles teriam ganhado o processo e agora perdiam, confundia-se com a questão de ali ter se tornado uma área de interesse social (ZEIS) e com a questão do usucapião, pois a todo momento reforçava o fato de terem ocupado o espaço por mais de 30 anos. Assim, o clima era de total incerteza e desconfiança.

⁴⁸ Os advogados, vinculados à ADM (Associação de Defesa da Moradia) defendiam os moradores no processo de retomada de posse do terreno, movido pela proprietária.

⁴⁹ Uma área privada, invadida na década de 70. No início, havia apenas um pequeno número de domicílios, ocupados por trabalhadores da construção civil e seus familiares. A maior parte proveniente da Bahia, num típico processo de migração desse período.

Relações entre vizinhos

Desde as primeiras visitas e entrevistas, evidenciou-se que a relação mais densa – mais vivida e compartilhada – entre os favelados e seus vizinhos se dava no âmbito do trabalho: grande parte das moradoras presta serviços domésticos na vizinhança, enquanto a população masculina trabalha como porteiro ou em serviços de manutenção predial nos prédios do entorno. Mas essa relação intensamente vivida colocava os moradores da favela sempre no mesmo lugar: o da subordinação e subserviência.

Quanto aos demais espaços sociais, os moradores da favela freqüentam as escolas e creches públicas da vizinhança, onde se misturam aos demais moradores do bairro com situação sócio-econômica semelhante à deles, sem, no entanto, cruzar com o extremo superior da pirâmide social. Para o lazer, utilizavam intensamente o espaço da favela, onde se realizavam inúmeras festas – vários moradores do entorno classificam-nos como “muito festeiros” – e encontros musicais, o que poderia denotar um relativo fechamento do núcleo para as práticas culturais. Mas há o uso das praças públicas da redondeza, onde os garotos jogavam futebol e os pais passeavam com os filhos pequenos. A conexão com o largo de Pinheiros ou com as casas de forró que ficam próximas ao largo, denunciam que a mancha de lazer desses sujeitos se estendia por um trajeto que se podia fazer a pé.

Os jovens arriscavam saídas nas redondezas, onde proliferam bares e casas noturnas, mas, conforme dizem, não interagem com o público que freqüenta tais espaços, pois os acessos são quase sempre privados e o valor de ingresso ou de consumo está além de suas possibilidades. Podem compartilhar, em ocasiões ou espaços específicos – nas escolas, faculdades ou mesmo igrejas – da companhia de jovens de outra condição social, mas não estreitam relações de amizade com estes.

Os primeiros moradores chegaram ainda em meados dos anos 70, vindos da Bahia, mas não da capital, de municípios no interior. Um dos primeiros moradores, dono do principal estabelecimento comercial na rua Djalma Coelho, conta que a ocupação começou paulatinamente, num processo típico de migração ocorrido nesse período. Vieram os primeiros em busca de trabalho, construíram seus barracos e logo trouxeram os irmãos, os parentes, amigos conterrâneos e por muito tempo (sem precisar quanto), exerceu-se um certo controle sobre a entrada de novos moradores. O critério de acesso não foi explicitado tampouco o mecanismo de controle, mas pela história contada e pelo que pude observar, houve certo crivo de origem, de história familiar dos ingressantes, para a aceitação no grupo. Foi apenas nos últimos anos que a favela recebeu moradores de outras localidades, como Pernambuco e Minas Gerais, mas, ainda assim, foram poucos os entrevistados que não tinham origem baiana e uma relação de parentesco ou proximidade com esse senhor, o morador mais antigo, dono do estabelecimento para onde a correspondência era enviada, onde o documentário "Vizinhos" foi exibido, e onde aconteciam as reuniões da associação.

Considerando-se que 105 famílias ocupavam a favela em 2005 no terreno de 2 mil m², com apenas algumas edificações em dois andares – ou seja, baixo grau de verticalização – pode-se avaliar o alto grau de adensamento da ocupação (em média, 20 m² por família, claro que com variância, pois havia sobrados de 40 m² e também barracos de 12 m². As casas mais bem acabadas, de alvenaria e acabamento interno ficavam mais próximas às entradas das vielas na rua Djalma Coelho. Conforme se caminhava no seu interior, pelos becos que entrecortavam essas vielas já bastante estreitas, as moradias adquiriam feições mais precárias, embora nem sempre isso correspondesse a piores condições de renda das famílias – possivelmente isso esteja mais atrelado ao grau de parentesco ou proximidade com os primeiros ocupantes do terreno.

Como a correspondência chegava no estabelecimento comercial já mencionado – o bar do Zé – o único com endereço, nome de rua e número, não havia em nenhuma das vielas, muito menos nos becos ou nas casas alguma referência ou uma marcação de endereço, o que é um traço bastante peculiar dessa favela e justifica-se pelo número reduzido de famílias e pela relativa estabilidade da ocupação – muitos ali se encontravam há mais de 10 anos, havendo pouca mobilidade interna. Nos mapas mentais elaborados, não se observa nenhuma referência a números, ou a quaisquer outros sinais, como esquinas, becos ou ruas, a não ser em dois mapas que eram como croquis. Os demais tentavam representar a casa, mas nem mesmo conseguiam representá-la, em razão da estreiteza das vielas e da sobreposição das casas.

A importância do bar do Zé fica expressa em alguns mapas mentais desenhados. A função desse estabelecimento não se resume ao comércio. Durante a pesquisa, pude notar múltiplos usos do espaço: salão de reunião para assembléias, sala de exibição de filmes, ponto de encontro para troca de informações sobre oportunidades de trabalho, tanto para homens como para mulheres, espaço de lazer e diversão – mesa de sinuca, jogo de baralho – e forrós nos finais de semana. Os demais bares da favela também desempenhavam papel semelhante como ponto de encontro, mas no bar do Zé os papéis se multiplicavam: poderíamos dizer que ali funcionava um centro de convivência, um espaço entre o público (a rua, o bairro) e o privado (a favela).

A viela localizada à direita e no alto da representação era também conhecida como “beco dos ovos”. Segundo as moradoras dessa viela, tal denominação havia sido dada por outros moradores da favela, uma vez que ali moravam predominantemente mulheres descasadas ou solteiras, mal inseridas profissionalmente e que, portanto, tinham pouca renda monetária. Por isso o termo beco dos ovos, ou beco

onde só se comia ovos, ou não havia “dinheiro para mistura”. A exceção no beco dos ovos era o Moisés, o dono da mercearia, que, embora morasse ali, tinha condições de comprar a tal “mistura”.

A localização privilegiada em termos de acesso à infra-estrutura de serviços públicos (escola, creche, posto de saúde) e de oportunidades de trabalho (mais à frente será analisado esse aspecto em particular) e também o clima de tranquilidade da favela foram aspectos enunciados como os mais positivos pelos moradores. Se o vínculo entre eles não era forte o suficiente para construírem um consenso em termos de ação política, especialmente no momento da negociação da remoção, quando o grupo se desintegrou, também não se pode dizer que houvesse organizações rivais e conflituosas no interior da favela ou um poder que se legitimasse pelo medo ou pela ameaça.

Para a realização da pesquisa, iniciei a conversa com esse morador antigo e por ele criaram-se os fluxos de informantes (por indicação do entrevistado) até que fosse possível ganhar a confiança dos demais moradores para ingressar no interior da favela, especialmente em espaços ou moradias das famílias sem estreito vínculo (de parentesco ou origem, principalmente) com os mais antigos.

Estabelecidos ou outsiders

A hipótese com a qual trabalho é que as formas de resistência do grupo se alteraram ao longo do tempo, especialmente após a notícia da possibilidade de despejo, pois isso parece ter significado inflexão do discurso, especialmente dos favelados. A aparente cordialidade que transparecia nas narrativas dos moradores deu lugar, na fala dos favelados, a um misto de ressentimento em relação aos vizinhos ricos e de sentimento de não pertencimento (estranhamento) ao lugar⁵⁰.

⁵⁰ Uma das entrevistadas, membro da associação de moradores da favela, avaliou que as justificativas para a perda do processo eram, de um lado, a desarticulação política dos moradores, mas também o fato de que os moradores da favela não seguiram o código de

Como analisa Bourdieu:

“Pode-se ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando se não se dispõe dos meios tacitamente exigidos, a começar por um certo hábito. Se o habitat contribui para fazer o hábito, o hábito contribui também para fazer o habitat através dos costumes sociais mais ou menos adequados que ele estimula a fazer. Vê-se, assim, inclinado a pôr em dúvida a crença de que a aproximação espacial de agentes muito distantes no espaço social pode, por si mesma, ter um efeito de aproximação social: de fato, nada é mais intolerável que a proximidade física (vivida como promiscuidade) de pessoas socialmente distantes.” (Bourdieu, 1997, p. 165)

Analisando a relação desses moradores com a vizinhança rica, pareceu-me que se, à primeira vista, tinha-se a impressão de uma relação harmoniosa e não-conflituosa entre esses vizinhos, à medida que fui adentrando o espaço social destes, foi possível identificar que esse comportamento e esse discurso inseriam-se numa estratégia de resistência. Cotidianamente, os moradores da favela estavam expostos ao habitat diferenciado – e vice-versa – e para tolerar tal proximidade, lançavam mão de estratégias de identificação, de relação com pessoas conhecidas desse outro meio, especialmente empregadores e clientes, para se legitimarem e assegurarem aos vizinhos que, embora parecessem estranhos ao lugar, esforçavam-se por comportar-se de forma adequada.

Assim, foi comum ouvir relatos de que se arrependiam pelo barulho e arruaça que faziam em festas, vangloriavam-se de que as mulheres na favela tenham “criado” – como babás – os filhos das famílias abastadas vizinhas. O comerciante orgulhava-se de que os vizinhos vinham até o bar na favela comprar gás, ou engradados de cerveja e ainda pagavam à vista! Fatos cotidianos banais, mas de tão repetidos e marcados, revelavam a necessidade de provar para eles e para mim também que havia uma relação de confiança entre esses *desiguais*. Alguns fizeram alusão ao comércio ilícito na favela, mas nunca claramente. De qualquer modo, esse também era um ponto de contato entre a vizinhança e os moradores da favela: todos os

conduta do lugar, dando margem ao surgimento de inúmeros abaixo-assinados dos vizinhos em favor da retirada da favela.

contatos muito marcados pela troca – de serviços domésticos, de serviços prediais, de mercadorias – sempre mediada por dinheiro e pagamento à vista. O bar do Zé era assim, além do centro de convivência, negócios e cultura da favela, o local de intercâmbio com os demais moradores da vizinhança e com o restante do município.

No começo da pesquisa, em razão da novidade da recusa do recurso à reintegração de posse, os moradores da favela pouco falavam da questão da segregação, o que mais os interessava era a discussão sobre a permanência na região e sobre os benefícios de se manterem ali. Aos poucos, porém, e com a ajuda do documentário, que possibilitou acesso a depoimentos anteriores a esse evento, foi possível perceber que o discurso de “harmonia social entre desiguais” das primeiras visitas a campo não se sustentava.

Posteriormente, conseguindo maior credibilidade junto aos moradores da favela, especialmente no sentido de me desvincular do processo de retirada deles do local – porque muitos desconfiavam, a princípio, que eu fosse jornalista ou alguma informante atuando junto aos investidores interessados em negociar a saída dos favelados – apareceram elementos que evidenciavam a tensão entre os favelados e os moradores dos prédios vizinhos. Em uma das conversas com uma das líderes da associação e funcionária de uma academia nas proximidades, ela mencionou dois aspectos que denotavam que a relação não era tão harmoniosa como os discursos preliminares faziam crer. Um deles - e o mais marcante para esse estudo - foi a menção de que em uma reunião com membros do poder público, com os advogados e os moradores da favela, um dos técnicos⁵¹ disse que aquele lugar era como um “câncer dos milionários”. Após essa fala, segundo a informante⁵², houve muita comoção entre os presentes na reunião e ela credita a esse momento muito do estado de desânimo e

⁵¹ Ela não conseguiu precisar qual o cargo e o nome da pessoa, mas afirmou que se tratava de um técnico da prefeitura, que ajudava no processo.

⁵² E alguns outros moradores presentes nesse dia da entrevista confirmaram o fato, afirmando que houve “gente que até chorou” nessa reunião.

desarticulação da comunidade para continuar no processo de permanência desses moradores na área. Uma outra questão que contribuiu para o desânimo dela foi o fato de ter sabido – na ocasião em que conversou com a Administração regional em busca de um projeto de regularização da área – da existência de uma lista de abaixo-assinados dos vizinhos para a retirada da favela, o que a surpreendeu, pois até então acreditava que não houvesse um movimento organizado nesse sentido, embora soubesse da insatisfação de alguns moradores vizinhos em relação à proximidade da favela, incômodo atribuído por ela ao fato de serem muito “barulhentos”.

Numa outra ocasião, encontrei-a fora da favela, quando ela se mostrou mais livre para falar de seu estado de ânimo em relação à organização política da favela. Esse encontro ocorreu logo após a notícia de que os recursos legais estavam se esgotando. A sua fala denotava muita angústia, amalgamando-se os sentimentos de perda do lugar de moradia, obviamente, mas também a perda política do movimento, afetando especialmente os mais envolvidos no processo.

Nesse dia ela expôs de modo mais claro a sua insatisfação em relação à falta de união dos moradores da favela, um arrependimento por não terem feito melhorias no local, o que garantiria, segundo ela, a posse da terra. Apontei, então, que eles tinham feito a canalização do esgoto sem a ajuda do poder público ou de qualquer outra instituição e que isso poderia ser considerada uma melhoria. Mas ela não se referia à melhoria para eles próprios, mas para os outros, os moradores do bairro. Para os vizinhos, na sua avaliação, só o que trouxeram foi barulho até altas horas, algazarra, polícia e com eles os abaixo-assinados para a saída. Essa auto-culpabilização aparece mais de uma vez nas narrativas dos entrevistados, mesmo bem depois do período de remoção, como se acaso tivessem se comportado e agido

conforme o código de conduta do bairro pudessem ali permanecer por mais tempo.

Não havia mais na sua fala ou na sua postura vontade de continuar resistindo, estava assumindo pouco a pouco o discurso dominante de que não podem invadir a propriedade privada, que não podem estabelecer suas próprias regras de conduta, que, se estão num lugar que não é deles – não só por não terem a posse legal do terreno, mas também a posse simbólica, o domínio dos códigos de conduta do outro – a saída seria assumir o “deslocamento” e partir para outra. Nesse momento, então, ela começou a falar de sua saída particularmente, das tentativas de comprar um imóvel popular em alguma região periférica, talvez na Zona Leste.

Pareceu-me, então que ela buscava um acolhimento de um lugar que poderia ser o seu, mostrando-se cansada de resistir em um ambiente tão hostil e frustrada por tentar convencer os seus parceiros de que haveria a possibilidade de ocuparem esse espaço, a partir de uma regularização da posse da terra.

Um outro morador, jovem estudante universitário, nascido na favela, revelou o incômodo de viver entre desiguais. No seu caso, chamou atenção a fala mais articulada, cobrando do poder público a solução do problema de moradia das pessoas de baixa renda. Com esse discurso, pareceu desculpar os ricos, que “não têm obrigação de fazer nada pelos pobres”, tarefa do poder público, segundo acredita.

Quando conversamos sobre a questão da segregação, embora pontuasse que muitas vezes oculte o local de moradia, disse que não se incomoda em viver nessa favela, pois ela se localiza em um bairro bom, e por isso talvez, avalia, tivesse acesso privilegiado a informações e oportunidades que não teria se morasse em alguma outra favela, situada em uma região periférica. Entretanto, admitiu ter certo preconceito em relação aos ricos em geral, especialmente quando arrogantes e pretensiosos. Em um discurso um tanto

ambíguo, assumiu que se estivesse no “lugar” dos vizinhos ricos também não gostaria da proximidade com a favela – “ninguém gosta de ter um bêbado na festa”, disse o jovem universitário – atribuindo aos moradores da favela comportamento diverso daqueles que os circundam, inadequado sobretudo quando se tenta conquistar o direito a ocupar o espaço do outro.

O documentário “Vizinhos” trata da questão das diferenças entre três segmentos sociais dividindo o mesmo espaço físico (do bairro): a classe média residente nos prédios, que recentemente chegou à Vila Madalena, os moradores antigos, das casas modestas na vizinhança da favela, e os próprios favelados. O que mais chama atenção nas narrativas colhidas no documentário é a mudança que os novos moradores trouxeram para os antigos. A classe média diz que não conhece os antigos habitantes, porque não costumam andar pela redondeza, atribuindo isso ao medo da violência.

No grupo da classe média entrevistado para o filme, aparecem narrativas relevantes para esse estudo, pois demonstravam que os moradores bem próximos da favela não conheciam seus vizinhos pobres. Um senhor, 60 anos aproximadamente diz em seu depoimento: “Eu não quero nenhum tipo de relação com essas pessoas, eles só querem as nossas coisas, eles não fazem nada”.

Entre os moradores da favela ou das casas modestas que a circundam, a percepção é de que os “ricos dos prédios olham-nos como se fossem um teatro” (na expressão de um jovem), e a platéia fossem os moradores dos prédios que os observam com curiosidade de suas janelas.

Os vizinhos dos prédios parecem observar, pelos relatos colhidos, o cotidiano da favela, sempre à distância. A maioria deles nunca entrou na favela. Crianças entrevistadas no documentário imaginam que as crianças da favela tenham mais liberdade que as dos prédios, porque vêem-nos brincando na praça, sem a tutela dos adultos. Um dos

meninos entrevistados para o documentário disse que a diferença entre eles (crianças ricas e pobres) é que as pobres podem jogar futebol onde quiserem, em uma praça de frente à favela, na rua, enquanto eles (os ricos) têm que jogar em espaços fechados, como clubes particulares. Eles, no entanto, não se relacionam com esses meninos na rua, apenas vêm-nos pelas janelas dos seus carros, quase sempre fechados, e em alguns casos, blindados.

O morador mais antigo da favela é também a quem todos os demais moradores indicam para a entrevista: foi quem deu início à ocupação e tinha um comércio na entrada da favela, local onde os moradores se encontram para os mais diversos fins – assembléias, festas, conversas de fim de tarde. Na sua história de ocupação, pode-se depreender a fala de um estabelecido na favela, e o quanto a situação de estabelecido ali se associa à origem (espacial) dos moradores, que provém na maioria do estado da Bahia. Em entrevista, ele afirma sobre o início da ocupação do terreno:

“Ia chegando gente querendo comprar, mas a gente não conhecia as pessoas e não deixava entrar. Não deixava construir. A maior parte era de baianos, mas agora entrou pernambucano, mineiro, mas a força mesmo era o baiano.” (Zé)

O caráter de homem público na favela se vincula ao fato de ser o primeiro morador (critério da antigüidade), por um lado, e no conhecimento de grande parte das pessoas que ali reside – é em seu bar que chega a correspondência de todos os moradores da favela. A posição social privilegiada tem correspondência com o espaço que ocupa na favela; é dele o bar mais freqüentado e bem construído do lugar. Também representa para os demais moradores o homem de bem, trabalhador⁵³, imagem muito cara a eles, e possivelmente por

⁵³ Aspecto reforçado por ele no seu depoimento. Por várias vezes, ele descreveu o processo de construção do bar na favela, contando que sua jornada de trabalho ia das 4 da manhã às 8 da noite.

isso o indiquem para os entrevistadores⁵⁴ como a pessoa que tem algo a dizer.

Como percebem a segregação? Essa era uma das questões de pesquisa: como em espaços onde existem fortes contrastes econômicos e sociais no espaço ocupado, os moradores se colocam diante do tema da segregação?

Iniciou-se a pesquisa colocando-se em questão se a proximidade física aproximaria essas pessoas dos extremos da polarização social. Em todas as falas e representações simbólicas dos outros, destaca-se o sentimento de estranhamento, de não-pertencimento ao espaço social. Sobre o estranhamento e o indefinível, Bauman afirma:

“Os indefiníveis são todos nem uma coisa nem outra, o que equivale a dizer que eles militam contra uma coisa ou outra. Sua sub-determinação é sua força: porque nada são, podem ser tudo. Eles põem fim ao poder ordenador da oposição e, assim, ao poder ordenador dos narradores da oposição. As oposições possibilitam o conhecimento e a ação: as indefinições os paralisam. Os indefiníveis expõem brutalmente o artifício, a fragilidade, a impostura da separação mais vital. Eles colocam o exterior dentro e envenenam o conforto da ordem com a suspeita do caos. É exatamente isso que os estranhos fazem.” (Bauman, 1999, p. 65)

Também no interior do grupo, há um sentimento de estranhamento. O jovem universitário é o que melhor representa tal sentimento:

“...sinto-me diferente em qualquer lugar; não me identifico com os moradores daqui, nem com aqueles com quem trabalho ou estudo, em todo lugar sinto-me deslocado.” (Roberto)

Com essas preliminares reflexões acerca de um caso particular, não há a pretensão de apontar caminhos para política, tampouco de corroborar a prática desde sempre estabelecida por aqui – e alhures – de confinar os estranhos a um espaço determinado, a guetos, porque o trânsito, ou a mobilidade, que é um dos fenômenos mais atuais na sociedade, não mais permite que esse exercício de entrar em contato com estranhos seja aniquilado. Entretanto, o que parece explodir desses relatos e dessas observações, é que quanto mais próximos

⁵⁴ O jornal A Folha de São Paulo deu destaque a esse senhor, quando elaborou uma matéria sobre a saída da favela. Para caracterizá-lo, reforçava justamente os aspectos de morador mais antigo e de homem trabalhador, honesto, em oposição ao estereótipo de “malandro” ou “bandido”, ainda associado no imaginário social ao morador de favela.

dos "diferentes", dos "estranhos", maior a dificuldade de afirmação de uma identidade social.

E o que o caso analisado evidencia é que se os ideais da modernidade se dissiparam, as ações ainda se pautam em grande medida pela tentativa de aniquilamento do caos, da desordem, daquilo que não podemos compreender ou inserir de modo racional do nosso esquema de vida. A fuga da classe média para os condomínios fechados, para os enclaves fortificados é um sintoma dessa resistência em admitir o caos.

Da mesma forma, os "estranhos" resistem, tal como Scott (1985) aponta, em "every day forms of resistance", e não no molde de rebeliões violentas contra a ordem estabelecida. Pouco a pouco, em cada ação, resistem à opressão, que, por sua vez, também não se dá de modo veemente e direto, mas em discreto aniquilamento identitário do oprimido – "everyday forms of repression".

Na favela estudada, a condição de "ilegalidade" na ocupação da terra, especialmente ocupação de um bem privado revela, de um lado, a cristalização e a efervescência do traço patrimonialista da sociedade brasileira, mas também como o discurso, o cotidiano rege as ações muito mais que a legislação.

Os instrumentos legais contemporâneos podem assegurar a desapropriação da terra, pela função social; mas no pensamento, nas ações, de excluídos e incluídos, o direito de propriedade sobrepõe-se a qualquer outro. Os oprimidos sentem-se injustiçados, e afora as falas contidas e a subserviência cotidiana aos opressores, expressam o sentimento de injustiça. Mas nesse caso, particularmente, foi possível notar o cansaço e o desânimo em acreditar que seja possível mesmo que sem dirimir as diferenças, ao menos conviver com elas cotidianamente.

Nessa parte do trabalho, analiso os sujeitos de pesquisa comparando-os aos de outros estudos. Dialogo com a tese de uma mexicana, Ortega (2004), que faz um estudo etnográfico em São Domingos, loteamento clandestino na Cidade do México, a tese de Marzulo (2005), um estudo sobre identidade dos pobres e território, com base em estudo etnográfico na favela Pavão-Pavãozinho no Rio de Janeiro, e com o trabalho desenvolvido no Cebrap por D'Andrea e Almeida (2005) comparando os pobres de Cidade Tiradentes e Paraisópolis. Traço as similaridades e as diferenças encontradas entre esses e os sujeitos da pesquisa de campo.

Ortega analisa as práticas sociais e familiares em um assentamento popular em São Domingo, na cidade do México, tendo como referência teórica autores que tratam o espaço como socialmente produzido, as relações e estruturas espaciais como um produto e um meio de produção e reprodução das relações e estruturas sociais. A abordagem utilizada, assim como os sujeitos estudados são importante fonte de comparação com o estudo ora apresentado, em razão das similaridades das construções histórico-sociais na cidade do México e na metrópole de São Paulo, ainda que as condições atuais de cada assentamento sejam distintas. No caso estudado por Ortega, as famílias permanecem no assentamento, cuja formação remonta ao início da década de 70, mas por um processo de adensamento, houve uma diferenciação ocupacional do espaço. Ou seja, no seu caso, os sujeitos não se mudaram, mas sua posição relativa se alterou em razão das novas formas de ocupação desse espaço. No caso de estudo aqui analisado, a favela foi destituída em meados de 2005 e os sujeitos dispersaram-se pela metrópole. Estabelecidos desde o início da década de 70 em um espaço, o bairro da Vila Madalena, que passou por intenso processo de transformações socio-espaciais, pelo aumento dos empreendimentos imobiliários de alto padrão nas redondezas, os favelados não resistiram às mudanças, tampouco impuseram resistência à saída.

D'Andrea, ao relatar a pesquisa realizada na favela de Paraisópolis, cujo objetivo inicial era o estudo das redes de sociabilidade criadas pelas diferentes religiões, depois estendida para o estudo das diversas instituições do bairro, da relação da favela com o entorno e da questão da violência, conclui que a comunidade em questão tem "uma significativa estrutura de oportunidades se considerado o conjunto das favelas da Região Metropolitana de São Paulo e grande parte de seus bairros periféricos". Os fatores principais para essa posição privilegiada são, segundo o autor, a localização da favela (circundada por condomínios de classe média alta e mansões) e as redes sociais (familiares, religiosas, de conterrâneos, vizinhos e instituições) do terceiro setor que atenuam a situação de vulnerabilidade das famílias que ali residem. Porém, mais interessante para fins desse estudo é a comparação que o autor faz entre Paraisópolis e Cidade Tiradentes, mais especificamente sobre a percepção dos sujeitos sobre o local onde moram.

"Em primeiro lugar, a construção simbólica de Paraisópolis e Cidade Tiradentes é um grande diferencial entre ambos locais. Paraisópolis tem 65 mil habitantes. Cidade Tiradentes, 220 mil, mas o que se faz em Paraisópolis tem mais 'eco' ... Em Cidade Tiradentes transcorre um peculiar processo de invisibilidade, que, de certa forma, enquadra-se numa estratégia mais ampla de invisibilidade da pobreza" (D'Andrea, 2005).

As razões apontadas pelo autor para o desconhecimento ou invisibilidade dos pobres da Cidade Tiradentes estão associadas à distância do bairro em relação ao centro da cidade, à ocupação recente e ao efeito do "fechar os olhos", do não reconhecimento do local e dos seus moradores. Conforme observado pelo pesquisador, os moradores desse bairro manifestavam "vergonha" ao falar do local de moradia, evidenciando o estigma associado ao território.

Um dos entrevistados usou o termo "periferia dentro do centro" ao se referir à favela. Também não se pode falar em ocupação recente, pois os primeiros ocupantes chegaram ainda no início da década de 70, mesmo período de ocupação da favela de Paraisópolis, assim como do assentamento mexicano estudado por Ortega.

Invisibilidade pública, tal como define Gonçalves Filho, no prefácio a *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social* (Costa, 2004), “é expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente de classes pobres”⁵⁵.

“A opressão no campo e na cidade refreou os gestos, alienou o trabalho, impediu a ação e o governo, inibiu o riso e a voz, desmoralizou as religiões e as idéias dos oprimidos. Infestou o sentimento, a imaginação e a lembrança dos pobres por mensagens senhoriais ou patronais, mensagens de comando e desprezo... a humilhação social é sofrimento ancestral e repetido... a dor dos subordinados, repartida entre familiares, compadres e amigos, vai também naturalmente mover conversas com os vizinhos no bairro e com companheiros de classe nos intervalos do trabalho controlado”.

A reflexão desse autor – que realizou um longo trabalho de pesquisa com mulheres do Clube de Mães, na Vila Joanisa, bairro pobre na zona sul de São Paulo, acompanhando o trabalho e a organização política desses sujeitos – e de seu orientando, Fernando Costa – que estudou os garis da Cidade Universitária de São Paulo – embora não associem os pobres e seus territórios, contribuem para a compreensão do fenômeno estudado, especialmente no momento traumático da saída dos favelados da Rua Djalma Coelho, em junho de 2005.

Mais adiante quando tratar dessa experiência, voltarei à questão da invisibilidade, da ânsia dos sujeitos pesquisados em se verem retratados, mais até, reconhecidos pelo *outro*. Um *outro* cuja voz tem mais “eco”, ressoa. Foram muitos os momentos em que os entrevistados agradeciam o meu testemunho e o meu interesse neles como sujeitos de pesquisa, sem compreender ao certo o que eu procurava ali. O mesmo sentimento pude observar em relação à equipe de filmagem do documentário que não só testemunhou o momento mas gravou as imagens e devolveu aos sujeitos algo

⁵⁵ Costa, 2004, p. 22.

concreto: as imagens, os sons, os depoimentos deles como ocupantes daquele espaço⁵⁶.

Marzulo (2005), ao realizar o estudo etnográfico na favela Pavão-Pavãozinho, localizada na zona sul carioca, bem próxima à Copacabana, conclui que a mobilidade espacial desses pobres é bastante restrita nas áreas contíguas, estabelecendo-se redes de conexão que se estruturam sobre as relações de parentesco ou sobre a identificação de iguais, ainda que em territórios longínquos.

“Essa articulação, aparentemente contraditória, entre uma territorialidade metropolitana que faz parte da experiência existencial dos moradores, independente da geração, e o enraizamento na própria favela, aparece sistematicamente.

Embora com o passar dos anos e o envelhecimento aumente a dificuldade em vencer o obstáculo que são as escadarias para o deslocamento e contato com outras áreas da metrópole, o que se detecta é uma apropriação do espaço em uma escala metropolitana, embora limitada. A restrição se apresenta como uma restrição de classe, ou seja, o espaço metropolitano praticado pelos moradores, seja em virtude de relações familiares, trabalho ou lazer, está delimitado às áreas mais pobres da metrópole. Na Baixada Fluminense, particularmente Queimados e Vilar dos Teles, São Gonçalo, ou na cidade do Rio de Janeiro, em especial na zona oeste, em Jacarepaguá ou Cidade de Deus, o que narram os moradores é a dinâmica de apropriação de um espaço onde estão as classes populares, isto é, seus iguais. Em que pese as distâncias desse espaço metropolitano das classes populares e sua não-contigüidade, os relatos indicam que as áreas apropriadas se constituem enquanto territorialidade, entendida como espaço praticado e aos quais suas existências estão ligadas.” (Marzulo, 2005, p. 117)

Esses pesquisadores, embora acompanhem casos distintos e com enfoques diferenciados, coincidem quanto à escolha de seus sujeitos de pesquisa: os pobres contemporâneos nas metrópoles latino-americanas. Coincidem ainda quanto ao objetivo de identificar as redes de sociabilidade desses sujeitos. E sua relação com o território.

Utilizo ainda a tese de doutorado de Vera Silva Telles (1992), “A Cidadania Inexistente: Incivilidade e Pobreza”, especialmente os capítulos sobre pobreza e trabalho e pobreza e família. Interessa a discussão sobre o modo pelo qual “experiência de ser pobre é elaborada e transfigurada na percepção que os indivíduos constroem

⁵⁶ Em junho de 2005, quando ainda restavam pouco mais de 40 famílias no local, houve uma apresentação pública do vídeo produzido em 2000. Tive a oportunidade de testemunhar o evento.

das possibilidades e impossibilidades, virtualidades e limites contidos em seus horizontes de vida. É no modo como o mundo social é percebido e construído como horizonte plausível de suas vidas que, talvez, se tenha uma via de acesso para compreender essa relação feita em negativo entre a ordem da lei, da sociabilidade e da subjetividade” (Silva Telles, 1992, p. 117-118) para a articulação entre esfera pública e privada. Os sujeitos pobres que entrevisto parecem se apropriar dos espaços públicos (praças, rua, escola e posto de saúde públicos) mas não como resultado de uma ação como cidadãos, mas porque são esses que lhes sobram na medida em que as classes superiores não mais se interessam por tais espaços. Apropriam-se deles porque são refugos para as demais classes sociais. É a esses espaços que se mantêm atrelados os moradores da antiga favela, mas esses não substituem aquele que perderam, o entre público e privado, o bar do Zé. Na porta da creche, na igreja que distribui cesta básica e no posto de saúde vez por outra se encontram, mas não há mais o espaço fixo onde se reúnam para conversar e trocar informações entre si ou simplesmente aproveitar o tempo se encontrando.

Relações de trabalho e inserção no mercado

Nesse item, dialogo com dois trabalhos de Baumann, “Vidas Desperdiçadas” (2005) e “Comunidade” (2003), para, a partir das observações e considerações analíticas da pesquisa de campo, procurar responder à questão sobre as vidas desperdiçadas desses sujeitos pobres na metrópole e sua articulação com a sociedade capitalista na modernidade e na pós-modernidade.

Abordam-se aqui as relações econômicas entre os sujeitos de pesquisa: desde as ocupações exercidas, assim como as estratégias de sobrevivência antes e depois da remoção. Pelos dados coletados, pode-se depreender uma ampla rede de relações entre os moradores da favela estudada quanto à geração de oportunidades de trabalho. A

rede de parentesco e de amizade propiciava a geração de oportunidades de trabalho para grande parte desses moradores. Com o deslocamento, busca-se compreender o que se alterou nesse aspecto para os sujeitos pesquisados. Também se procura compreender quais as estratégias de sobrevivência após o deslocamento, tendo em vista que muitas famílias mantiveram filhos nas escolas próximas à favela, distante, muitas vezes, do novo local de moradia. Isso, aliado à perda de benefícios assistenciais, como as cestas básicas recebidas pelos moradores vindas das entidades filantrópicas da região, implicam aumento de custos e necessidade de realocação orçamentária.

As informações das tabelas abaixo derivam de um cadastro realizado pelos intermediadores da negociação entre favelados e proprietária. Não incluem todos os moradores, porque só cadastraram os proprietários na favela. Do banco de dados com 105 famílias, retirou-se, portanto as informações replicadas, uma vez que os dados de ocupação referiam-se aos proprietários e repetiam-se. Feita essa exclusão, restaram 95 famílias, dentre as quais 27 tinham informações sobre ocupações do(a) cônjuge. Assim, fora as omissões de informação referentes à ocupação (3 casos), obteve-se um banco de dados com 119 pessoas residentes na favela.

Tabela 1. Ocupação dos homens residentes na favela

Ocupação	Número	% do total de homens
Construção civil	17	27,4
Ajudante	3	4,8
Encarregado	2	3,2
Pedreiro	6	9,7
Pintor	5	8,1
Servente	1	1,6
Atividades de comércio	11	17,7
Atendente	1	1,6
Comerciante	2	3,2
Autônomo	1	1,6
Balconista	1	1,6

Barman	1	1,6
Copeiro	2	3,2
Cozinheiro	1	1,6
Florista	1	1,6
Gerente	1	1,6
Serviços de limpeza	5	8,1
Faxineiro	3	4,8
Lavador	2	3,2
Serviços de segurança	15	24,2
Porteiro	6	9,7
Segurança	7	11,3
Vigilante	1	1,6
Zelador	1	1,6
Outros serviços	11	17,7
Artesão	1	1,6
Taxista	2	3,2
Motorista	1	1,6
Manobrista	1	1,6
Motoboy	4	6,5
Jardineiro	1	1,6
Cabelereiro	1	1,6
Aposentado	1	1,6
Desempregado	2	3,2
Total	62	100,0

Fonte: Cadastro dos favelados realizado pelos intermediadores.

Quase todos os entrevistados tinham alguma inserção profissional, a maior parte das mulheres como domésticas ou faxineiras em domicílios vizinhos, muitas das quais com carteira de trabalho assinada. Entre os homens, a ocupação é mais diversificada, predominando a prestação de serviços, especialmente como porteiros, seguranças e as atividades vinculadas à construção civil. Existe uma forte relação de interdependência entre as ocupações masculinas e femininas: os porteiros dos prédios indicam as mulheres da favela para o trabalho doméstico nos apartamentos e cria-se assim uma rede de informações e de oportunidades de trabalho que reforçam os vínculos entre eles. Dentre todos os entrevistados, encontrei apenas um trabalhador na indústria, mas uma pequena indústria que fabrica pranchas de surf. Encontrei ainda alguns pedreiros ou ajudantes de obra, que trabalharam intensamente no

processo de demolição das moradias, pagos pelo intermediário da negociação entre proprietários e moradores. Afora esses, havia os que mantinham pequenos negócios na favela (2 donos de bar, 1 de uma pequena mercearia⁵⁷, que era literalmente invadida pelas crianças no final do dia, quando chegavam da escola). Um dos comerciantes, além de seu estabelecimento, tinha outros sete imóveis na favela, o outro comerciante, tinha o bar e mais dois imóveis. À tarde, quando observava a favela e entrevistava os moradores, a mercearia não tinha nenhum movimento, tanto que por muitas vezes, sentei-me na rua Djalma Coelho, junto com seu proprietário, para observarmos o movimento local. Já os bares, tanto o do Zé quanto o do Matias eram muito freqüentados no período da tarde. No bar do Zé, a mesa de sinuca agregava os homens que chegavam do trabalho, e por ali ficavam sentados para um papo e uma partida na mesa. As crianças recém-chegadas da escola também ficavam por ali, brincando na rua, vez por outra solicitando ajuda dos adultos. Em geral, as mães ou tias e irmãs vinham buscá-los após chegarem do trabalho ou de alguma tarefa doméstica.

Tabela 2. Ocupação das mulheres residentes na favela

Serviços de limpeza	44	77,2
Auxiliar de limpeza	3	5,3
Diarista	1	1,8
Doméstica	39	68,4
Faxineira	1	1,8
Outras	5	8,8
Agente de saúde	1	1,8
Estoquista	1	1,8
Professora	1	1,8
Vendedora	2	3,5
Do lar	8	14,0
Total	57	100,0

Fonte: Cadastro dos favelados realizado pelos intermediadores.

⁵⁷ O dono da mercearia no cadastro auto-classificou-se como ajudante de obras, profissão que tinha antes de tornar-se comerciante. Entretanto, acompanhando sua trajetória ocupacional, pode-se verificar que mesmo após a saída da Djalma Coelho, esse morador manteve sua ocupação como dono de bar, atualmente em Paraisópolis.

Dentre as moradoras cadastradas, mais de 77% eram trabalhadoras domésticas ou faxineiras e diaristas, outras 14% cadastraram-se como “do lar”, e as demais dividem-se em 3 ou 4 atividades diversificadas. Dentre as classificadas como do lar, apenas 2 não eram casadas, uma separada e outra solteira.

Certo dia, comentei com duas mulheres que voltavam da escola buscando os filhos (em geral, duas mulheres para 4 ou 5 crianças) que eu encontrava muito mais homens durante o dia na favela que mulheres, ao que responderam que isso decorria da falta de trabalho para eles – realização de bicos mais instáveis – assim, mesmo tendo apenas 2 desempregados entre os homens, aqueles que viviam de prestação de serviços nem sempre tinham regularidade no trabalho. A identidade com as mulheres e o tom um pouco jocoso da pergunta fez com que se liberassem para contar casos, e para concluir que muitas ali criavam os filhos sozinhas, mesmo tendo marido. Ambas, no caso, eram separadas e tinham essa história; uma delas até muito orgulhosa, em razão do filho ter já se formado e da menor não ter que trabalhar, podendo somente estudar. Coisa que queria ter feito para não ter que trabalhar de doméstica a vida toda. Muito comum ouvir entre as entrevistadas domésticas que se esforçavam para que as filhas estudassem para que não tivessem que se sujeitar ao trabalho como doméstica.

Havia uma família, cujo chefe era copeiro em uma padaria próxima, e sua mulher “do lar”, não trabalhava para cuidar do filho, que tinha paralisia. A mãe, sempre muito tímida e desconfiada, quase nunca falava, mas em poucas palavras manifestou o desejo de voltar para a Bahia, pois teria dificuldades em manter o filho em tratamento no Hospital das Clínicas, por causa da possível distância e da dificuldade de locomoção. Meses depois, soube que, de fato, a mulher e os filhos haviam retornado para o local de origem, e o marido ficou nas

proximidades, mantendo o trabalho e morando de aluguel em uma pensão, nos arredores de Pinheiros.

As domésticas entrevistadas apontaram as dificuldades em manter o emprego após a remoção, em razão do transporte e do aumento dos custos para os patrões. O que mais incomodou uma das entrevistadas foi o fato de o patrão, morador vizinho à favela, ter ficado satisfeito com a saída dos moradores de lá. Essa tensão antes aparente e explicitada no momento da retirada e no alívio percebido por elas causou, por um breve momento, uma certa rebeldia nos entrevistados.

Como a maior parte das moradoras exerce atividade doméstica, considero relevante aprofundar o tema, até mesmo para se estabeleçam relações de gênero no mercado de trabalho, com reflexos para as relações familiares e para a inserção dessas mulheres na esfera pública.

Até dezembro de 2005, muitas famílias – aproximadamente 20 – ainda recebiam a cesta básica, mas não mais realizavam as trocas de produtos que compunham a cesta, como anteriormente ocorria, quando vizinhas.

Também no que se refere ao valor de indenização recebido pelas famílias, busca-se compreender não apenas o processo de repartição do valor total da indenização, como também detalhar as diferentes estratégias familiares adotadas a partir desse recebimento, diferenciando-se aquelas que se mantiveram próximas ao território anteriormente ocupado, optando pelo aluguel. Entre as demais, que compravam imóveis em outras localidades mais distantes, procura-se identificar os custos com as novas moradias e os custos de transporte associados ao deslocamento.

Capítulo V: Como a trama se estampa no espaço

Nomes De Favela
Paulo César Pinheiro

O galo já não canta mais no Cantagalo
A água já não corre mais na Cachoeirinha
Menino não pega mais manga na Mangueira
E agora que cidade grande é a Rocinha!

Ninguém faz mais jura de amor no Juramento
Ninguém vai-se embora do Morro do Adeus
Prazer se acabou lá no Morro dos Prazeres
E a vida é um inferno na Cidade de Deus

Não sou do tempo das armas
Por isso ainda prefiro
Ouvir um verso de samba
Do que escutar som de tiro

Pela poesia dos nomes de favela
A vida por lá já foi mais bela
Já foi bem melhor de se morar
Mas hoje essa mesma poesia pede ajuda
Ou lá na favela a vida muda
Ou todos os nomes vão mudar



Passando pela rua Natingui, uma rua movimentada da Vila Madalena, que liga duas avenidas de intensa circulação – Pedroso de Moraes e Heitor Penteado – mal se via a favela. Eram cerca de 2 mil m² espremidos entre a rua Djalma Coelho, que é por onde se entrava na mesma, e por onde se abriam duas vielas.

A planta da favela foi feita em meados dos anos 90, quando os moradores se organizaram para a construção da rede de esgoto. Os quadradinhos entre as vielas são os pontos de esgoto, e a função da planta originalmente era essa, segundo Rui, orientar os locais de pontos de esgoto, caso houvesse necessidade de reparo ou manutenção.

Só posteriormente é que o mapa da favela foi utilizado como fonte de endereços e de proprietários, na definição dos valores a serem distribuídos pela negociação com os intermediadores Murilo e Marcos.

A fotografia quando o silêncio se impõe

Sérgio Porto, em sua crônica “Casa Demolida”, conta que, ao sair da casa onde nasceu e viveu seus primeiros 24 anos, antes que fosse demolida e desse lugar a um prédio, onde mais tarde viveu, fotografou cada um de seus pedaços na tentativa de capturar na memória as coisas que lhe eram caras. Ao final da crônica, após rememorar as emoções em cada um dos lugares por ele fotografado, finaliza:

“Rasgo as fotografias. De que vale sofrer por um passado que demoliram com a casa? Pedra por pedra, tijolo por tijolo, telha por telha, tudo se desmanchou. A saudade é inquebrantável, mas as fotografias eu ainda posso desmanchar. Vou atirando os pedacinhos pela janela, como se lá na rua houvesse uma parada, mas onde apenas há o desfile da minha saudade. E os papeizinhos vão saindo a voejar pela janela deste apartamento de quinto andar, num prédio construído onde um dia foi a casa.

Olha, Manuel Bandeira: a casa demoliram, mas o menino ainda existe.” (PORTO, S. A casa demolida)

Olha, Manuel Bandeira, Sergio Porto e outros autores de prosa e poesia: a favela demoliram, mas os meninos e meninas ainda existem e se avizinham do território alisado, com suas ruidosas falas

e suas trajetórias que se espremem por entre as frestas da solidez, tal como a luz se esgueira pelas frestas de uma gravura de Goeldi, mostrando sua força, sua intensidade e sua vivacidade sob o opacidade de territórios alisados.

Durante o processo de remoção que mais adiante analiso, tirei fotografias da favela em processo de destruição. Todo dia, ao chegar do campo, deparava-me com as fotos das ruínas que se formavam onde antes meus sujeitos me esperavam para a entrevista. Abaixo, algumas das fotos que tirei durante o mês de junho, enquanto os moradores eram removidos.





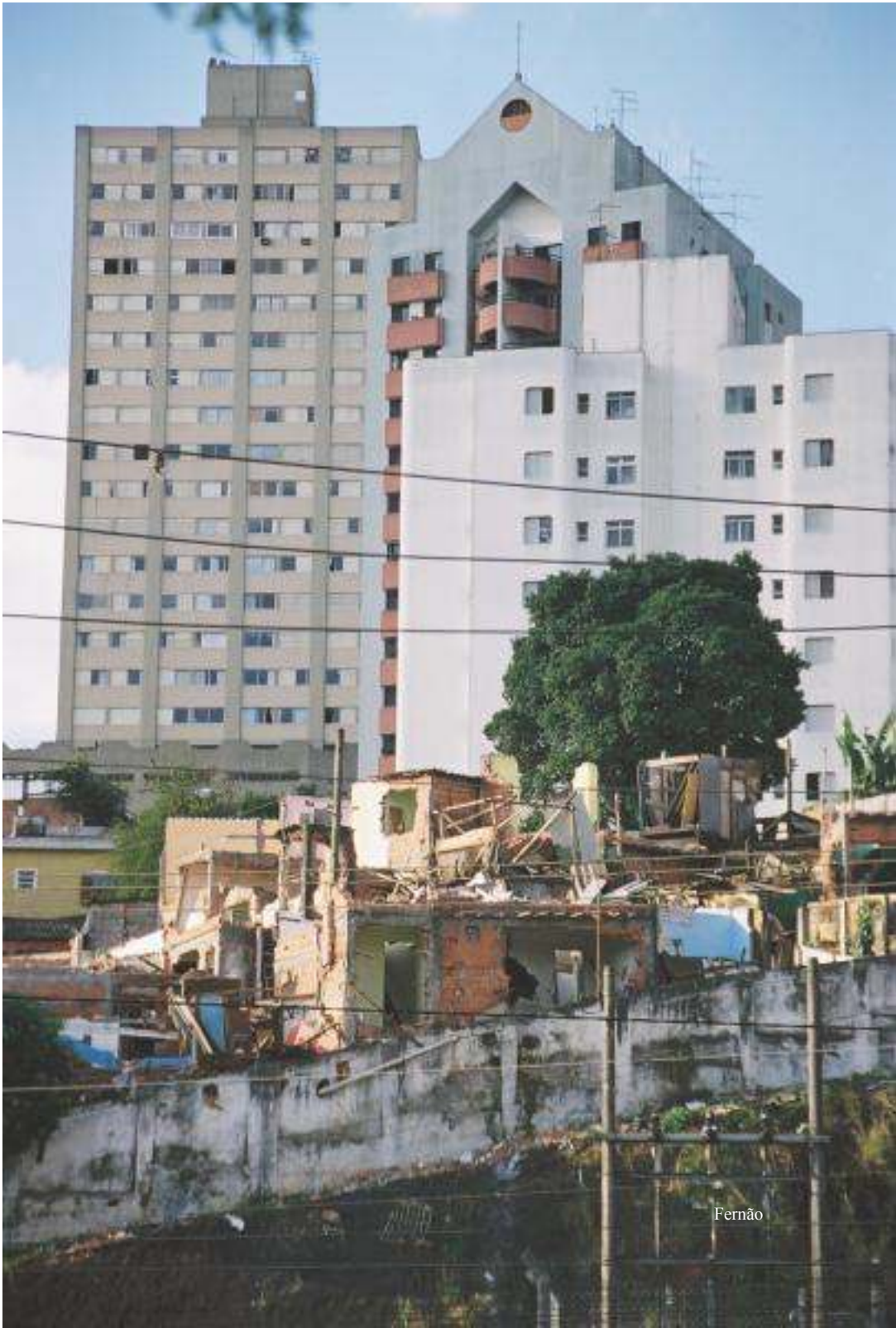
A seqüência abaixo é de Fernão, no site www.midiaindependente.org. Em uma busca no Google com os termos Favela Djalma Coelho, encontrei esse site. Entrei em contato com o autor das fotos, que me cedeu gentilmente o seu uso. São três olhares distintos: o meu, já de dentro da favela, observando as ruínas, o de Fernão, documentando a destruição, sob a perspectiva de quem passava pela rua e se indignava com a situação e o dos moradores, registrando suas lembranças dos espaços privados das casas, dos detalhes, dos amigos, lembranças...











Favela



Foram muitas séries do mesmo: as ruínas em que se desfaziam o espaço da favela. Muito distantes da fase inicial da pesquisa, quando

a representação, ainda que distanciada e tímida, ainda representava o conjunto de moradias, seus moradores em atividades corriqueiras.



Fotos tiradas pela autora, em junho de 2005, durante a remoção

Certo dia, em meio à remoção, cansada de tirar fotos da destruição e cansada de ouvi-los falar do trauma da mudança, da necessidade de derrubar paredes antes mesmo que tivessem tempo de arrumar suas coisas em outros espaços, fossem moradias cedidas ou quartos emprestados para depósito de seus bens, resolvi pedir a eles que tirassem fotografias para que guardassem na memória o lugar onde viveram.

As fotos deles são as que seguem abaixo:



Fotos tiradas pelos moradores, em junho de 2005, durante a remoção: no bar da favela, entre amigos e detalhes da casa



Fotos tiradas pelos moradores, em junho de 2005, durante a remoção: em frente a casa, foto dos filhos e do pai



Fotos tiradas pelos moradores, em junho de 2005, durante a remoção: entrada da casa, mãe e irmão



Fotos tiradas pelos moradores, em junho de 2005, durante a remoção: na porta da casa, com o vizinho. Ao fundo, seu trabalho escolar.



Fotos tiradas pelos moradores, em junho de 2005, durante a remoção: detalhes do interior das casas. A TV, o pôster e a caixa com "coisas"



Fotos tiradas pelos moradores, em junho de 2005, durante a remoção: fachadas.

É nítida a diferença entre os dois conteúdos dos registros fotográficos e diz respeito à representação do local por sujeitos distintos: o pesquisador e aquele que têm vínculo com o lugar. A questão a ser discutida aqui é o que significa o registro fotográfico para cada um dos atores aqui envolvidos. Ao registrar a remoção da favela, detive-me na representação do caos, da confusão, daquilo me afligia no momento. Os moradores, ao contrário, aproveitaram o momento para registrar os filhos na janela, os vizinhos no bar, cenas cotidianas que não sabiam quando nem como iriam recompor. E coisas, suas coisas: bancos, caixas, pôsteres, roupas, vitrôs... Só depois de muito tempo fui ler essas fotografias e só pude fazê-lo quando depois das entrevistas, mais íntimos, me mostraram seus baús (caixas, álbuns, ou malas) de fotografias. Em todos os conjuntos de fotografias, pude observar os registros das coisas: aparelhos de som, carros, gado na casa dos pais, armários, bicicletas, e os amigos. Muitas vezes só as coisas apareciam e mais ninguém. E eles me contavam das histórias que essas coisas "congeladas no tempo" pela fotografia contavam. A aquisição de uma *coisa* estava atrelada a uma história: o armário que a mulher comprou quando se casou: aquele armário, que foi comprado nas lojas Marabraz ou Casas Bahia, como tantos outros ali vendidos, ali naquela casa lembrava a mulher, delicada, frágil, que não suporta ser montada e desmontada; o carro que sempre havia desejado, do mesmo ano da chegada a São Paulo, embora comprado numa feira de usados quase vinte anos depois; o som que ganhou em troca de uma dívida de jogo. As coisas contavam e eu havia quase jogado fora as fotografias que haviam tirado durante a demolição por achar que elas não diziam nada. Estavam lá as caixas, os ídolos, o time de futebol, as rixas entre marido e mulher de times distintos, os apelidos de alguns moradores, todas as coisas remetiam a outras coisas, lembranças de um tempo.

A fotografia como recurso de congelar o tempo foi utilizada por nós, participantes desse momento, de modos distintos e nem por isso

contraditórios. Eu registrei em inúmeros congelamentos o caos e a desordem, a poeira, e ainda assim não dei conta de toda a complexidade que o acontecimento me suscitava. Os sujeitos da pesquisa não registraram nenhuma foto da destruição, não era o que propunham que se fizesse congelar desse tempo vivido, mas sim as experiências de convívio, amizade, os detalhes da casa onde moraram, congelando um outro tempo, dentro daquele tempo. Perspectivas distintas de um mesmo acontecimento.

Pareceu-me que esses sujeitos queriam se mostrar mais que como *máscaras* ou *caras*, como *rostos*⁵⁸. Nas matérias sobre a remoção feitas pela imprensa, nenhum rosto, nenhuma foto deles em atividades corriqueiras, sorrindo ou mostrando a casa e as coisas. Esses sujeitos ao se fotografarem e registrarem a si mesmos e as suas coisas pareciam estar em busca desse reconhecimento como rosto.

As fotos das janelas, dos amigos, ocorreram simultaneamente às minhas fotos da destruição. O tempo era o mesmo; a leitura que se fazia do tempo, porém, era outra. Enquanto fotografávamos, e a equipe do documentário filmava as ruínas, os moradores remanescentes continuavam a cozinhar, lavar, levar os filhos à escola, somando-se a essas atividades mais uma apenas, que era a busca por novas moradias. Em casais, essa procura era feita pelos maridos. As mulheres solteiras, com ou sem filhos, acumulavam suas tarefas domésticas, o trabalho, o cuidado com as crianças e a procura por moradia.

Levanto as trajetórias dessas famílias, desde a saída da Bahia, na maior parte dos casos, analisando todos os deslocamentos, a partir das histórias de vida dos adultos que migraram e dos jovens que

⁵⁸ Esses conceitos vêm de Florensky, mas conheci-os em Safra, G. (2004). A po-ética na clínica contemporânea. Por essa forma de leitura, ser máscara é “a condição em que o ser humano foi reduzido ao registro social... aprisionado na imanência dos códigos sociais”. Ser cara é “estar reduzido a um organismo biológico” e ser rosto é “uma possibilidade para aqueles que puderam integrar sua condição de instabilidade por meio do gesto criativo frente ao Outro”. (p. 65-66).

nasceram em São Paulo, reconstruindo suas memórias sobre os espaços nos quais circularam, especialmente em três pontos específicos: sua origem, em geral o interior da Bahia, a favela Djalma Coelho e a nova moradia.

Em seguida, traçamos pontes que relacionam e interligam esses espaços, dando dinâmica ao processo de reconstrução de suas trajetórias de vida.

Quebrando o fio

A fotografia, tirada antes do início da remoção, mostra os prédios ao fundo da favela, construídos entre as décadas de 80 e 90 e as construções de alvenaria. Em março, quando iniciei a pesquisa de campo e já havia a negociação entre favelados e intermediadores para a saída da favela ainda havia barracos sendo reformados ou construídos.

Desde novembro do ano anterior, os moradores haviam sido procurados pela empresa Corujas Empreendimentos e Participações Ltda, que intermediaram a negociação entre a proprietária do terreno e os moradores. Durante os três primeiros meses do ano, a associação de moradores esteve reunida com os advogados da ADM, em busca de solução jurídica para que ficassem no local. Após perderem o processo em segunda instância, os advogados de defesa dos moradores da favela ainda tentaram recursos, mas já conversavam sobre a possibilidade de negociação da indenização.

Os negociadores, em entrevista, afirmaram que não havia possibilidade de ganho de causa para os moradores, uma vez que a proprietária havia requerido a posse continuamente, o que inviabilizaria o pedido de integração de posse por usucapião. Estive presente em alguns encontros dos moradores com o negociador. Não havia hostilidade alguma durante a negociação. A tensão se deu em dois momentos: quando se decidiu pela saída e na definição de

valores. Tal como informou Murilo, um dos negociadores, o valor repassado aos moradores correspondia ao total da indenização a ser paga, 780 mil reais. Após terem a planta e os valores definidos pela associação a serem pagos para cada família, os negociadores tentaram definir a saída por setores, mas os moradores recusaram.

A remoção proposta aparece na planta abaixo. Segundo o plano dos incorporadores, a faixa em amarelo seria a primeira a ser demolida, seguida da azul, da verde e, finalmente, da vermelha. Nos mapas seguintes, será possível perceber que a remoção não seguiu essa ordem, mas ao final, as áreas verde e vermelha, que ficavam de frente à rua Djalma Coelho, onde se localizam os principais estabelecimentos comerciais, foram as últimas a serem demolidas. No caso do bar do Zé, imóvel de número 1, é importante ressaltar que a correspondência de todos os moradores era encaminhada para o seu endereço, Djalma Coelho, 221. Esse era o único imóvel que tinha nome e número; todos os demais nenhuma demarcação. Os moradores poderiam ter numerado suas casas, mesmo que extra-oficialmente, para a distribuição da correspondência. Quando perguntei a eles por que motivo não o faziam, alguns apontaram a importância de ter um número fixo, como de todas as outras casas da cidade. A inscrição de casa 1, casa 2 etc faria com que os remetentes identificassem a moradia irregular. Outros apontaram que era mais confiável que eles mesmos pegassem a correspondência no bar, pois teriam que contar com uma distribuição informal e, a depender de sua relação com esse distribuidor informal, poderiam deixar de receber correspondências que julgassem importantes. Outra função relevante desse estabelecimento durante a remoção foi a de servir como depósito de móveis dos moradores que se mudavam provisoriamente para casas de parentes ou amigos e depois vinham recolher seus utensílios.

De qualquer modo, esse estabelecimento era o espaço de encontro: todos passavam por ali ao menos uma vez ao dia para pegarem suas correspondências. Havia o depósito não só de coisas mas de confiança nesse estabelecimento e em seu dono. Durante a fase de remoção, alguns moradores mostraram-se desconfiados do velho José, mas passado algum tempo, não mais falaram nisso.

todos colocavam essa exigência como o maior obstáculo na negociação de compra de outro imóvel, uma vez que tinham que negociar a compra e se mudar com os móveis, antes ou simultaneamente ao pagamento pelo novo imóvel. Muitas famílias encontraram saídas provisórias em casas de parentes e amontoavam seus pertences nas já apertadas casas de tios, vizinhos ou amigos. Alguns deixaram parte da mobília na casa de vizinhos na favela ou mesmo no bar do Zé, que se transformou em um grande depósito nos quinze dias anteriores à remoção total da favela. Como adiantamento, as famílias receberam 1 mil reais, para que providenciassem documentos e fizessem a mudança, mas descontados posteriormente quando recebiam o valor total da indenização.



Foto aérea da favela, antes da remoção, fornecida por Corazza.

A área em vermelho corresponde à ocupada pela favela até meados de 2005. Os negociadores estimam que o terreno, hoje desocupado, possa ser vendido a 1,7 milhão, mas aguardam a revisão do Plano Diretor, na expectativa de que a área deixasse de ser ZEIS. Tal como informado por um funcionário da Sub-prefeitura de Pinheiros, as chances de, na revisão, essa área deixar de ser considerada ZEIS era grande, uma vez que o terreno era particular e não mais residiam nele as famílias de baixa renda. A inclusão dessa área como ZEIS foi, na opinião desse funcionário, menos uma conquista dos moradores da favela que a ação de um vereador da região.

Em um trabalho realizado por Corazza, sócio da empresa intermediadora⁵⁹, expõe-se o histórico de litígio em torno da área assinalada.

Corazza, citando outros exemplos de remoção na cidade de São Paulo, como a *favela do Povo*⁶⁰, defende que o acordo com os moradores da Favela Djalma Coelho tenha sido favorável aos mesmos. Nos demais casos, afirma ele, os moradores receberam indenização de 5 mil reais. No caso de estudo, embora algumas famílias (13) tenham recebido valores inferiores a 5 mil, a maior parte (70%, aproximadamente) recebeu quantia superior, tendo alguns recebido 16 mil reais (os dois bares da favela). Na entrevista, disse ainda que só havia feito o pagamento da indenização em razão do acordo ter sido firmado antes da recusa dos dois recursos. Nesse momento, segundo ele em abril, a proprietária tentou voltar atrás no pagamento da indenização, mas já havia assinado o acordo com os moradores. Em campo, pude perceber que a recusa dos dois recursos tinha tido o efeito de acelerar o processo de negociação e procura por novo local de moradia. Além disso, os moradores temiam o despejo

⁵⁹ Coruja Empreendimentos era o nome da empresa, como constava no cartão de apresentação.

⁶⁰ Em 16 de outubro de 2007, o jornal Folha de São Paulo noticiou, no caderno Cotidiano, a remoção de 82 famílias da Favela do Povo, no Itaim Bibi. Nessa área, além das famílias, foram removidas quadras de esporte que eram exploradas “ilegalmente”, como afirma a matéria. Para as famílias removidas, a prefeitura realizou um cadastro, oferecendo pagamento de aluguel ou indenização de 5 mil reais para aquisição de nova moradia.

judicial, sem pagamento de indenização. De novo, o temor da lei, dos juízes, do Estado...

Efetivamente, o processo de remoção iniciou-se no último final de semana de maio, e, já no início, 23 famílias receberam indenização. Como se observa pela tabela abaixo, os primeiros a saírem não foram aqueles que receberam as menores indenizações. A saída foi pautada pelas necessidades e arranjos estabelecidos pelos moradores. Se temos aqui a imagem cartográfica da desconstrução da favela, não se pode dizer o mesmo de sua construção, o que revela métodos distintos e a legitimidade do processo de remoção – fotografado, anunciado, cartografado – em oposição à história oral da construção da favela.

O mercado imobiliário na favela

Os entrevistados para essa pesquisa sempre me remeteram a um morador – Rui – quando o assunto foi definição de valores. Conforme declarou Rui, presidente da extinta associação de moradores, houve uma intensa negociação e muitas reuniões para definição dos valores, junto à pressão exercida pelos negociadores da remoção, a Coruja Empreendimentos. Pelo seu relato, a primeira tentativa foi que cada um estabelecesse o valor de seu imóvel, o que totalizou mais de 2 milhões de reais. Diante do limite dos 750 mil, quantia inicialmente oferecida para a remoção imediata, Rui tentou refazer a divisão dos valores, pautado pela tipologia construtiva. No documentário, aparecem moradores reclamando dos valores: quase todos haviam começado a negociação de valores que equivaliam a pelo menos o dobro do conseguido. Nesse ressentimento, uma noção clara de que se houvessem vendido os barracos pouco tempo antes da notícia da remoção, os valores teriam sido o dobro do recebido. Inconcebível para eles que uma simples notícia, um rumor, tenha feito despencar os valores dos imóveis. Um deles se surpreende ao falar do tema:

como pode um barraco valer 20 mil reais em um mês e, dois depois, receber de indenização apenas 9 mil?

Os imóveis foram, então, subdivididos em três categorias: os de madeira teriam os menores valores, estabelecidos em 3,5 mil reais. Por várias vezes, tentei descobrir o motivo pelo qual esse foi considerado o valor mínimo. Não houve esclarecimento. Alguns disseram que esse seria o último valor negociado antes de saberem da remoção; outros disseram que se tratava do valor de construção de um novo barraco nas mesmas condições. Os imóveis de alvenaria, por sua vez, se subdividiam em outros dois tipos: sobrados e térreos (sem laje). Depois de ajustes, reuniões de negociação e cortes daqui e dali, chegou-se ao valor de 780 mil reais, sobrando ainda uma quantia – cerca de 200 a 300 reais – para as famílias que moravam de aluguel, para que tivessem tempo para procurar nova moradia.

Pelos valores apresentados nas tabelas e nos mapas acima, é possível identificar que os imóveis de menor valor (entre 3,4 e 4,5 mil reais) ficavam justamente no beco à esquerda da planta da favela, encostados ao muro da Eletropaulo. Mais tarde, identifiquei que esse era o *beco das putas* ou *beco dos ovos*, ocupado majoritariamente pelas *mulheres sem marido*.

O imóvel de número 79, ainda que localizado no mesmo beco foi avaliado em 9,5 mil reais, de mesma propriedade do barraco 27, onde funcionava uma mercearia, cujo valor foi avaliado em 13,5 mil reais.

Além destes, é relevante apontar a localização dos imóveis de maior valor na negociação (entre 13,5 e 16 mil reais): os de número 27, 28, 1 e 105. Afora o de número 28, de propriedade de um dos moradores mais antigos e também o comerciante mais reconhecido na favela, os outros três eram do uso comercial. Em seguida, os imóveis negociados entre 11 e 12 mil reais, 7 imóveis no total,

espalhados pela favela, dois dos quais de propriedade da família Rocha.

Outros 29 imóveis foram negociados nos valores de 5 a 6 mil reais, também espalhados pela favela. Mais 36 tiveram seus valores avaliados entre 8 e 10 mil reais.

Na explicação de Rui, o menor barraco e o mais precário foi avaliado em 3 mil e quinhentos reais, e, a partir deste, foram sendo elevados os valores, conforme tamanho e condições de construção e acabamento. Alguns de madeira, pelo tamanho, tiveram avaliação similar a outros de alvenaria de menor tamanho. A combinação foi complexa e, ao que parece pelos depoimentos dos moradores, mal-compreendida.

Cartografias distintas

Também me impressionou a cartografia estilizada utilizada pelos advogados na negociação. É de se notar o alisamento na cartografia, vista em três dimensões: a da criança, a do presidente da associação, que faz a ponte e a do advogado, Corazza. No mapa da menina, e na sua interpretação da favela, as casas se sobrepõem; não há um polígono exato nem para descrevê-las, tampouco suas vielas e ruas. Mas há a indicação precisa do endereço do estabelecimento do Zé, número 221, do seu contato com a rua Djalma Coelho, a reta de onde se inicia a favela e a representação linear desse imóvel, em contraponto aos demais, desordenados. O telhado do bar é reto, em contraste com todas as demais casinhas que na imagem da menina são tortuosos e disformes.

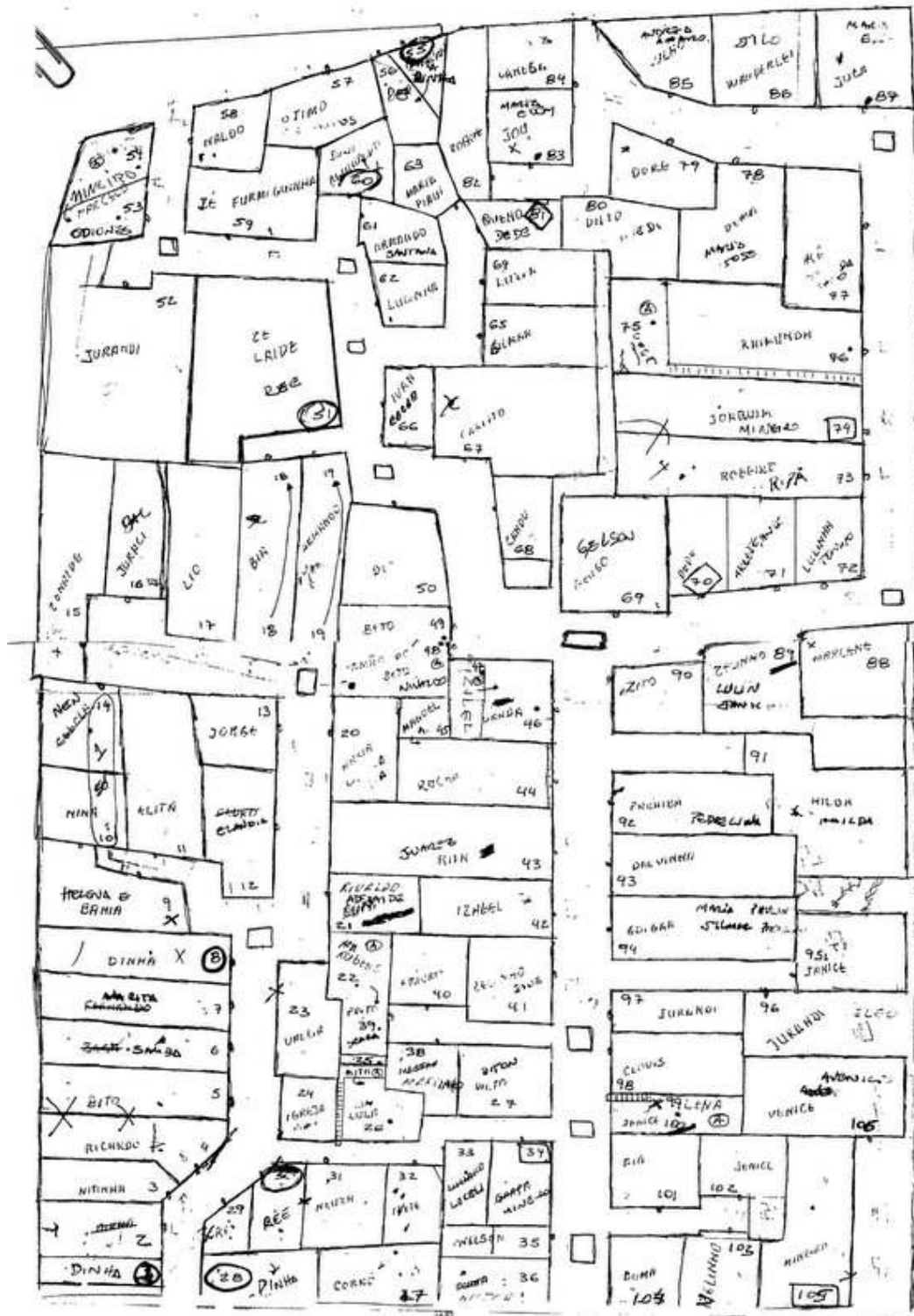
No mapa de Rui, que, como já dito, serviu inicialmente para o planejamento da implantação do esgoto na favela, há rabiscos, nomes trocados, em razão de vendas posteriores, da passagem de locatários a proprietários de barracos, mas já não se vê mais a sobreposição, pois a planta alisou o terreno. Ainda assim, depois de

decodificado na entrevista, pode-se ver que os sinais – uns rabiscos, ou degrauzinhos – revelam outras coisas daquele emaranhado de casas.

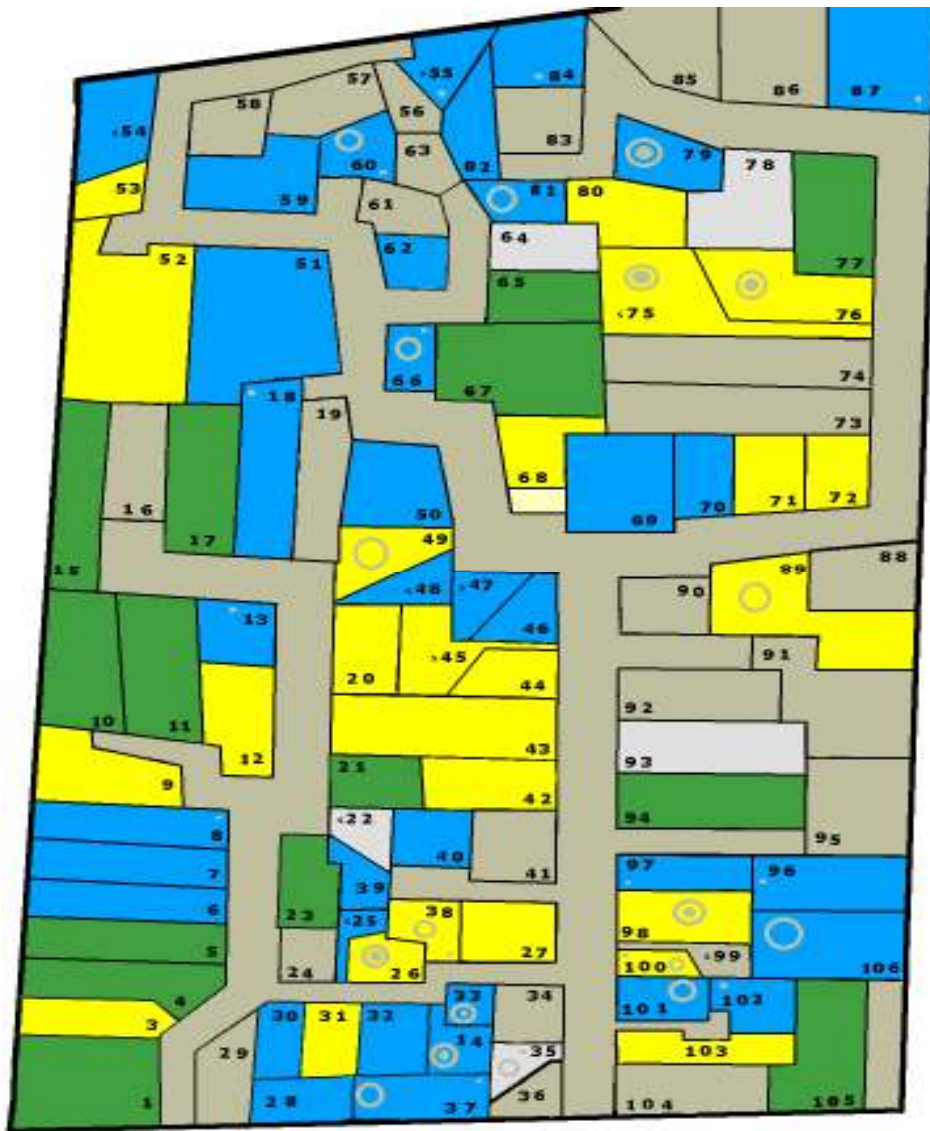
Na estilização do advogado, perdem-se todas as referências de detalhes. Números, cores, retângulos e ângulos retos recodificam a linguagem e a representação do espaço. Ao lado dos números das casas, nomes de proprietários e valores de indenização. A seguir, o mapa de seqüência da saída, na linguagem estilizada:



Desenho da favela, feito por uma criança de 11 anos. O número 221 em destaque.
Sua casa designada com um X



Planta da favela desenhada por Rui, o presidente da Associação, em meados de 90, para a instalação da rede de esgoto.



Planta da favela redesenhada por Corazza, para a negociação da remoção.

Em 30 de maio/01 de junho. 1ª saída. 23 famílias

Número	Nome	valor	Para onde foram
16	A. Pinho	5.000,00	
19	M. Rodrigues	9.000,00	
24	J. R. dos Santos	5.000,00	Jaraguá
29	G. G. de Jesus	6.000,00	
34	R. da S. de Jesus	5.000,00	
36	A. P. de Almeida	5.000,00	Casa de aluguel
41	M. R. dos Santos	7.000,00	
56	J. F. de Paiva	5.000,00	
57	J. S. Oliveira	5.000,00	
58	J. da S. Gomes	7.000,00	
61	A. de Jesus	5.000,00	
63	M. de J. dos Santos	5.500,00	
73	A. C. dos Santos	4.000,00	João XXIII
74	R. da S. de Jesus	4.000,00	Casa de aluguel
83	M. dos S. de Almeida	5.000,00	
85	A. M. Amaro	4.500,00	
86	A. P. de Almeida	3.500,00	Casa de aluguel
88	M. N. Evangelista	8.000,00	
90	J. O. Santos	9.000,00	
91	R. P. de Oliveira	6.500,00	
92	P. A. Teixeira	8.000,00	
99	F. S. Alves	5.000,00	
104	A. M. dos Santos	8.000,00	

Na primeira saída, ainda não pude identificar os locais de destino de grande parte dos moradores. Aqueles dos imóveis de número 24 e 73, como eram já informantes da pesquisa indicaram com precisão o local para onde iriam, já com barracos comprados. Os dois que mencionaram as casas de aluguel ainda estavam à procura de um local definitivo e saíram apenas provisoriamente.

No segundo final de semana, 06 e 7 de junho, mais 4 famílias saíram, dois irmãos que se dirigiram à favela de Paraisópolis, onde já havia parte da família e uma outra família, do imóvel 75, que foi para o Jardim das Palmas, na zona sul de São Paulo, onde também residia parte da família (tios e irmãos).

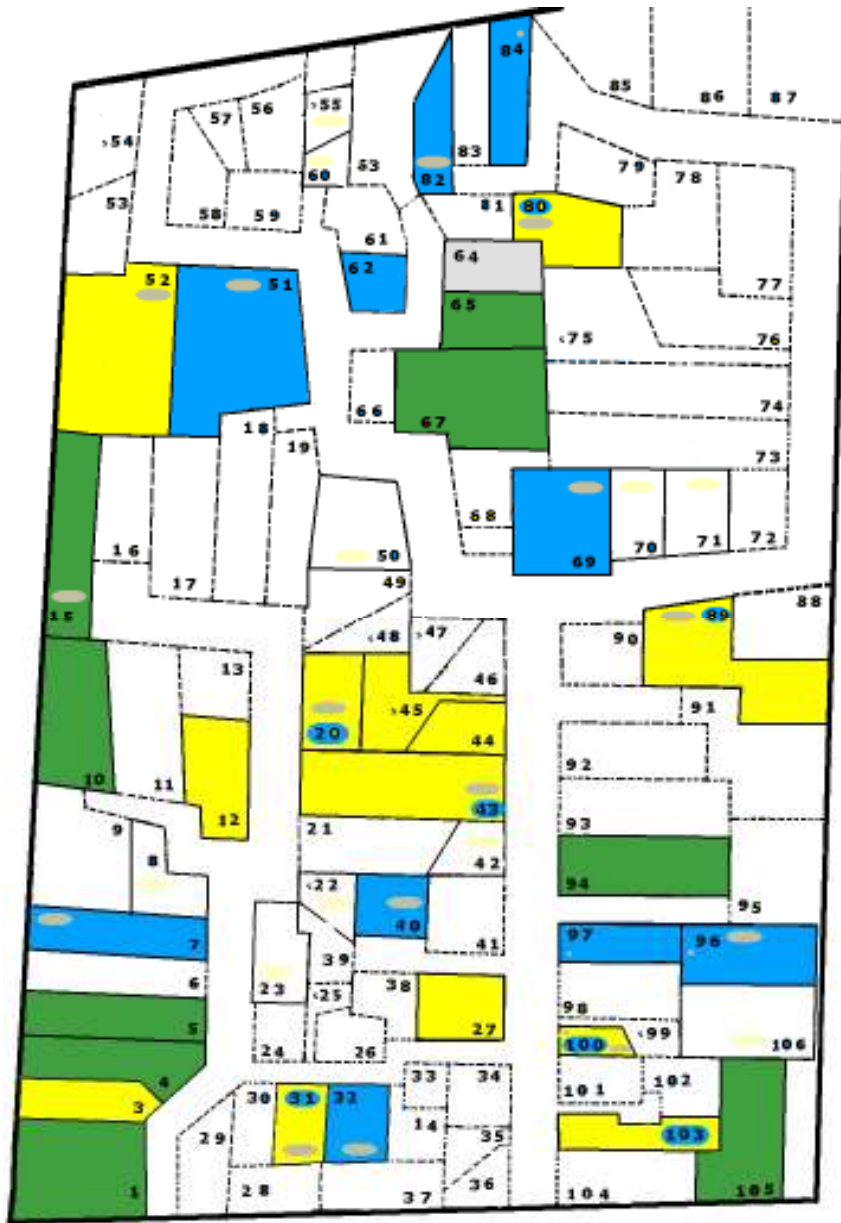
Número	Nome	valor	Para onde foram
75	J.de Santana	4.000,00	Jardim das palmas
76	R. M. de Jesus	4.000,00	Paraisópolis
79	D. de Jesus Lima	9.500,00	Paraisópolis
95	J. Silva Alves	5.500,00	Paraisópolis



Nos dias 12, 14 e 15 saiu grande parte dos moradores da favela (44 famílias), restando apenas algumas famílias até a data limite, que era tida como 27 de junho. Não obtive muitas informações a respeito desses moradores quanto ao local de destino. Os que têm anotação, mais uma vez, já tinham sido meus informantes na pesquisa de campo. Uma das famílias foi para casa de aluguel na Fradique Coutinho, bem próximo à antiga favela, outras duas para a favela do Jaguaré⁶¹. Uma família, também parente daquelas que se encontram na primeira tabela, destinou-se à favela do Paraisópolis. Uma outra, embora não parente da anteriormente mencionada, foi para o João XXIII, próximo ao Km 26 da Raposo Tavares. Uma família foi para casa de aluguel no Rio Pequeno, mas adquiriu um imóvel na Zona Sul de São Paulo, próximo à represa de Guarapiranga. A família do imóvel 27 foi para a favela do Mangue, também na Vila Madalena, adquirindo dois imóveis, esse de moradia, e um outro para fins comerciais na favela de Paraisópolis, onde também tinham parte da família.

⁶¹ Mais tarde, pelas entrevistas, soube que uma dessas famílias já teria se mudado da favela do Jaguaré.

Número	Nome	valor	Para onde foram
6	J. de S. Macedo	8.000,00	
8	A. P. de Almeida	7.000,00	
9	H. de J. T. Alves	9.000,00	
11	E. S. de Oliveira	9.500,00	Fradique
13	J. G. Santos	6.000,00	João XXIII
17	L. M. da Silva	6.000,00	
18	V. D. Oliveira	8.000,00	
21	A. B. de Araújo	8.000,00	
22	R. F. da Silva	8.500,00	
23	V. P. de Jesus	9.500,00	Jardim das palmas
25	J. da S. Gomes	4.000,00	
26	J. V. B. de Jesus	4.500,00	
27	D. de J. Lima	13.500,00	Favela do Mangue
28	A. P. de Almeida	16.000,00	
30	R. D. Nascimento	5.000,00	
33	L. S. dos Santos	5.000,00	Jardim das palmas
35	N. dos Santos	4.000,00	
37	J. D. Nascimento	11.500,00	
38	A. R. Freitas	5.500,00	
39	V. F. de Souza	8.500,00	
42	I. M. de Jesus	9.000,00	Jaguaré
46	D. R. dos Santos	6.500,00	
47	I. C. Santos	3.500,00	
48	N. A. Silva	9.000,00	
49	C. A. A. Silva	9.000,00	Jaguaré
50	J. E. M. de Cerqueira	10.000,00	
53	O. R. dos Santos	5.500,00	
54	J. C. R. dos Santos	5.000,00	
55	A. P. de Almeida	5.000,00	
60	A. P. de Almeida	7.000,00	
66	A. P. de Almeida	5.000,00	
68	R. dos S. Pereira	5.000,00	
70	V. O. dos Santos	5.000,00	
71	J. A. S. de Oliveira	6.500,00	
72	J. A. A. da Silva	5.000,00	
77	L. M. dos R. Santos	5.500,00	
78	M. J. de J. Teixeira	9.000,00	
81	V. O. dos Santos	3.500,00	
87	E. Sebastião	5.000,00	
93	L. L. de Jesus	7.000,00	Paraisópolis
98	C. D. de Jesus	9.000,00	
101	M. D. S. de Almeida	7.000,00	
102	J. V. B. de Jesus	8.000,00	Rio Pequeno
106	A. Dutra	9.000,00	



Na semana seguinte, entre 23 e 24 de junho, mais 19 moradias foram demolidas, restando apenas 14 que sairiam até o dia 29 de junho.

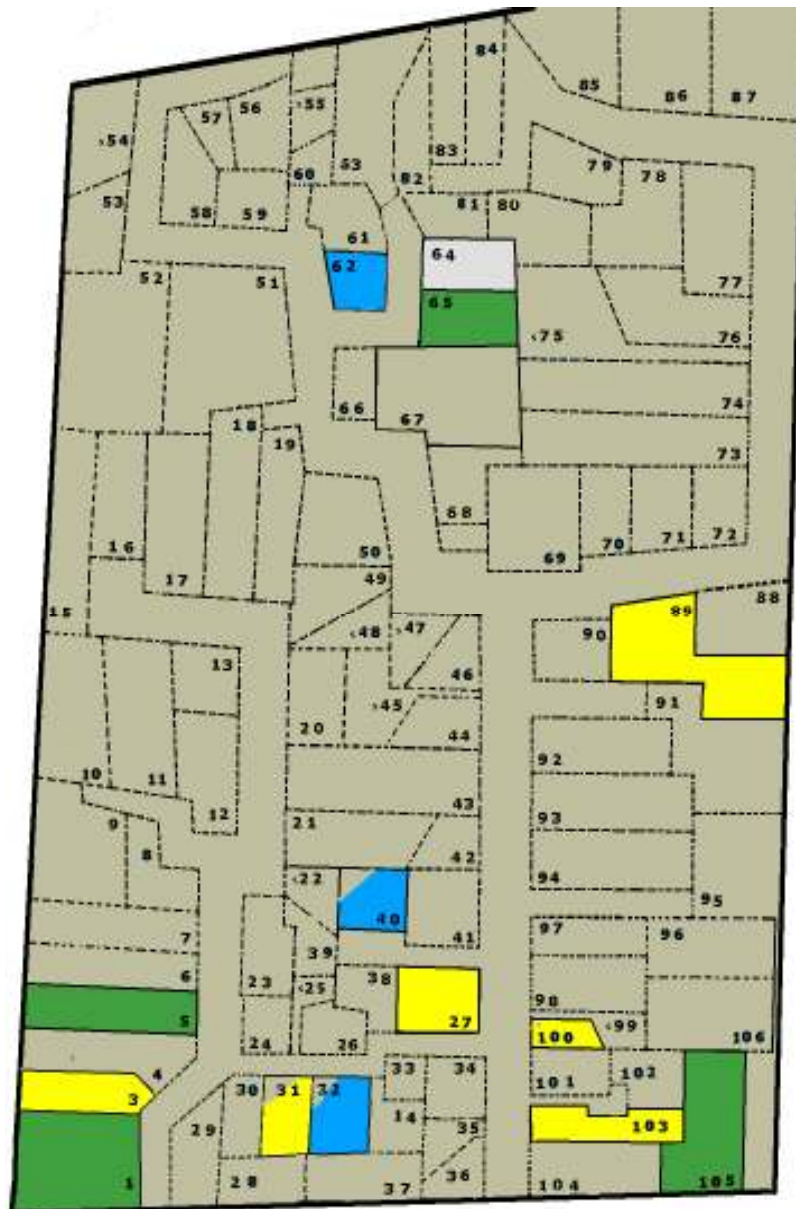
Número	Nome	Valor	Para onde foram
4	J. de O. Rocha	11.000,00	Rio Pequeno
7	A. R. G. do Nascimento	9.500,00	
10	L. M. da Silva	9.500,00	Vila Zart
12	<i>E. M. Coitana</i>	6.000,00	
15	Z. da S. Santos	9.500,00	
20	C. L. da Silva	8.500,00	
43	J. de O. Rocha	11.500,00	Jaguaré
44	L. de O. Rocha	9.000,00	
45	M. M. de Oliveira	9.000,00	Jaguaré
51	R. D. Nascimento	10.000,00	
52	J. C. Fernandes	11.000,00	
67	C. J. da Silva	11.000,00	
69	G. M. dos Santos	9.000,00	

80	I. de J. Almeida	12.000,00	Mangue
82	R. de J. Lima	4.500,00	
84	V. L. de Jesus	5.000,00	
94	M. P. da Silva	9.000,00	
96	L. E. de O. Gomes	9.000,00	
97	E. da S. Oliveira	6.000,00	

Dessas 19, só obtive informação a respeito do destino de 5 famílias, dentre as quais uma foi para favela do Mangue, outras duas para a favela do Jaguaré, uma para o Rio Pequeno, e, finalmente, uma outra para Vila Zart.

Entre os últimos a saírem, os três estabelecimentos comerciais, sendo que o dono de um deles não mais era residente na favela no momento da remoção, embora houvesse sido um de seus fundadores. Os outros dois foram para a favela do Mangue e um deles refez o negócio na favela Paraisópolis. Mais outras duas famílias, parentes entre si, destinaram-se à Paraisópolis, onde já havia outros familiares. Apenas uma das famílias com quem tive contato durante a pesquisa de campo na favela retornou à Bahia. A moradora do número 31 comprou imóvel na favela do Ceasa, próximo ao Ceagesp.

Número	Nome	Valor	Para onde foram
1	A. P. de Almeida	16.000,00	Não morava na favela. Esse imóvel é o estabelecimento comercial
3	J. M. de Jesus	6.000,00	
5	A. O. da Silva	11.500,00	
27	D. de J. Lima	13.500,00	Estabelecimento comercial. Comprou outro em Paraisópolis
31	N. Viana	8.500,00	Favela Ceasa
32	C. R. Sagrado	5.500,00	
40	E. G. dos Santos	10.000,00	
62	V. L. A. da Silva	9.500,00	
64	L. de J. Teixeira	5.000,00	
65	M. da C. S. de Menezes	6.000,00	
89	L. A. O. da Silva	10.000,00	Paraisópolis
100	J. S. O. da Silva	5.000,00	Paraisópolis
103	<i>E. C. dos Santos</i>	8.000,00	Retorno à Bahia
105	R. da S. de Jesus	15.000,00	Estabelecimento comercial. Comprou no Mangue



Como se pode notar, ao menos pela pequena amostra para a qual obtive resposta, predominou a saída para as favelas mais próximas ao local da antiga moradia: Jaguaré e Paraisópolis. Um dos critérios de escolha dos locais de nova moradia era justamente a facilidade de transporte. Muitas vezes, ouvi discussões a respeito de oportunidades de imóveis descartadas em razão da distância em relação ao bairro de Pinheiros. O largo da Batata, em Pinheiros, para onde converge um grande número de linhas de ônibus era o ponto de partida para o cálculo da distância e do tempo gasto em condução. Como muitos tinham trabalho próximo à favela e não pretendiam tirar os filhos da

escola no meio do ano letivo, o cálculo do custo de transporte foi muito relevante para as estratégias de localização dos novos locais de moradia.

Ainda assim, houve algumas famílias que optaram por morarem mais próximas a outros parentes, seja porque já tinham terrenos na zona sul, ou porque as oportunidades em termos de preço e tamanho lhes pareciam mais vantajosas. Essas famílias não mantiveram filhos nas escolas e creches da Vila Madalena, optando por refazerem a vida em outra região da cidade, onde teriam o apoio da rede familiar na reconstrução de suas casas.

Nessa perspectiva de território alisado, não há poeira, nem barulho, nem riscos de se caminhar pelas vielas estreitas, a princípio, quase intransitáveis pelo acúmulo de entulho que se adensava. Ao final da demolição, a sobreposição não era mais de casas, mas de cacos. A esse final, seguiu-se o silêncio. O mato cobrindo o terreno, o silêncio, o muro encobrindo o que antes era vivido. No documentário ainda não terminado⁶², da mesma diretora de "Vizinhos", a cena final congela nessa mesma paisagem: o mato e o silêncio. A diretora, acompanhada pela câmera caminha desolada por entre as ruínas do que um dia havia sido barulhento e movimentado.

⁶² Só tive acesso ao primeiro corte do filme, com o compromisso de não divulgá-lo. Apenas farei aqui uma referência, autorizada pela autora.





Sobre o silêncio

Paisagem com Poema em segundo Plano
Heliodoro Baptista

I

«Tantos nomes que não há
para dizer o silêncio».
Através das palavras, as que sobraram
dos outros e se encurvam à luz
edificamos a casa, flores alucinantes
e a canganhiça do fogo eterno
que há no amor.
Com esta não invoco um nome
e o meu país, acorçado, volta-se de perfil
com suas mulheres magras e sombrias e trágicas
pegando fogo aos sexos extenuados
As quizumbas deixam de ladrar
quando o medo cessa e da paisagem em movimento
(os rios inúteis? o crepúsculo das vontades?
os cascos do remorso? as crianças sublevadas?)
nomeia-se, se embebe tipograficamente
a humildade dos vultos em fila
ante o impossível milagre dos pães.
Como no circo
há quem não bata palmas.
«Tantos nomes que não há
para dizer o silêncio»
mas lembro, soletro devagar:
nocturno e geralmente inacessível
um homem percorre todos os lugares
e volta-se escuramente
para dentro de si
- que é a única prisão disponível
para o tamanho da sua luz.
As estrelas baixam ao nível do chão
e guardam-no para a eternidade
que há em cada sono.

II

Tudo veio de muito longe
(murmuram-no as mulheres expostas
acariciando o púbis chamuscado)
para todo este território
onde as formas rápidas e convulsas
explicam as cabeças submergidas
na vertigem fabulosa
das parábolas.
Da infância à adolescência
os meninos souberam-no pelo Índico
na concha cheia de suas mãos puras e arrebatadas:
a dimensão do real é sempre discutível
como o adivinharam há muito
as aves canoras inundando
a inteligência da terra.
Fluo e refluo no tempo e na sua sombra
e dissimulo-me no capim, nos corais, no jardim urbano,
nas orelhas apreensivas, na cristação de alguns cristais
e sobretudo nos músculos das palavras ausentes
a crescer no formidável espaço do poema

- o amor inundará tudo
até ao sabugo das unhas.
Das letras, em algumas noites,
são esses os sinais que recebemos.

III

É isso: morre-se ou vive-se na ambigüidade
mas o amor empolga como nunca
antes em qualquer nervo desta galáxia.
Então pensamos:
por cima de toda a folha
há a luz, este surpreendimento
a suor de animais insaciados que se veste de nós
e de nós se assombra (ou inquieta, subverte?)
a urbana convivência
tecida em silogismos
e recamada de ódios.
As coisas, ah as outras coisas
surgem pela própria ausência.
E assim
há gente que ama a fome
pois sempre aprendeu dos novos fabulários:
a burla nasce quando a dúvida
acontece o simples e delicado povoado
onde o coração emite
as seculares ondas de repulsas.
As palavras amadurecem, transcendem-nos.
Como os dias. Este trajecto imemorial.
Os vãos escuros das escadas. Os estádios ao sol.
As vazias mesas. Uma criança estremunhada na noite.
O império dos sentidos. Uma braçada de folhas de mandioca.
Das mulheres feridas, a teimosia. Na pele, os mil olhos.
E insuspeita, delicadamente
a sombra reflexiva
(há séculos? desde ontem?)
de um escriba na audição
do poema que não fará.
Porque, hoje como nunca,
«tantos nomes que não há
para dizer o silêncio».

Beira, 85
IN Cadernos «Diálogo» 1
As Palavras Amadurecem – 1988

Não sei se é possível dar em prosa a dimensão do silêncio que se fez no espaço e no tempo pós-remoção. O ressentimento pela perda do espaço e do tempo de construção das casas fez-se em silêncio. A casa desses sujeitos não é feita em curto período: passa-se a vida construindo as casas; em pouco tempo, as mesmas são demolidas. Ao contrário de outros espaços em que se faz um monumento ou

mesmo uma praça⁶³ em memória aos que ali estiveram, sofreram ou apenas habitaram, no caso das remoções, não fica registro.

Quando quis voltar a conversar com os sujeitos da pesquisa em seus novos locais de moradia, poucos foram os que responderam ao meu pedido: o ressentimento ainda era forte demais para que pudessem falar a respeito. Ainda assim, transcrevo no capítulo VI uma das entrevistas realizadas nesse momento. Os momentos de silêncio ou de choro na entrevista são incômodos tanto a mim como a eles; e, na falta do que dizer, encho-os de perguntas. Passados quase dois anos da remoção, voltamos a conversar, agora não mais apenas sobre a remoção, mas sobre as histórias de vida desses sujeitos que atravessaram esse período. Cada um trata e elabora a seu modo esse momento; mas em todas as histórias os personagens se cruzam e a relação entre os homens aparece. É o que será exposto a seguir.

⁶³ Recentemente, foi noticiado na imprensa o projeto de construção de uma praça no espaço que ficou conhecido como buraco do metrô em Pinheiros. O tal buraco, decorrente das obras de construção da estação de metrô, causou a morte de sete pessoas, além do desalojamento temporário de moradores do entorno. A tragédia foi veiculada durante um mês pela imprensa. Um concurso realizado em 2007 escolheu o projeto vencedor para a construção de uma praça e de um terminal intermodal de transporte coletivo no lugar onde ocorreu a tragédia.

Capítulo VI: A reconstrução da trama pela memória

Memória
Cecília Meireles

Minha família anda longe
contravos de circunstâncias:
uns converteram-se em flores,
outros em pedra, água, líquen,
alguns, de tanta distância,
nem têm vestígios que indiquem
uma certa orientação.

Minha família anda longe,
- Na Terra, na Lua, em Marte -
uns dançando pelos ares,
outros perdidos no chão.

Tão longe, a minha família!
Tão dividida em pedaços!
Um pedaço em cada parte...
Pelas esquinas do tempo,
brincam meus irmãos antigos:
uns anjos, outros palhaços...
Seus vultos de labareda
rompem-se como retratos
feitos em papel de seda.
vejo lábios, vejo braços,
- por um momento, persigo-os;
de repente os mais exatos,
perdem a sua exatidão.
Se falo, nada responde.
Depois, tudo vira vento,
e nem o meu pensamento
pode compreender por onde
passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.
Mas eu sei reconhecê-la:
um cílio dentro do Oceano...
um pulso sobre uma estrela,
uma ruga num caminho
caída como pulseira,
um joelho em cima da espuma,
um movimento sozinho
aparecido na poeira...
Mas tudo vai sem nenhuma
noção de destino humano,
de humana recordação.

Minha família anda longe.
reflete-se em minha vida,
mas não acontece nada:
por mais que eu esteja lembrada,
ela se faz de esquecida:
não há comunicação!
Uns são nuvem, outros lesma...
Vejo as asas, sinto os passos
de meus anjos e palhaços,
numa ambígua trajetória
de que sou o espelho e a história.
Murmuro para mim mesma:
"É tudo imaginação!"

Mas sei que tudo é memória...

Memória como reconstrução

Se para Santo Agostinho, como aponta Bosi⁶⁴, a memória é o ventre da alma, nesse capítulo, estaremos agora como a mergulhar na alma dessa tese.

Trabalhar o conceito de memória me ocorre por necessidade. Ao me deparar com a remoção dos favelados, tentei reconstruir com eles a memória coletiva⁶⁵ do lugar onde viveram, através de histórias orais e da memória material – fotografias, objetos, imagens.

Como jovem pesquisadora em memória, busquei nos ensinamentos de Bosi o caminho para desenvolver essa parte da pesquisa: assim, fiz pré-entrevistas, caminhei por locais conhecidos dos moradores, visitei com eles suas memórias da infância vendo os baús [caixas de sapato, na maioria das vezes] de fotos, tentei entrevistá-los na maioria dos casos em suas casas, mesmo que improvisadas, mas, acima de tudo, mantive-me atenta ao que seria a entrevista ideal para a autora: “aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera”. (Bosi, 2003, p. 60).

Ainda assim, na transcrição das narrativas, mantenho alguns deslizes meus como pesquisadora, por não me abster de falar ou perguntar, quando o entrevistado permanece em um incômodo silêncio. Nem sempre pude fazer o sacrifício do eu, que na entrevista “pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo” (op. Cit., P.65)

A construção da memória do lugar que não é representado publicamente, com as classes populares, apresenta uma singularidade. Por princípio, não se consideram legítimos contadores

⁶⁴ Bosi, E. (2003), p. 36.

⁶⁵ Conceito do sociólogo Maurice Halbwachs, em que a memória remete à idéia de contexto social no qual o indivíduo está inserido. A memória, assim, não se resume à conservação do passado, mas à reconstrução da experiência com as imagens e idéias de hoje. Para uma melhor compreensão do conceito, e de sua distinção em relação ao conceito bergsoniano de memória, remeto à obra de Ferraz (2000).

de sua história, portanto uma primeira barreira a ser transportada é a transmissão da confiança, não apenas de que não serão deturpadas suas memórias, mas a confiança de que tenham algo a ser lembrado, reconhecido. Convencê-los de que a versão deles era tão verdadeira como qualquer outra foi um dos maiores desafios. Ainda assim, sempre que tinham que falar de datas, documentos, afligiam-se e, por fim, mantinham alguma dúvida.

Traço um paralelo da cobertura jornalística de outro evento ocorrido na capital de São Paulo para mostrar como a representação pública do sofrimento do deslocamento autoriza os indivíduos a falarem. O silêncio dos sujeitos que entrevisto se relaciona com o silêncio sobre a sua questão.

Como interpretar suas memórias dos lugares por onde passaram, por onde viveram, se não se sentem representados na fala do outro, a não ser pela tragédia, pela bandidagem e pelo incômodo? Por que nos vêem como assistentes sociais ou jornalistas em busca da tragédia? Por todas as vezes que voltei a falar com meus entrevistados, tive que retornar com a fala que queria contar a história deles. E todas as vezes me perguntavam por quê, e não conseguiam sair do momento da remoção, que é trágico, não há dúvida, já que significa a destruição de um espaço, a moradia e o entorno, que levou anos e muito esforço para ser construído. Mas suponho que seja pela representação que tem de seu papel na história da cidade, por serem corriqueiramente *máscaras*, sob a imanência dos códigos sociais: são pobres, assim só podem ser vistos como tal, como aqueles para quem falta alguma condição material. Foi só nesse momento que se viram como sujeitos, como *rostos*, foram chamados à fala. Depois da remoção, o silêncio sobre a sua situação os impede de falarem sobre suas trajetórias de vida, comuns, banais demais para virarem notícia.

No curso de Ludmila Catela, no NEV da USP, anotei suas observações a respeito de não haver memória dos desaparecidos das “vilas”, da população indígena e dos camponeses durante a ditadura militar argentina. A memória dos desaparecidos na ditadura argentina se faz com relatos dos familiares, ex-presos políticos, estudantes e operários, mas sob um recorte de classe.

Utilizo para isso de uma literatura sobre memória, adquirida em um curso que realizei no NEV, na USP. A professora e pesquisadora da Universidade de Cordoba, Ludmila da Silva Catela, a partir de estudos de Polack, assim define a memória:

“La memoria también se asocia a experiencias individuales, a tragedias colectivas, a la mitologización de “tiempos pasados”, a lugares que ya no están o a nuevos lugares de culto, a fiestas y a conmemoraciones”

Esta maleabilidad sugiere la concepción de estrategias analíticas sistemáticas y jerarquizadas, flexibles y creativas: la relación de la memoria con la nostalgia, por ejemplo, puede evocar comunidades sociales en vía de disolución, pasados y balances individuales hacia el final de la vida; su asociación a dramas colectivos y situaciones límites, invita al conocimiento de páginas negras de los pasados nacionales, etc. La memoria (las memorias), en su sentido más amplio acompaña preguntas y definiciones sobre las identidades sociales, culturales, políticas. También abre posibilidades para entender disputas y consensos sobre los sentidos dados al pasado desde el presente por individuos y grupos. Como construcción “presente del pasado” plantea una de las cuestiones centrales a analizar: ¿la memoria es un trazo, una elección, una construcción o una evocación del pasado? ¿Es un efecto del pasado o efecto del presente?

Baseio-me no seu estudo acerca da memória material de eventos, em especial no seu estudo sobre os desaparecidos argentinos na repressão, no material fotográfico e material que recolhe e nas interpretações que deles faz para traçar um paralelo com os sujeitos dessa pesquisa. Os sujeitos da minha pesquisa não tiveram parentes desaparecidos, ou mortos brutalmente nesse episódio de remoção da favela. A morte aqui é do espaço favela. No entanto, em suas histórias de vida, revela-se a proximidade à tragédia como uma vivência cotidiana, muito mais que a tragédia como um fenômeno esporádico.

Retomando suas histórias de vida, passando pelos lugares e pelas casas que habitaram, era especialmente na descrição da construção das casas que se dava o encontro com os outros homens. Gonçalves Filho já apontava isso em seu estudo:

“As lembranças da construção da casa, em Natil ou Dona Léia, carregam sempre o momento em que encontram outros homens: trata-se sempre de gente real cuja participação originária, em tudo que adquirimos ou nos tornamos, quando não se impõe conscientemente, insinua-se decisiva na lembrança dos começos – como se tudo, no homem, começasse nos outros homens”.
(Gonçalves Filho, 1998, p. 41)

Durante as entrevistas e comparando as narrativas durante o período da remoção e dois anos após, essa constatação era clara: durante a remoção, as casas sendo demolidas, era difícil a reconstrução do início, da origem. Dois anos após, as relações com os outros homens e mulheres da favela aparecem em cada uma das entrevistas, especialmente no momento da construção das casas.

Dos personagens dessa história

Não menciono todos os entrevistados nessa parte da tese, faço um recorte. Entrevisto as famílias de dois comerciantes da extinta favela – Matias e Moisés –, a tia desses, Isaura, uma das primeiras moradoras da favela, mas que não mais se encontrava lá na remoção, a família de Rui e Jane, o presidente da associação de moradores e a agente comunitária de saúde; Amanda, moradora do “beco dos ovos”, e Suzana, também moradora antiga da favela, cujos filhos nasceram e foram lá criados, que se mudou do “beco dos ovos” para um outro pedaço da favela quando a “coisa esquentou”, em meados da década de 80. Há ainda Marlene, moradora vizinha à antiga favela, desde meados da década de 70, que viu a favela começar, crescer e morrer, deixando o “silêncio e o vazio”, Marta, a diretora do documentário. Murilo, o advogado da incorporadora, que negociou a indenização aos moradores e Márcia, assistente social da prefeitura regional de Pinheiros, que testemunhou as negociações, embora personagens importantes dessa trama, não tem sua história

de vida aqui retratada. Escolhi esses sujeitos como personagens dessa história porque deles mais me aproximei, tive aquele contato pele a pele que me fez pensar em novas questões. Como poderão notar, das seis famílias que moraram na favela, quatro permaneceram próximo ao território da favela; duas se mudaram para mais longe, mas ainda na zona oeste da cidade. Selecionei esses personagens pelo enredo que me capturou na narrativa deles. Cada um deles conta sua história e com ela a história da favela.

Matias, um jogador

Entrevistei Matias, no bar do Roger, depois de frustradas tentativas, em 6 de março de 2007. Na praça Cazuya, na primeira parte e depois na sua casa na Fidalga. Matias era membro da associação de moradores da favela, um dos donos de bar da favela da Djalma Coelho, veio para São Paulo em meados dos anos 80 e morou em dois outros bairros antes de comprar um barraco na favela – na Vila Mariana e no Jardim Rosana. Quando foi removido, mudou-se para sua casa na praia, em Itanhaém. Mora hoje na rua Fidalga, também na Vila Madalena, a poucos quarteirões da favela removida, num quarto e cozinha, junto com o filho adolescente Tiago. O outro filho, Rogério, voltou com a mãe para Nova Cruz, na Bahia, em 2003. Matias fala na entrevista da infância, da chegada em São Paulo, da vida na favela Djalma Coelho, da vida atual e dos planos que têm para o filho Tiago.

Comerciante desde menino, atualmente trabalha de segurança, como bico, mas pretende permanecer nesse trabalho. Não quis mais montar bar, embora tenha saudades do tempo em que tinha o bar na favela.

Na conversa com Matias, meu principal interlocutor na favela no momento pós-remoção, começamos falando da vinda de Nova Cruz para São Paulo. Nova Cruz é um distrito do município de Macajuba, interior da Bahia. De lá vieram muitos dos moradores dessa favela; Matias deixou a Bahia em meados dos anos 80, na casa de uma irmã mais velha, em busca de melhores condições de vida: um fogão a gás, roupa, um par de sapato...



Casa de adobe, em Nova Cruz, e os meninos descalços

- Me conte da infância, lá em Nova Cruz.

- Lá era jogar bola, na parte da tarde, a gente saía pra caçar, sabe aquele estilingue, a gente chama "badogue", estilingue, mas não com espingarda, que os pais da gente não deixava. Matava passarinho pra sobreviver, não tinha mistura em casa, tinha que fazer isso. A gente saía umas 10 da manhã, chegava às 6 da tarde. Tomava banho nos tanques à tarde, aí vinha pra casa, tomava banho, e saía para os grupos da noite. Brincava de brincadeira, junto com as mulheres, roda, esse tipo de brincadeira... naquela época nos não namorava, os pais brigava.

- Seu pai ou avô?

- Meu avô, mas ele era de autoridade, bastava olhar pra gente, já abaixava a cabeça. Se tivesse uma pessoa mais de idade que a gente conversando, não podia passar no meio, tinha que sair de perto, tinha que rezar todos os dias. Era legal, até hoje tenho muito respeito pelas pessoas, às vezes dizem 'o Matias, você é tímido, não fala com ninguém' mas é o jeito, o respeito que aprendi com os avôs. Essa vergonha veio da criação. E isso foi... crescendo, crescendo, estudei pouco, até o segundo ano do colégio, segundo ano como a gente falava lá, aí fui trabalhar na venda do irmão do José, e só sonhava em vir para aqui. Via todo mundo que chegava daqui bem vestido.

- Conta pra mim o que é Nova Cruz...

- Quando saí de lá, com 17 anos e meio era pequena, agora tá enorme, cresceu bastante. Tem muitas coisas lá que não tinha antes... telefone. A gente não usava, assim, fogão. Era a lenha. Agora mudou tudo. Quando fui lá, há 7 anos atrás. Ficou bastante coisa... praça que não tinha. Mercado... ficou mais bonito. Agora dizem que tá muito lindo.



Fogão a lenha, na casa dos avós, em Nova Cruz

Veio de lá, como muitos outros migrantes nesse período, em busca de trabalho. No município pequeno, pouca chance de “crescer na vida”. Trabalhava lá como balconista, no armazém do irmão do Zé, seu José, dono de outro bar na favela, um dos moradores mais antigos. Aos quinze anos saiu do trabalho e veio para São Paulo, morar com a irmã, no Jardim Rosana. Essa irmã falecida em um acidente de ônibus na Via Dutra, junto com uma prima, filha da tia Isaura⁶⁶.

Morava lá no Rosana, de aluguel, junto com a família da irmã – maridos e filhos, mais o Moisés. Trabalhava de ajudante de obras, tinha 17 anos, ficou 5 anos lá.

- Olha eu gostava de estudar um pouco, trabalhava... mas aí quando cheguei aqui minha irmã trabalhava, meu cunhado parado. Achei estranho, achava que ia encontrar um lugar melhor, quando cheguei na casa dela ela queimava a latinha e álcool para fazer comida. E eu: 'e o fogão, cadê?' fazia o arroz, aí na latinha... queimava com álcool e cozinhava. O colchãozinho no chão, terra batida, pensava que era outra coisa.

Essa irmã, a mais velha foi a primeira a chegar em São Paulo, veio junto com a tia Isaura.

⁶⁶ Na história de Isaura, a tragédia da morte da filha é recontada de modo mais detalhado.

Depois da morte dela, foram Moisés e Matias para a Vila Madalena, então vieram os demais irmãos, Nei, Netinha. Matias trabalhava como ajudante de obras, mas também apontava jogo do bicho. E foi através do jogo que juntou um dinheiro e abriu o barzinho na favela da Djalma Coelho. Casou-se com Lia, que era da terra dele e o conhecia desde lá, teve dois filhos, Tiago, agora com quatorze anos e Rogério, de 7; há quatro anos, a mulher, "muito enciumada", separou-se dele e saiu da casa, levando todas as coisas, e mais o filho Rogério, deixando para trás Tiago, que à época tinha 10 anos, e um armário de cozinha, que ainda hoje quando os amigos entram na sua casa nova, dizem: "olha o armarinho de Lia". Matias sentiu muito o abandono da mulher, não pelo casamento, mas pelo filho pequeno que era muito apegado a ele.

Fala com ele por telefone, promete mandar dinheiro e tênis sempre que pode, mas nunca mais o viu desde que eles se foram de volta à Bahia.

Antes, porém de contar sobre a separação, contou a história do bar: foi morar na favela em meados de 80, não sabe precisar ao certo, antes de construir sua casa e seu bar de alvenaria, morou por muito tempo no barraco de madeira. Trabalhando de ajudante e apontando jogo, foi guardando dinheiro, até que ganhou um prêmio no bicho, jogando no "leão e veado", e com esse dinheiro fez a casa e o bar de alvenaria, a casa em cima da laje do bar. Depois disso, com o dinheiro que juntou, comprou a casa na praia, no início de 2000, mas não para fins de moradia, para conseguir um dinheiro extra no aluguel. Diz que nessa época, casado, era mais fácil juntar dinheiro. Não saía, guardava o dinheiro. Tinha ainda um outro barraco na favela, que alugava a um senhor, seu Manoel.



Foto da frente do bar. Acima, foto recente. Abaixo, foto antiga



Comparando-se ao irmão, Moisés, também dono de um negócio na favela, uma mercearia, avalia que o irmão mais novo sempre foi “um menino mais seguro”, nunca se meteu com jogo, do trabalho de vender churrasquinho na frente de casa, juntou dinheiro e montou a mercearia. Hoje esse irmão tem um bar na favela de Paraisópolis,

onde também comprou uma casa grande, mas a família – mulher e três filhos – preferiram ficar na Vila Madalena.

A sensação de frio na chegada

Falando da chegada em São Paulo, passou para Vila Mariana, morou pouco tempo com uma outra irmã, antes de ir para o Rosana. Mas não tinha trabalho garantido, vinham se aventurar por aqui. Perguntei se lembrava do mês em que havia chegado, mas disse não se lembrar, perguntei então se lembrava do tempo que fazia, se era inverno ou verão. E aí se lembrou da sensação de frio na viagem, quando o ônibus quebrou, e o óleo havia congelado.

Contou-me então da parada. O ônibus ficou parado na estrada e uma senhora abriu a chácara para que eles comessem. Pegaram frutas, cana de açúcar, comeram até se fartar.

- Mas era frio mesmo e quase pensei em voltar, era tia Isaura quem arrumava roupa de frio, porque trabalhava assim, em casa de família, e sempre ajudava com roupa, agasalho, porque a gente não tinha. Na Bahia fazia muito calor.

A tia Isaura chegou direto na favelinha e deu força para todo mundo, mas depois casou, mudou da favela e mora na Vila Ida. Ela procurava trabalho, ajudava todo mundo a se arrumar pela favela, vendendo comida, vendendo um barraquinho, arrumando roupa daqui, roupa dali, das casas onde trabalhava.

"Não me lembro do nome das irmãs... são muitos"

A família de Matias é muito numerosa, são nove irmãos do primeiro casamento do pai, e mais cinco do segundo. Dos primeiros, Mineiro lembra bem, mas dos outros cinco, só de três lembrou o nome, pois quase não tem contato. A mãe morreu no parto do nono filho, e não há como se lembrar dela, o pai "depois de uns dias", corrigindo, "depois de um tempo, que dias é modo de dizer" casou-se com outra mulher; foi criado com o avô e a avó maternos, mas a avó logo adoeceu, sem que se soubesse o que era. Ela começou a "cantar feito galo", o que assustava muito as crianças pequenas e o avô sem saber mais o que fazer, levou-a a um pai-de-santo que disse que aquilo era

trabalho de macumba e um tempo fora da casa haveria de curar. Passaram então os avós e os netos um tempo fora da cidade, a fim de curar a avó. De fato, ela se curou, vindo a morrer mais tarde, lá na Bahia.

- Seu avô tinha casa lá, não? Ou era aluguel? [ele tinha me mostrado as fotos]

- *Tinha, meu avô tinha coisa, gado, mas vendeu tudo, para cuidar da minha avó, que tinha uma doença séria, que só vim a entender depois de grande. Me disseram que era de macumba que tinham feito com ela. Ela cantava como galo, meu avô ficava louco, levava ela em pai-de-santo para curar, chegava lá, fazia trabalho e ela ficava boa. Uma vez tivemos que mudar de cidade, vivemos em Utinga por 8 meses, por causa disso, que era para passar um tempo fora e depois voltamos para a cidade*

- Como é o nome da doença dela?

- *É coisa assim de macumba, ela cantava como galo, negócio horrível, a gente era pequeno, ficava desesperado, aí ela teve diabete também e acabou morrendo. Meu irmão disse que ela morreu bem pequenininha (fez com o braço como um bebê). Murchou, ficou um caixão bem pequeno. Então vim pra cá. E fui visitar meu avô em 2001, fui visitar ele sabendo que não ia ver ele mais, com 95 anos, fiquei dois meses com ele.*

- Depois de vir para cá, foi a primeira vez que voltou, em 2001?

- *Não, fui para lá umas 3 vezes, demorei 8 anos na primeira vez, ficaram desesperados achando que eu não ia mais, aí eu fui, passear, depois demorei 5 anos e agora vai de novo fazer 7 anos*

O pai o visitou na favela no começo de 2000, e dele guarda a foto. Desde sempre, lá na Bahia, seu pai vendia fato. Me explica, então, o que é o tal fato:

- *É... vendia fato de boi.*

- Fato?

- *É, resto de boi, cabeça, mocotó, perna... e ia criando nós. E fui crescendo... até vir pra cá.*

- O que você imaginava daqui?

- *Pessoal bem vestido, dava dinheiro pra gente, o Nilo [outro conterrâneo, também morador da favela] ia pra lá, todo bem vestido, a gente queria comprar uma roupa, era difícil. Andava com os pés no chão, ia procurar caju, castanha, tinha aqueles tipo espinho, barrão, que grudava no pé da gente. Ai catava o outro, limpava e botava... até o tempo que eu vim pra cá.*

Aí vim para o Rosana, agora melhorou bastante, mas não tinha mistura, cozinhava na latinha... e eu que pensava que minha irmã tinha muitas coisas. Era difícil naquela época. Hoje é bem melhor do que antes, agradeço ao lugar onde fiquei, mesmo uma favela, mas me ajudou muito.

- Ajudou como?

- *A construir alguma coisa. A gente não tinha nada. Nem fogão tinha*

- Se você voltasse no tempo e tivesse 17 anos de novo você viria?

- *Eu acho que não. Eu vi lá no norte, melhorou bastante as coisas por lá. A vida melhorou bastante. Naquela época não tinha como estudar mais, agora os prefeitos dão os ônibus para ir para outra cidade estudar. Naquela época nem pra ter um caderno tinha condição. Meu avô sofria muito, batalhava bastante e ajudava meu pai a cuidar das crianças.*



O pai, na Djalma Coelho, no começo de 2000

Os irmãos moram quase todos em São Paulo, mas há ainda uma na Bahia, a Maria, que pegou AIDS do marido, mesmo sendo uma mulher tão “direita”. Com os irmãos que vivem por aqui, pouco contato tem, é com Carlos, um pouco mais velho que ele, que a relação é mais estreita, mesmo esse morando um pouco distante, em Cocaia, zona sul de São Paulo. É com esse irmão que conversa, troca uma idéia, dá uma força na construção, porque esse sabe construir casa e foi quem ajudou lá na praia a construir a casa, mas ele também não foi feliz na vida, foi deixado pela mulher há um tempo atrás, também muito ciumenta. Com o irmão Moisés, só fala mesmo é de negócio: compram bar, terreno, pensam no que fazer, dividem o dinheiro, mas não são de conversar muito. É por causa de Tiago, o filho mais velho que resolveu ficar pela Vila Madalena. O menino ficou sem mãe e acha muito difícil criá-lo em um lugar perigoso, como Paraisópolis, por exemplo. Acha que ali na Fidalga tem mais chance

de dar um futuro melhor a ele, junto dos primos, da casa de quem o menino não sai. "Por causa do computador", diz ele, Tiago vive na casa dos primos, onde tem um computador e tem a tia, que faz assim as vezes de mãe.

Tiago não quis falar comigo em nenhuma das vezes em que nos encontramos, dizia ter vergonha de falar ou não ter nada a dizer. Matias contou que ele nunca quis falar com a mãe, que tomou birra dela, porque foi embora, deixando-o para trás. Matias diz que insiste para que o filho fale com ela ao telefone, ou vá nas férias encontrá-la, mas ele se recusa a falar. Matias sabe que ele sente falta da mãe, quando põe o prato de comida na mesa e vê nos olhos do filho a saudades da mãe.

Sente muito orgulho do menino, de poder dar estudo a ele, e tudo que queria agora era comprar um computador para ele. Conversa com o filho sobre os perigos da vida, fala sobre o que vê na TV, mostra ao filho o que acontece quando se anda errado. Fala da prisão, daquele monte de homem amontoado, e mostra ao filho o que acontece com quem faz coisa errada.

Casando e comprando fogão

Na primeira entrevista, foi mais reticente e lacônico nas respostas; no segundo encontro, se soltou mais e passou a narrar a sua história, entusiasmado com o tanto de página que eu tinha lhe apresentado como transcrição da primeira entrevista. Nessa parte, conta do casamento com a mulher, Lia, e de como moravam nessa época na favela.

- Me conta da mulher, como a conheceu, já se conheciam de lá...

- Sim, a gente já se conhecia de lá, estudou junto lá, e ela era uma pessoa religiosa, crente, respeitada, assim, de gente respeitada. Morreu o pai também aos seis anos, e foi criada pela vó, aí ela veio pra cá, ficava ligando no orelhão da favela, ninguém sabia quem era essa pessoa, ela sempre ligando, aí fui tentando, tentando, jogar um xaveco nela, ver se eu conhecia, pela voz não dava. E ela conhecia minha família toda, meus pais, meus irmãos... E eu não conhecia ela, até que um dia o primo dela descobriu que era ela, mas ela pediu pra não contar pra ninguém. Ele tentou namorar ela, beijou no rosto, ela não queria... aí fui insistindo, perguntando quem era ela, falava com ela todo dia, porque ficava ali perto do

orelhão, fazendo jogo de bicho, tocava o telefone e eu ia lá correndo (riso) para atender. Aí fui conseguindo falar com ela. Ah! Falei que estava apaixonado por ela, pela voz dela que era linda e tal e aí me falou. E eu falei: "não acredito, é você mesmo? Mas você não é crente?" Aí ela falou: "Sou e daí?" Ai, falei: "Então, vamos se encontrar, então, quero te ver, você chegou da Bahia eu não te vi". Aí ela falou: "tudo bem". Tomei coragem e fui, cheguei lá, era ela mesmo, desde criança crente, a gente tava a fim de namorar, fui tentar beijar ela, ela não deixou. Beije no rosto, ela foi pra casa da tia dela, aqui nos lados da Vila Ida, por aí. Começamos a namorar, passei na casa da minha irmã, lá na Vila Mariana, e ela já começou a viver comigo, namorar... E ela também tinha a vida difícil e eu pensei 'nossa, vou viver com essa menina'. Senti que era uma mulher diferente, de respeito assim, a família lá era respeitada. E aí pensei: vou me casar. Aí, cheguei, fui visitar minha irmã com ela e a mãe dela soube e veio aqui buscar ela. Nunca tinha vindo a São Paulo, veio aqui buscar ela, aí veio e a gente já tava dormindo junto, mas nada rolou, aí bateram no bar, na madeirite, fui lá e disseram: "Sua mãe tá aí, tá ouvindo a voz dela", nós dentro do barraco e em cima o barraco de madeira. Aí elas conversaram, ela não queria que ela se casasse comigo, eles tinham uma casinha no pé da serra, e não queria que a filha se casasse assim, como, vamos dizer, um pé de chinelo. Aí falei, "olha você que sabe, se quiser ir, pode ir". Mas ela gostava de mim naquela época; eu novo, ela nova. A mãe falou: "Então você escolhe, ou eu ou ele", e ela disse: "Pode ir embora". Veja como ela é geniosa, a mãe foi embora e ela nem foi tomar a benção da mãe, aí ela ficou comigo, ficamos juntos, fiz um filho nela, o menino morreu, na barriga ainda, tinha poucos meses e depois de novo, veio Tiago, tinha as brigas, né, sempre tem... aí tinha o jogo, comecei a trabalhar numa obra também, aí comecei a comprar um **fogãozinho quatro boca**, uma **panela de pressão**, porque a gente comia duas coxas de frango que eu comprava ali embaixo com farinha, quando chegava do trabalho, ou a tia Isaura trazia comida e eu comprava. Aí consegui comprar o **barraco, o fogão, a panela de pressão**, aqui fomos vivendo, teve Tiago, no barraco...

Relação com o velho José, o mais antigo, e a associação de moradores

Matias tinha um bar a quase 50 metros de seu concorrente, José, mas como se conheciam desde Nova Cruz, a relação não era de antagonismo, mas de respeito. Matias respeitava José e José respeitava Matias. Ambos eram membros da associação de moradores. Abaixo, Matias conta de seu trabalho lá em Nova Cruz, de sua relação com José e da desconfiança dos demais moradores em relação aos três integrantes da associação, no momento da negociação da saída da favela.

- Na sua vida profissional, você foi, então, balconista lá em Nova Cruz... de loja?

- Era mercadinho... tomava conta. Trabalhava com o irmão do José. Agora estão os dois, montaram um negócio, aí em... os dois, o irmão veio para São Paulo, tá como sócio do José.

- O José já era comerciante lá?

- Comerciante... Era pedreiro, assim, mas sempre comerciante. Sempre teve as coisas dele. Se deu bem aí.

- Era grande o bar, né?

- *É, se deu bem... casas, casa lá no norte.*
- **Ele tinha bastante casas aqui...**
- *É, tinha bastante barraco...*
- **No mapa dá para ver, bastante casa com José, José... são pequenos, mas muitos. Até às vezes me comentaram que ficavam desconfiados dele na saída.**
- *É, o pessoal comentava que ele recebeu um dinheiro para assinar. Que ele era o mais velho, né? E estava no processo, constava ele na primeira linha.*
- **Mas ele tinha bastante imóvel...**
- *É, o pessoal falava dele, de mim, do Rui, a gente do grupo aí, da associação. E meu barraco foi dado um valor que não fui eu que falei. Não cheguei a dar um valor no barraco. Deram por mim. Cheguei lá tava aprovado, não tinha como voltar atrás. Falei que tudo bem, achei que o meu valia mais...*
- **Como sabem qual é o valor? Alguém tinha uma avaliação?**
- *Ah, via, assim, um pelo outro, né? As condições de um e de outro. E tirava por essa base. Tinha o grande do José, aí eu baseei o meu...*
- **Pelo do Moisés?**
- *Aí, eu pedi mais ou menos igual no meu. Não, pelo do José, que era o bonito, grande. E a gente tirava a base pelo dele. Mas o valor que me deram era menos que eu achava e acabei deixando pra lá. Tinha um lá em cima, e aí a grana que ganhei comprei aqui na Fidalga...Eu tentei perto do Rosana, no jardim das Palmas, a mulher resolveu não vender mais, tinha umas casas legais, e eu fiquei naquele vai e vem da praia [Itanhaém]- São Paulo, até achar um lugar para morar. No vai e vem, fui gastando... aí comprei aqui na Djalma, não, na Fidalga...*
- **Você nem chegou a viver de aluguel, então? Pegou o dinheiro e foi para a praia?**
- *É, mudei pra lá...*
- **Mais tranquilo, né? O que teve de gente que saiu com caminhão sem ter onde morar...**
- *É, muita gente não tinha o dinheiro para alugar, gente batendo a cabeça. Muita gente ficou batendo cabeça. As pessoas não quiseram mais correr atrás, não quiseram mais, estavam com medo, um começou a falar do outro, tava nervoso com a saída. A gente tentou conversar, mas eles acharam que a gente [da associação] queria pegar mais dinheiro, aí ficaram nervoso, aí ficaram com medo, os advogados também disseram que não sabiam se daria para tirar o recurso, aí falaram com o véio José, que era o mais velho, que tinha que assinar para fechar o negócio. Aí foi aquilo, cada um ficou com o dinheiro, saiu para um canto, hoje tá bem, não tão bem quanto tava aí, mas tá bem... vivemos ali muitos anos... A gente sente falta, às vezes, a gente não vê ninguém, às vezes fico por aqui [no bar do Roger, na rua Djalma Coelho, um pouco acima de onde ficava a favela] as pessoas não esquecem de mim, por causa do bar...*
- **E o Tiago gostou do Rosana?**
- *Ah, ele não quis pro Rosana, não, sabe como é criança, quer estar junto com os outros, então ele queria morar aqui ou no Paraisópolis. No Paraisópolis eu não ia, não sou muito chegado, lá ninguém sabe quem é quem, já fui em festa lá, coisa assim, bebida, né, muita gente na rua, rua muito apertada, e não arrisquei a ir com ele pra lá, dia-a-dia, é difícil criar um filho aqui...*
- **Matias, aqui também tem coisa ruim, como em Paraisópolis...**
- *Mas lá é um lugar falado, né, aqui é melhor para viver, conviver, lá é apertado... Quem foi pra lá foi porque tinha uns barracos mais baratos...*
- **A Netinha[irmã] foi e saiu?**
- *Foi, saiu, tá no Ceasa.*
- **Chegou a procurar em Paraisópolis? A casa do Moisés lá é grande, né?**
- *A casa é grande, falta bater uma laje, mas é boa... mas ele vai todos os dias e volta, lá dá mais movimento no bar no fim-de-semana.*
- **Ele não te anima a ir?**

- Já falamos, mas não quero não, não quero mais bar não, bar é um perigo, muita briga. Onde tem bebida, tem briga. É um lugar daquele é perigoso. Penso em trabalhar, assim de segurança, mas não no bar, não.

Balconista, servente, apontador do bicho, dono de bar, segurança...

A trajetória ocupacional de Matias é tão “acidentada” quanto sua trajetória de moradia: balconista de mercearia em Nova Cruz, veio a ser servente de pedreiro em São Paulo, mas nunca se tornou pedreiro, não sabe construir uma casa. Trabalhando como servente, para um “gato” que agenciava mão-de-obra, comprou o barraco de madeira na favela, onde começou a apontar jogo do bicho. Em meados dos anos 90, ganhou uma boa soma de dinheiro no jogo, 9 mil e seiscentos reais, mandou fazer de bloco o bar e o barraco; deixou de ser servente para ser dono de bar e continuou apontando jogo. O que dava mesmo dinheiro no bar era vender na rua, para o pessoal “bacana”, que comprava de caixa e pagava à vista.

- Por um tempo seu bar era o principal da favela?

- Era, de domingo até o pessoal na rua passava para comprar, pessoal bacana. Comprava caixa de cerveja gelada...

- Não era só o comércio para o pessoal da favela, também tinha o comércio da rua? Qual era o mais importante?

- ... os de fora pagavam à vista, e de caixa. Os da favela compravam picado e fiado. Perdi muito dinheiro aí, fiado, ninguém pagou mais, levei chapéu de 300, 500. Hoje eu penso em voltar ao bar, mas perdi muito dinheiro, não quero mais bar, não.

Depois que a favela foi removida, viveu dois anos desempregado, indo e vindo do litoral onde foi morar provisoriamente. Pensou ainda em montar um bar, mas desistiu do negócio, pelo risco da profissão. Há pouco tempo, conseguiu um bico de segurança através de um amigo e espera conseguir se fixar nesse trabalho, mas depende de indicação de colegas, porque não tem registro em carteira assinada, o que somado aos seus 40 anos, não ajuda a encontrar inserção no mercado de trabalho, segundo interpreta.

- Você tá trabalhando de segurança, não?

- É, tô fazendo um bico de 4 horas, queria trabalhar no estacionamento, mas tem que encontrar alguém conhecido pra poder me encaixar, porque eu não tenho experiência, não sou fichado [não tem carteira assinada], tenho 40 anos, é complicado...

- Como conseguiu esse bico?

- Através de um colega aqui, que trabalha de segurança de dia no banco e aí tinha um bico à noite e aí teve que trocar no banco e me indicou, me apresentou para eu trabalhar no lugar dele nesse bico. Conheço a família dele, que mora ali do lado...

No futuro, pretende alugar a casa na praia, ou vendê-la, quem sabe, comprar um computador para o Tiago, mandar um dinheiro para o Rogério na Bahia e viver do aluguel, se conseguir comprar outra casa no Rosana ou em Pirituba.

Ao final da entrevista, pergunto se gostou de contar sua história, já que antes era tão reticente a dar a entrevista:

- E você gostou de contar sua história?

- Ah, sim, a gente fica pensando nas coisas, vai dormir e fica pensando no que falou. Até sonhei que pedia pra você...

- Pra mim?

- É, sonhei que pedia o CD do filme [tínhamos falado sobre o documentário gravado] para você, a gente fica pensando nas coisas que falou, que viveu...

Mari, cunhada de Matias, mulher de Moisés.

Falei com Mari em sua nova moradia, no Mangue, mas não gravamos a entrevista. Transcrevo uma parte do documentário, quando Marta a procura para conversar sobre a remoção. Eu estava junto com a equipe no segundo dia e presenciei a conversa, mesmo não intervindo na condução da entrevista.

Primeiro dia

Marta chega e se apresenta, fala do primeiro documentário, mas Mari não se lembra, então Marta a convida para a apresentação do primeiro no bar do Zé dali a poucos dias⁶⁷.

Marta – Você deve sair quando?

Mari – Tem até o dia 27 para sair, procurando lugar para sair...

Marta – Tua casa é legal, toda arrumadinha, né?

Mari – Agora não ta mais arrumada, que não tenho vontade de arrumar.

Marta – Você tem filhos?

Mari – Cinco. Cinco filhos.

Marta – Dá uma dó, né?

Mari – Nossa! Tirar os menino da escola sem saber pra onde botar [choro]

Voz masculina – O que aconteceu, hein?

Mari – Não sei que tanta maldade tem esse povo. Difícil de explicar... [choro] Saber que a gente vai sair daqui, que temos escola aqui pertinho e sabemos onde nossos filhos pisam. Nós moramos na favela mas somos direitos, viemos de nossa terra pra batalhar uma coisa melhor, mas não porque nós moramos na favela que nós somos, muitos podem dizer que favelado é traficante, mas nós somos de família, tivemos uma boa educação, não tenho vergonha de onde moro, mas eles fizeram muita sacanagem com a gente, muita coisa... Tão tirando a gente à força, forçado, dão dinheiro, mas as coisas têm que tar tudo fora, a gente que tirar as coisas da gente, sair, e sem saber para onde vai, sem ter uma casa, porque assim nós vivemos aqui muitos anos, vivemos em barraco, era tábuas, nós... tinha sempre essa coisa de 'vai sair a favela', e sempre nós ficamos aqui. Já veio oficial de justiça dizendo que o pessoal ia sair, mas eram aqueles mais velhos que tavam com o nome no processo, e... veio polícia, mas isso nunca aconteceu, nem os mais velhos saíram e... agora como é que diz? Eles vieram com essa história de que a gente tava perdendo a causa, e que nós tinha pouco tempo aqui e veio essa construtora comprar e deu mixaria pelos barracos da gente, que lutamos para construir, essa mixaria... E quem fez o negócio pegou qualquer dinheiro, porque dinheiro para eles é, pra eles é dinheiro ... eu não tenho esse dinheiro, não tenho 10 mil, mas sei que não é dinheiro.

Segundo dia

Marta – Desculpa, chegamos um pouco atrasadas...

Mari – Podem entrar. [filho mais novo brinca na nossa frente]

Marta – É seu caçula?

⁶⁷ Esse depoimento ocorre em junho de 2005.

Mari – É. Vocês querem entrar? Não olhe a bagunça não, que eu já tirei metade de minhas coisas, porque tem que desocupar e tem que tirar aos pouquinhos, senão na hora você sai tudo apavorada, chorando, gritando...

Marta – Vocês estão procurando?

Mari – Olha, nós já fomos aqui no Jaguaré, mas meu marido não gostos, fomos no Paraisópolis, ainda estamos indecisos, não sabemos se vamos para lá. A gente gostaria de ficar mais por aqui, por causa das crianças, como falei, perto das escola, eles estudam, vai ficar complicado no meio do ano tirar as crianças, aí com certeza a gente não vai achar vaga pra lá e aí com certeza a gente vai ter que desembolsar pra trazer eles pra estudar aqui. Se, por exemplo, a gente encontrasse vaga pra eles, seria fácil, ao menos eles ficavam e aí ficava só a condução pra mim, mas nesse caso acho que vai ter que trazer todo mundo. Também não veio ninguém da prefeitura aqui, porque como diz que aqui é um terreno particular, a prefeitura não tem nada a ver com nossa causa aí. Que eu saiba não veio ninguém aqui ainda. Às vezes eu ia nas reuniões da negociação, mas como a gente é mulher e não ter que muito que ta dando apito, ta apitando pelas coisas, era mais meu marido e os homens lá, eu só ouvia eles lá negociando, mulher não tinha vez, era o homem que dizia se tava certo ou tava errado... Dentro de mim eu acho que tinha dado pra brigar sim, porque era uma coisa que a gente não tinha resposta definitiva do juiz, o juiz não tinha... só os advogado diziam que nossa causa tava perdida, que nós não tinha mais, como é que diz assim, direito a nada e até hoje nós... às vezes eles ligavam aí e diziam assim: 'vocês não têm mais nada a fazer, ta tudo perdido'. Aí apareceram esses homens, a gente ficava indeciso se a gente negociava com eles ou se a gente assim esperava alguma decisão do juiz. E a gente acabou não sei como... sei que eles sabem conversar muito bem e nós acabamos perdendo, fazendo negócio, não eu, mas eles fizeram negócio e nós acabamos nessa indecisão, a gente acabou perdendo, acho que perdemos de verdade agora (riso)

Marta – Fala um pouquinho mais de seu patrão. O que eles acham disso aqui?

Mari – Ah, eles odeia pobre, eles têm pavor de pobre, eles simplesmente se servem de pobre, porque eles precisam de empregada, mas se eles... eles demonstram assim que não gosta de pobre. Eu assim trabalho mais uma menina, ela é cozinheira e eu arrumo a casa. Quando saiu que a favela ia terminar, que tava na Folha – eu não vi, esse dia eu não tava lá – quando cheguei lá no outro dia a menina falou assim: "Olha, o Daniel acordou hoje tão mal-humorado mas quando ele leu o jornal e viu que a favela tava pra sair, nossa! Ele ficou tão feliz e falou 'até que enfim vai sair". Quer dizer, eles odeiam aqui, a favela, os pobres, então é uma coisa que eu nem digo pra eles meu passado, o que eu sou ou o que deixo de ser, simplesmente eu sirvo, faço o meu serviço e tudo bem.

Assim, é que eles dão menos atenção, principalmente pra mim, eu sinto assim que é porque eu moro numa favela, então eles não gosta de favelado e eu me sinto um pouco assim discriminada. E depois tem uns que têm suas moradias aí, quer vender e aí como morar perto de uma favela não tem valor aquele imóvel...

Tem que gente que mora lá no Paraisópolis, eles diz que lá é bom, desde que você, como é que diz, que você vive dentro de sua casa, como diz o ditado: "você tem olho, mas você não vê, você tem boca, mas você não fala, você tem ouvido, mas você não ouve". Então, você vive como qualquer um vive, o que importa é que nós moramos e não vamos nos envolver com o que não deve.

Faltava aqui união de todo mundo pra poder lutar, pra não sair daqui, mas assim o pessoal começou a se acovardar porque eles vinham e falavam: "não tem mais jeito, vocês já perderam, vocês perderam de 3 a zero". Sei lá, eu não entendo essas coisas mas eles disseram que perdemos de 3 a zero, alguns se arrependeram, mas outros eu não sei te falar, quem tá na chefia, o José que tá com o nome no processo, eu não sei te falar se ele tá arrependido ou se ele não tá, porque nós fizemos tudo isso porque ele falou que era pra todo mundo assinar que acabou. Ele que era o chefe, nós acabamos achando que era o que tinha que fazer. Porque se não faz, nós perdia o dinheiro e o barraco onde morar.

Acho que foi mais pelos homens. As mulheres quer trabalhar, elas sabem como é difícil levantar cedo, como diz, quatro ou cinco horas da manhã pra vir poder trabalhar aqui, porque geralmente serviço mais é aqui, então é difícil porque todo mundo tem que levantar cedo e vir para cá. Os homens, eles tão mais acostumados com isso, e nós mulher tem que carregar filho, mochila nas costas, pegar ônibus, fica mais complicado.

Um ano depois da remoção, encontrei Mari na sua nova casa, onde morava com o marido e os cinco filhos. O marido tinha comprado um novo bar em Paraisópolis e passava a semana lá, mas ela e os filhos moravam bem próximo à escola onde os filhos continuaram a estudar.

Mari contou-me que as imagens que tinha de São Paulo vinham das histórias que seu pai contava, quando tinha vindo visitar a cidade. Ele falava que tinha casa em cima de casa, um quartinho que subia e que se andava embaixo do chão. Agora Mari ri descobrindo o que era tudo isso: os prédios, o elevador e o metrô.

Ela veio de Nova Cruz para São Paulo já casada, mas bem novinha. Para casar teve que mentir a idade no cartório, mas teve que casar porque virgindade, diz ela, naquela época era muito preciosa. “Se fizesse aquilo, tinha que casar”. Casou-se com um rapaz de 16 anos, lá de Macajuba. Os pais dos dois eram irmãos e fizeram os dois se casarem. Quando chegou aqui para trabalhar em casa de família, chorava dia e noite com saudades dos pais.

“Viemos de uma família que deu educação, vê no jornal como estão os meninos, jamais vou querer meus filhos bandido”. E ensina aos filhos a lei segundo a qual nada se viu, ouviu ou se fala.

Conversamos, então, sobre sua decisão de ficar próxima à antiga moradia, e ela me explicou que Moisés tinha comprado uma casa grande, em Paraisópolis, mas que a família decidiu ficar no Manguê porque ela tinha a impressão que lá era tudo muito perigoso, tinha “gente da pesada”, “a escola é muito perigosa”, tem o efeito “da droga na escola”. Mas aos poucos, me disse ela, essa imagem foi se desfazendo. Diziam que depois das onze não se podia mais ficar na

rua, mas isso já sabia que não era verdade. Quando foram morar lá, tiveram medo do PCC e desistiram. Um irmão de Moisés comprou e aí ele se animou para montar o bar lá. O negócio está indo bem, a casa é boa, tem um quintal grande, só falta bater a laje. A localização é boa, fica na avenida. "Paraisópolis tem de tudo, de sábado parece o largo de Pinheiros".

Lá da favela, ela se recorda que vendia geladinho, porque pegava "leve-leite" e fazia os geladinhos para vender na mercearia do marido. As compras da mercearia eram feitas no Carrefour da Lapa ou no Futurama, dependia das ofertas. Mas as contas da casa eram do Moisés, porque o dinheiro da venda dos geladinhos era só dela, ou guardava ou comprava coisas para si mesma e para os filhos, roupas... A mercearia ficava quase na entrada da favela, mas a casa deles ficava um pouco para cima, no "beco dos ovos". Não, ela não comia só ovo não, porque na mercearia tinha de tudo. E nem ficava de papo com a mulherada na rua, com ela a vida era diferente: era de casa para o trabalho, do trabalho para casa.

Quando chegou em São Paulo, lá no início dos anos 80, não tinha água, não tinha bar na favela... Conheceu o marido em 96, ou 97, quando Moisés e Matias estavam começando os negócios, o bar e a mercearia. Além de seus quatro filhos, cria o enteado, filho de Moisés, quase da mesma idade do filho mais velho dela.

Soube que iriam sair quando vieram os homens da construtora porque sabia que os proprietários antigos não teriam dinheiro para indenizar, mas quando chegaram as construtoras, aí sim sabiam que teriam que sair. E deixaram tudo para trás, os barracos construídos ao longo da vida, a rede de serviços que tinham conquistado. Hoje, onde mora, paga água, luz, por isso o banho é rápido, compara a noite a claridade de lá e a escuridão da nova moradia. Lá na favela, tinha a música, o divertimento. No mangue, cada um no seu canto, dentro de sua casa.

Quando falamos dos vizinhos, ela volta a falar do ódio dos patrões aos pobres. Peço que dê um exemplo de como se sentia discriminada e ela me conta um evento aparentemente banal, mas que a deixa muito constrangida. Certo dia, o patrão, Daniel, perguntou por umas tampinhas de *Gatorade*; ela tinha visto um monte no quarto dele, mas como achou que fosse lixo, tinha jogado fora. Ele, então, ficou bravo e desconfiou dela, dizendo que sabia que aquele monte de tampinhas poderia ser trocado por uma mochila. Ela, arranhando os dedos na toalha da mesa ao contar a história, muito tempo depois, ainda fica indignada: não sabia de nada disso, da troca de tampinha por mochila, estava só fazendo o trabalho dela.

Mais uma vez fui procurá-los na nova casa, e soube que ela tinha arrumado um novo trabalho de faxina, e que continuava no Mangue, assim como o irmão de Moisés, o Matias.

Amanda, do beco do ovo

Amanda, 34, encontrei-a na porta da escola Olavo Pezzotti, às 14 horas, dia 10 de agosto de 2005. Fazia frio e garoava um pouco, propus então que fôssemos a algum lugar para a entrevista. Antes, ela me perguntou se sabia de alguém que estava precisando de diarista. Falei que não, mas que podia ver com as amigas.

Havia sido difícil conversar com ela; sempre que nos encontrávamos na favela, ela me olhava com desconfiança e reclamava de minha presença assim como de outros estranhos na favela no momento da remoção. Dizia que era fácil estudar ou filmar o que acontecia para quem tinha casa onde morar. Aos poucos fomos nos aproximando... Na festa junina da escola, fui fotografar seus meninos, tocando bateria, dei as fotos a ela e só depois disso pudemos conversar mais à vontade.

Nesse dia, pedi a ela que sugerisse um lugar para a entrevista, mas ela disse que poderíamos ir onde eu quisesse, pois a casa era longe⁶⁸ e ela tinha um tempo entre deixar um filho na escola e pegar o outro. Fomos no meu carro até a padaria Letícia, na rua Natingui, a quatro quarteirões de onde ela morava anteriormente (Djalma Coelho), mas cometi um grave erro ao definir esse local, pois além de barulhento, não era nada familiar à entrevistada. Ela entrou acanhada e assim permaneceu durante toda a nossa conversa, enquanto eu colocava a minha bolsa atrás da cadeira e me sentava tranquilamente, ela se curvou pra frente e segurou suas sacolas de plástico, mexendo com as mãos, esfregando uma na outra quase durante toda a conversa.

Comecei pedindo a ela que fizéssemos algo diferente naquele dia, tantas vezes havíamos nos encontrado na favela e sempre havia muita confusão, demolição, muita gente ao redor. Disse a ela que

⁶⁸ Mudou-se para João XXIII, próximo a Taboão da Serra, após a remoção da favela, mas manteve os filhos na creche e escola da Vila Madalena.

naquele momento gostaria que ela começasse contando a história da vida dela. Antes, porém, ela disse seu nome e o dos cinco filhos, Alice, de 1, Renato, 11, Andrea, 12, Alexandre, 16 e Leandro, 10.

Começamos conversando sobre a infância, local de nascimento, suas lembranças, mas a conversa não fluiu; sua narrativa estava truncada, as lembranças eram esparsas e desconexas.

Então, queria que você me contasse um pouco a sua história, o que você quiser contar.

[pausa]

- Como assim, minha história?

- **Queria saber da sua vida, da infância, dos lugares, das lembranças.**

[Mais uma pausa]

- Quando nasci, morava na Capote Valente [no bairro de Pinheiros], então minha avó e a mãe compraram um terreno na João XXIII, então a gente foi morar lá quando eu tinha 3 anos de idade. Então fui crescendo, conheci o pai dos meus filhos, depois fui morar na Djalma Coelho, tive os filhos, o mais velho agora tem 16 anos.(pausa)

- **E então?**

- Fui morar no Taboão, na casa da tia dele, não deu certo, aí fomos pra Itaquera, na casa do tio dele, quando eu saí da casa do tio em Itaquera, voltei pra morar com minha mãe e ele na casa de um outro tio dele.

- **E da sua infância, você tem alguma lembrança? Da sua mãe, do seu pai?**

- Não tenho muita lembrança.

Como estava difícil falarmos do passado mais remoto, da infância, da adolescência, quando os pais se separaram, passamos a conversar sobre a saída da favela e a vida no João XXIII, do trabalho e da vida cotidiana.

- **Quando começaram as negociações na favela você já foi para o João XXIII?**

- É, eu não queria,... mas peguei pouco dinheiro (4,5 mil reais), porque o barraco de alvenaria era bem pegado ao muro da Light, em cima de uma laje, várias vezes o telhado caiu no terreno, teve que consertar, os "meninos" consertavam.

- **Por que então João XXIII?**

- Porque o pai dos meus filhos mora ali. Depois que saiu da Djalma, por causa das brigas e da droga, foi pra lá. Ele não se envolve mais com isso. Ele usava, mas não usa mais. Ele pegou Aids com seringa contaminada nessa época.

- **Ele morou algum tempo na favela?**

- Morou, aí saiu, teve um problema com droga, daí que a gente se separou, e depois eu fiquei com o pai da Alice, que não é filha dele, aí não deu certo também com esse outro rapaz, de Santo Amaro, aí depois quando saí da Djalma, ele perguntou se eu queria voltar, aí voltei.

[Nova pausa] **E ele se dá bem com Alice?**

- Aceita, aceita...

- **Ele trabalha de quê?**

- Ele agora vende zona azul na João Moura.

- **E você trabalhou?**

- Trabalhei em casa de família, mas daí... ele é portador de HIV, eu também sou, né? Então aí, eu trabalhava na casa, a mulher soube e me mandou embora.

- Quando você estava grávida do primeiro filho, você trabalhava?

- Fazia curso de manicure.

- Ah, você é manicure?

- Fiz o curso lá na Vila Sônia.

- E trabalhou como manicure?

- Não, não tinha paciência para pintar unha, não.

A vida no João XXIII tem lá suas vantagens

Apesar da distância da escola e de passar o dia todo na rua ou no posto de saúde à espera de pegar um ou outro filho na escola, e do barraco ser de madeira, não há invasão da polícia a toda hora. A casa é maior do que a da favela, tem cozinha, quarto e banheiro maiores, e ainda há espaço para construir mais outro quarto. As crianças passam o dia entre recreação na ACM (Associação Cristã de Moços), na pastoral, ou vão à escola. A única reclamação delas é ter que acordar cedo e pegar ônibus para irem todos juntos à Vila Madalena, mas preferem continuar estudando com os colegas no colégio antigo à escola vizinha, no João XXIII. Na escola estadual Olavo Pezzotti, além do ensino regular, um dos filhos de Amanda participa do grupo de percussão; no final da tarde, as sobras da merenda são dispostas em uma mesa e as mães podem levar frutas ou biscoitos se quiserem; um outro faz atividades à tarde na Pastoral.

- Tem saudades do lugar onde morava?

- Tenho, ficou muito difícil pra gente [chora, pára de falar]

- Prefere não falar disso ainda?

- Dá saudades, porque aqui era tudo perto e lá ficou super difícil. Saio de casa dez para as seis, para chegar aqui às sete, para levar a Alice na creche, o Leandro fica na ACM, faz recreação lá, depois a Andréa e o Renato ficam no Olavo. Fico o dia todo aqui. À tarde, pego todos de volta, pego o ônibus entre cinco, cinco e meia e chego em casa às seis.

Aqui na favela era tudo mais fácil, botava o relógio pra despertar pras seis, seis e meia tava pronta, dava café pra eles, eles tomavam café, iam pra escola. Deixava depois o Leandro na ACM e voltava pra casa. Daí ia, lavava roupa, fazia comida, deixava os meninos no Olavo, sentava lá na rua, ficava esperando a hora de pegar na creche, sentada na rua, esperando pra pegar os meninos. Eu levava Alice no posto, pra tomar vacina, que a madrinha trabalhava no posto, pegava o Leandro na escola e ficava em casa, ficava lá na rua pra conversar...

- E os meninos brincavam onde?

- Ali na pracinha, jogavam bola, empinavam pipa...

- Eles reclamam da falta disso?

- Não, porque lá [no João XXIII] eles brincam. Reclamam mais de ter que vir pra cá cedo.

- Eles já visitaram a escola nova de lá?

- Não, mas eles dizem que não querem ir. Querem continuar aqui na escola. Na pastoral.

- **E eles acham aqui ou lá melhor?**

- Ah, lá! É maior, tem quarto e cozinha, mas tem um pedaço no fundo que vamos construir mais um quarto. Aqui na favela tinha só um quarto e cozinha bem pequena.

- **Em termos de violência, você se sente mais ameaçada, tem algum tipo de regra diferente lá?**

- Não, aqui na favela a polícia invadia a casa de todo mundo, mesmo quem não tinha nada a ver e lá não, a polícia não entra na casa da gente. É mais difícil de entrar na casa da gente.

- **Quantas vezes aconteceu de a polícia invadir?**

- Ah, várias vezes.

- **Por causa da história do seu marido?**

- Não, não, porque entravam mesmo, desconfiança.

O cotidiano, os amigos e a igreja

A reclamação sobre as invasões da polícia foi comum nas entrevistas com as demais mulheres da favela. Nenhum dos homens entrevistados mencionou tal fato. Mas Amanda não quis alongar a conversa sobre a relação com a polícia e o tráfico, tratando do assunto como passado. Retomamos, então, a conversa sobre o cotidiano na favela, sobre a alimentação, a relação com os amigos,

- **Me fale então das coisas mais cotidianas, onde você comprava coisas?**

- Tipo, comida, pego cesta básica.

- **Ainda pega?**

- Vou pegar até dezembro. Na igreja lá na Beatriz, atrás da padaria Leão Coroado.

- **E além da cesta?**

- Comprava mistura, sabão em pó, sempre no mercado Futurama, porque era mais barato, lá no largo de Pinheiros. Pasta de dente, sabonete, o que não vinha na cesta. Pegava leite e trocava por açúcar, lá na favela mesmo, porque os meninos adoram suco, não almoçam nem jantam sem suco e tem que ter açúcar. Trocava com a Jane, com as pessoas que não usavam tanto...

- **E outras coisas? Mistura?**

- Comprava quando dava. O pai dos meus filhos às vezes trazia, a mãe ajudava. Ela vive de aposentadoria, trabalhava como doméstica.

O beco das putas ou beco dos ovos

Quando falamos da mistura, ela se lembrou de contar a história do nome do beco onde morava na favela.

- O único beco que tinha nome era o beco onde eu morava, o "beco do ovo" ou "beco das putas"... porque tinha muita mulher solteira, né, quem morava com marido era a Mari, mulher do Moisés. Sabe o Moisés? Morava no nosso beco e ele comia carne e nós só comia ovo. Aí colocaram "beco do ovo".

- **E por que foram as mulheres solteiras morar lá?**

- Ah, porque ia assim, uma levava a outra...

- **Quem pôs o nome de beco das putas?**

- Ah, os homens lá, (ri), uns homens eram, assim, fofoqueiro.

- **Tinha muito homem fofoqueiro lá?**

- Ah, era o que mais tinha lá.
- **As pessoas ficavam muito juntas ali dentro, não? Umas sabiam das outras...**
- É, tinha muita briga, discussão, tudo ouvia, um dia brigava, outro dia já tava se falando, era assim. Tinha muita gente que gostava de ser... como vou dizer, assim... É, assim, se achava mais que os outros. Melhor que nós. Tem gente boa, tem uns que dão arroz, feijão. Tem gente que dá as coisas, que não joga coisa fora, que dá pros outros, eu mesmo não gosto de jogar coisa fora... às vezes é difícil botar arroz e feijão...
- **Você alguma vez falou que era favelada?**
- Não, não falava não.
- **Quando te perguntavam 'onde você mora'?**
- Na Djalma Coelho, 221.
- **E os vizinhos, o que você acha que pensam da saída da favela?**
- Ah, adoraram.
- **Algum dia você ouviu falarem disso? Ou é só uma idéia?**
- Não é só idéia não. No final de semana, quando ficava o som no bar até altas horas, logo chegava a polícia, porque tinha gente reclamando do som alto, então a gente fica com isso na cabeça.
- **Alguma pessoa falou alguma coisa diretamente pra você alguma vez?**
- Não, isso não.

Os filhos, os amigos e o lazer

Sobre os amigos e o lazer, Amanda conta das festas dos bares, do forró do bar do Matias ou do Zé e das saídas para os forrós do Largo de Pinheiros, quando ia acompanhada das "meninas amigas da favela" e do filho mais velho.

- **Que lugares você freqüentava aqui?**
- O bar da rua – Djalma Coelho -, os bailes de Pinheiros, o batidão, forró atual, eu, a Mila, as meninas todas da favela. Pegava o final de semana e ia.
- **E as crianças?**
- Os meus ficavam dormindo, tudo grande, dava mamadeira para a Alice, ela dormia, se ela chorava, a Andrea esquentava o leite pra ela e dava...
- **Por que não o Leandro?**
- Porque a Andréa é mais velha que o Leandro. A Andrea tem 12 anos e o Leandro, 10. E tem o Renato, de 11.
- **E o Alexandre?**
- Ele ia também junto. Ele ia primeiro, depois eu ia. Pro mesmo lugar.
- **E não se incomodava?**
- Não, nem ligava.
- **E podia namorar?**
- Não, tava quase voltando com o pai dele (riso), aí não dava.

Sobre Alexandre, o filho mais velho, Amanda relatou demoradamente a situação em que se encontrava o adolescente nesse período: após o envolvimento em dois assaltos, Alexandre havia passado pela Febem e estava à época em liberdade assistida. Relatou sem disfarçar sua preocupação com o comportamento dele e a dificuldade em fazê-lo acatar as exigências impostas pela liberdade assistida: ida semanal a

reuniões e participação em oficinas de recuperação. Não transcrevo aqui o diálogo, apenas registro que esse tema permeou grande parte de nossa conversa, pois era, mais que o assunto da moradia, sua principal questão no momento.

Mila era a amiga mais próxima lá na favela, embora não morasse lá, nas conversas à tarde sempre as duas juntas, sentadas na calçada. Mila é prima de Matias e Moisés, filha de Isaura, que é de quem falamos a seguir. Amanda não tinha muitos planos para o futuro, cada dia era uma vitória, criar os filhos, educá-los é seu projeto.

O mais me surpreendeu nessa entrevista foi minha inquietação em deixar Amanda livre para narrar – quantas perguntas indevidas, quanta ansiedade por saber qual seria o caminho da pesquisa! Ao relê-la vejo o quanto deveria ter me calado à espera de suas inquietações. Falar sobre o seu filho de 16 é o que lhe interessava no momento e esse interesse aparece desde o início da entrevista, no primeiro silêncio.

Isaura, que encheu a favela de gente

Não conheci Isaura durante a realização da pesquisa de campo na favela; ela havia se mudado para a Vila Ida e desde o início dos anos 90 não mais morava lá. Por ser uma das pioneiras na ocupação do terreno, quando pedia que me contassem da história da favela, era comum que me remetessem a ela ou ao velho José. Depois de muita insistência minha, junto a Matias, sobrinho de Isaura, consegui seu endereço e celular. Liguei várias vezes a ela, que sempre prometia me atender e contar a história, mas à véspera do encontro, desmarcava a entrevista. Uma tarde fui procurá-la na casa onde morava com seu marido, um senhor de 89 anos, de quem estava se separando, como soube depois.

Nessa tarde, seu ex-marido não nos deixou conversar, interrompendo a todo momento Isaura, recitando versículos da Bíblia e falando de traição, amor, de sua infância difícil, num solilóquio que acabei gravando por distração e que só depois veio a fazer algum sentido.

Na tarde seguinte, procurei-a na casa do sobrinho Matias, onde ela estaria provisoriamente, junto com seu filho adotivo, na realidade seu neto, filho de Mila, que havia sido rejeitado pela mãe no pós-parto. A avó, então adotou-o legalmente, e renegou a filha. Até hoje, cinco anos depois, as duas não se falam.

Não a encontrei na casa de Matias, mas esse me informou que ela estaria esperando minha ligação no celular. Liguei-lhe e fui me encontrar com ela no bar ao lado da antiga favela, por onde caminhava com sua sacola de produtos de beleza, procurando possíveis compradores.

Sentamo-nos em uma praça bem próxima à favela, pois ela preferiu dar a entrevista ali mesmo, pois não estava se sentindo à vontade na casa de Matias e na sua antiga casa não havia modo de conversar, como eu havia percebido no dia anterior.

Ansiosa por conversar com alguém que tivesse vivido na favela desde seu surgimento, tendo esperado meses pela conversa, tive que me conter por um bom tempo na entrevista, durante o qual Isaura falou sobre a situação difícil que enfrentava naquele momento: o ex-marido havia molestado sexualmente o enteado, Eduardo, de cinco anos; ela estava tratando judicialmente do caso e acompanhando o menino em tratamento psicológico e médico. Por mais de quarenta minutos de entrevista, falou da vergonha em expor o caso, da dificuldade de relatar aos psicólogos e médicos o que ocorrera.

A apresentação pela tragédia

- Mas é ruim conversar sobre isso com essas mulheres [as psicólogas?]

- As 'muié'? Elas não... elas não 'é' ruim, não. Não 'é' ruim, não. Eu é que... A pessoa tá muito nervosa, agitada e as 'mulher' 'bate' naquele lugar toda hora. E, por exemplo, Deus te livre e guarde: cê tem um passado que não é bom, cada vez que o pessoal fala, bate ali em cima. Dói, não dói? Quer dizer que cê arrelem... relembra tudo de novo e dói. Nossa Senhora! Cê fica... Deus que livre e guarde, cê fica arrasada e fala, e fala, e fala, e fala, e fala, e fala, e fala! "-Como é que foi?" E cê fala, com 3 'dia' tu vai de novo, fala de novo; com 4 'dia' fala de novo. Aí você olha pros 4 'canto' do mundo, aquilo dói aqui e dói aqui. E a vergonha? Uma pessoa daquela idade! E ninguém diz, lá sentado. Cê viu ele? Alegre, contente e feliz.

Depois de escutar e reconhecer sua dor, é que pudemos então começar a falar de seu passado, do início da vida em São Paulo, da saída da Bahia, de seus planos, de como começou a favela...

- É. Eu não vou contar dessas do seu Joaquim, não. Eu vou contar a outra do começo da vida. [risos] Não vou fazer que nem ele, que não deixou nós 'conversar' ontem, né? Você quer saber quando eu vim pra cá?

- Eu quero que a senhora conte um pouco a história da vida: quem eram seus pais; o que a senhora lembra da infância; como veio; que sonhos tinha.

- Ah, o sonho era 'vim' pra São Paulo pra ter uma casa, pra ter outra vida... pra aumentar meus 'filho' que quando eu vim eu só tinha 1, né? E aí, aqui foi aumentando e parou nesse total que eu te falei ontem, né? Fiquei com os 9, né? Nove filhos. E aí fui trabalhando, vivia de cozinheira, de noite de faxineira pra criar, né? E criei, aí depois que cresceram, né? Tão aí, um tem uma casinha, outro tem um barraco e 'tá' vivendo. Com essa má sorte do casamento que não deu certo, não sei até quando eu vou teimar.

Eu... Aqui em São Paulo eu via as 'mulher' 'sair' da 'cabelelera' 'tudo' 'arrumada', sexta-feira 'tudo' 'arrumadinha', tudo... todas 'bonitinha'. Eu falei: "-Não. É por aqui que eu vou."

E lá na Bahia?

Lá na Bahia não, é o cabelo cheio de trança, as 'mãe' 'trançava' o cabelo, o cabelo ficava com aquelas 'trança'.

Mas você falou que você já era metida a grã-fina lá.

Ah, era. Aí eu ia trabalhar... Eu ia pra cidade trabalhar de empregada, eu gostava. Eu gostava de ter uma roupa, assim, bonita, um sapatinho no pé, né?

Não deu saudades da Bahia, não?

Não. Não deu, não. Aqui não deu. Não, aqui é muito bom: cê trabalha, cê tem seu dinheirinho, tem sua roupa. Eu acho 'bonita' as 'mulher' que anda com a mão feita, o cabelo, 'toda' bonita! Uma coisa mais bonita. E aí eu falei: "-Nossa Senhora, eu vou viver lá é assim: toda enfeitada."

Aí depois que os meus 'filho' nasceu, que já 'tava' 'grandinho', eu comecei me enfeitar: eu fazia a unha, fazia o pé, dava uma ajeitadinha no cabelo - que o cabelo é ruim, né? Depois eu falei: "-Não. Tem... Esse dinheiro tem que jogar pra meus filhos pra comer, né? Eu vou para com isso, que não dá certo mais, não." Aí eu parei, mas que eu acho bonito, eu acho. Acho muito bonito.

Nesse momento, mais uma interrupção na história para contar da trágica morte da filha, em um acidente de ônibus na via Dutra. Matias já havia me contado a história da morte da irmã e da prima nesse acidente, mas Isaura conta com mais detalhes, naturalistas, da morte e do enterro da filha. A desconfiança em relação aos médicos e seus métodos de tratamento do corpo; mesmo morto, o corpo ainda é violado: os cortes nas pernas, a cabeça aberta em bandas.

A outra viajou pra Bahia, ia desquitar o casamento, casada, quatro 'filho'. A irmã do Matias tinha 4 e a minha filha tinha 4; a minha filha casada e a irmã e Matias amigada. Daí chegou em Caratingueta, morreu, o ônibus bateu e matou elas duas. A irmã de Matias ainda tava inteira e a minha filha tava com a... a cabeça dela ficou às 'banda', só pendurada pelo pescoço. Mas eu tive uma desconfiança do médico, e na foto dela, na delegacia, ela tava com a cabeça dela inteira, ela tava sentada assim, com as mãos assim do colo e o sangue saindo do nariz, da boca e dos olhos dela, dava pra ver o sangue pingando. Na delegacia, né? Com a foto lá.

E quando eles abriram o caixão, que eles me falaram, o médico me pediu pra não abrir o caixão. Quando eu cheguei aqui em São Paulo eu abri o caixão. Aí ela tava... tiraram um pedaço na coxa, não tinha sangue, não tinha nada, não era machucado. Foi eles que 'tirou' um pedaço assim da coxa dela e a cabeça dela tava às 'banda', não tinha nem sangue. Eles tiraram acho que os 'miolo' dela, eles tiraram, não sei pra que queria, né? Porque o ônibus bateu, mas não abriu a cabeça, que nas 'foto' eu vi: a cabeça tava assim, como tá a minha, só o sangue que tava saindo por todo lugar - pela boca, pelos 'olho' e pelo nariz. Ela sentada assim, com as 'mão' assim e o sangue caindo assim nela. E quando abriu o caixão, tava com a cabeça assim. Então o médico que tirou às vezes queria o miolo pra alguma coisa..

É um osso, né? E dentro do osso tirou aquilo tudo, lavou e tava lá. E ela... Quando o ônibus bateu que eles botaram ela no chão, ela tava numa 'rebanceira' e ela tava, sabe no lugar que o povo faz fogo, que queima aqueles 'capim'? (Sim.) O capim tava assim no corpo dela, cê colocava a mão assim nela tava... Tinha terra e tinha capim, que eles lavaram tudo, esguicho, né? Acho que era muito sangue e eles lavaram na sala que botaram todo mundo junto e eles lavaram de esguicho.

Saí do hospital e de UTI, fui na delegacia. Cheguei lá, o delegado mostrou: "-É essa aqui?" Eu falei: "-É." Aí queria que eu desse conta da calcinha dela, do sutiã. Falou assim pra mim: "-Ela tinha anel de ouro na mão?" Eu falei: "-Ela tinha." "-Ela tinha relógio?" Eu falei: "-Tinha." "-Era de ouro o relógio?" Eu falei: "-Não. O anel sim, agora o relógio não." Aí ele falou assim: "-Ela tava com um sutiã bege e uma calcinha bege?" Eu falei: "-Eu não sei porque, quando ela saiu da casa dela, do Rosana, ela... eu não vi, se trocou eu não vi. Mas pela cor que eu ensinei, elas usavam, deve ser." Eu ensinava: "-Veste, minha 'fia', assim. Pra sair na rua veste uma calcinha bonita, um sutiã, pode acontecer alguma coisa, né? E você tá arrumadinha." Isso mesmo ela fez. Ela tava com um sutiã bege e a calcinha bege.

A descrição dos objetos e vestuário da filha é importante para Isaura. O anel de ouro, o relógio, a calcinha e o sutiã beges são indicativos de uma mulher “direita”. Isaura ainda brigou pelo caixão da filha, não quis que ela fosse enterrada em “qualquer caixão”, desses de indigente. Mesmo pobre, tinha direito a um enterro de gente honesta. Trabalhava e se não dessem um caixão melhor, ela mesma providenciaria. No final, melhoraram o caixão e ela pode enterrar a filha em paz, mesmo com a desconfiança sobre o motivo de terem mexido no corpo da filha.

Enterrei enrolada no lençol porque eles botaram um papel. Tem um papel nos 'hospital' que põe, né? Aquele papel fino e cobriram ela 'todinha'. E a roupa delas eles cortaram tudo de tesoura, tava tudo de calça comprida. No peito dela tinha um... tem um sutiã que tem umas 'pedrinha', não tem? Pois o sangue dela e as 'pedrinha' ficou no sutiã, eu tirei. Eu lembro como se fosse agora.

Eu já tinha ouvido também que outro filho dela havia sido assassinado na favela, mas sobre este, Isaura preferiu silenciar. Sabe quem foi o assassino, mas não pode contar. A essa época, preferiu sair da favela, não sabe precisar a data, mas deve ter sido mais ou menos no final da década de 80, início dos 90. A memória da morte da filha, embora dolorosa, é a tragédia reconhecida. A morte do filho, assassinado por um traficante, porque o filho se recusou a vingar a morte de um irmão desse traficante, é melhor esquecer. Nem ao velório Isaura foi. Sobre a favela, suas reminiscências:

Fica assim, tanto silêncio, tanta tristeza porque aí acabou, era só matando um, matando outro e aí matou muita gente. Mataram meu 'filho', mataram o Jardel, mataram um da outro, mataram 1 em Minas, mataram Dinho, mataram o Russo. Nossa Senhora, isso virou um 'matador'! Aqui você podia dormir com a porta aberta, ninguém 'robava', ninguém matava, ninguém fumava droga. Não. Era um lugar bom pra morar, muito bom, todo mundo amigo, né? O pessoal parava o carro, tinha médica veterinária que vinha aí, 'levava' os 'filho' da gente pra jogar bola, os marido. Cê precisava de ver, trazia umas 'roupa' pra gente, trazia uns 'pão', trazia umas 'panela' de sopa. Aí, era muito bom, cê precisava de ver e de repente acabou tudo, acabou tudo.

Quando Matias chegou, Matias já chegou no barraco feio. Aí ele não mexia com as drogas, mas o povo... Polícia vinha toda hora, toda hora polícia, toda hora polícia e o povo rico aqui arranhava tudo, não queria ninguém mais aí. Som ligado, bar pra todo lado e era um som...

Pedi, então a ela que me contasse como havia ido parar na favela. Quando abandonada pelo primeiro marido, que voltou à Bahia, Isaura mudou-se para a casa de uma prima dele, no Pirajuçara. Trabalhava

nessa época como faxineira contratada da Cetesb, à noite. Por intermédio de uma amiga, Dita, soube que precisavam de uma cozinheira numa casa na Vila Madalena. Apresentou-se, então, ao serviço e logo no mesmo dia foi contratada. Trabalhava de cozinheira durante o dia e de faxineira, à noite. A casa da família ficava a uns cinco quarteirões do terreno onde se erguia a favela. Nessa época, início dos anos 70, eram quatro ou cinco barracos: todos ocupados por mulheres com filhos.

A lama e a roupa bem-lavada

É. Não tinha, na época da gente era fossa, não tinha esgoto nenhum. Ixe, nós 'tomava' banho, nós 'esquentava' água era no fogo, no gás, de canequinha no corpo. Era assim. Aí foi luta. Os menino acho que deve ter acgado bom, tem água, tem luz, tem tudo. Tem até asfalto que nós... Que era tudo terra firme. Não tinha asfalto.

Era tudo terra, nós 'levantava' pra ir buscar o pão pros 'filho' na carreira pra ir trabalhar, era dentro da lama, tava chovendo e aquela lama.

Nossa, era bom demais! Quanto mais eu trabalhava, mais vontade eu tinha. E chegava domingo assim, eu fazia aquelas 'panela' de comida, cada um ia lá, pegava o seu prato, comia, dava risada. Era uma família, né? A felicidade foi nesse barraco ali, agradeço a Deus o meu patrão de Minas que me deu material pra fazer, né? E eu... e também com essas 'amizade' dessas 'amiga', a gente fazia comida, a gente comia. A gente vinha um tanto lavar roupa aí na bica, botava a roupa pra secar.

Só que os 'rico' 'recramaram': "-Eu não quero essa bagunça aqui na frente da minha casa!" Eu falei: "-Minha senhora, não tem bagunça, não." A gente colocava a roupa assim pra 'coarar' no sol, né? Eu acho que ela devia sentir era inveja que nós 'lavava' roupa lá. Ela sentia inveja das 'roupa' Branca assim, de lavada, tudo coarando, a gente molhando porque aqui em São Paulo a maioria das 'moça' que trabalha, elas 'põe' tudo na máquina, não 'esfrega', nem nada, fica aquela roupa.... não fica bem lavada, né? Lavar na mão e por para coarar, a roupa fica bonita, fica um cheiro gostoso com a... com... com a pintura do sol fica aquela roupa bem lavada, né? 'Cherosa', e a mulher brigava. E eu aí lá na casa: "-A senhora desculpe, é que a gente não tem água lá, a gente tem que lavar aqui."

Quando os meninos – Matias e Moisés, seus sobrinhos – chegaram, encontraram tudo mais fácil, diz ela. Mas a luta para conseguir fazer “subir a água” foi dela e das amigas. Nessa passagem, conta da briga em torno da bica, de onde tiravam água para beber, lavar roupa e fazer comida na favela.

A briga pela água

Quando eles chegaram, já tinha água lá. Eles chegaram e já 'encontrou' mastigado, é só engolir, né? [risos] Tava tudo pronto, eu falo pra Matias: "-A água deu um trabalho!" Porque é assim: se você não é dona do terreno, você não paga imposto, a Sabesp pra ligar água e ligar a luz é difícil. Quando nós 'cheguemos', aí era lugar de vela, fica aquele 'candierinho' de querosene. Aí foi ruim demais, minha filha.

Aí vamos procurar, saía do serviço, Luiza e Dita atrás dessa água e assa luz. 'Lutemo' até que nós conseguimos. Nós 'pedia' na Prefeitura porque é a Prefeitura que tem que tem que ordenar o do negócio pra ir pra Sabesp. Eles 'fazia' a reunião com a gente fora daqui, da Vila Madalena, a gente 3 tava lá. Assim que nós conseguimos. Eu falei pro Matias: "-Vocês acharam mastigado." Matias dá tanta risada.

Teve uma vez que pegaram, foram lá na... na Prefeitura pra fechar a bica, aí vieram ver a bica. Eu falei: "-Não vai fechar, não. Como é que nós 'vamo' viver com esse bocado de filho, não sei quantas 'família'." E a água da bica a gente bebia, era uma água geladinha, boa, né? E até hoje tem aí caíndo, né? E aí elas 'arruinava' pra fechar a bica. Queria fechar por tudo. Eu falei: "-Não."

Aí o homem pegou e encanou, tirou a água da bica e encanou pra casa dele, na bica não caía um pingo no lugar dali. Nós nós 'foi' tudo na Prefeitura, nós 'ia' botar fogo na Prefeitura que não tinha água, né?

E ele fechou?

Ele fechou aí nós 'foi' lá pra ele abrir e ele teve que abrir. Nós 'ia' morrer de sede se ele não 'abrir' Foi luta, mas eu ria tanto, mas eu ria tanto e o povo falava: "-Mas que mulher feliz é essa? Um sofrimento da água, né?" Um horror, eles fizeram muita 'preversidade', 'criava' cachorro, a gente ia pegar a água e vinha aquele bocado de pêlo de cachorro tudo na água que a gente bebia.

Aí, o que que a gente fazia? Deixava eles 'lavar' o quintal, deixava a água ir embora, aquela água de pêlo e nós 'aparava' a água assim pra ver. Aí a água caía, aquela água suja. Aí a gente foi lá de novo e falei: "-Tá lavando o quintal e tá jogando a água pra nós e não dá. E o 'cardo' vai engrossar pro lado de... dessa pessoa" Aí eles vieram de novo, 'reclamaram' aí, pararam de lavar o quintal e fizeram um negócio lá: o ralo dele... tiraram a água da gente 'prum' lado e o ralo dele pra outro. Nós 'sofreu', viu? Nós 'sofreu', nós 'sofreu'.

A chegada à favela – o patrão e as amigas

Quando o patrão de Isaura ofereceu-se para pagar o aluguel para que viesse morar mais próximo ao trabalho, Isaura fez uma contraproposta. Pediu a ele que pagasse as madeiras e construiu o barraco, ao lado de suas colegas de trabalho na Cetesb, Dita e Luiza.

Ele [o patrão] disse assim: "-Eu pago o aluguel pra senhora." Eu não acreditei, eu não acredite. Eu falei: "-Tá bom."

Eu te tarde eu pisava no chão, eu ia lá pra lá pro lado que eu moro, que a casa que a Lia, prima do meu ex-marido, trabalhava nós 'ia' 'junto'. Conteí pra Lia e a Lia disse: "-Eu não acredito, patrão não faz isso. Tu toma cuidado com esse homem." Eu falei: "-Ah, tu acha que esse homem vai endeusar com uma 'véia' como eu? Com essa cara de desorientada? Ele tem dó do meu sofrimento, Lia, que eu chego lá muito cedo." Daí eu disse: "-Lia, eu vou bolar outra coisa." Ela falou: "-O quê?" Eu falei assim: "-Ó, eu vou invadir o terreno que 'a' minhas duas 'amiga' 'mora', a Dita e a Luiza, eu vou invadir o terreno e pedir o material pra fazer um barraco." Ela falou: "-Eu não acredito que tu vai..." "-Vou, ôxe, vou sair do aluguel, não sou é doida. Eu vou pagar aluguel? Nem tem condições." Eu 'digo': "-Olha, tem que comprar um fogão, tem que comprar uma geladeira, tem que comprar a cama, tem que comprar uma mesa. Então não, eu vou lutar aí na favela mesmo, eu vou... Eu vou pra esse lugar e vou fazer um barraco."

Aí cheguei em casa lá e falei com ele: "-Seu Olegário, o senhor disse que ia pagar o aluguel, o senhor vai gastar muito. O senhor me dá o material, umas 'teia', umas 'tábua', uns 'madeirite' pra fazer um barraco." "-Dona Isaura, aonde?" Eu 'digo': "-Ali no Djalma Coelho tem duas 'amiga' minha que 'mora' lá e eu vou morar também." Ele falou: "-Eu lhe dou." Ô menina, uma alegria! Aí fui bem na comida,

minha 'fia', vim cá, falei com Luiza, falei Dita na noite, já de noite. Ela disse: "-Isaura, eu não sei porque o dono vai danar com a gente aqui." Que era o seu Romeu. Aí eu falei: "-Não, mas eu vou. Quando vocês 'sair' eu também saio." Aí chamei meus 'parente', meus 'irmão' pra escavar, o homem nessa mesma semana me deu material: ele me deu cimento, ele me deu areia, ele deu as 'telha', ele deu madeirite e ele deu os 'prego'; e ele deu tanque pra lavar roupa. O homem deu tudo, chegou um caminhão e descarregou tudo. "-De quem é esse material?" "-De Isaura."

Aí eu falei com meus 'irmão': "-Vocês 'faz' assim: vocês vêm tudo domingo fazer esse barraco." "-Isaura, o povo vai te matar!" "-Que mate. Aí... os 'vizinho' logo de cara feia, aí tudo com a cara feia que já tava como quem diz: "-Vai lotar." Né?

Ah, eu tava mais ou menos assim: com... com uns 27 anos. Mas foi duro aí, aí foi duro. Aí pronto, eu fiquei lá e 'lotei' a favela de gente. "-Faz teu barraquinho aí, fica aí." Eu achava que... não sei, quando eu saísse, saísse tudo, né? Mas que ficasse todo mundo ali. Não tinha onde ficar, vinha da Bahia e não tinha onde morar, ficava ali.

E fiquei e fiz o barraco. Quando eu cheguei de lá, a Lia me deu uma cama, aí dona Deise me deu outra, que era patroa de Lia, o cimento tava tão mole, passou no domingo e eu mudei na segunda-feira. Falei com o patrão que eu não ia 'trabaiar'. Colocava a cama assim e entrava no cimento 'moiado'.

Foi no final da década de 80, início dos anos 90, que a favela se ampliou. Isaura negociava terrenos, arranjava um jeito de botar mais gente conhecida para dentro do terreno. O proprietário tentava impedi-los de ocuparem, mas a cada dia a favela crescia...

Já tava lotado. E eu que fui mais... quem mais botou gente pra morar aí dentro foi eu. [risos] Eles 'dizia' assim: "-Isaura, minha irmã, me dê um cantinho que eu vou ficar."

Nunca ninguém incomodou a senhora? O dono do terreno nunca veio falar nada?

Ele veio, o seu Romeu veio pedir a casa e eu falei: "-Olha, seu Romeu, eu tenho os meus 'filho' aqui. O senhor diz que é dono, eu concordo com o senhor. Eu que invadi, mas quando o senhor 'vim' 'querer' a casa, o senhor me deixa uma carta de baixo da porta. Os meus 'menino' tão na escola, eu tô sabendo, eu entrego o seu terreno."

Aí logo que o seu Romeu morreu, já 'tive' no Fórum lá eu falei: "-Não é nada meu o terreno. "-Ah, Isaura, você tem que lutar junto com a gente." Eu falei: "-Não. eu não vou lutar porque não é meu. Eu vou-me embora. Eu já fiquei quanto tempo aí, não tenho nada porque eu não tenho que ter. Entendam porque eu criei os meus filho aqui, então eu me lucrei bastante." Aí eu falei: "-Meninas, eu vou-me embora. Cês 'quer' ficar, cês 'fica', mas eu vou-me embora."

Quando saiu da favela, foi morar em uma casa de aluguel, uma das muitas casas de corredor na Vila Beatriz. Ali acabou de criar os filhos, ainda trabalhando de faxineira e cozinheira. Na favela, além de trabalhar de dia e de noite, ainda tinha uma barraca de churrasquinho no final de semana. Essa barraca causou-lhe um dos maiores entreveros da época da favela: uma das vizinhas, "metida", ligou para a prefeitura e denunciou Isaura, dizendo que ela vendia

droga na barraquinha. Isaura nunca a perdoou por isso. Também tinha seus conflitos com a patroa, mulher do Olegário, sempre em torno da comida:

Aí desci a via lá e logo foi o meu café lá, deixei pros meus 'fio', 'frevi' o meu leite pra não dar muito trabalho pra velhinha, mãe da Lia. Aí cheguei, minha 'fia', e tomei o ônibus. Peguei o 'Pinheiro' e não sabia tomar ônibus. Quando 'deu' 6:30 eu tava dentro da casa, abri a porta, botei a água do café no fogo, comecei a fazer o café. Quando acordaram - era 4 pessoas, dois menino, a mulher e o marido - tava tudo em ordem, tomaram o café, daqui a pouco a outra empregada já levantou, já subiu também e eu falei: "-Olha, toma o teu café. Eles já tomaram café, cê toma." Aí ela disse: "-Não. eu espero eles 'tomar' café primeiro." Eu falei: "-Você que sabe, eu tô te falando aquilo que ela me passou pra mim: que era pra mim tomar o café e quando eles levantassem nós já tinha tomado tudo e já tava no batente." Ela falou: "-Ah, a coisa mudou?" Eu falei: "-Mudou. Eu tô te falando, eu tô passando aquilo que ela passou." E ela é daquelas 'danadinha' que deixava a lista na parede, mas ela leu pra ver: "-Tome o café, 'frevá' o leite. Tome café você e a outra moça." Eu falei: "-Tá bom. Tá escrito aí, ela falou, né? Ela leu pra eu ver, agora você que sabe." Ela falou: "-Não. Eu vou esperar." Depois que ela tomou é outra coisa, eu vou tomar o meu que ela mandou, né?

Peguei o pão, passei a manteiga e comi igual uma belezinha. E fui pro meu batente, né? Já comecei catar meu feijão, já comecei a lavar meu feijão, já comecei fazer aquelas 'coisa' que ela falou que era o que ela queria comer, né? Pra ver se eu passava no teste. Falou pra mim assim: "-O arroz daqui de casa é bem 'dorado', cê só bota água 'frevendo' quando ele tiver tremendo dentro da panela que tá quente, né?" Eu falei: "-Tá bom." Tá bom, né? Eu só falava que tava bom, né? Daí, minha filha, levantaram tudo, tava tudo acordado, todo mundo alegre, contente, né?

Aí tomaram café, a mulher foi levar o menino na escola e o homem foi trabalhar. Tá bom. Daqui a pouco a empregada começou a limpar a casa e eu comecei a limpar minha comida. Falei pra menina, já eram umas 10 'hora'. "-Você quer comer uma fruta? Tu vem comer, né?" Ela falou: "-Ah, mas ela nunca mandou." Eu falei: "-Ah, mas aqui a casa é nossa. Nós 'tamo' 'trabaiando', devia dar uma coisa de comer, né?" A menina falou: "-Não. Deixa aí, mas ela nunca mandou eu comer, não." Eu falei: "-Ah, menina, larga a mão de ser tola. Come logo. Coma uma banana, coma uma maçã. Cê não pode comer os 'Danone' dos menino, né? Mas uma maçã, uma banana, uma laranja, pode comer. E deixa comigo, se ela brigar eu falo: '-Não senhora, nós 'vai' trabaiar, mas só que 'vai' se alimentar."

A menina comeu uma banana, eu chupei uma laranja, né? Ela viu as 'casca' lá, ela nada me disse e eu também nada disse a ela. Eu falei: "-Ela vai ter... Se ela é ruim, ela vai ter que ficar boa."

Aí chegou o dia da feira: "-Dona Isaura, a senhora vai na feira comigo ou a senhora vai só?" "-Não. Se a senhora gosta que a empregada da senhora 'vai' junto, eu vou junto." Ela falou: "-Então vamos." Fui na feira mais ela, a feira é ali, né? Chegou lá, ela foi comprando, foi botando no carrinho, né? Fomos no carro, aí ela falou assim: "-A senhora quer uma penquinha de banana pra levar pros seus 'menino'?" Eu falei: "-Quero." Falei: "-Êpa! Essa é boa, né? Essa é boa." Aí comprou uma dúzia de banana, me deu. Nossa, parece que a menina tinha me dado ouro! Se você der isso aqui 'prum' 'fio' meu, isso aqui. Nossa Senhora, você deu tudo.

Aí minha filha, 'cheguemo' em casa, 'tiremo', botei a... Falei: "-A banana é essa que a senhora falou?" "-É." Coloquei lá na sacola. Daí ela contou pro marido, o marido todo contente e tal, a idéia era pra fazer uma compra e me dar uma compra de comida. O homem cutucou a mulher porque a mulher era ruim. A mulher era ruim, daí o homem cutucou a mulher e comprava aquele arroz mais barato, mas me dava. O que importa era me dar, né? E eu ia levando, um dia eu levava o arroz, um dia eu levava o feijão, outro dia eu levava o óleo outro dia eu levava o sabão e ia levando.

Os detalhes em relação à comida aparecem em todas as narrativas dos entrevistados. As coisas e as comidas, o vestuário e os móveis contam quem são, como vivem, explicitam conflitos, é a partir da relação com as coisas que se colocam as relações com as pessoas.

Nesse relato, ficou claro que Isaura não sabia ler, nem bem assinar o nome. Quando o celular dela apitou, mostrando uma mensagem, ela pediu que eu lesse. E contou da dificuldade de viver na cidade grande sem saber ler. Tomar ônibus é um desafio, levar Eduardo para o centro da cidade, voltar, procurar casa pra morar, tudo é um desafio. Isaura vive hoje de vender produtos de beleza de porta em porta, mas não lê o nome dos potinhos, decora-os pela cor e conta com a ajuda do comprador. Quando encomendamos um produto, anotamos no caderninho dela o nome, o telefone e o número do pedido. Isaura não sabe ler, mas sabe bem somar os valores e fazer o troco. Seus filhos foram à escola, todos os nove; os meninos não aprenderam nada, são serventes, pedreiros, mal sabem escrever o nome; as meninas estudaram mais. A mãe de Eduardo agora voltou a estudar, “depois de velha”.

Os homens e suas mentiras

Falamos, então, sobre o casamento, a separação dos ex-maridos, do pai dos filhos e dos outros dois casamentos. Isaura contou do único homem que amou e com quem conviveu na favela por dez anos, e do choque que sofreu ao saber que ele era casado. E com uma mulher bonita.

A senhora amou outro homem já?

Eu amei, eu gostei 'dum' senhor logo que a minha mãe veio da Bahia, que ela ficou uns 'tempo' aqui nesse barraco aqui, mais eu. Eu encontrei um senhor no açougue em dia, eu gostei, eu gostei dele 10 'ano'.

E não namorou?

É. Namorei com ele, eu gostei dele. Ele era irmão do Ronaldo, sabe o Ronaldo ali que tem um caminhão? Ele se chama João Paulo, eu gostei dele e fiquei muito tempo com esse homem. Esse homem nunca me falou que ele era casado. Eu falei: “-Olha, meu amigo, um dia eu vou descobrir. Eu vou descobrir a verdade.” E ele falou: “-Não sou casado, eu não sou casado. Eu não sou casado.” Ele vinha aí, dormia no barraco, ele trabalhava aqui na Prefeitura e eu aqui na CETESB.

Mas eu gostava, eu era apaixonada pelo homem, era bom. Ele é irmão desse Ronaldo, o Ronaldo tem uma casa 'pegado' com aquele bar que você me encontrou. Então foi um belo dia eu falei: "-Hoje eu vou descobrir onde é que Paulo tem essa mulher. Esse homem é casado." Olha, ele dormia mais eu segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Não dava pra perceber que esse homem tinha 'muié'. Dava? Não dava, não. Quando é um belo dia... Ele ficava num bar que tem ali na Natingui. Aí lá na CETESB eu falei: "-É hoje."

Aí eu já fazia o serviço e não trabalhava mais de noite, trabalhava o dia inteiro na CETESB, 5 'hora' eu batia o cartão e vinha embora. Cheguei lá no bar, me sentei, ele já tava jogando dominó com os amigos. "-Ei, homem, não vai parar de jogar, não?" Ele falava: "-Não. É a vida porque..." Sempre distraído e eu ali sentada. Aí vinha aquela mulher no Volks, uma mulher bonita. Ela era baixa, forte, tinha um cabelo ruim, mas o cabelo alisado, né? Então era bom, né? Que aqui em São Paulo só tem cabelo ruim quem quer, né?

Bom, quando ela apontou lá, que ela desceu do carro dela, o dono do bar olhou pra mim e fez assim pra mim, mostrou a aliança dele, me dando um sinal que era a mulher dele. Aí eu caí na real, aí ela chegou: "-Boa tarde." Eu falei: "-Tarde." Aí ela abraçou ele, beijou e ele: "-Chega pra lá." Falou com ela: "-Ah, chega pra lá." "-Estranho, né? Se ela é a mulher dele, por que que chegava pra lá?" Porque ele pensou que eu ia falar alguma coisa com a moça, com a mulher. Mas eu não ia falar, eu tava num terreno 'aleio', ele não queria contar a verdade. Daí eu fiquei ali uns 10 'minuto', tal, peguei uma Coquinha de lata, comecei a tomar pra disfarçar e ele... ela ficou assim abraçada com ele, assim, pelas 'costa', né? Abraçada. E ele jogando, toda hora ele dizia: "-Chega pra lá."

Bom, aí a poucos 'minuto' eu falei: "-Bom, deixa eu me ir embora, né? Pra casa, né?" Eu 'inda' morava aqui. Aí eu vim, quando eu cheguei numa casa de uma mulher que tinha ali em cima, chama dona Mia, ela morreu, é uma curadeira. Aí o coração disse assim pra mim: "-Olha pra trás." Olhei pra trás, a mulher deu na carreira e falou pra mim: "-Ô, quero falar com você." Eu 'digo': "-Eu também com você." [risos] Ela falou: "-Boa tarde." Eu falei: "-Boa tarde." Ela falou: "-Cê tava lá no bar?" Eu falei: "-Tava." "-A senhora conhece o Paulo?" Eu falei: "-Conheço." "-Você conhece o Ronaldo?" Eu falei: "-Conheço." Aí ela falou: "-Você sabe que o Paulo é meu marido?" Falei: "-Não. Não sei, tô sabendo agora que você tá falando." Aí ela falou assim: "-Aonde é que você mora?" Não. Ela falou: "-Como é que você chama?" Eu 'digo': "-Meu nome é Isaura, e o seu?" Ela falou assim... Não quis falar o nome: "-Aonde você mora?" Eu 'digo': "-Eu é que te pergunto onde tu mora. Eu moro por aqui, e você?" Ela não disse aonde que ela morava porque mais ou menos eu 'tive' numa casa dela, a casa dela... Ela não morava na casa, estava uma construção desse sobrado e ele me levou lá um dia de carro e ficamos lá conversando, demos risada e só isso, só. Tudo bem.

Aí ela ficou, ela não falou o nome dela, eu também não falei o meu, né? Eu tinha falado que era Isaura e o dela ela não falou o nome, ela queria saber onde eu morava e eu não falei onde eu morava. Aí ela foi pra lá e eu vim pra cá e ela foi pra Pascoal Vita, pra lá pra subir a Pascoal Vita. Tudo bem. Minha irmã, eu cheguei em casa, meus 'óio' já não 'abria' mais, tanto amor, tanta lágrima pelo marido dos outro, né? Eu 'digo': "-Mas eu vou 'se' aprontar num instante." ([risos]) Aí tomei um banho... [risos] Tomei um banho, lavei o cabelo, eu era metida a granfina, como eu te falei, né? Subi lá na Cerro Corá lá, tinha uma 'cabelelera' boa, fiz a mão, pé, cabelo e ele tava no bar.

Eu sou 'meia' maloqueira, e assim mesmo a gente já se 'encontrou'. Aí, minha irmã, tomei um táxi, cheguei lá. Falei: "-Ô, amigo, agora 'é' nós dois que 'vamo' conversar." "-Conversar o quê?" Ele me chamava de farinha, né? Nós 'ia' nos 'restaurante', vinha aquelas 'comida', aquela comida granfina, eu beliscava ele assim e falava assim: "-Aquele... Eu gostaria de comer farinha com carne." Ficava assim, um negócio mole e ele começava a rir. Aí me chamava de farinha.

"-O que foi, farinha?" Eu falei: "-O que foi? Você me enganar 10 'ano' não 'é' 10 'dia'. Você tem a sua esposa, tem os seus 'filho' e você mentir como você me

mentiu? Cê não é homem não, rapaz. Homem que é homem não mente.” Ele falou: “-Ah não, mas eu... eu não podia te contar. Se eu te falasse que eu tinha mulher cê não ia me querer.” Eu falei: “-Aonde tá tua mulher? Tu dorme na minha casa, dentro ‘dum’ barraco, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Então uma mulher daquela, uma mulher bonita, uma mulher limpa, uma mulher educada.” “-Ela falou com você?” Eu ‘digo’: “-Ela falou.” “-Você falou que tava comigo?” Eu falei: “-Não. Eu respeito as ‘pessoa’. Falei que eu te conhecia. Que ela me disse ... ‘-É porque Ronaldo falava comigo só nessa Isaura, nessa Isaura, eu queria saber o que que é você dela.’ Eu ‘digo’: ‘-Eu sou amiga do Paulo e sou amiga do Ronaldo.”

Isaura atualmente só pensa em resolver a questão da separação, arrumar uma moradia, voltar a trabalhar de cozinheira ou faxineira, educar Eduardo e tocar a vida adiante. Vez por outra fala em se vingar do Seu Joaquim, do desejo de dar-lhe uma surra, de prendê-lo, mas pouco a pouco sua fúria se esvai. É uma mulher que tem pressa em resolver, que sai fazendo, porque a vida não lhe foi muito grata, tudo que teve foi conquistado com luta e sacrifício.

Não acha que deveria ter ficado na favela; aquilo não era dela e não havia por que lutar. Criou os filhos lá e já é grata por isso. Considera que “os meninos” ainda tiveram sorte de sair com algum dinheirinho e nem sofreram tanto quanto ela para conquistarem aquele terreno.

Durante nossa entrevista, houve três momentos em que o áudio ficou baixo, pois Isaura sussurrou coisas inaudíveis na gravação. Em uma delas, passou por nós um senhor levando um cachorro para passear. Isaura, depois de cumprimenta-lo, sussurrou-me que ela não gostava do tal homem, um juiz, que dizia que ela havia mandado pessoas para trabalharem na casa dele e depois houve um assalto e ele a considerou culpada por indicar pessoas de mau caráter. Resmungou, disse que nunca havia se metido com roubo ou droga e prova disso era ter conseguido a guarda do neto no Fórum. Em outro momento, eu nem havia reparado, mas duas ou três viaturas de polícia passaram pela praça. Ela interrompe a gravação, preocupada, dizendo que os homens deviam estar procurando alguma coisa. Mais uma vez ela interrompe a conversa e faz comentários em baixo tom sobre uma babá que passeia com um bebê junto da mãe. Isaura diz

que não se conforma de ver uma mãe deixando que outra pessoa cuide da criança quando ela mesma poderia cuidar. Pergunta-me, então, se tenho filhos e se concordo com isso.

Mais uma vez nos encontramos, eu e Isaura, já na sua casa nova, de aluguel, próximo ao Matias. Na nova casa, em um domingo, uns amigos consertavam a porta de entrada, reaproveitando materiais de demolição. Pelo quintal, mais janelas e portas – Isaura contou-me dos planos de ampliar a casa, fazer uma lavanderia e um banheirinho para ela e Eduardo morarem. O processo contra o ex-marido ainda estava sendo encaminhado.

Suzana, seus silêncios e seus medos

Suzana é uma mulher amedrontada. Estive muitas vezes com ela e os filhos, durante a remoção da favela. Conversamos sempre, mas ela nunca gostou de ter a conversa gravada. A entrevista em profundidade ocorreu na sua nova moradia, um cortiço na Vila Madalena. Assustada a princípio por eu tê-la encontrado, mesmo sem ter me dado seu endereço, foi aos poucos se soltando. Longe dos ouvidos dos outros, Suzana contou a história da vida, da infância, dos casamentos e da favela. Explicitou vários conflitos que até então não haviam sido mencionados por outros entrevistados. Contou da segregação no interior da favela, o beco das putas, o beco das solteiras direitas, uma divisão moral do espaço restrito onde moravam as 105 famílias. Pôs em questão a propriedade do terreno, dizendo conhecer outra história.

Foi uma das primeiras moradores da favela, sua única moradia em São Paulo, desde 1975, quando chegou de Candeúba, cidade bem próximo a Salvador. Caçula de uma família de 7 filhos, todos os irmãos ficaram lá, só ela veio tentar a vida aqui em São Paulo, cansada da vida na roça. Desde então, trabalha como faxineira, na mesma casa, há 30 anos. Visitei-a na sua nova casa, em um cortiço na Vila Madalena. Depois de uma longa escadaria, a casa, agora com dois quartos, ao invés de um só, como na antiga favela. A cozinha bem organizada, micro-ondas, fogão, panelas e toalhinhas sobre a mesa. No alto, sozinha na estante, a panela de pressão que depois aparecerá na história. No quarto dos meninos, videogame e computador. Enquanto conversávamos na cozinha, e eu tomava café na única xícara, que fez questão de me oferecer, a filha de 14 anos saiu com a vizinha para o Shopping Iguatemi. Na escadaria, outras vizinhas faziam a unha e jogavam conversa fora. Quando o café ficou pronto, Suzana ofereceu a elas, enquanto eu fumava um cigarro.

Na infância, o medo das vacas

- Aos 10, 11 anos, vivia de enxada. Quando cheguei ainda tinha as mãos grossas de calo, morria de vergonha das minhas mãos. Antes de trabalhar na roça, fazia a comida para a família toda, que saía cedo pra roça, bem distante de casa. Fazia a comida - arroz, feijão, mistura e o molho de pimenta - e punha na gamela, sustentando na cabeça um pilão de amassar café que equilibrava a gamela por onde iam as panelas. Naquela época, não era assim como hoje, tinha que matar o frango, ferver, depenar... Às vezes acontecia que na ida, da casa até a roça, como de Pinheiros até a Lapa, passava em pasto onde tinha vaca brava, aí as panelas balançava, até derramava. Aí, subia na árvore, ficava lá em cima do pau, mas sem deixar pano do chão, que vaca fareja pra ver se tem gente. E ficava lá em cima da árvore até que a vaca fosse longe, esperava e voltava a botar as panelas e equilibrava tudo de novo até chegar à roça. Depois de todo mundo almoçado, voltava com as panelas, e ainda tinha de novo de enfrentar as vacas bravas. Minha mãe era, assim, uma mulher forte, como se diz? De gênio forte, brava, mas meu pai era doce, se alguém tivesse precisando de uma roupa, ele tirava a dele do corpo e dava."

Ainda hoje não gosto de cozinhar, faço a comida em casa para os meninos, mas não no trabalho, faço faxina só, três vezes por semana, mas não cozinho, não, cansei, não gosto desse negócio de fazer comida. Faço pros meus filhos, e já é difícil, um gosta de uma coisa, outro gosta de outra... E eles não sabem fazer não. Se peço ajuda e eles demoram, já vou logo fazendo, que não gosto de pedir ajuda, se demoram, já vou lá eu mesma e resolvo. Sou do tipo que não gosta de esperar.

Da chegada e do trabalho

Chegou nesse período, com 17 anos, fizemos as contas e foi em 1975, vinda da Bahia, direto para a favela, para morar na casa de um senhor que tinha ido para a Bahia se casar com uma prima dela. Veio sem família, trazida por uma amiga, para trabalhar em casa de família.

- O seu Joaquim era genro da Nice, tinha enviuvado e foi lá na Bahia se casar com minha prima. Assim foi que Tereza me contou e eu vim morar na casa dele. Paguei cem reais, cruzeiros ou seja a moeda que for na época. Vim para cá e já comecei a trabalhar em uma casa, passei 20 dias nessa casa, mas não comi nada lá. A patroa pedia para fazer o arroz, uma canequinha assim [mostra uma xícara de café], feijão e dois bifés, um pra ela, outro pro marido, que deixava embrulhado no papel alumínio. E pra mim? Nada. Pois eu passava ali a semana sem comer, ia na vendinha do seu Alceu e comprava pão e água e era com isso que eu vivia.

No fim de semana, ia pra casa da amiga, e aí sim, levava um macarrão, um frango e comia lá. Porque nunca fui assim de chegar na casa de alguém sem nada, sempre levei uma coisinha, é difícil pra todo mundo, eu sei. Passados os 20 dias, fui para a casa da patroa, Dona Regina, onde trabalho até hoje. Ela é muito boa, não muito exigente nem chata, mas o patrão é um mal-educado. Às vezes tamos conversando nós duas e ele interrompe e me deixa falando sozinha, feito um cachorro. Ganho pouco, trabalhar lá há tanto tempo, você sabe por que não tenho direito a Fundo de Garantia? Veja bem, quem trabalha em casa, e você sabe, trabalha até mais que quem trabalha em firma, que fica batendo no computador, ta certo que trabalha com a cabeça, mas por que não tem direito a Fundo de Garantia? Só férias e 13º? Agora mesmo ta na hora de me aumentar, sabe quando é que começa o novo salário? A patroa é boa, mas é difícil de aumentar meu salário, veja só, 30 anos lá e ganho 400 reais por mês, só o que dá é pra botar comida em casa. Sorte que tenho os meninos, e eles pagam o aluguel e as contas de água, luz. Eu compro comida e

gás. Mas pensa que dá pra uma roupa? Um sapato? Que nada, se sobra um pouco, vai para os menores.

Conta-me, então do início da favela, das “amigas” que dividiam com ela o terreno, onde ainda se plantava. À nostalgia das lembranças daquele tempo, vêm as narrativas do conflito.

- No começo, era muito tranquilo viver ali. Era como uma roça. Seu Domingos, já bem de idade, plantava melancia, abóbora, feijão ali em cima da favela, fez uma tela e fazia a horta. No terreno que hoje é da Eletropaulo, também tinha um poço artesiano, onde o Osório ia pegar água. Ali também tinha melancia, abóbora, feijão, e a gente colhia, porque não tinha quase ninguém. Até a cerca que separava o muro da Dona Marlene, a vizinha da favela, não tinha não, foi depois que fizeram. Foi lá pelos idos de 79 ou 80, quando Sandro nasceu, que a favela começou a encher. Isaura trouxe muitos parentes dela... ia chegando um, arrumava um barraco, outro, arrumava outro. Quando Isaura chegou, até pediu madeira pro meu marido. Eu cheguei primeiro que ela. Nessa época, eram quatro ou cinco barracos de madeira por lá. Tinha sobrado um pouco de madeira do meu e meu marido deu a ela e a gente vivia assim, tinha aquelas árvores grandes, onde é a mercearia do Moisés tinha uma árvore com as raízes pra cima da terra, um mato de cacho de flor branca, era um mato isso aqui. Não tinha luz, não tinha água... nada”

Pergunto a ela como se virava com a água para cozinhar, se fazia uso da bica, que Isaura já havia comentado.

- Eu ia lá na bica, levava uma trouxa de roupa numa mão e a bacia de louça na outra, todas nós lavamos roupa e a louça lá, quando fechou aqui o poço artesiano do terreno da Eletropaulo. Agora fecharam a tal bica, disseram que a água é contaminada, mas nós tudo bebemos água dali e nunca morremo, periga mais essa água da torneira que aquela da bica. Uma época, eu nem podia sentir cheiro de frango. Porque lá no córrego [córrego das corujas] tinha um monte de galinha morta, trabalho de macumbeiro. A gente ia lavar roupa e vinha aquele cheiro de galinha.



A bica ainda existe, a 200 metros da antiga favela

Nomeando os conflitos

Depois de me contar brevemente sobre os bons tempos da favela, começam a surgir os conflitos, em torno do tanque, quando a água chegou à favela, com os vizinhos, por questões pessoais. Primeiro, o conflito com Sara, que “arruinou” seu primeiro casamento e mudou sua trajetória na favela. Depois do episódio, ganhou fama de “mulher brava” e teve que se defender. Foi fichada na polícia, sofreu ameaça de morte e vivia aterrorizada pela possibilidade de invasão de sua casa. Descrevendo sua casa, me explicou por que as janelas do fundo não tinham vidros, eram só cobertas por um pano: caso fosse atacada pela frente da casa, teria tempo de fugir pelos fundos com os filhos.

- Eu tinha os filhos pequenos, trabalhava nessa casa, três filhos pequenos pra criar, e então um dia o dono de um dos botecos me disse 'Suzana, o Osório veio ta lá na casa da Sara'. E eu com aquilo na cabeça, me martelando. E ele lá naquela casa dela, que nem banheiro tinha, ela era irmã da Tânia, sabe? Aquela que morou desde sempre aqui na favela, mas nem a irmã se dava com ela... falava que ela não prestava, que era assim, meio putona. Um dia meus filhos contaram que viram o pai dizendo a ela que ela tinha a boca mais linda do mundo. Catei ela e dei uma surra, pra ela acordar e aprender a respeitar os outros. Depois fui parar na delegacia, fui fichada, mas eu tinha registro em carteira, era direita, mãe de filho pequeno, contei ao delegado a história, disse que tinha medo dela revidar, e ele me disse pra eu me defender se ela revidasse... não merecia isso, sofri muito por causa desse primeiro marido e eu era direita, não merecia isso; no segundo não, não sofri, somos assim amigos até hoje, mas do primeiro, eu não merecia, não, até o delegado falou 'se marido vai aprontar, que apronte longe da casa, não debaixo do nariz, perto da família'. E o ex-marido falava que eu tava é louca, que não tinha nada com ela, mas o que é isso? Se até os filhos viram... até hoje cruzo com ela e ela fala umas bobagens, mas nem ligo, porque não devo nada, mas sei que quem bate esquece e quem apanha não... Passei um sufoco danado nessa época, olha, eu andava tão nervosa, quando cheguei da delegacia, minha filha tava com manha, dei umas palmadas nela, assim de cima do cobertor, aí ela fez aquela manha pro pai, ele veio e me pegou pelo cabelo, mas eu tinha um cabelo que ia quase até o pé, amarrado em coque e aquilo só fez desmanchar o cabelo, mas saí, deixei a menina lá chorando e fui com uma faca atrás dele, porque nunca agüentei desaforo de homem nenhum... procurei de bar em bar, mas não encontrei... depois disso nunca mais quis ele em casa, ele tentou voltar mas eu não quis, difícil é tirar homem de casa, quando sai, não tem por que voltar.

...

- Antes do tanque em casa, o tanque era coletivo, onde morava o Neno, sabe onde? Então, todo mundo lavava roupa e louça lá. Aí um dia, cansada de algumas mulheres que deixavam a roupa lá horas, porque sabe, quando é coletivo, tem que cada um usar direito. Não, tinha umas que deixava lá a roupa de molho, ou aquelas panelas enormes dentro do tanque, então uma noite eu saí do tanque e furei meu pé na grade de um fogão que tava no chão. Tava escuro e eu não vi. Xinguei de tudo quanto é nome, aquela dor no pé e falei 'quem foi a vagabunda que deixou esse negócio aqui?' Aí a dona apareceu, e se pôs de valente com aquilo. Me disse

'não é porque você bateu em uma, que vai bater em mim'. Mas eu deixei pra lá, nem levei à frente a história. Depois que o tempo passou, a gente voltou a conversar, mas amiga, amiga, nunca mais a gente foi.

Essa introdução foi para contar de como saiu do “beco das putas” e foi morar em um outro beco. Pela representação no mapa da favela, a família de Suzana saiu do extremo à direita, o beco encostado ao muro da Eletropaulo, para um outro beco, à esquerda. No trecho abaixo, o motivo da saída e os novos conflitos na nova localização.

- O que era perigoso mesmo era Jardel, tá morto já também, a polícia matou ele entrando em uma casa, diziam que ele era protegido pelo pai dele, que era pai de santo e que ninguém faria mal a ele. Acabou morto, mas esse era terrível e veio pra favela e arruinou com a favela, depois dele era droga que entrava, gente entrando, gente saindo, ninguém mais teve paz, isso anos 80, nem sei direito, mas era ruim demais, perigoso, a gente vivia com medo, trancado em casa. Antes disso, eu saía pra trabalhar, deixava os meninos, de 5, 3 em casa, porque era tudo mato, mas nessa época, começou a pegar fogo, e era uma dificuldade ir trabalhar e deixar os filhos ali, naquele beco, foi por isso que mudei e fui lá pra cima na outra viela. Aquele beco ali ficou cheio demais, não tinha sossego. Na outra parte, aí tinha outras mulheres, também solteiras com filhos, mas ninguém fumava lá, ninguém bebia... era uma mineira, uma carioca, todas direitas.

Mulher sozinha, sem marido, não tem como se defender. Era homem batendo na porta, até tinha um que andava por cima das telhas para pegar as mulheres que moravam ali. Sabe que fiz? Um cabo de vassoura com um prego na ponta, que se ele viesse me incomodar, ia ver só. Mas nunca entrou na minha casa, não.

Nessa outra viela, contava-me Suzana, a vida foi mais sossegada, até a chegada de Sérgio, que se mudou para o barraco vizinho ao dela.

- Um dia eu tava lá em cima, lá em casa, quando vi de baixo o Sérgio me apontando uma arma, deu um tiro e por pouco não pega em mim. Desci a escada, fiquei em frente à porta da minha casa e disse a ele: se você quiser atirar, atira aqui na frente da minha porta e larga de ser covarde. Ele atirou porque essa Sara tinha uma filha com um tio dele e ele me disse que naquela época eu só tinha sobrevivido porque ele era pequeno, se não tinha metido uma bala em mim. E eu vivia assim, às vezes tava dentro de casa, mas punha o cadeado do lado de fora da porta, para pensarem que eu tava fora. Um dia ele muito maconhado, tava feito um louco andando pra cima e pra baixo, eu fiquei lá na igreja, das 8 às 5 da tarde, com meus filhos. Daí voltei e me tranquei... uma vez, eu tinha posto meus filhos pra dormir no chão, porque eles dormiam no beliche e a casa era de madeira e eu tinha medo que atirassem. Então, um dia acertaram um tiro no muro bem grosso que meu marido tinha feito pra água da chuva não entrar, um murinho de três palmos de altura, pois foi ali que acertou o tiro, bem em cima do muro, atravessou a parede e encravou do outro lado, se meu filho estivesse no beliche tinha morrido... mas nem falei pra polícia, porque eles prendem mas soltam, e depois eles vem é me matar, eu tenho filho...

Esse rapaz veio morar do meu lado, e se trancava lá na casa, dias e dias, com essas mulheres de rua, com umas cinco dentro de casa e ficavam lá, cheirando, fumando...

... Uma noite também ele andava pelo telhado, quando uma telha quebrou e ele enfiou o pé e acordou meu filho que dormia em cima do beliche. Aí um dia pegaram ele e mataram... deram 30 tiros nele. Eu nem vi, meu marido viu, falou que tava todo furado.

Parece que os homens que vieram matar, ainda passaram no pai dele e cumprimentaram o velho. Vê que coisa, cumprimentar um pai antes de matar o filho? E o pai, além desse, perdeu mais dois, um atrás do outro, esse morto, um de doença, de câncer eu acho, e o outro de uma infecção no estômago, não sei, morreu magrinho como essa chave, foi definhando, emagrecendo, até que morreu, não sei não o que foi, parece que comeu comida estragada e morreu.

Depois disso, o pai ficou abatido, deixou a barba crescer, uma barba amarela, um dia disse assim a ele: 'pois corte esse cabelo e essa barba, homem'. Duro demais ver os filhos assim, acabando um a um...

A ameaça, no entanto, não vinha só dos vizinhos, do dono do tráfico ou das vizinhas e de suas disputas pelo tanque. As invasões da polícia também assustavam Suzana e deixaram seqüelas no filho mais novo.

"Ninguém gosta de ter sua intimidade revirada, não é mesmo?" e eu concordo.

- Uma madrugada, era assim seis da manhã, eu vi uma luzinha azul por entre as frestas da madeira, vi que estavam espiando, mas não sabia se era bandido ou não e fiquei quieta, num canto. Era uma segunda-feira, frio... quando apagou a luz olhei pra fora, e vi que era a polícia, procurando alguma coisa. Então, eles bateram na porta, fingi que dormia ainda e perguntei quem era. Eles falaram com aquela voz grossa 'é a polícia', aí juntei os meninos, naquele frio e eles entraram e reviraram tudo. Juntaram minhas roupa com as dos meninos, minhas calcinhas tudo espalhada no chão, eu que não gosto de mostrar minhas calcinhas nem pros meus filhos, com aquele monte de policial ali em casa. Quando saíram, juntei aquelas roupas tudo espalhada, amarrei num cobertor e fui trabalhar. Só de noite, quando cheguei é que fui arrumar tudo. Mas o Pedro, meu mais novo, até hoje tem medo de metralhadora, qualquer helicóptero que passa ele tem medo, tenho que deitar com ele na cama e esperar a crise passar. Acho que é trauma, né?

Sorte e azar

Depois de tanta ameaça, o golpe de sorte que proporcionou a Suzana e seus filhos conseguirem sua casa de bloco, a água encanada e o esgoto.

- Com o dinheiro do mês não dava pra fazer a casa de bloco, quando mudei lá pra aquela casa onde você viu, era de madeira, e eu com os filhos só, aqueles 3 dias de faxina, mal dava o dinheiro pra comer, como é que eu ia fazer? Aí deu uma sorte, que uma mulher pediu que eu fosse cuidar do gato dela, chamava Pepe, o gato, aí eu toda manhã ia e passeava com o gato, das 7 as quase oito, e aí entrava no meu serviço, isso durou dois meses só, que depois ela foi embora, mas juntei 800 reais, paguei 750 pro homem construir de bloco, o Dougla, meu filho do meio, comprou o material e ai erguemos a casa. Fiz água, pus esgoto até a entrada da viela, um cano bem grosso, pra não entupir, que eu não tinha marido em casa pra arrumar. Depois veio o esgoto, que o Rui que juntou o pessoal, cada um dava um dinheiro, ou dia de serviço, eu como não sabia mexer, dei 40 reais, e ainda inteirei o que faltou de uma amiga minha... você vê, amigo como é... então aí fizeram o esgoto, e ficou melhor, antes era aquele cheiro, aquela água suja correndo...

Falamos, então das amizades dela, de quem ainda via ou se relacionava. Dos lugares que freqüentava, mas Suzana não se dispôs a falar muito dos outros, a lei do silêncio lhe foi sempre muito cara.

- ...Amigos mesmo são meus filhos, são eles que me ajudam aqui em casa, não deixam nada faltar, o Roberto até paga convênio saúde pra mim e o mais novo, que tenho uma dor nas costas, um problema no estômago, mas amiga, amiga, é difícil confiar.

Lembra do poste em frente de casa? Então, paguei luz por seis anos, aí vieram e fizeram aqueles 'gatos', todo mundo usava a luz daquele poste e eu parei de pagar. Depois que saí da favela, ainda tinha uma conta pendurada de luz. Um dia veio meu ex-cunhado aqui e falou 'olha, Suzana, cortaram a minha luz, porque aquela conta de luz tava em meu nome, preciso que vocês resolvam isso'. Aí peguei os últimos 500 reais do banco e disse ao Roberto, meu filho, para ir lá acertar a conta. Ele foi, deu os 500 e acertou as parcelas dos outros 500, ainda agora acabamos de pagar. É duro, sair de lá, devendo o que nem era meu. Mas não gosto de dever nada, não, ainda mais assim no nome dos outros.' Nunca mexi em nada, nunca roubei nada, porque penso assim, não dá pra se sujar por qualquer coisa, se ainda fosse mudar de vida, assim, tudo bem, mas roubar mixaria, não, melhor é ficar com o nome limpo.

- Quando me perguntam se sei onde mora fulano, digo sempre que não sei, que acabei de mudar pra aqui, a gente nunca sabe se estão procurando pra matar ou qualquer coisa, é melhor não falar nada. Se viu, se não viu, melhor é não falar.

A conversa então tomou novo rumo para ela contar de seus casamentos e de sua vida pessoal. Já estávamos mais próximas, o que me permitiu conhecer a história de seus casamentos com alguns detalhes. Os hábitos de alimentação diversos, a violência doméstica, o modo de se defender, o uso dos objetos como arma de proteção.

- O primeiro marido foi Osório, pai dos três primeiros filhos – Roberto, 28 anos, o mais velho, fez faculdade de Turismo, mas não trabalha no ramo; Roberta, de 27 anos, que desde que separei foi morar com o pai, em Santo Amaro. Hoje vive com um homem ruim, que ameaça de matar ela; ela tem medo, é medrosa, muito calma, eu fico com o coração apertado, mas ela não sabe sair fora, eu sei sair fora, mas ela é assim muito calma. Outro dia veio aqui, o Roberto ouviu o marido dela chamando ela de vagabunda e tudo quanto é nome pelo telefone. Ele pegou o telefone e falou com o marido que essa casa aqui não tem vagabunda, se não deu certo, melhor deixar a irmã vir embora, mas ele ameaça que vai matar.

E o outro, Douglas, 24 anos, estuda na faculdade, tem bolsa de estudo, pelo Pró-uni, agora trabalha como técnico ou suporte em uma empresa, presta serviço de informática. Trabalhou dos 16 até pouco tempo atrás no mercado Lido, na Heitor Penteadó.

Quando os três eram ainda pequenos, o mais velho tinha uns 8 anos, depois de nove anos de casamento, separei do primeiro marido e aí vivi só na favela. Deixava às vezes os meninos sozinhos e ia trabalhar, enrolava o fogão com um pano, para não ter perigo e ia. Trabalhava no colégio ou em casa de família.

Quando Roberto tinha uns 14 anos, casou com o segundo marido, Terêncio, que era vindo de Nova Cruz, como grande parte dos moradores dali. Com esse viveu nove anos e teve outros dois filhos, Aline, hoje com 14 anos e Pedro, com doze. Esse comprava alguma mistura, uma carne gorda, que meus filhos não gostavam. Gostava de comida temperada, forte, aquelas comidas que têm cheiro forte, aquele caldo, meus filhos gostam com uma cebola, um alho, um pimentão, mas se comem

comida forte, têm sono, uma vez Roberto até dormiu em cima do prato, comendo uma comida dessas mineiras, sabe, bem temperada, muito forte. Eu também não comia, sempre tive problema de estômago. Então eu comprava minha própria mistura e ele a dele, a cachaça dele, cerveja... às vezes eu dava dinheiro pra ele comprar coisa no mercado. Aí descobri que ele andava falando que era ele que punha comida em casa, só mandava ele comprar porque era mais forte e podia carregar, mas o dinheiro era meu, do meu trabalho. Então parei com isso, fiz compra eu mesma no mercado Sé, que fechou, depois no mercado América e pedia pros moços trazer.

Nunca fui de apanhar de marido e ficar quieta, não. Um dia esse último jogou um prato de comida, que passou raspando da minha cara e foi estourar na parede. Eu joguei a panela de pressão nele e aí a panela quebrou. Pois fiz ele comprar outra. E tá aí, olha lá a panela de pressão, não é por necessidade não, que uma panela de pressão, posso comprar, mas por desaforo não comprei.

Mas esse segundo não se dava bem com os filhos, morria de ciúme do mais velho, falava que eu dava muita atenção pros filhos, mas você sabe, mãe assim solteira, tem que dar atenção dobrada, e ele queria atenção só pra ele. Um dia os meninos, eles nunca brigaram esses dois mais velhos, mas um dia eles se pegaram e foi uma briga que só... quando cheguei, vi aquilo e ele lá, o Terêncio, me contou da história e nem pra apartar, nem pra me ligar no trabalho, que eu vinha, eu vinha apartar. Aí eu penso comigo 'pra que marido, se não é pra compartilhar?' É melhor não ter não, hoje não quero mais marido, não, se não pode assim compartilhar, não tem pra que. Fiquei 9 anos casada com um, 9 com outro. Tá bom! Esse segundo vem aqui, tá casado de novo, com outra mulher lá em Caucaia, não dá nada de ajuda, diz que trabalha no sítio e que não dá dinheiro. Às vezes traz uma penca de banana, uma verdura... a Aline outro dia pediu 'traz couve, pai' e ele 'ih, agora sem chuva, não tá dando é nada', mas ele ainda vem, vê os meninos. O outro não, o primeiro tá lá em Santo Amaro, às vezes minha filha, a Roberta, que foi morar com ele, fala um pouco, parece que ele tá doente, não sei o que na próstata, mas eu não quero não saber, me fez sofrer e eu não merecia. Dizem que tem que perdoar, mas é difícil, né, eu naquela situação, com os três pequenos e me aprontou aquela, ah, agora não, não volto atrás.

Muitas dúvidas

Conversamos então sobre a saída da favela, da sua interpretação sobre as negociações. Pela primeira vez, vi questionada a propriedade do terreno.

- Olha, eu pensava que isso aqui era do seu Joaquim, aquele que foi pra Bahia e casou com a minha prima, depois que casou, viveu um tempo, mas tinha um rim só, não sei que doença era, e logo depois faleceu, a Nice que era sogra dele também morreu e eu achava que aquele terreno ali era deles. Depois é que veio o tal do Romeu, fez o pessoal assinar um papel, dizendo que era para levantar o muro, o pessoal assinou e aí ficou sendo dele. Eu não entendo nada disso não, mas aqui pra mim era do seu Joaquim. Mesmo o terreno do lado, onde mora a Marlene, dizem que era tudo da favela, que não era de ninguém, nem sei quem é dono ali, mas é tudo meio duvidoso. Aí um dia no fórum, fui eu, mais seu José, mais um pessoal aí e lá tava o filho do seu Romeu. Mas ninguém sabia mesmo de quem era, até hoje não se sabe. Saímos dali porque venderam, sabe como é, começa a mexer com a coisa e acaba achando o que não deve. Esse Murilo aí, dizem que ligava no trabalho do Rui, foi ele que negociou a venda, eu acho que não dava despejo não, mas a gente não entende nada... o Rui chegou aqui bem depois de todo mundo, organizou, foi atrás, mas mexeu, né, e aí eles vieram atrás...

Diziam até que um desses advogados que vinham negociar era filho do Romeu, um mais forte, sabe qual é? Então, eu não sei não, vi só um filho do Romeu, esse dia no fórum, parecido com a mãe, que também é loiro, alta, dos olhos claros.

Os projetos para o futuro

Sobre os projetos de futuro, Suzana ainda pretende aprender a ler. Muito orgulhosa de ter estudado os filhos, de vê-los na faculdade, ainda pensa em conhecer o mundo da escrita e a escrever ao invés de rabiscar o nome.

Eu nunca fui à escola, não sei ler nem escrever, e isso é muito difícil, dependo muito dos outros pra tudo, pra ir num médico, pra ler as placas, nome de ônibus... Não leio documento, não assino nada se alguém não ler pra mim. Ando sossegada com meus filhos, passeamos às vezes, quando o dinheiro dá, eu saio, mas nunca dá, sempre sobra mês, aquele dia primeiro que nunca chega. E sair com as crianças, também sempre acaba gastando e eu não gosto de ficar negando as coisas pros meus filhos.

Tenho vontade de estudar ainda, de aprender a ler, queria saber ler, mas é tão difícil, tenho medo de sair na rua, medo de bandido. Meus filhos estudam à noite, os mais velhos e não vou levar os dois pequenos comigo, né? Então eu acabo não indo. A Xica, amiga minha, que vivia aqui na favela quando era ainda pequena, voltou a estudar. Eu tenho vontade de ir, mas tenho medo. Ainda agora soube que tem lá na igreja, vou ver se consigo ir, até ralhei com essa amiga que tá indo estudar lá na igreja, falei 'mas você sabe que não vou sozinha, e tá indo nem me avisa'.. que ... você vê, os filhos tudo estudado e eu que mal sei rabiscar o nome. Queria ainda aprender.

Ao final da entrevista, disse a ela que voltaria e ela ainda mais uma vez insistiu para que eu falasse com o filho, Roberto, que ele entendia melhor dessas coisas de papéis. Disse que tinha adorado a conversa e que sua história me ajudaria muito na tese. Como de costume, quando conversava com as mulheres, Suzana pediu que se eu soubesse de alguma amiga precisando de faxina que a avisasse. Fiquei de voltar para ler a entrevista a ela, e ela me disse que não precisava disso, mas que se eu quisesse voltar para um café, já sabia onde morava.

Marlene, a vizinha da favela fala do silêncio pós-remoção



A entrevista com Marlene, suas duas filhas, de 17 e 11 anos e mais a amiga Gabriela aconteceu em meados de julho de 2007 na casa dela, mais precisamente em volta da mesa de jantar, como se fosse uma conversa entre amigas. Não conheci Marlene durante a desocupação da favela; meu interesse em entrevistá-la decorreu da menção que Rui fizera em sua entrevista sobre a possibilidade de compra do terreno ao lado da favela, onde Marlene e mais 5 famílias, de parentes e agregados do falecido marido dela moram. Encontrei Marlene um dia quando chegava de viagem; tido ido visitar a mãe no Paraná. Expliquei-lhe sobre a pesquisa de doutorado e pedi a ela que me concedesse uma entrevista. Ela prontamente me atendeu e quando cheguei a sua casa, conversava tomando um café com sua amiga Gabriela, que conhecera fazendo fuxico e outros cursos no Projeto Aprendiz. Aos poucos, foram chegando da escola seus filhos, Dito, pai de um garoto de 4 anos que estava febril e havia ficado na avó enquanto o pai trabalhava na quadra de tênis ao lado da favela, na esquina da Djalma Coelho com a Natingui; depois Taís, de 17 anos, que também falou um pouco sobre a favela e por fim, a mais

nova, Fabiana, de 11 anos, juntou-se ao grupo. A conversa foi muito amigável; embora não nos conhecêssemos, o fato de eu já falar de alguns moradores, seus antigos vizinhos, e tratá-los pelo nome, contribuiu para que Marlene contasse muitas histórias de sua vida e dos seus amigos e vizinhos.

A vida dos outros

Começamos pela favela, ao contrário dos demais, que me contavam de suas vidas.

- Me conte dessa história, da favela, quando começou.

- Bom, eu via assim: começou que a Isaura e mais um senhor que morava lá no centro. Depois desses, só a Isaura mesmo veio buscar os parentes dela. Os parentes 'trouxe' os parentes e, entre os dois, tinha uns 300 barracos. Isso durou, o quê? Uns 28 anos, mais ou menos, de moradia pra eles.

Ficava aquele vai tirar, não vai tirar; vai tirar, não vai tirar. Vinha a turma que queria tirar. A turma negociava. Era ordem de despejo, eles não aceitavam, reagem. Até que enfim, coitados, 'teve' que sair.

- A senhora viu a primeira saída? Teve uma saída uma vez.

-Teve, teve.

- Eles me contam, mas ninguém sabe me precisar quando.

- Acho que fizeram uma pressão com eles. E aqueles que tinham mais medo, coitadinhos, eles acabaram saindo, não reagiram. Não persistiram não, naquilo que eles queriam. Só que aí depois 'vortaram' outros. Foram, vai indo aqueles barracos que ficaram. Quem não pôde tomar conta, vendeu pra outro. Ninguém é dono, mas depois, no final, todo mundo diz que é dono, acaba vendendo. Mas eu acho que indenizaram eles. Não saíram de mão beijada não. Não saíram de mão beijada não. Não, pelo que eu sei, eles saíram. Pelo menos as 'menina' que eu conheci, que tinham se mudado. Eles deram uns poucos trocadinhos... pelo barraco na favela... Quem tinha já um emprego fixo, 'compraram' a casa. Eles entraram e tão pagando. Como lá nesse Mangue tem bastante gente que mora lá, que era daí. É, que compraram. Como tinha já emprego, dá a entrada e vai continuar pagando... Quando eu vim pra cá, não tinha nem a Vila Beatriz aí. Era tudo chácara. A favelinha também era chácara. O Seu José e a Isaura, e... Ah, e o Seu Epaminondas. Era os 3 moradores, e a... Neide... E tinha, como é que...? A Cássia, que tem 2 moças: uma chama Ana, e a outra, Lúcia. Aqui eras só esses moradores. Tinha bastante pé de manga, e eles criavam galinha, criavam pato. Depois mudou, foi fechando a favelinha. O Epaminondas, acho que também é parente da Isaura. Não tenho certeza, mas acho que... Pergunta pra ela da Cássia. Então, essa Cássia é irmã, acho que do... Ah, veio antes, bem antes da favela começar. Aí depois ela falou que estava doente, que ia morrer, e acabou deitando na cama, e faleceu mesmo. Aí só ficou as 2 meninas dela: a Ana... Lembro que... Ela ainda ficou doente por causa que a filha dela trabalhava numa fábrica de guardanapo que chamava LALECA. E ela acabou perdendo o dedo da mão na máquina. Então eu tenho certeza que a mãe dela morreu de aflição por aquilo que aconteceu de... É, ela falou assim: "-Ah, que eu tô doente". Vivia dizendo que tava doente. A gente falava: "-Cássia, tá não. Cê tá tão bonita". Ela: "-Não, tô doente, tô doente", e acabou ficando na cama, e morreu mesmo. Todo mundo falou que a Cássia morreu de tanto falar que ela tava doente.

Elas vieram primeiro do que a Isaura. Mas então a Isaura...

Quando eu conheci a Isaura, ela morava no outro quintal da minha sogra. É aquela: passa essa casa, e naquela outra ali, que tem um barzinho. A gente morava lá nos

fundos, porque a minha sogra morava aqui, no quintal daqui. Lá eram várias casinhas de aluguel.

Eu lembro que a Isaura morava lá na época que a Cássia morava ali. Depois que ela veio pra cá e...

- Ela me contou que morou de aluguel, e depois começou a construir aqui.

- Começou, é. Tinha horta, eles criavam pato, eles criavam galinha. Tinha o Seu José, que criava porco. Mas a Isaura não tá bem legal. Você percebeu que ela não tá muito normal? Ela tá tão, assim, estranha. Não é aquela Isaura feliz que eu conheci. Ela gosta da minha irmã, que é Isaura também. Ela fala pra mim: "-Cadê a Isa?" "-Ah, tá no Paraná, Isa".

Ah, ela era mocinha nova quando chegou. Será que o marido dela não era... Então não conheço ele, não sei quem é. Eu acho que ela saiu nessa época que veio a primeira prensa aí, a favela, que muitos saíram. E hoje resistiram e voltaram. Muita gente voltou pra morar, outros venderam.

Falamos, então, do que foi essa primeira prensa e de como interpretava sua relação com seus vizinhos da favela. Embora a conversa seja longa, transcrevo aqui as histórias que considere mais emocionadas a respeito da relação entre esses moradores:

- Quando começou a ficar pesado o clima da favela?

- Ah, eu acho que foi... Não lembro.

Eu lembro do filho da Isaura mais ou menos com uns 15, 16 anos, que é o caçula dos meninos, quando ele começou a se envolver com droga, que a polícia vinha, batia, dava choque nele. E como eu morava ali na casa da minha filha, a parede pegava no muro. E eles pegaram o nosso muro pra fazer os barracos. Aí aquilo ali, nossa! Sofria com aquilo, de ver a cena pelo buraco, e não poder fazer nada. Então a gente...

O menino casou; depois foi preso. Hoje é um ótimo menino. Parece que serviu de lição pra ele. Ele trabalha com o meu marido; meu marido adora ele. Hoje vai, leva; vão lá pra Sorocaba trabalhar, que são pintores, leva ele. Assim, ninguém fala que foi aquele menino, que tanto que apanhou, que tanto aprontou, que tanto levou. Claro que meu vizinho aí já não teve muita sorte. Mataram ele com um monte de tiro, o mais velho.

- Quem foi? A polícia ou foi...?

- Ninguém sabe. Só sei que foi tanto tiro à noite, no outro dia... No outro dia não. Logo que 'passou' os tiros a gente viu a turma chorando ali no meio da rua, ficou até meio lelé da cuca, chorando pela morte do filho dele. Tinha tiro até no pé. Eu não fui ver, porque eu não tinha coragem de ver. Eu vi... todos esses meninos da favela, todos eles eu fiz amizade com eles. Então eu tinha assim: tudo que eu arrumava de curso pros meus, eu ia buscar eles pra levar. Tipo assim, de Pinheiros, tipo ali o CAMPI, lá na Cerro Corá. Tudo que eu arrumei pros meus filhos, eu ia buscar eles. "-Ó, cê quer ir? É tal dia. Se não tem quem 'leva', eu vou levar vocês". Sempre eu procurei tirar eles disso. Tanto é que eu criei 8 aqui do lado, graças a Deus não tem nenhum com problema. Então sempre eu quis, assim, ajudar eles. - Tinha um menininho, que ele falava assim pra mim: "Ô, mãe da Raquel?" Raquel é minha filha. Não, uma outra que já casou. "-Você não tem comida? Porque hoje eu não comi nem um bocadinho". Às vezes era tão pouco - foi na época que eu fiquei viúva -, mas aquele pouco que era o meu, eu dava pra ele. Ele chamava Felipe. Aí minha filha mais velha falava: "-Mamãe, como a senhora consegue, né? Fazer isso." Falava: "-Ah, minha filha, Deus me dá o sustento, que eu nem passo fome à noite". Ela falava assim: "-Acho que eu não tinha coragem". "-Não, é porque você ainda é criança, você não entende esse outro lado. A gente, que é adulto, entende". Tudo, tudo que eu pude ajudar! Quando eu arrumei o CDC de Pinheiros pra minha filha, eu fui buscar todas as crianças na favela; eu levava de manhã 17; eu buscava

ao meio dia 17, tudo a pé, aquele bando. Então, sempre... Sempre eu quis tirar eles da rua. Se eu pudesse... Até hoje que eu tenho tanta vontade... Eu falo assim: "-Se eu pudesse, eu ia abrir uma casa onde eu ia abrigar as crianças de 14 a 16 anos". Porque todo mundo ajuda até os 14 anos. Dos 14 anos, fecha a porta.

- Você teve medo deles alguma vez?

- Nunca! Nunca, nunca. Senti muita falta, passei mais de 1 mês num silêncio. Parecia que eu estava noutro mundo, que eu olhava pra lá, não tinha ninguém, não via os barracos. Não tinha mais aquele barulho à noite.

- Ah, me fala do barulho.

Barulho tinha. Quando era... Tinha todo dia, que eles não respeitavam. Esse negócio de horário, pra eles não tinha não. Som alto, carro que chegava com som alto. Aí, depois que o Seu José montou aquele bar grande, fazia, contratava show pra vim, cantor; todo mundo ia pra rua, tipo barzinho de... Era salão de festa, fazia aniversário lá; ele alugava pra fazer aniversário.

No fundo, no fundo, acho que eles eram uma comunidade. Eles não eram uma favela, se é que pode falar assim. Porque entre eles mesmos, eu não via encrenca entre eles! Se tinha alguma briga, tinha alguma morte, era coisa que vinha de fora. Porque entre eles mesmo eu nunca ouvi falar assim: "-Ó, de lá de dentro um brigou com o outro; ou tomou um tiro porque o outro deu". Nunca lembro. Bom, talvez briga de mulher com mulher, por causa de homem. Eu senti falta ... Até falo pras meninas: "-Nossa, foi duro pra mim acostumar: olhar lá pra favelinha e não ver mais". Todo aquele .. aquela gritaria. Dava 5h da tarde, aquele barulhão de criança, meu Deus!

- Eu lembro também

- Depois ficou aquele silêncio, aquele silêncio. Até a minha menina falava assim: "-Mãe, agora a gente não dá nem pra sair na rua, pra ver mais nada. Ficou tão triste".

E quando fizeram o muro? Ai, parecia que a gente tava num deserto. Aí tampou a frente. Aí você viu, foram embora mesmo, porque aí ficou um paredão, sem portão, a coisa se isolou.

- E eles pensavam que você era diferente?

- Não. Não, porque eu falava que eu era gente igual eles, que eu não tinha nada, que eu era igual eles. Só assim: quando as crianças vinham aqui, falavam assim, principalmente a filha da Amanda. Até hoje ela fala. Ela falava assim pra minha filha: "-Fabiana, cê é rica, cê tem de tudo na tua casa". E a Fabiana falava: "-Mas não tem a casa pra morar". "-Cê é rica, cê tem de tudo".

Igual uma vez que a Fabiana trouxe umas 4 amiguinhas dela da favela, pra vim jantar aqui. Aí eu falei: "-Fabi, então ajuda. Põe a mesa bonitinha, vou fazer cachorro quente". Aí diz que chegaram lá, falaram: "-Nossa, precisa 'de' ver. Lá na casa da Marlene a gente pode comer, eles arruma a mesa direitinho pra todo mundo". Então, teve comentários assim. Então, mas isso é normal. Até uma mesinha que dobra você pode montar a mesa pra você comer. Você que faz o teu...

Gabriela – Ah, mas a cultura deles é outra. Dá uma tijelinha, uma bananinha, um pedaço de pão, e sai andando pro quintal, pro mundo.

Marlene – É. Então eles achavam, falavam, sempre falaram pra Fabi: "-Ah, Fabi, cê é rica, cês botam a mesa pra comer". Pensa bem se isso é riqueza, né? "-Ah, vocês comem todo mundo junto na mesa". Não, isso pra mim não é riqueza, é uma educação que a nossa mãe criou, e a gente faz.

- E você circulava lá por dentro?

Oh, todo mundo. Conhecia todos os becos da favela

- Ai, me conta do beco. Como chama aquele beco lá encostado no muro? Como você conhece aquele beco?

- É o beco da Eletropaulo. Outros falam que era o Morro do Sabão.

- Tem um outro apelido também, que é o beco das putas. Mas...

É das mulheres sem marido, né? Que eles falavam. Se um homem subisse lá, as outras já ficavam tudo na bituca, pra ver que barraco que entrava. A Amanda é boa pra poder tirar essas dúvidas.

- Ela que me contou.

- É, a Amanda é boa pra isso, que ela é bem atentada. Ela é bem atentada, a Amanda.

A vida dela

Então, uma breve interrupção para uma água ou guaraná que foram servidos; depois da pausa, retomamos a conversa, agora retomando a história de Marlene, sua chegada em São Paulo, a vida no Paraná, seu estado de origem, seus casamentos e a situação instável e provisória de sua moradia.

- E você, Marlene, veio para cá quando e por quê? Me conta um pouco a sua história.

- Eu vim em 75 pra cá porque minha irmã estava com câncer, faleceu, e deixou o menino com 21 dias. Então eu vim com o meu outro irmão, que já estava aqui, pra gente criar o menino. Por aqui eu fiquei, casei, fiquei viúva, casei de novo. Não foi fácil enfrentar a barra aqui também. Porque então eu morava aqui, fiquei viúva e começa aquela crise... Aí cê já não é mais parente, né? Mas continuo resistindo. É. Continuo resistindo aqui.

- Por quê? Esse terreno era desse primeiro marido?

- É da família dele. Tudo parente que mora aqui. Meu sobrinho, as minhas 2 filhas que já casaram. Tem minha filha, que é uma das herdeiras. Tem uma casa de aluguel, e a outra menina também que mora, e as 2 de criação. É tudo parente. Só tem vizinho parente.

- E lá no Paraná, o que você fazia, Marlene?

- Trabalhava na lavoura. Trabalhava na lavoura lá.

- Quantos anos você tinha? Em 75 você era uma menina, não é?

- Em 75 era nova. Eu tenho a minha identidade ali, era menina ainda. [Mostra a foto da identidade e a data]

- E como foi chegar aqui em São Paulo? Me conta um pouco.

- Ah, não sei. Era tão diferente, né? Parecia que eu estava em outro mundo. Eu lembro, igual hoje, do dia que eu cheguei: uma chuva! Aí eu fui pra Pirituba. A gente foi morar em Pirituba. Aí eu fiquei lá com o meu irmão, que ele morava lá. A gente 'criamos' as sobrinhas junto. Depois ele casou, e a mulher dele assumiu, era uma menina como ele. Eu também casei.

Hoje já faz, acho que, uns 30 anos. E eu continuo aqui. Porque até então, meu irmão... Meu irmão é casado com a minha cunhada. Eram dois irmãos casados com 2 irmãs. Aí acabou virando tudo parente de novo. Agora eles moram no... Parece que Carapicuíba, o rapaz já 'casou'.

- Que é neto também seu?

- Sobrinho neto. Sobrinho filho, eu falo que é sobrinho filho. Porque 21 dias de nascido, coitado, nem o 'imbigo' tinha curado ainda. Coitado, que ele era... Nasceu muito doente, também teve o 'probrema' da mãe dele. Até hoje ele é doente. Mas lá eu morei pouco, lá em Pirituba, em torno de 1 ano só... A minha identidade já é o endereço daqui.

- Como você conheceu o marido, esse primeiro?

- Porque, então, era irmão da namorada do meu irmão. Acabei de falar: a gente acabou virando tudo parente de novo.

Eu nasci em 57, eu tirei minha foto em 77, quantos anos, 20? Vinte, né? Cinquenta e sete, pra 77, 20 anos. Minha identidade.

- Para casar? É isso que você lembra que...?

- É. Não, é porque eu já tinha tirado antes. Daí eu... Mas quando eu vim morar aqui, eu fui trabalhar numa fábrica de costura lá na Anhanguera, e precisava dos documentos. Porque até então eu tinha só a certidão.

- Você sabia costurar já?

- Não. Entrei no curso lá. Eles davam treinamento de 1 mês. Depois, se você tivesse, por exemplo, interesse; eles vissem que você... tinha jeito, eles te contratavam. Senão, já te dispensavam. Porque quando você entrava já sabia disso. "-Assim, vou te dar treinamento. Se eu ver que você vai... Você vai ser contratada. Se eu vejo que você não vai, já é de ir embora". Ah, mas depois disso trabalhei em casa de família; trabalhei de cozinheira em buffet; voltei pra casa de família; e, hoje, tô desempregada. De vó. Bom, já tenho 2 netos, então... Um vai fazer 10 anos agora, dia 28; e uma netinha que... Aquela uma que estava me dando um monte de beijo na hora que eu cheguei. Tem 1 ano e 3 meses.

Marlene então comenta sobre a venda da quadra de tênis, bem de frente a sua casa, onde trabalha um de seus filhos, o de criação. Não sabe informar muito a respeito das negociações em torno do terreno de propriedade dos herdeiros do seu sogro, fala da dúvida sobre a saída ou não do terreno. Na conversa que tive com Rui, soube que esse terreno, ou "quintal" como Marlene o chamava, estava sendo negociado. Segundo Rui me informou, logo que houve a remoção da favela, alguns ex-moradores de lá tentaram comprar o terreno por 300 mil reais, mas não houve negociação. Era difícil a negociação por se tratar de inventário e pela documentação irregular. Marlene não sabia de nada disso; o assunto da propriedade era de seus cunhados; ela havia desistido de melhorar a casa, esperando o dia em que pedissem a desocupação.

- Mas quem é que procura a senhora para comprar esse terreno?

- Não, não. Porque aí é com o meu cunhado que falaram.

Quem veio aqui uma época foi um japonês. E ele tem... que tem um pé de seringueira, eles ficaram medindo, tipo, altura, aqui do fundo até lá, que vai dar lá naquele muro de 4 metros. Eu vi isso, mas comentário não ouvi mais nada.

Aí depois o meu cunhado falou assim: "-Ó, avisa pras meninas que isso aqui tá quase vendido, tá? Falei: "-Não, se estiver quase vendido, se estiver vendido...

- A senhora quer sair? Eu chamo de senhora ou de você?

- Você, pode chamar de você. Ah, quero. Estava acabando de falar pra ela: "-Eu não gosto". Não é que eu não gosto desse quintal, não gosto dessa casa aqui que eu tô morando. Porque até então é do tio do meu falecido marido. E ele tem o filho dele por aí. Então cada vez que eles aparecem aqui, fica aquela coisa, jogando indireta, entendeu? "-Ah, porque eu pago aluguel, e a casa que é do meu pai, você que mora". Só que quando ele foi embora com o filho... O meu irmão também é casado com a filha do irmão do meu marido. A gente ficou uma família misturada. Ninguém é parente, mas acabou virando assim: os Ribeiro com os Menezes, entendeu? Entraram 3 Menezes nos Ribeiro e 3 Ribeiro nos Menezes. Então 'é eu e meu irmão, casado com dois irmãos, e meu outro irmão casado com uma prima.

Então, eu fico ouvindo muito desaforo, e eu fico desgostosa. Porque quando ele me deu essa casa pra 'mim' morar, há 5 anos, era tudo igual isso aqui. Não tinha nada

dessas paredes branquinha. Era tudo ali. Ele ergueu a casa, morou 40 anos, nunca fez nada pela casa. Não tinha janela, foi a gente que colocou esses vitrôs. Então a gente gastou quase R\$ 5.000,00 pra dar uma geral na casa. Aqui, depois que a gente gastou, começou essa coisa do filho dele jogar indireta. Aí eu falei por Pedro: "-Ó, a gente não vai mais gastar nisso aqui, vamos morar enquanto dá. Eu não tenho vontade de ficar aqui".

Na Vila eu gosto. Eu gosto da Vila Madalena. Eu gosto dessa casa. Eu gosto da minha casa e onde tá a minha filha.

Porque eu fiquei doente, 'vortei' pro Paraná, fui fazer um tratamento lá, fiquei com câncer. Então minha mãe falou: "-Ó, pega os pequenos, vem embora pra cá, vem se tratar aqui. É simples, você vai comer coisa saudável, você não vai ter que trabalhar". Então passei 2 anos e 8 meses lá.

Quando eu voltei, aí minha filha ficou na casa... E quando eu voltei não deu mais certo da gente morar. Por aí que você descobre quem é mesmo, quem é teu filho. Aí foi quando o meu tio tinha mudado pra Itapevi e falou pra mim: "-Ó, se você quiser ficar na casa, dá uma ajeitada nela e entra. Ela tá feia, mas eu sei que você é organizada, você gosta das suas coisa direito, você vai fazer". Foi quando eu arrumei. Só que assim que a gente começou a botar mão na casa, começaram as críticas. Eu tô chateada. Certo, reformei o banheiro, o Pedro pôs uma massa nas paredes, passou essa tinta, botamos assoalho, porque o piso aqui é igua' aquela parede, todo cheio de lombada. Agora que eu já comprei todo o piso, tá ali embaixo, de ardósia, pra gente arrumar, é a hora que... Apareceu a irmã dele e falou que...

É, cê acaba ficando desgostosa. E não tem coisa pior do que parente, 'fia', pra falar a verdade. Parente é bom longe, quando cê tá com saudade. Ainda mais quando é parente de banda, que já pega do outro lado. Igual no meu caso, que o meu marido já faleceu. Então, já fica uma coisa assim, tipo, "-Você não é ninguém".

- Você acha bom morar aqui na Vila Madalena?

- Bom, né? Porque no fundo, no fundo, a Vila Madalena ... Vila Madalena, quem fala, parece que não tem pobre, mas só cadastrado tem 2 mil pessoa no Postinho. Hum. Fala: "-Ah, Vila Madalena", mas quase toda rua tem um inferninho lá, que moram os pobres.

Mais uma breve interrupção na conversa, quando chega Dito, que trabalha na quadra de tênis, para levar o filho ao médico. A conversa que se segue e não transcrevo aqui diz respeito à doença do menino, à necessidade de levar ao médico. Gabriela e Marlene aconselham Dito, enquanto fico à espera da retomada da conversa. Quando terminam, conto dos meus filhos e da virose do mais novo, da aflição das mães e avós quando as crianças adoecem. Nesse papo mais feminino, de cuidados com filhos, Marlene conta da sua viuvez e dos casamentos.

Marlene – Vendo o filho sofrer, mãe faz qualquer coisa. Põe nas costa à meia noite, procura benzedeira. O importante é que ele quer ver o filho são. Certo? Muda até de religião pelo seu filho.

Fiquei viúva com 4, eu que precisei ser pai e ser mãe, meu Deus. Duas horas da manhã esse Lucas acordava com crise de bronquite. E ele era ressecado, e tudo aquilo atacava... Às vezes não tinha nem um dinheiro pra pegar um ônibus, pra ir nas Clínicas. Jogava ele nas costas... E ele magrelo, com as pernas compridas, aquelas pernas enrolando nas minhas pernas.

Ia parar até nas Clínicas. E até ser atendido... Ele saía de lá, os meninos já estavam indo pra... Tinha toda a Teodoro... Aquela época tinha só a Drogaria São Paulo lá embaixo, que ficava aberta. Ah, menina... Ah, e ia pra pegar o remédio de lá; vinha embora com esse menino, trançando nas minhas pernas. No outro dia eu levava pra creche, a Tânia tinha que faltar à escola, e eu ia trabalhar. Nossa, como eu sofri pra criar esses filhos! Jesus, que vida que eu passei! Sem ter apoio de ninguém. Tinha a Tânia com 9 anos, a Telma, com 5; o Lucas com 3 e meio, e eu com a barrigona da Roberta. Fiquei viúva.

Sofrendo, sofrendo. Aí, na hora que você mais precisa de apoio de família, mas parece que não tem uma viva alma pra te dar um apoio, nada, nada. Não adiantava você contar...

Falei a Tânia. "-Óia, a mãe precisa trabalhar. Tem a dívida do velório do seu pai pra pagar, minha 'fia', cê vai ser a mãe e eu vou ser o pai. Você vai cuidar da casa, vai pra escola, volta, cuida da casa, quando eu venho do expediente já vem teus irmãos". E a bichinha enfrentou, coitada.

De madrugada eu ia lavar a roupa um dia, no outro eu ia passar, pra tá sempre em ordem meus filhos. Mas, graças a Deus, nunca ninguém foi na casa de parente e não falar: "-Vó, o tio me dê um pão, que hoje a minha mãe ficou sem o dinheiro do pão".

No dia que não tinha o dinheiro do pão, a gente fritava bolinho de chuva pra gente comer, pra ir pra escola. Mas não precisei. Porque o que a minha sogra disse foi isso: o que era dela, Deus já tinha levado. E ela veio agora, no hospital, depois que a Clara nasceu, que é bisneta dela. Porque até então... A Roberta tá com 20 anos, eu estava grávida dela. Vinte anos, e nunca 'ponhou' os pés aqui! Isso porque mora aí do lado. Falava que o que era dela, Deus levou. "-Ta, cê vai estudar, minha 'fia', a mãe vai trabalhar".

Eu trabalhava em 3 empregos. Eu entrava das 6h da manhã até às 11h na casa de um senhor, que era só ele com o cachorro; quando era 11h15, eu tinha que sair de um portão para outro, que era geminado, eu ia até as 5h da tarde. Aí eu vinha aqui em casa, botava o que tinha pra fazer no fogo, mandava a Tânia olhar; eu ia lavar roupa e passar pra outra mulher, até a hora que eu terminasse. Eu trabalhava a noite pra poder... Um salário era pra pagar a despesa do velório. Meu sogro que pagou, mas depois a gente teve que repor. O outro salário era para comer e pagar as contas; e o outro salário era pro remédio e as roupas pros meninos. Tudo certinho assim, dividido.

- E por que não voltou, Marlene? Pensou em voltar para o Paraná?

Não, porque lá agora, como os meninos já... Não. Até levei... Os meus filhos ficaram 2 meses, mas não deu certo e... É o que eu tô te falando, quando eu precisei, eu não achei ninguém, nem numa parte, nem da outra. Ficaram 2 meses, aí depois meu irmão ligou falando que a mãe brigava porque minha irmã caçula ficava lá, e descontava nos meninos; que era pra 'mim' ir buscar eles. Então...

Parece assim que Deus foi tão bom. Ele me ligou às 3h da tarde, era dia de meu pagamento. Eu trabalhava ali perto do metrô. De lá mesmo eu fui com a roupa que eu estava trabalhando, nem vim 'na' minha casa. Também eu não tinha nem mala, não tinha nada. Do jeito que eu tranquei a casa, do meu serviço eu fui, peguei o ônibus 7h30 na rodoviária, cheguei no Paraná acho que umas 8h da manhã, mandei os meninos tomar banho, e peguei os meninos e vim embora. Todo mundo queria saber: "-Por que foi, por que foi?" Eu falei que eu tinha organizado melhor a minha vida, que estava melhor; também não comentei nada que o meu irmão ligou. Falei: "-Deixa como está..." Aí depois que cheguei aqui, a minha filha mais velha falou que era verdade, que as 2 brigavam, e um batia 'ne' um, pra fazer pirraça no outro. Eles batiam no outro.

- A Tânia é a mãe da Clara?

A mãe do Vinicius. Casou, vive com o marido.

- E você se casou depois, quando? Pedro é seu segundo marido?

Não, aí depois de 3 anos eu arrumei uma pessoa, que é pai da Taís e do Toninho. Fiquei com ele 5 anos. Mas ele era lá da Bahia, então ele vinha pra cá, trabalhava um ano; depois ia pra lá, ficava 6 meses; eu aqui sozinha. Falei: "-Ah, não dá não". Ele bebia muito. Era espírita, minha casa era cheia de visita dele; eu não tinha paz quando eu estava aqui. Aí ele falou que ia embora. Se eu quisesse ir, era pra 'mim' ir lá pra Bahia. Se não quisesse, que ficasse, que ele ia. Foi na época que meu pai faleceu no Paraná. Eu fui no velório, quando cheguei aqui, ele tinha ido embora, e levado os dois. A Taís com 3 anos e o Toninho com 1 ano e uns 3 meses. Tinha voltado do velório, chegar em casa, não ver os filhos? Aí, todos os telefones que eu sabia que eu podia encontrar ele por aqui, das irmãs, ninguém nem atendia. Aí eu telefonava pra Bahia, ninguém atendia. Até que eu consegui falar com uma prima dele. Ai ele falou o seguinte: "-Tá aqui". Isso já tinha passado quase 3 meses. Eu perdi todo o meu corpo, que nunca mais eu ganhei de volta. Aí ela falou assim: " -E você tome as providência, que ele tá falando de vender a casa dele aqui, e ir embora pra Salvador, pra nunca cê ver os menino". Aí eu fui, entrei no Fórum com um processo contra ele; tive testemunha da favela, que viu ele carregando os meninos. Ela esperneava pra todo lado, pra não entrar no carro, e ele colocou ela. Aí foi a audiência na Bahia; audiência aqui, audiência na Bahia. Seis meses, com mais uns 2 que já estava sem ver os meninos.

Até eu provar ... Porque até então ele alegava que eu era prostituta, vagabunda.

Gabriela - *Mulher muda de nome quando separa...*

Marlene - *E eu trabalhava, e deixava os filho jogado. Botava a comida deles em casa, mas não tinha quem fazia pros meninos, porque eu só pensava em trabalhar e sair à noite. Sabe pra onde eu saía à noite, 'fia'? Dormir na fila do INPS pra poder segurar a vaga dos advogado, pra poder ganhar um dinheiro extra.*

Sabe, lembra? Acho que até passou na televisão, gente que passava a noite inteira na fila, no INSS. De manhã cedo os advogados já chegavam pra pegar as primeiras senhas, pra ser atendido logo. E pagavam pra gente... Tinha época de eu ficar 9 noites sem deitar na minha casa. Trabalhava de dia e ia pra lá; eu e minha irmã, quando ela ficou viúva também.

E era só o que ele alegava.

- E conseguiu trazer os meninos?

Eu ganhei a guarda dos meninos porque até então ele não provou nada do que dizia ...

Nesse momento, a fita acaba e peço a ela que espere um momento até me contar do casamento com Pedro, com quem vive até hoje e de quem começou a falar como se fosse um anjo na vida dela.

Marlene - *Verdade, ele [Pedro] é. Sempre pedia assim pra Deus: "-Meu Deus, se tiver que me dar mais uma pessoa no meu caminho, me dá uma coisa que presta!" Porque o que morreu, Jesus, só por Deus. Só por Deus o que eu agüentei, e era aquele amor que eu conheci, entendeu? O amor de ser virgem, de casar, de não conhecer outra pessoa. Então aquilo era amor. Amor de apanhar, amor de chegar bêbado; amor de sumir com outras por aí. Ele era esse meu amor, e era tudo que eu sabia. Era aquilo que era o amor. Aí, quando morreu, conheci o pai da Taís, e eu vi um outro tipo de amor. Um amor 'bebum,' um amor de encher a minha casa de gente, que eu tinha que tirar da boca dos meus filhos pra dar pra parente dele.*

Depois, quando não apareceu na minha vida, que eu pedi pra Deus... Porque homem de salão não presta. Eu achei ele no salão. Uma prima minha que estava toda depressiva, e eu também, aí falei pra Silvia: "-Silvia, vamos hoje sair?" "-Vamos. Mas pra onde nós 'vai'?" "-Assim, vamos sair", falei assim pra ela. Aí nós fomos no salão. Lá ela encontrou outra pessoa, que era amiga dela do serviço, e a gente entrou no salão. Ele era o homem mais alto do salão. Então, de lá 'daonde' ele tava, ele ficava me olhando, eu e a filha da outra menina sentada. Porque então nós não dançávamos nem bebíamos, ficamos sentadas. Aí de lá a gente viu.

Na hora que eu fui saindo, mais a Silvia, ele veio falar comigo. Eu disse assim, eu lembro igual hoje, perguntou assim: "-Sábado que vem você vem no salão?" Falei: "-Não sei, porque eu tô aqui de bobeira". Ele falou: "-Não, vem, que eu quero te encontrar". Sabe quanto tempo a gente ficou namorando? Um ano e meio. Nunca ele tocou um dedo em mim, falta de respeito. Nunca! Ele vinha me trazer, me deixava aqui no portão, voltava pra casa dele. Aí num dia eu falei assim pra ele vim morar aqui: "-Cê não quer subir?" Ele falou: "-Ah, não. Tá perto do Natal, deixa pra mim vim no Natal". E no Natal ele veio. Aí todo mundo já apaixonou por ele, porque todo mundo gosta dele. Aí eu lembro igual hoje, o Lucas falou assim...

Taís – Quem, mãe?

Marlene – O Pedro. Aí o Lucas falou assim: "-Pedro, quando você vai vim morar aqui?" "- Ah, no dia que a tua mãe falar que eu posso' vim' morar aqui". [riso] Falei: "-Ah, ainda tem muito que a gente conversar. A gente vai primeiro conversar. Está sabendo que tenho meus filhos, não troco os meus filhos por nada. Meus filhos em primeiro lugar". Ele falou: "-Não, não tô falando nada. A primeira coisa que você me disse é que tinha 6 filhos. Cê não escondeu os teus filhos", ele ainda brincou assim: "-Você não escondeu teus filhos. A primeira coisa que você me disse é que você não tava a fim de compromisso com ninguém porque você tinha 6 filhos". Aí eu falei: "-Não, se for por isso, pode vim". Nem na casa dele, buscar a roupa, ele foi. Ficou! Só da roupa do corpo.

E no outro dia, a gente lembra... Igual hoje, a gente foi em Pinheiros, compramos mais umas 2 muda de roupa. Nisso eu já arrumei emprego pra ele no buffet onde eu trabalhava, de motorista. E a gente ficou, e estamos até hoje. Vai fazer 15 anos.

- E quando é que botou a compra na casa [a história que contou quando a fita tinha terminado]?

- Ah, no primeiro salário dele. Primeiro salário dele, ele já falou: "-Pode deixar que agora você tem um homem dentro de casa. O que eu ganhar a gente racha as despesas".

E até hoje é assim: a comida é ele que compra, e eu e os meninos pagamos as contas. Até hoje. Ele chega lá da praia, ele dá uma olhada; se tiver umas coisas, a primeira coisa que ele faz, já entra com a sacolinha. Mas também não pergunta que conta chegou, nem quanto custa a conta. Porque tem... Que é o contrato que a gente fez, né? Dele fazer as despesas e eu ficar com as contas.

- O que ele faz na praia?

- Ele é pintor, ele reforma casa; ele é pedreiro, pintor. Foi assim: ele pegou um apartamento pra reformar, e, desse apartamento 'foi' saindo outros no mesmo prédio. Tá no terceiro já. E eles têm mais 2. Só que agora eles tão querendo abrir uma firma de água, vender água. Ele tem um senhor que ele trabalha há 13 anos, um juiz. Ixi, pode fazer o que for, fica esperando lá na casa. Porque é de confiança, pode 'ponhar' dentro de casa, deixar...

E outra coisa, como diz ele: "-Não sou perfeito, mas procuro fazer o melhor que eu sei fazer". E não falta serviço pra ele. tem dia que tem 3, 4. É tanto que até brigam, igual esse juiz aí. Fica de mal dele, porque ele não vai pra ele. Fica de mal mesmo! Porque fala assim que: "-É, Pedro, cê tá me dando o cano, né?" Fala que o Pedro é o filho... Como é que é? O filho que ficou no forno e torrou. É o filho que torrou no forno.

- E todo mundo mora aqui nessa casa?

- Não, as meninas que casaram moram aí [aponta ao lado]. E a Roberta, a outra, mora na Pompéia. Aqui é o Lucas, a Taís, a Fabiana, o Dito e o Toninho. Que no fundo, no fundo, as 2 aí moram aqui, só vão pra casa delas pra dormir. Jantam aqui, a gente lava roupa todo mundo junto; largam o banheiro delas, vem tomar banho aqui, que eu não sei qual é a graça que tem o meu banheiro. Porque na casa delas tem. Não sei! Deve ser que eles ficam bonitos; sujam o meu banheiro, deixam limpo lá.

Jantar é aqui, todo mundo, de tarde. Se cê chegar aqui à tarde, é uma festa. Aí até então as 2 que moram aqui, em vez de eu ficar livre das 2, eu tenho é mais neto e genro. Em vez de diminuir um, aumentou mais 2, porque é neto e genro.

Aqui, se fizer uma festa, nem precisa convidar ninguém.

- Você gostou de contar a história, Marlene?

Gosto, gosto de contar a minha história. Acho que a minha história não é tão triste, nem tão feia, porque eu consegui vencer. Só de saber que meus filhos 'tá' aí, eu não tenho nenhum perdido, eu acho que eu já ganhei o mérito.

E foram criados aí do lado! Saía no portão, via as coisas que não devia. Só que sempre eu ameacei: "-Se vocês cair no mundo perdido, eu não vou atrás. Eu não pago pra tirar..."

Gabriela – *Eu falo a mesma coisa pros meus.*

Marlene – *Fala? E sabe que eu não vou mesmo. Porque eu sou decidida.*

Taís e seus sonhos

Marlene tem que sair para buscar a neta, Clara, na creche e me deixa conversando com Gabriela, a amiga do Aprendiz. e a filha Taís, uma adolescente de 17 anos, que me conta de seus planos e de sua vida na Vila Madalena.

O bairro

- O que é morar aqui na Vila Madalena, e como é que transita, para onde vai?

Taís – Aqui na Vila? Na verdade eu não saio. Eu não tenho muito... sou mais caseira. De começo porque eu nunca achei graça de sair tipo balada, barzinho, essas coisas. Porque eu só tenho 17. Aí, eu nunca achei graça. Eu sou mais de ficar em casa, e sair pra ir pro cinema. Amigos, aqui na Vila Madalena, eu não tenho muitos. Aliás, eu nem tenho os amigos. Eu tenho na escola, mas na escola são alunos de vários lugares. Eu tenho uma amiga que mora na Raposo, no KM...

Eu acho que são exceções da Vila Madalena, porque de todo o resto é diferenciada, a classe social, entendeu? Eu acho. Por exemplo, aqui, comparar esse quintal com a casa aqui do lado: é praticamente o mesmo terreno, ali uma casa, a mulher é dona de uma loja da Heitor Penteado, ela tem uma filha advogada, um veterinário e um dentista. O dentista até é meu dentista. Então, assim, percebe a diferença? É um do lado do outro, e a diferença é bem grande. Daí eu acho que Vila Madalena, tirando Mangue e Fradique, é um bairro de classe social alta.

Metrópole x interior

- Isso é difícil para você?

- Hoje não, porque eu acho que se eles não tiveram, por exemplo, aqui do lado, foi porque o marido dela batalhou. Porque ele começou com pouco, e hoje ele tem o que ele tem. Mas aí que...

É, porque eu era criança, então era um pouco difícil de entender. Hoje não, não mais. Porque eu também tenho que... Um dia, se eu batalhar, e se eu fizer por onde, eu também vou ter o meu sustento.

- E onde você vai querer morar?

- Onde? Eu não penso em morar... Eu acho... [riso] Na verdade eu gosto mais do interior, assim, no Paraná, onde morei. Se eu pudesse, eu moraria lá. Porque é muito bom. É uma cidadezinha pequenininha, bem tranqüila, eu acho que conheço todo mundo.

Eu gosto de coisa assim, sabe? Porque eu sou caseira. Eu não vejo graça em cidade, metrópole. Até porque São Paulo já foi bom um dia. Já teve bastante emprego. Hoje o que falta é emprego. O professor disse hoje na escola....Que nem eu estava falando das grandes metrópoles, que...

Gabriela - Deixa eu perguntar uma coisa pra ela? Você acha que realmente falta emprego ou falta capacitação pras pessoas preencherem as vagas? Ainda mais no caso de jovens, que cobram experiência, mas ninguém dá aquela experiência. Como você vê isso?

Taís - Eu acho que é um pouco dos 2. Acho que das profissões que não exigem tanto, acho que elas já estão bem ocupadas, e as que exigem... É, realmente falta de capacitação é...

- Estava falando das metrópoles.

Taís – Que os trabalhadores foram substituídos por máquinas, e aí eles vieram pra cidade, pra cá, um pouco do Nordeste também, procurar uma vida melhor. E hoje quem tem ainda esse pensamento é muito iludido, porque não é assim. Porque se

você vem pra cá pra ter uma vida melhor, talvez você tenha uma vida pior do que você já tinha.

Eu acho que São Paulo não é mais uma cidade pra você... Que você vai, tipo, ter bastante oportunidade... Porque... [riso] Eu acho isso. Porque o tempo...

Eu acho que o tempo de São Paulo já foi, o tempo que você chegava aqui, você tinha... Não falando tempo, assim... idade. Mas você tinha mais: você tinha oportunidade de entrar, começar a fazer um estágio, fazendo faculdade, e você crescer junto; fazendo estágio e faculdade, pondo em prática o que você aprende na faculdade no seu trabalho. Hoje não. Hoje você faz a faculdade, vai trabalhar, e descobre que não é aquilo. Ou então você trabalha e não tem condições pra pagar uma faculdade.

- Você já trabalhou? E vai fazer faculdade?

Taís – Não sei ainda, [riso] ainda não escolhi. Tô no terceiro ano, aí eu estou terminando o curso de espanhol. Eu termino tudo junto esse ano. Foram 3 anos. Mas eu aí já não sei.

Tentei até ser modelo, mas não deu certo. [riso] Não, todo mundo falava, sabe?. Aí, uma vez eu estava na rua, no metrô aqui da Vila Madalena, uma mulher me parou; me deu o cartão da agência. Fui, fiz a entrevista, daí o book era caro. Aí não deu pra 'mim' pagar.

Eu tenho vontade de trabalhar porque, na verdade, eu não gosto que a minha mãe pague as coisas pra mim. Ela paga porque tem que pagar, porque senão ninguém paga, mas... Porque eu já tenho 17, aí tem a Fabiana, e tem ela também. Ela já... Tudo na vida dela, que ela trabalhou, foi pra sustentar a gente, acho que o que ela ganhasse agora, seria pra ela.

Mas eu não tenho como conciliar o trabalho com a escola e o curso. Se eu só fizesse a escola, aí eu trabalhava meio período. Mas não tem como, eu tenho que terminar pra depois ver isso.

Porque eu poderia arranjar um emprego. Meu curso de espanhol é da 1h20 às 3h, de segunda e quarta. Eu poderia trabalhar das 6h às 10h. Mas aí eu não teria tempo pra fazer trabalho. Aí não tem como não terminar.

Não, não é falta de vontade. Porque eu adoraria trabalhar. Igual você fez a pergunta. Só que quando o jovem começa a trabalhar é muito bom, sabe? No final do mês você ter aquele dinheiro: "-Caramba, isso aqui é meu, eu trabalhei, eu consegui". Aí... dá vontade de ajudar em casa, mas eu, pelo menos, não... Percebe? Assim: não é que eu não quero, mas é que a vontade de você comprar as suas coisas, de você se realizar é tão grande, que às vezes você...

Não que você não queira, mas você simplesmente esquece. Você tá com o dinheiro na mão, você vai, gasta, compra, compra, e esquece. Mas ajudar, se ganhasse bem assim...

Quando eu trabalhar, se eu ainda estiver morando aqui, a primeira coisa que eu vou fazer é separar, e dar pra minha mãe. Aí, depois, eu gasto ou invisto em alguma coisa. Então, porque também como eu não sei que faculdade eu quero fazer, eu quero trabalhar primeiro, aí eu vou juntando um dinheiro. Depois, quando eu tiver certeza do que eu quero fazer, aí eu entro numa faculdade.

- Trabalhar do que, você gostaria? Pensa, sonha. Porque modelo é um sonho.

Taís – Trabalhar? Acho que trabalhar num... É, é. Seria legal. É, porque é uma coisa legal, pelo menos pelo que eu conheço, pelo que eu vejo, assim, parece ser legal. Eu também gostaria de trabalhar em escritório, que também eu acho uma coisa bem legal.

Fabiana – Você não queria ser advogada, Taís?

Taís – Não, eu já quis ser advogada, mas, sei lá... Foi embora o sonho.

- Você quer ser advogada?

Gabriela – Por que você mudou de idéia de ser advogada? Qual é a fantasia que você tinha pra ser advogada, e agora você mudou de idéia? Por que você desistiu?

Taís – Ah... [riso] Então, eu queria... Talvez a idéia não bata com os jovens, mas acho muito legal você poder defender seus ideais. No caso você defenderia a pessoa, sabe? Mas o... Você saber que aquela pessoa tá certa, tão julgando ela mal, você provar que ela tá falando a verdade. Mas na realidade, não é bem assim. Se você for defender só as pessoas que estão certas, eu não sei se você seria tão... Se seu trabalho voltaria tanto. Então, se for pra 'mim' defender uma pessoa que eu sei que tá errada, mas que eu vou defender, vou tá mentindo, então pra mim não vai ser bom, não vai ter graça. Porque quando eu perguntei o que advogado fazia... Eu perguntei: "-O que é, o que advogado faz? O que é advogado?" Me foi explicado que o advogado, ele servia pra ajudar as pessoas a interpretar as leis. Porque tem umas palavras que gente comum não entendia. Que ele ia ajudar... O advogado, ele ajudava a defender as pessoas, que era julgado, mal interpretado. Então, que o advogado defendia as pessoas boas; advogado defendia as pessoas inocentes. E essa foi uma explicação primária, e eu era criança de tudo. Então eu fantasio isso, sabe? Pra depois me deparar assim, por exemplo: "-Como é que o Fernandinho Beira-Mar tem? Mas ele não é assassino? Mas por que ele tem advogado, se ele fez essas coisas?" Então, sabe aquele negócio não é tão... Todo mundo tem direito à defesa. Aí, quando você vai crescendo, vai tendo aquele esclarecimento: "-Será que as prisões são pra pobre, rico?". É a mesma coisa? Sabe quando você assim...? A gente olha, a gente vê aqueles promotores, juízes... Na parte assim, na "teologia" é uma coisa; na parte prática, como é que a gente pode se ver na nossa situação, pensar da sua vida, independente de culpa ou inocência, a decisão da sua vida tá na mão de uma pessoa que tá se guiando por fatos, e até a gente tá sujeita à variação do humor dela; se ela dormiu bem, ou dormiu mal? Como nós. Ter esse poder. Eles têm esse poder de comandar. E às vezes são viagens assim, 'meia'... complicada.

- Mas é isso: é difícil ser jovem agora? [riso]

Taís – Ô, e como. Eu acho complicado. Mas eu tenho medo de envelhecer. [riso] Não, porque nessa idade tem muitas dúvidas, sabe? Do que é certo, do que é errado, que caminho você tem que seguir. Aí, só desabafei.

- O que é um caminho errado?

Taís – Caminho errado? Olha, você escolher uma faculdade que depois... Você só vai investir e não vai voltar, acho que é um caminho errado. Se você não fizer, se você não entrar numa faculdade, como você vai saber se era ou não era? (Essa é a angústia, né? Tem que experimentar. [risos]) É, tem.

Deixa eu ver, errado também...

- Tem alguns amigos seus que fizeram caminhos errados?

Taís – Como esse exemplo? Uma coisa, pra mim, errada, essa minha amiga Marina: hoje ela tá grávida, e o namorado que, digamos, no meu ponto de vista, não vai ser um pai de família que deveria ser. E ela é mais nova do que eu. Ela tem 16 anos. Esse é um caminho errado.

Olha, eu sou bem religiosa, sou católica, e eu procuro, não que eu consiga, mas fazer as coisas bem certo. Eu penso em casar virgem, porque minha mãe casou. Não só porque minha mãe casou, mas porque é o certo, é o que eu aprendi, é o que a minha mãe me ensinou, é o que eu aprendo na igreja. Eu acho que é um caminho que você tem que seguir. Porque se eu perder a virgindade antes, é um caminho errado, pelo menos pra mim.

Também acho que drogas é errado, porque te vicia, você vai tá preso a alguma coisa, você não vai ser livre completamente. Então é um caminho errado fazer isso. Acho que esses são os caminhos mais errados.

Seus conflitos: infância, religião, política e futuro

- O que você lembra da sua infância? Me conta um pouco dela.

Taís – Da minha infância? [Fabiana pede a ela pra contar do cabelo] Não, é que... Só um pouquinho do cabelo, eu não gostava porque [risos] na escola ninguém tinha cabelo curtinho igual ao meu. Mas trauminhas básicos.

Não, da minha infância, eu não lembro de tristeza. Não, tristeza nenhuma, era sempre brincadeira, assim, com ela. É nessa casa aqui, aí tinha a minha irmã, que era mais ou menos da mesma idade... Então brincava todo mundo junto. Morava uma prima minha aqui; aquela menina que veio me chamar também. Mas eu acho que eu fui mais feliz no Paraná em 3 anos do que aqui. Até porque eu não lembro muito, mas... Lá no Paraná eu acho que fui mais feliz na minha vida inteira. Nossa, lá foi muito bom! Acho que foi uma experiência diferente, sabe?

-Tenta descrever para mim.

Taís – *Acho que primeiro porque era uma vida mais, sabe? Acordar cedo, tratar animais. A gente ajudava a carpir também a plantação lá. Isso não era muito bom, mas era diferente da gente morar na cidade, porque era completa... Não sei, era completamente... Aqui a gente não saía pra rua, não podia andar sozinho. Lá era... Eu saía do sítio lá onde a gente morava, até o sítio da minha avó, sozinha...Assim, nos meus 12, 13 anos.*

Fabiana – *Quando o ônibus atolava, a gente vinha...*

Taís – *Ir de ônibus pra escola. No sítio, não tinha assalto. Aí, se chovia o ônibus atolava, a gente vinha a pé. É, não era muito agradável, mas... sabe? Era tanta gente, a gente vinha conversando, brincando. Você nem via o tempo passar.*

A educação também, lá, sabe? O fato de você morar com avó, pedir 'bença', ir pra igreja. A igreja de lá foi a melhor igreja que eu já fui em toda a minha vida. Nossa, a igreja de lá é maravilhosa! Os cantos. Aqui, nas igrejas daqui, não tem o que tocavam lá.

- E você vai à igreja aqui? Qual igreja?

Taís – *Aqui da Vila Madalena. É, Maria Madalena e São Miguel Arcanjo.*

Mas eu estava pensando: eu sou... Acho que eu acredito bastante em Deus, independente da religião. Eu estava pensando em mudar de religião, porque acho que o que eu aprendo na...

Eu tenho uma amiga, que ela vai na igreja Batista, ela é evangélica. Aí, os ensinamentos que eu tenho na minha igreja não me satisfazem. Porque ela vem, ela me conta coisas que ela aprende, que eu não aprendo. Então, não me satisfaz. E as coisas que ele...

A doutrina que eles pregam lá, eu acho que servem mais pra mim do que a minha própria igreja, sabe? Então, eu estava pensando em mudar. Mas eu acho que é um passo bem grande, então tem que pensar direito.

Eu faço preparação pra crisma, aqui na igreja. Aí eu vou conversar com o meu professor. Porque ele é bem legal, você pode conversar sobre várias coisas com ele, porque ele é um amigão. Ele é mais do que um professor, sabe? Eu conheço ele há poucos meses... Aí, eu estava pensando em conversar com ele pra ver o que ele acha.

- Você tem um grupo de amigos na igreja?

Taís – *Eu comecei no começo do ano, mas eu não fiz amizade. Eu sou mais difícil de fazer amizade, porque eu sou meio fechada. Minhas amigas mesmo falam: quando eu tenho um problema, é aparente que eu tenho um problema, mas se perguntam pra mim, eu não falo. Porque eu acho que não resolve muito você contar os seus problemas, aí eu não me abro. Eu acho também difícil ficar falando de sentimento com os outros.*

- E o namorado?

Taís – *Ele cobra bastante. [riso] Namorado não gosta que não fale. Não. Se bem que, quando a gente fala dos problemas, eles também não gostam. [riso] É, eles falam que entenderam, mas não entenderam nada. Mas ele é bem bonzinho.*

- Quem é o seu namorado? Mora aqui?

Taís – *Mora. Conhece a Marco Aurélio?*

- Sim, na Lapa?

- É. Ele estuda na mesma escola. Com ele eu me abro mais do que com as minhas amigas. Acho que eu tenho uma intimidade maior. A gente só namora há 4 meses, mas a gente é amigo desde o primeiro ano. Porque eu sou bem antiga, sabe? Nossa! Eu tenho vários CDs de música antiga, dos anos 60, 70. Tenho uns 2 DVDs,

3, aliás. Eu... Eu gosto mais de internacional de antigamente. Bee Gees, eu gosto, Tina Turner, vários. É bem...

- Você gosta de cantar?

- Não, mas eu nunca cantei no coral. Acho que eu não tenho voz pra cantar. Canto em casa, assim, que ninguém escuta, mas... [riso] Não, a gente canta, mas não é uma coisa...

[Fabiana fala de novo... Taís olha feio pra ela]

[riso]- Essa Fabiana é o grilo falante. [riso]

Taís - Ô, matraca. Acho que se eu pudesse escolher entre viver hoje e antes, eu viveria antes. Porque...

- Mas escuta a história da sua mãe. Não era difícil?

- Da minha mãe? Ah. É, acho que eu idealizo só a parte boa de... Quer dizer... Ah, eu nunca tinha pensado nisso. Eu idealizo só a parte boa, só a parte que todo mundo respeitava todo mundo; que namoro era com o pai na sala, e um de um lado, e o outro de outro. [riso] Eu não tinha pensado nesse outro lado. É, minha mãe... Acho que minha mãe sofreu bastante. Do que ela contou aqui, que foi a vida dela. Pode ser.

Chegar aqui na cidade, batalhar, trabalhar. Não, é que eu fico pensando nisso. A gente tende mesmo a idealizar. Eu amo os anos 50, que são os anos da minha mãe jovem. Parecia tudo tão lindo, aqueles vestidos godês.

Os problemas são os mesmos, independente do espaço de tempo entre eles. Vão se passando os anos, e os problemas de convívio, a situação dos... são os mesmos.

- Você acha hoje que você vai construir um mundo melhor?

Taís - Hoje? Acho que eu, sozinha, jamais. Todos os que... Eu, sozinha, mudar o mundo, é impossível. Mas todo mundo fazendo...

Não, primeiro que isso deveria 'vim' debaixo. Acho que as pessoas deveriam crer mais em Deus. Eu acho que é um pouco de falta de crença, porque as pessoas aprendem...

Porque a minha igreja ensina você a viver a vida, e colocar Jesus como um exemplo de vida. Eu acho que a partir do momento que você coloca Jesus como um exemplo da sua vida, muitas coisas que as pessoas fazem, não fariam. Aí o mundo seria melhor. Então acho que isso vem debaixo. Eu acho que isso é a base: você ser mais crente, você crer mais em Deus. Acho que começaria por aí. Porque seria começar a temer as coisas que, se você faz, que voltariam pra você mesmo, sabe?

- E política?

Taís - Também. [riso] Acho que muita gente vira político porque é um modo fácil de você ganhar dinheiro, sem que você faça nada. Pra mim, é isso.

- Você já participou de alguma coisa, de alguma associação, de algum movimento político? Tem algum perto de você, que alguém participe?

Taís - Movimento? Não, nunca vejo ninguém.

- Você não acha que esse seja o caminho?

Taís - Olha, na minha escola, a gente é um grupo. Do meu grupo só tem eu, e mais uma menina. Só a gente pensa desse jeito, num grupo de, o quê? Um 15 pessoas. No Grêmio você coloca a sua idéia, mas não é só a sua idéia, é a idéia de todo mundo. E se for a minha, se só eu 'ter' essa idéia contra todo mundo, eu não tenho voz, nem vez. Porque, democracia, né? Se só eu voto numa coisa e o resto vota em outra, vai a outra e não a minha.

- Qual tipo de conflito? Me dá um exemplo.

Taís - Conflito? Deixa eu ver. Por exemplo, a gente debate muito: eu, essa minha amiga, e os meninos, o fato de... [risos] A gente discute de meninos assistirem filme pornográfico, verem revista. Eles acham que não é errado, mas eu aprendi que é errado. Isso é... A minha idéia e a dela contra... Aí vai contra todos os meninos da sala, porque eles até zoam a gente, então, que a gente é careta,. Mas não é, a gente pensa que...

Mas a gente conseguiu mudar o pensamento de 3 meninos. Eles falaram que não vão mais assistir, porque a gente convenceu eles de que é errado. Isso é bom.

- Me fala um pouquinho da favela, se você tiver lembrança.

Taís - Do tempo da favela? Eu não me envolvia muito com eles, até porque minha mãe não deixava muito eu ir lá.

- Algum amigo, amiga?

- Não, tem a Luiza. E uma grande parte estudava no Olavo. Aí você tinha um convívio, né? (Você estudou no Olavo?) Eu fiz da primeira até a quarta série; depois da quarta, quinta e sexta eu fiz no Paraná; fiz a sétima e a oitava lá.

É, uma amizade de adolescente, assim. Porque eu era meio estranha, meio isolada, então não falava com muitas pessoas. Mas sim, a gente tinha um grupinho. De vez em quando a gente ficava naquela praça, jogava. Eu não me envolvia muito, a minha irmã Roberta tinha mais amizade.

Tinha bastante festa, disso eu lembro. Acho que violência, eu nunca presenciei nenhum... Igual mostra nessas grandes favelas, sabe? Tráfico eu sei que tinha, isso é óbvio. Isso dava pra ver. Mas tiroteio...

Eu não sei se tinha divisão, igual agora, que tem um grupo contra o outro. Eu acho que não tinha, acho que só tinha um homem que comandava. Eu acho. Nunca me falaram direito. Que eu lembro, um só.

Também tinha bastante bares, eu ia lá de vez em quando pra comprar alguma coisa. Que eu lembro, isso. De pessoas, da família dessa minha amiga, da família da Amanda, que tem contato até hoje, eu lembro.

- Amanda tem um menino, não é? Nessa sua idade... Ela tem um menino...

Fabiana - Tem o Alexandre. E o Renato?

Taís - Renato? É, tenho uma amizade com eles. Uma amizade... Somos colegas, mas amizade não tem. Pouco. Também tem uma família que mora no Mangue, que morava aqui, eu lembro. Eu não lembro da mãe, mas o filho é: Tatiana, Rogerio...

- Vocês se encontram, ainda?

Taís - Ah, com a Tatiana. Com o Moisés e com o Rogerio, eu encontro de vez em quando. Mas com a Tatiana, a gente terminou tendo amizade. Porque no ano passado a gente fazia um curso junto, aí ia todo mundo junto. Tenho uma amizade com ela. De vez eu encontro ela ainda.

A gente estava combinando de ir visitar essa minha amiga Marina, que está grávida, lá na casa dela. Ver se ela está precisando de uma ajudinha.

- E onde está morando a Marina?)

- Ela mora em Paraisópolis. É a favela que fica perto do Morumbi, não é? Então é lá mesmo. Já fui lá uma vez e dormi na casa dela.

Rui, o presidente

Rui e sua mulher, Jane, foram entrevistados em sua nova casa, no Rio Pequeno. Após várias tentativas de reencontrá-los, finalmente conseguimos marcar uma longa conversa. Desde minhas primeiras visitas à favela, Rui sempre havia me recebido e feito o papel de apresentar outras famílias. Por ser o presidente da Associação, por ter feito a organização das famílias para a construção do esgoto em 1996, Rui, embora morador não muito antigo, era um dos que melhor conhecia a favela. Sua mulher, Jane, havia sido agente comunitária da saúde na UBS e por seu trabalho, que consistia em visitar mensalmente todas as famílias moradoras da favela para prestar cuidados básicos de saúde e encaminhar as famílias ao atendimento médico do posto ou hospitalar, também era uma informante privilegiada para essa pesquisa.

A seguir, trechos da entrevista realizada em agosto de 2007. Encontrei-me com Rui na escola de sua filha, esperamos na fila para que conseguisse o uniforme novo da filha e de lá partimos para sua nova residência, com os dois meninos, mais um sobrinho, a quem dava carona, rumo ao Rio Pequeno, onde havia alugado uma casa. Como tinham pressa para sair, não houve tempo de arrumar uma casa pronta para morar; Rui preferiu um terreno no Campo Limpo, com parte já construída e terminar a obra aos poucos. Com o aluguel de um salão na frente do terreno, a família construía a parte de cima do sobrado, para fins de aluguel.

A casa dessa família na favela era a que tinha melhor acabamento: até mesmo a lavanderia tinha piso e azulejo até o teto. Rui, bem articulado, não só organizava a infra-estrutura da favela, como também era responsável pelas articulações com a prefeitura, os advogados da ADM e outras associações de moradores, como por exemplo, os do Jardim Edith.

Mesmo em atividades de lazer, como a apresentação do documentário *Vizinhos*, que ocorreu em junho de 2005, pouco antes de a favela ser removida, no bar do José, Rui fazia seu papel de presidente, organizando o evento e pedindo a todo tempo silêncio durante a exibição. Alguns o chamavam jocosamente de presidente e no processo de negociação da saída, muitos dos moradores falavam à *boca pequena* sobre uma suposta traição. Nas assembleias e reuniões não havia quem dele discordasse; em suas visitas cotidianas aos demais moradores da favela, Jane diz ter ouvido muita reclamação sobre a atuação do marido durante a fase de negociação da saída.

Além do casal, ambos em torno de 30 anos, a família era composta por três filhos, um adolescente, filho de Jane e enteado de Rui, que passava uma temporada com os avós na Bahia e outra com a mãe, em São Paulo. Os outros dois filhos do casal tinham 6 e 2 anos na época da entrevista.

Esse casal era quem fazia a ponte entre a favela e as instituições: Rui fazia a articulação em torno da posse do terreno, das melhorias de infra-estrutura; Jane fazia a articulação da política cotidiana, cuidando da saúde e educação dos moradores da Djalma Coelho. Com a remoção da favela, Jane perdeu o emprego, uma vez que um dos requisitos para a função de agente comunitário de saúde é o pertencimento à comunidade. Por um tempo ainda se manteve no trabalho, em razão de sua gravidez e conseqüente estabilidade. Assim que saiu do período de licença-maternidade, Jane deixou o trabalho e voltou a procurar emprego como diarista.

Rui, embora tenha perdido o cargo de presidente da associação, que se desmanchou tão logo os moradores foram removidos, manteve-se empregado como porteiro de um prédio em Moema, função que ocupa há quase dez anos.

Leitura da saída

A seguir, trechos da entrevista, que se inicia justamente pela explicação ou justificativa da saída. Não que essa fosse a pergunta inicial; já havíamos conversado sobre minha intenção de coletarmos as histórias de vida dos ex-moradores da favela Djalma Coelho, mas Rui antes preferiu falar desse momento.

- O interesse maior era de correr atrás para conseguir um futuro melhor, legalizar as coisas. Tudo era irregular: esgoto, água. Quando cheguei aqui, era tudo gambiarra. O esgoto corria a céu aberto, uma rataiada, as pessoas não tinham onde fazer suas necessidades, tinham espaço mas não tinham como canalizar o esgoto. Aí eu e mais uma equipe da associação tomamos a iniciativa de melhorar. Fiz uma reunião com todo mundo e conseguimos fazer o esgoto, demorou mais de dois anos, porque as pessoas não contribuíram como era para contribuir. Foram mais de 2 anos para concluir a obra. No início, fiz um orçamento e ficou 40 reais para cada família, dividido em 4 vezes. Mas depois muitas pessoas não pagaram. Cheguei até a inteirar dinheiro do meu bolso para terminar a obra, mas tudo bem, como eu estava morando ali, não me arrependo. Eu me coloquei na situação de todos, estava ali porque não tinha outro lugar, porque ninguém gosta de morar em favela, as pessoas não respeitam, porque tem muitas pessoas que acham que porque moram na favela são donas de si, donas de tudo, não respeitam os vizinhos, não tinham comportamento adequado, não importa que seja pobre, a pessoa tem que ter educação, né? Mas ali teve muitas vezes que fui falar com as pessoas e eles diziam que eu me achava melhor que os outros. Eu estava representando a comunidade, não era por mim, mas era por quem morava em volta da gente, que se incomodava com o barulho de som, à noite faziam muito barulho...

[parada para deixar o sobrinho]

- Rui, me conta um pouco como foi sua chegada na favela. Por que você escolhe morar lá

- Não entendi.

- Por que você escolheu morar ali?

- Bom, eu morei a primeira vez em 1991. Eu trabalhava numa firma na Zona Leste, a firma dava alojamento, só que devido à situação instável, a firma pagava muito pouco. Eu tinha uma tia que morava ali, a Nitinha, e mais uns conhecidos da minha terra, que vieram bem antes de mim. Tava procurando emprego e fiquei na minha tia. Depois comecei a trabalhar nas imediações, em prédio, de porteiro, aí em 1994 comprei um barraco. Paguei 300 reais, foi logo que saiu o real. Depois da organização que a gente fez, aí começamos a construir de alvenaria, era tudo de tábuas nessa época. Tinha um ou outro de alvenaria. Em 91, tinha muito mato ainda, seringueira... Aí depois a juventude foi vindo, parente de um, de outro, até a hora que povoou a área total. Eu comprei, era de tábuas, aí começamos a construir. Depois da alvenaria, ainda morei 6 a 7 anos. Não pagava água, luz, não pagava imposto. Isso é um meio de acomodação. Quando você acha isso... Pra quem vem lá do Nordeste, você tá vindo sem uma estrutura, nem todo mundo vai alugar uma casa pra você, ninguém quer ser avalista...

- Fiador

- É, ninguém quer ser, o preço do aluguel é absurdo. Depois de um bom tempo de firma, mais estabilizado é que você pode procurar um lugar melhor. Muitas pessoas mudaram de lá, arrumaram coisa melhor, muitos conseguiam ser caseiro, zelador, tem outros que vieram do Nordeste para cá e acabaram se acomodando. Porque era um lugar que sempre tinha serviço nas imediações. Por morar muito perto, muita gente preferia as pessoas dali para não pagar condução. As mulheres davam mais preferência para as empregadas que moravam ali porque se precisasse delas

a qualquer hora do dia ou da noite, podiam contar. Vinham na favela chamar a empregada e às vezes até elas dormiam no trabalho.

Agora deu no que, as pessoas não se uniram, uns compraram alguma coisa, outras se mudaram, nem sei pra onde e outros tão pagando aluguel. Uns compraram no Mangue, outros tão de aluguel na Fradique. Eu moro aqui no Rio Pequeno, mas comprei casa na zona sul, dando uma reformada lá, e depois mudo.

Quando você faz amizade, você sente falta dos amigos, mas pra mim foi ótimo ter saído. Valeu a pena todo o sacrifício, não me arrependo de ter saído, sinto falta dos meus amigos...

- Quem eram seus amigos?

- Ali eu não tinha mal-querência com ninguém, mas os que são mais amigos são Matias, o Zé, do bar, esse mais fechado, mas sempre tive contato com eles, o Moisés, o Clodoaldo... tive bom relacionamento com eles. Não tive do que reclamar.

- Em 91, que empresa era?

- Era condomínio. Aí que comecei a trabalhar com condomínio. Antes eu era ajudante, trabalhava numa firma, com martetele que corta asfalto, muito pesado. Pagamento muito pouco e vi que não era minha área. Aí fui trabalhar em prédio, primeiro como faxineiro, depois vigia e até hoje estou de porteiro.

- Com carteira assinada?

- Ah, sim, nesse último emprego que eu tô, amanhã faz nove anos e meio de carteira. Eu me sinto melhor de porteiro que de zelador, não por causa do salário, que zelador é melhor, mas as pessoas não respeitam o horário de trabalho do zelador, chamam toda hora.

Chegamos a sua casa, no Rio Pequeno, zona oeste de São Paulo, atravessando o Rio Pinheiros, pela ponte do Jaguaré. Até então, a conversa tinha ocorrido no carro, porque ele disse que poderíamos ir conversando. Ele deixou sua Parati na garagem, descemos uma escadaria que dava para um quintal, onde haviam três casas. A primeira delas, logo na entrada do quintal, era a de Rui. Esperávamos encontrar com Jane, mas como soubemos depois, o menino caçula tinha tido diarreia e ela saía para levá-lo ao posto de saúde, agora não mais onde trabalhara anteriormente, mas no posto vizinho, na Vila Adalgiza.

Nossa conversa então continuou na sala de sua casa. Primeiro ele me mostrou a casa, o quarto da casa, dividido por uma tábua de madeira, tinha-se o quarto do casal ao fundo (mostrou-me a umidade na parede e a razão pela qual esse não tinha sido escolhido como o quarto dos meninos. Para resolver a umidade, colocou uma tábua de madeira, isolando-a). Na outra parte do quarto, as camas e a "bagunça" das crianças. A cozinha era grande e dela saía uma porta para o banheiro, interno à casa.

Em busca da desenvoltura na fala

Na sala, bem mobiliada, com estantes, aparelhos de som, TV e DVD, um bar, um sofá servia de cama para seu irmão, que estava temporariamente morando com eles, até conseguir um lugar para ficar.

- Depois que chegamos aqui, o Alex ficou direto aqui com a gente.

- **Ele é seu filho?**

- Não, meu enteado, mas trato como filho.

- **Como você conheceu a Jane?**

- Quando cheguei lá na minha tia, ela morava com uma tia dela, pegado na minha casa. No meio da semana mesmo, começamos a namorar.(risos) Aí começou a namorar e ficamos até hoje. A gente se conheceu em fevereiro, e em junho mesmo, no dia dos namorados a gente casou.

- **E antes, você já tinha tido um relacionamento?**

- Ah, eu deixei uma namorada na Bahia, que eu fiquei de ir buscar, mas... nem procurei mais, hoje é casada também.

- **Me fala da sua família.**

- Minha família, eu não tenho o que reclamar não, meus pais vivos, tenho um irmão, meus pais estão lá na Bahia. A gente tem fazenda lá, gado, assim, plantação... nos tamos pensando em voltar pra lá até, porque agora eles tão mais velhos e precisam de ajuda para cuidar...

- **E a casa lá na zona sul?**

- A casa, vou terminar e vou alugar. Já tem embaixo uma parte alugada e eu tô construindo em cima. Falta acabamento. Olha essas fotos aqui, agora já tá diferente, algumas paredes eu já derrubei. Tem dois quartos, banheiro, sala, cozinha e mais uma lavanderia. E o terraço. Quando comprei esse terreno, já estava começada a construção.

- **Ela se parece com essa casa.**

- Parece, eu gosto de quintal. Demoli tudo para a nova ter quintal. Aqui [mostrando a foto] foi quando comprei. Já gastei muito nessa casa e hoje tá bem melhor. Já coloquei um portão, o salão da frente eu aluguei, botei na imobiliária. A casa fica no Jardim Aracati, depois do Jardim Ângela, logo depois de um colégio.

- E por que você não vai morar lá?

- Quando terminar, quero alugar e voltar a Bahia. Meus pais estão lá. Um lugar que se chama Gajeru, a 1575 quilômetros da Vila Madalena. Marquei no carro quando fui no ano passado.

Em seguida, Rui fala um pouco sobre o estigma da favela. Começa contando de uma experiência com uma patroa, de quem foi motorista, mas não consigo pegar a fala do início, porque a gravação foi interrompida.

- A favela pra sociedade é um dos piores lugares onde uma pessoa vai morar, já aconteceu comigo. Uma pessoa uma vez que não sabia que eu morava na favela, sabia só que eu morava na rua e me disse que aquilo ali [a favela] era um lixão. Aquilo me doía, porque era do lixão que saia uma pessoa que estava servindo a ela com toda honestidade, só que aquilo eu não podia falar. Trabalhei de motorista pra essa pessoa, mas só fiquei dois meses, foi muito difícil. Você como favelado às vezes é tratado como a pior espécie. Algumas pessoas não, tratam a gente como pessoa normal, com problemas como as outras. Algumas vezes cheguei a conversar

em reuniões e assembléias sobre as atividades de alguns ali na favela, que era preciso respeitar os outros moradores.

- Do que você fala?

- Das atividades com tóxico. Às vezes era preciso conversar, dizer que todos ali eram respeitados, independente da cor, ou da atividade, mas que era preciso também respeitar os outros moradores.

- Tinha algum evento que reunisse todos os moradores da favela?

- Olha, não tinha mais, porque não tinha nem espaço. Então, a minha preocupação era que fim de semana tinha uma farra, começava na sexta. As pessoas ficavam na rua e os carros passavam ali a mil. Já aconteceu de ter atropelamento. As pessoas com medo da favela aceleravam o carro na frente dela.

Mas eu não era dos que ficavam até tarde na rua, porque trabalho cedo, só até umas dez da noite, mas sempre sobrava alguma pra mim.

- E como é que vocês se organizaram para fazer o esgoto? Tiveram ajuda de alguém, da prefeitura, alguma empresa?

- A gente não teve ajuda de ninguém. Antes de trabalhar em prédio, eu trabalhei muito nisso aí numa empresa aqui em São Paulo, que fazia esgoto na rua. Mas as pessoas que vinham da roça, do Norte e do Nordeste, não davam muito valor pra isso. Hoje se dá mais valor.

- Você trabalhou na roça?

- Eu, graças a Deus, eu sou da roça, plantando tudo: milho, arroz, feijão, mandioca. Meus pais até hoje plantam. Mas mudou muito; estou indo pra lá pra isso. Plantar, vender para os armazéns. Minha mãe está aposentada, meu pai está com certa idade, quase se aposentando tenho que agora ir ajudar.

- E a Jane quer ir?

- Ela tá com medo de ir embora, por causa de mim, dizendo que eu vou trair ela. Ela tem medo de ir embora pra lá, mas os pais dela estão lá também. E nossos pais nos criaram até os 18 anos, deram a oportunidade pra gente vir pra cá, aí chega a época de voltar e cuidar deles.

Na época da seca, é meio seco. Tem um monte de campo de futebol, a casa de meu pai fica para lá adiante, em Jatobá [mostrando as fotos do lugar]. Lá é muito legal, tem os parentes, esse é meu primo, minha mãe, minha tia, tio, minha vó, mais primo... tudo lá na fazenda. Tem o pé de café em frente à casa de meu pai. [e continua mostrando as fotos, orgulhoso do lugar onde morou e da família]. Aqui é antena parabólica, tem energia, tem tudo lá. Essa foto é do prédio que trabalho. E essas são da favela: a foto do som, uns conhecidos. Essa é no zoológico, na pracinha, aqui é o gado que a gente cria, lá na fazenda. Lá não tem assalto, lá tem fogão a lenha, mas tem a gás também.

A prioridade da gente lá é conseguir dinheiro, mas a pessoa com salário mínimo lá vive melhor que com mil reais aqui. Sabia? (Não). Porque lá você tem as coisas da roça, o arroz você tem, se colhe 30 a 40 sacas, vende parte e o resto consome. E também não tem álcool, drogas...

Durante um bom tempo ficou me apresentando a família em fotos, os cachorrinhos que teve, o pé de manga em frente à casa dos pais. Me contando de como era legal a vida lá. Fotos de Jane grávida, dos batizados dos filhos e sobrinhos, de uma viagem a Aparecida do Norte, dos familiares de Jane em Capim Grosso, outra cidade da Bahia, onde Jane nasceu. Fotos na favela em vários tempos, a do barraco de tábuas, enquanto ainda estava magro, porque trabalhava de noite e não dormia direito. Fotos na casa do pai de Jane, no seu

trabalho, em uma academia na rua das Tabocas, onde era faxineira. Fotos dos carros que teve, estacionados em frente à favela; fotos das portarias de prédios onde havia trabalhado e fotos com as crianças ou ainda de recém-casados no Villa-Lobos.

Em meio a essas lembranças, chega Jane com os filhos e nesse momento a entrevista se interrompe, conversamos sobre o nenê. Ela acabava de chegar do posto de saúde. Como tínhamos falado do trabalho de Jane na academia e Rui não se lembrava de como ela havia conseguido o trabalho, começo com essa questão:

- Jane, uma pergunta que fiz pro Rui e ele não se lembrou. Como é que você entrou na academia? Foi a Cleusa que te levou ou você levou a Cleusa?

- A Cleusa que me levou. Ela trabalhava lá. Fiquei seis anos lá, tinha carteira assinada.

Jane entra em casa e logo vai para a cozinha preparar o jantar, que já se aproxima da hora, enquanto ficamos na sala com as fotos. Às vezes as crianças interrompem a conversa, outras chamamos Jane para algum comentário.

- Paula começou com um ano e um mês na creche... Não liga não, que eu saí de manhã e não fiz nada na casa. Veja se está com muito açúcar. Nenê precisa tomar bastante líquido por causa da diarreia. Fiz os exames hoje mas só ficam prontos na semana que vem.

- Eu estava contando pro Rui que meu filho acabou de passar 15 dias mal de vômito e diarreia. Fiquei tão preocupada. No fim, acho que era verme. Tomou o vermífugo e sarou. Antigamente, minha mãe muito sabiamente dava vermífugo para nós todas as férias de julho. Hoje não se usa mais e as crianças continuam a botar tudo na boca, o meu vive com as mãos na cachorra...

Os planos de Jane

Ela afinal senta-se na sala e conversa junto conosco.

- Então me fale, Jane, desses planos de voltar à Bahia.

- (riso) Ele está com esses planos aí. Mas tá difícil... (silêncio)

- É difícil mudar...

- Ele vai pra casa dos pais dele, mas pra mim é mais difícil. Eu queria tentar trabalhar mais um pouco aqui.

- Você sentiu muito perder o seu trabalho?

- Nossa, muito. Era gostoso trabalhar lá. E tem gente que com o curso de auxiliar de enfermagem já consegue como auxiliar de enfermagem no PSF. Lá dentro é muito mais fácil conseguir.

Rui – Lá na Bahia o prefeito é médico, eu não conheço, mas ele é conhecido de meu pai, e disse que próximo da gente, bem em frente a minha casa, vão fazer um posto de saúde. Pra roça, um posto bem avançado em termos de tecnologia. Ela com o curso de enfermagem pode conseguir trabalhar. Da casa de meu pai até lá é

como se fosse se fosse da Vila Madalena até Pinheiros, vai a pé. Como ela já tem experiência e trabalhou muito tempo em posto, ela tem muita possibilidade de conseguir uma vaga lá.

Jane – Aqui mesmo abriu vaga para trabalhar no posto. Fiz minha ficha lá. Vamos ver no que dá...

- Soube que você morou um tempo na casa de sua irmã, logo que saiu da favela.

Jane – Eu tava grávida, ficou difícil vir para cá.

Rui – A gente veio pra aqui, mas ela ficou lá porque estava com barrigão e fazia o curso de auxiliar de enfermagem, saía da escola às 11 horas, pra chegar aqui meia-noite?

- Você fez o curso durante a gravidez?

Jane - Sim, no dia seguinte a minha matrícula, descobri que estava grávida. Mas eu fiz, ficou puxado mas eu fiz. Trabalhava durante o dia, ia pra casa de minha irmã, tomava banho e ia pro curso. A Paula o Rui pegava na escola.

- E agora você tá trabalhando onde?

- Na casa de uma amiga, fazendo bico.

Nostalgia do passado, perspectiva para o futuro

Rui continua a mostrar as fotos, apresentando a sua casa lá na Bahia. Uma casa grande, tem três quartos, um banheiro, uma cozinha, duas áreas, tem varanda e sala. Enquanto fala, Jane interrompe dizendo que a casa é do pai dele.

Rui - Não, aquela é do meu pai, mas essa é minha. Construí essa casa em 90, 92, é no terreno do meu pai, mas a casa é minha. Tem cavalo, gado, tudo solto. Quando Fernando [seu enteado] foi pra lá foi uma festa; nunca tinha visto tanto bicho solto. Pra essa idade é ótimo lá

- Me falem um pouco da vinda para cá. Achei engraçado que todos que entrevistei vieram para cá mais ou menos aos 18, 19 anos. Me falem um pouco disso.

Rui – Eu vim aos 19, Jane veio aos 17... Então lá no Norte, assim, agora melhorou, mas antes não tinha documento antes dos 18. Tinha que servir o exército, e lá na roça não tem que servir. Se a gente viesse antes de servir, não conseguiria ser dispensado aqui, e nem emprego.

Jane – Hoje eles dispensam, mas antigamente...

Rui – Não podia trabalhar servindo. Se Fernando se alistar aqui pode ter que fazer, mas lá não. [as crianças entram na sala, a mãe os manda cumprimentar e depois para o banho].

Vou te mostrar uma foto que você não vai me conhecer. Uma de binóculo, olha como eu era lindo. Era loirinho.

Jane – (riso) Toda criança é linda.

- Não consigo ver, será que sou eu que não estou enxergando?

Rui – Ah, perdeu o vidrinho, não dá para ver direito. Eu bem vestidinho...

- Também tenho essas fotos de binóculo (riso) Matias me falou da dificuldade de ter sapato lá, que ele só via a gente que chegava daqui bem vestido...

Rui - Quando cheguei aqui, trabalhei 13 dias numa construção, passava a noite sozinho, só ficava olhando as pessoas lá embaixo, os carrões... Parecia que era fácil ter as coisas.

Nesse momento, Jane sai para fazer o jantar, e conversamos eu e Rui sobre a negociação dos valores.

Rui – Eu comecei a fazer uns cálculos. O menor sairia por 3 mil e quinhentos reais, aqui no beco [apontando no mapa o número 86] que era o menor, um barraquinho bem pequenininho, tinha 2 por 2. Não tinha nem como construir, era um quadradinho. Talvez não desse nem 2 por 2. Então eu avalei por esse, o menor deles. O cara disse que tinha pagado 400 reais. Pra resumir, eu fiquei colocando outros valores para os demais. Os de alvenaria sobrado eram os maiores valores. Aí tinha os de alvenaria simples, sem bater laje em cima. Tinha os de madeira, alguns grandes, um até saiu por 9 mil, por ser grande. Os de madeira menores saíram por 3 e meio ou 4, 5 mil. E os de alvenaria, o menor foi de 7 mil e o maior foi 13 mil. Os valores de 7 a 13 eram os de alvenaria. Como aconteceu? Fiz o cálculo, uma avaliação, eu que fiz, marquei uma reunião com o pessoal, e falei "se vocês concordarem, tudo bem, senão, esqueçam". Comecei pela parte de baixo, vê que aqui tem umas entradinhas. Comecei e falei para cada um deles o valor que eu tinha avaliado. Aí fui falando, fulano de tal tanto, fulano de tal tanto. O salão do bar do Zé foi o mais alto, porque era o maior.

- E o Zé tinha comprado alguns mais ainda, não?

Rui - O Zé acabou pegando um bom dinheiro. Comprou mais uns 3 ou 4 e acabou pegando um bom dinheiro. Por isso até as desconfianças. Mas eu saí de lá com a consciência tranqüila. Acho que fiz o que foi possível.

- E o que achou de contar sua história?

Rui – Olha, eu tenho orgulho do que consegui. Não foi nada fácil, mas graças a Deus a gente teve oportunidade, aproveitou e agora tá aí, continua na luta...

Marta, a documentarista

Encontrei Marta várias vezes durante o trabalho de campo na favela. Tempos depois, quando comecei a tomar as histórias de vida, dei-me conta que tinha visto muitas vezes o produto e o processo de trabalho, mas não sabia o que ela procurava com os documentários. Pedi a ela que me concedesse uma entrevista, para me contar um pouco a história de sua vida. Depois de algumas marcações, adiamentos, conseguimos finalmente uma conversa na sua casa, de cuja varanda se vê o que antes era a favela. Hoje, os prédios em frente impedem que se veja o terreno.

Por que a favela como objeto?

De início à mesa, em frente à cozinha, falamos sobre a favela; logo depois do café, sentadas no sofá da sala bem arrumada, ela me concedeu a entrevista.

- Na verdade, toda a ocupação desse campo de baixo da rua Fidalga e da Rua Djalma Coelho são descendentes dos antigos chacareiros daqui; isso é até hoje: na Francisco Isoldi tem chiqueiros, galinha. Aqui era um recanto de chácaras mesmo.

Aí o que aconteceu? Em 83 a gente alugou a casa porque a minha mãe foi morar na Bahia; aluguei a casa, fui morar com uns amigos e eu e meus irmãos administrávamos o aluguel da casa. Essa casa ficou alugada até 91, quando a minha filha mais velha nasceu, porque a gente reformou a casa e veio morar aqui. Na verdade, se tornou de 2 barracos uma favela, porque daí já... Em 10 anos o negócio começou...

Na minha memória, da última vez que eu vi eram 2 barracos e, de repente, tinha uma favela. O que a gente viu, a partir desse momento, era barraco virar uma favela; a gente via da rua. A gente andava nos becos, era um verdadeiro labirinto, tinha as vielas que passavam quase dentro, tinha alguns lugares você não via o céu porque tinha casa construída em cima. Na verdade, era uma favela.

- Isso você viu só em 91?

- Em 91 até...

- Você não entrava lá?

- Para você ter uma idéia, eu mudei para cá em 91, filmei o Vizinhos em 2000; foi lançado em 2004 e filmado em 2000. Das filmagens de 2000 e das filmagens complementares que nós fizemos, em 2004, a favela de madeirite passou para tijolo – de 2000 para 2004. Em 4 anos eles usaram tijolo, não sou nem eu que estou contando, são as imagens que mostram.

- E eles fizeram o esgoto e a luz, em 90.

- É. Eles fizeram.

- Em 94, mais ou menos, 95 eu acho que eles fizeram; é muito inusitado que eles façam sozinhos. Sei lá como fizeram, mas o Rui me mostrou a planta.

Tinha a Net, eles vinham, pagavam 1 ponto, mas era instalado na favela inteira, tinha uma rede de gato na tv a cabo.

Mesmo essa coisa de juntar 100 famílias para arrecadar dinheiro para fazer esgoto não é uma coisa trivial. (Não é.) Mas essa organização se dispersou no final. É porque eu acho que talvez ele não... Claro, eles estavam vivendo pressão do lado, todos esses prédios construídos aqui.

(...) O que eu achei interessante é que esses caras não têm noção sobre política partidária, mas têm uma consciência do que é um ganho salarial, do que é um 13º; um tipo de consciência têm, o que não têm é uma consciência política clara.

Começamos, então, a conversar sobre o documentário e seu interesse em mostrar a convivência entre vizinhos na Vila Madalena e depois a remoção da favela.

- Meu sonho sempre foi documentar a Amazônia. Eu adoro viajar, estou sempre viajando, só que depois que você tem filho as coisas mudam um pouco e eu achei que eu tinha que documentar a vizinhança. Era o único que eu acho que eu poderia fazer com criança pequena, sem ter que abrir da experiência materna, em relação a elas e foi aí que eu resolvi começar a filmar a favela. Eu tinha um outro documentário também, eu fiz um chamado "15 Filhos", não sei se você viu. (Não.) Então, o documentário é uma espécie de filme de viagem no bairro.

- Mas tinha uma questão sua? Lá tinha uma pergunta?

A minha pergunta e o que eu pensava ali é o seguinte: comparando do Rio de Janeiro, onde essa convivência dos favelados com a classe média é praticamente janela com janela, porque o morro está em cima da cidade, os bairros nobres todos convivem com os morros e a convivência também se dá nas praias, se dá nas ruas de uma forma muito mais intensa, São Paulo é uma cidade onde a exclusão social se dá também geograficamente de uma forma pronunciada, ou seja, a gente tem um centro e uma periferia. Mas isso nós digamos que é quase que aquela visão de plano mais geral porque, quando você esmiúça num detalhe, você vê que há uma convivência muito mais intensa, mas em pequenos cortiços, em pequenas favelinhas encravadas no meio urbano. Até porque a cidade foi se expandindo, a classe média foi crescendo e muitas vezes alguns bolsões que já eram favelas ou ocupações vão sendo englobados, as coisas vão... O pessoal de Paraisópolis estava lá antes de fazer o Real Parque, por exemplo, mais ou menos juntos. Você vê que volta e meia tem uma favela e o bairro valoriza, aí cresce uma avenida bem no quadrante da favela.

- Que é o Jardim Edite. É típico.

- Acho que há vários casos, mas, de qualquer forma, aqui no bairro era muito evidente. A gente tem 3 favelas aqui perto: a gente tem a da Rifânia, do outro lado da Heitor Penteado, a gente tem o Mangue que permaneceu Mangue, eles se conseguiram se organizar. Agora é Condomínio Mangue 1. Você já passou na porta? Esses dias eu passei lá na Fidalga. Tinha escrito com tinta na parede Condomínio Mangue I e tinha a favela aqui de baixo da minha casa; a pergunta era: como convivem? Convivem? Com a melhor convivência, o que faz uma favela num bairro de classe média que tende a estar se tornando... Não era um bairro de classe média alta, a Vila Madalena nunca foi, era um bairro de classe média baixa, existia uma população negra que é do lugar. Isso o filme Vizinhos mostra, eram pessoas que vieram do interior, das fazendas, no início dos anos 50 e 60, se instalaram e eram chacareiros. Eram pequenos funcionários, você tem uma população... É um bairro, etnicamente falando, mesclado, tem uma população negra de paulistano que mora aqui há um tempo, e você tem pessoas que vieram do nordeste que moravam na favela. Tanto é que tem uma mescla na Rua Djalma Coelho entre populações negras que já moravam aqui, que já são classe média, e favelados que vieram do Nordeste.

Essa classe média também não tinham grana: estudavam em escola pública, jogavam futebol na rua, iam jogar futebol na pracinha. Então foram as

comunidades onde houve maior convivência. Por outro lado, com a classe média houve convivência também, só que aí foi numa relação de trabalho porque as mulheres trabalhavam nas casas e os homens faziam bicos por aqui, na verdade, a convivência era intensa. Apesar das pessoas terem medo da favela, a convivência era intensa. Claro, os caras faziam bicos de jardineiro, pedreiro; as mulheres eram faxineiras, empregadas aqui nas casas do bairro.

As surpresas e a interpretação da remoção

Nessa parte da conversa, entra em pauta a política e a questão da saída dos moradores. Marta fala da consciência política dos moradores e do que mais a surpreendeu ao fazer o documentário.

- O que mais te surpreendeu? Você começou a falar um pouco. Uma surpresa?

Eu não sei se o que me surpreendeu foi neles ou se foi em mim mesma por ter conhecido os caras com quem eu trabalhei porque me senti muito à vontade na favela... Como na verdade a questão do espaço é tudo na vida da gente.

Mas a experiência que você tem dos espaços é muito determinante para a sua objetividade porque eu encontrar qualquer pessoa dali da favela no espaço da favela, a relação era uma, encontrá-los na rua a relação era outra. Primeiro porque, claro, classe média tem medo de pobre, você encontra um garoto na favela de touca, você tem medo de ser assaltado. Se você passa na rua e vem um moleque de boné, meia e 'tenisinho' arrumado, bem vestido... Não é nem dizer que seja uma questão de preconceito, é uma questão de conceito, na verdade é porque a gente está numa sociedade onde as questões de violência e miséria são mascaradas de uma tal forma que você realmente tem uma cultura do medo. Por mais que eu me considere relativamente imune, eu já fui assaltada, então você acaba se...

De uma forma ou de outra a rua se tornou um lugar hostil, um lugar de medo. A chance de entrar na favela para você conviver com essas pessoas... Porque, teoricamente, todos andam na rua, eu também tenho carro, a gente ia muito de carro, de criar uma familiaridade que, no fundo, eu sei que dentro de mim eu tenho. Tanto é que foi muito fácil para eu ir lá e conversar com os caras, eu fico amiga, eu tenho uma relação pessoal com eles porque eu tenho uma experiência: morei na França quando era criança, 4 anos, e durante 4 anos da minha vida eu fui aluna de escola pública num país republicano, onde eu estudava na mesma classe que as filhas das faxineiras. Não era exatamente uma cidade industrial, quer dizer, não era uma cidade onde tivesse algum conflito pesado com imigrante, classe média, tranqüila, todo mundo bem, tranqüilo ali. Não era uma parte da banlieue parisiense, que é onde se deu esse documentário do ódio, de uma imigração árabe mais pesada, mais homogênea.

Quando eu digo aqui a questão política é porque a mobilização vai até onde vai o senso comum da sobrevivência mais imediata. Não há uma conscientização política, uma mudança social, uma rejeição ou diretos de que isso é uma realidade absurda, pode ser mudada. Não tem essa idéia mesmo, na favela não tem. Talvez a gente se pergunte quanto essa experiência social pulverizada... Na verdade, você pensa que a realidade de uma fábrica é muito diferente: numa fábrica é a categoria inteira, compartilham de um refeitório, veste um uniforme, têm uma noção da sua exploração; produz um produto, desse produto eles sabem quanto ganham por mês, sabem quanto é vendido. O cara tem uma noção de dar mais valia, quem trabalha em fábrica sabe o que tem mais valia porque ele sabe quanto ganha por mês e sabe pro quanto é vendido aquilo que ele ajudou a produzir. Ele tem essa noção.

Já essa favela de pessoas que todos juntaram para o terceiro setor, por assim dizer – empregados, funcionários, pedreiros, zeladores – a questão da exploração da luta de classes não fica clara, se torna aí uma questão pessoal. Aí também não funciona porque o que é fácil de dizer: “-Eu não posso pagar mais por isso.” Não está mentindo, é verdade, não pode pagar. Como quando vai ter uma noção de ação política numa esfera macro, quando essa esfera macro não é vivenciada no seu cotidiano? A experiência cotidiana do serviço doméstico não permite uma consciência política, permite reivindicar aquela coisa mais imediata e muitas vezes não consegue porque aí esbarra...

Pois é, mas aí a gente vê como a experiência da própria forma como os caras faziam e dessa própria fonte de renda, talvez fosse limitadora dessa capacidade de organização e repercussão de uma ação política. Não é à toa que Lula da Silva é migrante nordestino, mas estava no ABC em bairro operário. A gente se pergunta se um motorista de perua pode virar algum dia presidente de República e ele diz: “-Certamente não.” Porque, provavelmente essa relação que se estabelece pessoal, patriarcal, de alguma forma, mina essa possibilidade. Eu não sou pessimista, eu acho que...

Isso é uma coisa que eu vi ali. Você me perguntou o que me chocou neles. O que chocou neles foi a absoluta adesão, na verdade, a um ideal de classe média. É uma classe média que não tem grana, eles não queriam reivindicar, não se sentiam em condições de reivindicar, eles queriam apenas a semelhança; não conseguiam nem enxergar, no fundo, a diferença. Eles conseguiam enxergar a diferença da forma negativa: “-É porque eu sou nordestino, pobre e migrado.” “-Eu sou preto.” Quando, na verdade, a questão era um pouco além.

- Eles sabiam de certa forma do estatuto da cidade, do plano diretor, tudo definido e eles se assustam muito com isso, nesse momento. Eles tinham esse ruído de que, a partir dessa legislação que eles não sabiam qual...

- Até porque eu acho que, no fundo, eles sempre disseram que aquilo ali não era deles. Na verdade, eles tinham um senso de propriedade, eles tinham respeito pela propriedade privada nesse sentido extremamente grande: “-Esse terreno aqui não é nosso, a gente está aqui de favor, aqui é ocupação.” Quer dizer, o cara no fundo não se sentiu realmente dono daquilo, ele se sentiu realmente morando em terra alheia o tempo todo.

- Essa coisa da legislação é um descompasso.

É um descompasso, os caras não dominam.

Eu acho que foi uma questão de que eles se sentiam à base de troca, e eu acho que eles sentiam muito sufocados, num bairro que evidentemente subutilizavam. É o que eles dizem, no Vizinhos você vai ver que a polícia baixava lá o tempo todo, o que realmente me faz pensar nessa coisa do forró. Eu tenho minhas dúvidas que fosse por um barulho assim. Todas as vezes que tinha forró, a polícia baixava. A polícia baixa na minha casa, outro dia baixou aqui em casa, não vai baixar na favela por causa do barulho? Duvido. Pode ter acontecido em algum momento, eles dizem no Vizinhos.

- Então eles tinham um controle dessa convivência, dizem: “a gente falava para não fazer barulho”.

- Eles moravam em terra alheia. E eles sabiam disso, por isso que eles não tenham brigado com...

O que eu diria aí é o seguinte: até que ponto alguém pode ter uma propriedade privada, até que ponto pode ser privada e até que ponto a Prefeitura devia ter intervindo, desapropriado a área? Por isso que é questão política. Alguém na Prefeitura, alguém do Poder Público tinha que bancar e dizer o seguinte: “-Vamos desapropriar uma área.”

Eu não sou urbanista e nem advogada, eu faço o documentário.. O que eu achei interessante na experiência do Desvizinhos, que é o filme do despejo, é exatamente em que medida... Como os caras vão embora de lá sem saber direito o que aconteceu? Isso é algo que eu achei muito importante deixar no filme, esse desconhecimento. Eu poderia ter incorporado ao filme a entrevista com as

advogadas do Instituto Polis, pessoas que explicavam o plano diretor, a legislação. O que eu achei interessante nesse processo todo, do ponto de vista de quem assiste, de que experiência isso pode trazer para quem assiste, do nível até individual, de um filme sobre moradores de favela, é exatamente entender como o desconhecimento gera essa insegurança. A gente se inspirou no Godot, que alguém vem nos salvar aqui. De repente, as advogadas do Pólis viraram Godot da favela, porque vieram duas mulheres: "-Cadê as duas mulheres? Cadê o cara? Cadê quem vem nos salvar."

Na verdade, se tivesse sido organizado... É verdade, eles já estavam à frente, estavam no próprio grupo e dificilmente o próprio grupo chama para saber os seus direitos, acham que têm direitos. É também uma forma como a sociedade é construída, talvez o favelado consiga se sentir muito mais dono de um terreno numa periferia, vamos supor, ou até dono de um terreno que ele ocupou do Estado porque o nosso Estado é meio toca da viúva, terra da viúva, é meio terra de ninguém. Quer dizer, os caras realmente se sentem pisando em terra alheia.

- A história da favela mesmo não começa com essa história de um movimento invasão, ocupados por um...

- Não. Os caras moravam ali de favor.

Precariedade

Na seqüência, sem que eu lhe falasse a respeito, surge na fala dela o gancho para tratarmos da ambigüidade e da precariedade. Essa conversa foi muito importante para a interpretação que fiz nessa tese. Mesmo que com leituras diversas sobre a saída, a sensação de desconforto ou de surpresa quanto à sucessão de tragédias e a precariedade da vida deles, foi como o reconhecimento de uma questão que estava encalacrada no meu pensamento.

- Dois anos depois, eu entrevistando, eles ainda têm essa confusão do porquê saíram, mas também uma confusão do porquê entraram.

- O que me chamou atenção no filme Desvinhos foi quando a gente foi filmar a kombi que levou uma mudança lá para a favela do Jaguaré; era uma moça solteira, eram as coisas dela. A gente acompanhou, chegamos lá, fomos filmando o trajeto que os caras fizeram até a favela, evidentemente na frente da favela tinham 4 prédios de Cingapura, entrando na favela a gente tinha que se desdobrar um pouco adentro. A hora em que a gente chega para a mudança, a dona estava trabalhando, era dia de semana e ela não estava lá, a gente chega e a casa estava montada com móveis de móveis das pessoas que estavam saindo, porque não tinham saído ainda. Por um minuto ou 5, 10, ou algumas horas que a gente foi embora, aquela casa minúscula ficou atravancada por duas mudanças. As coisas iam caindo no meio do caminho.

O que me chamou a atenção era uma enorme precariedade de tudo. Como as pessoas tentam sobreviver, você vê que os móveis dela eram móveis novos, ela tinha comprado em alguma Casas Marabraz da vida, era típico móveis lojas Marabraz, pago em 25 vezes, mas a pessoa foi lá, investiu, comprou, investiu num móvel novo para arrumar sua casinha, seu cantinho. Aí as pessoas saíam carregadas, a kombi aberta, era tudo meio assim: a janela que arrancou do negócio que instalou, uma precariedade, você chega e é tudo meio embolado, a geladeira embaixo da janela, pedaço de concreto, tudo arranhado, vaso quebra no meio do caminho. Outras pessoas na mesma situação, é essa gigantesca precariedade.

É o que a Regina Meyer escreveu na tese dela, é a urbanização precária. De fato, nas franjas da riqueza, a precariedade é um negócio inacreditável, como os caras lutam desesperadamente contra essa precariedade que é geral – de saúde, transporte, escola, a própria vida, os humanos, fora a precariedade dos humanos que vão morrer, a precariedade natural e inerente a qualquer ser vivo. Essa precariedade é o tempo todo, o tempo todo os caras lutam contra a maré, é impressionante como é precário.

A gente chegou, essa cena é na Favela do Jaguaré é inesquecível, isso a gente não filmou, estava a Tati e eu no carrinho, acompanhando a mudança, a Tati com a câmera foi acompanhar os caras levando os móveis na casinha, no barraco que a pessoa tinha alugado. Eu tive uma intuição e fiquei ali por perto, me baixou uma intuição e eu fiquei esperando. Falei: “-É o caso de eu ficar esperando.” Eu achei que eu não deveria entrar de cara na casa. De repente, eu vejo uns garotos ali de 16, 17, 18 anos no máximo com poses, imitando qualquer filme de gangster americano, o que quer que seja, fazendo pose e olhando para mim. Eu fiquei na minha, fui lá para o carro esperando e veio uma menina, podia ser minha filha, a idade da Cléo, uma loira arrumadíssima... A gente foi numa boca de favela, um descampado de terra batida, um Cingapura de um lado e um monte de barracos do outro.

Uma escadaria subindo, extremamente precário, sujo, feio, mal arrumado, com lixo jogado no chão. A roupa da menina não era própria para o local, já havia uma incompatibilidade entre o salto e o chão, não combinava. Ela me vem com celular na mão, evidentemente mais caro do que o meu, super arrumada e disse: “-Meus amigos ali querem saber o que vocês estão fazendo aqui.” Aí eu falei: “-Estou fazendo um filme, vim acompanhar o despejo de uma favela na Vila Madalena...” Aí ela liga o celular para os amigos, dei o número do meu celular. Aí eu falei: “-Nós vamos ficar aqui, nós vamos filmar.” Aí a menina liga para o celular e vê que está tudo certo. Os garotos ali e celular, eles ficaram...

Daí ela sai, desce, desliga o telefone. “-Você me procura, assiste ao filme.” Daí os caras viram, fumam uma bomba, mas uma bomba, um baseadão enorme e ficam fumando ali, meio se exibindo mesmo para mim. Aí eu fui lá filmar com a Tati. Eu achei muito engraçado aquela molecada.

- Você achou uma afronta?

- Eu não achei nada, achei engraçado, na verdade. Eu não achei afronta nenhuma, achei muito engraçado, só dá para achar engraçado, eu poderia achar: “-Ó, que absurdo isso.” Aquilo ali era uma cena digna de ser filmada. É uma vida normal, a criança vai empinando pipa do lado, o pessoal andando. Aquilo ali é a vida segue normalmente.

- Eu acho que é interessante a idéia da precariedade, eu trabalho com isso. É uma vida cheia de precariedade.

- É uma atrás da outra, uma em cima da outra.

- Tragédias e precariedade.

- E os caras vão tocando a vida.

- Como você lida com as suas precariedades, Marta?

- E ao mesmo tempo... Eu não sei, não me pergunte isso. Ao mesmo com um sonho de solidez o acompanha desde a migração porque o cara saiu de lá porque lá é precário. Quem vinha para São Paulo vem atrás de uma vida melhor, só migra procurando alguma coisa.

Eu acho que o Desvizinhos é legal justamente porque é um filme de muitas dúvidas, na verdade eu me exponho como documentarista também sem saber o que está acontecendo, eu continuo sem saber exatamente. Ou seja, eu continuo sem saber se realmente eles deveriam ter saído de lá ou não.

Eu imagino, na minha fantasia, que eles poderiam ter lutado e que teria dado certo, se tivessem feito um auê bem feito, aqui na Vila Madalena. Eu vejo que se politicamente bem articulados eles teriam ficado, eu não acho que eles teriam saído. Essa é minha opinião, legalmente e politicamente ser um fato consumado ou não, eu continuo sem saber. Isso eu acho uma coisa legal do filme.

- Você acha que no primeiro filme aparecem menos dúvidas do que no segundo?

Eu acho que, no primeiro, eu não tinha dúvidas, o que se colocava não era uma incógnita, não era um evento que era preciso explicar, entender ou analisar.

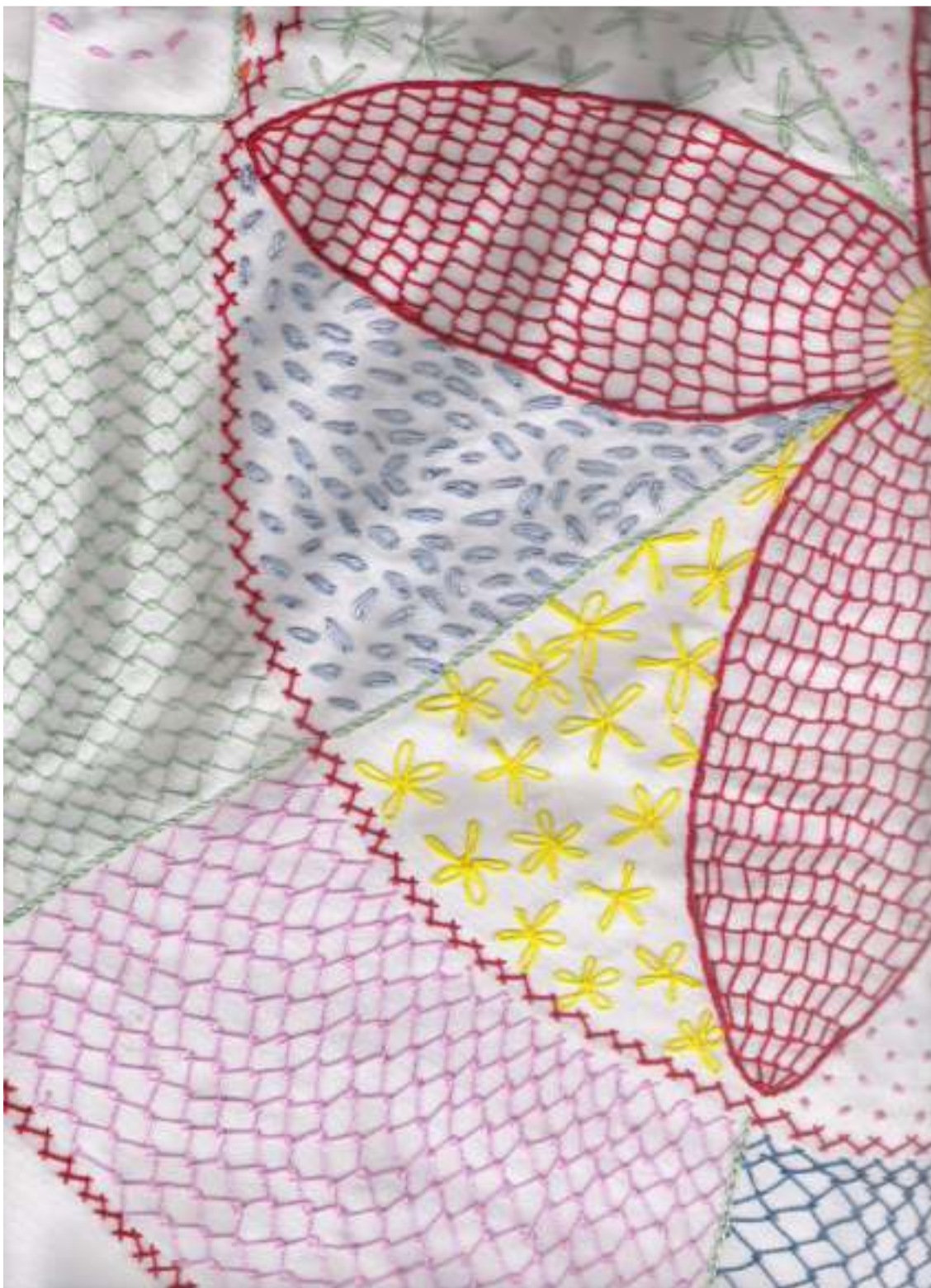
- A pergunta aqui é: "convivem no mesmo espaço"?

Não. O que a gente conseguiu mostrar no filme, eu espero, é como se dá e, ao mesmo tempo, não se dá essa convivência...

- Tem uma ambigüidade também no primeiro.

Sim. Essa ambigüidade eu espero ter conseguido mostrar porque eu acho que é uma ambigüidade quase empírica, empiricamente falando, a gente vive essa ambigüidade o tempo todo, para o estrangeiro é muito chocante.

Interpretando o texto



Esse item também poderia se chamar ***Meu Deus, e agora??*** mas não convém explicitar isso em uma tese. Porém, é essa a sensação que dá ao termos um emaranhado de textos, emoções, dados,

interpretações e nos é dada a tarefa de re-interpretá-los. Tal como o trecho de mandala bordado por Dona Alice, cada pedaço tem sua cor, sua textura, seus vínculos mais ou menos amarrados, sua opacidade e seu brilho.

A interpretação já se inicia com a escolha de quais serão os entrevistados; nem todos que contaram suas histórias estão aqui registrados, nem tudo o que falaram está aqui escrito. A edição das falas, a escolha da montagem – quem serão os primeiros e sobre o que falarão primeiro – também é uma ação interpretativa.

Não os inseri aleatoriamente. De algum modo os organizei e não cronologicamente: Matias foi o primeiro entrevistado da fase pós-remoção – 2 anos após –, Amanda foi entrevistada logo depois da saída da favela; Mari, em dois momentos, um depois da remoção, por mim e um durante a remoção, quando estive presente, mas não conduzi a gravação, feita pela equipe do documentário. Suzana foi entrevistada somente na segunda fase, pós-remoção, já instalada em sua casa; havíamos conversado por muitas vezes na favela, mas ela nunca quis gravar a entrevista. Isaura foi descoberta no processo de levantamento de memórias, assim como Marlene, as duas nem sequer me conheciam do período da remoção. Por fim, Rui e Jane, embora tivessem até mesmo dado entrevistas antes da remoção, tem aqui registrado apenas trechos de nossa última conversa, na nova casa no Rio Pequeno. E Marta, a documentarista, que conheci também da época da remoção e até mesmo antes disso, foi a última a conceder a entrevista, já em agosto de 2007.

Começo com Matias, o qual interpreto como jogador, não porque fosse um jogador contumaz, mas porque sua trajetória tal como contada me fez lembrar do jogador de Benjamin (1989), para o qual a riqueza vem de um ato de aposta: um sonho o levou ao leão e ao veado e esses dois animais juntos se converteram na sua casa e no seu ganha-pão. Ao contrário do seu irmão, “direito”, que começou

trabalhando e acumulando, para Matias a sorte lhe brotou de uma aposta. Mas se se é feliz no jogo, diria o ditado, não se é no amor. Enquanto Moisés mantém-se casado com todos os filhos a sua volta, no duro batente de abrir e fechar seu comércio lá no Paraisópolis, Matias sofreu o golpe do destino quando sua mulher o deixou e levou consigo o filho caçula. Desde então a impotência se abateu sobre Moisés: pensa em mandar dinheiro para o filho na Bahia, mas não manda, achou que daria para ficar na favela, mas não deu. Tudo lhe escapa das mãos: quer comprar um computador para o filho, vive de bico, e não tem mais coragem de montar um novo negócio.

A noção de tempo para Matias não é o cumulativo, tudo lhe vem e lhe falta, não há acumulação dia-a-dia, a vida decorre de saltos para o alto e para baixo. Quando Marta disse que o havia interpretado como um político, parei e pensei como poderíamos haver de interpretá-lo de modo tão distinto. Talvez naquele momento da remoção, quando ele ainda era voz ativa no processo, integrante da associação, um comerciante respeitado entre os moradores da favela, Matias tivesse essa *persona*. Dois anos depois, vivendo de bico como vigia, fazendo almoço, arrumando a cozinha e esperando a tia ou buscando o afilhado na casa, interpretei-o como alguém para quem as perdas e os ganhos são decorrentes da vida. Acostumado a perder os afetos e a ganhar no jogo, acostumado a perder na “pendura” do seu comércio e a ganhar em algumas boas vendas de engradados de cerveja aos “de fora” que pagavam à vista, Matias ia vivendo, de ganhar e perder...

Também ao sabor dos ventos, Amanda, moradora do beco dos ovos ou beco das putas, como me segredou, vivia um dia de cada vez. Talvez a falta de trabalho fixo, a Aids lhe limitando a perspectiva de vida futura, todos os dias passavam como se fossem novos dias. Tanto ela como Matias surpreenderam-se ao se verem contando uma história: como se fosse a primeira vez que tivessem parado para

narrarem suas vidas. Claro que não tinha sido essa a única, mas os dois contavam suas histórias como jogos não acabados, a espera do apito final que lhes dissesse quando seria o fim. Matias perdeu a mãe ainda criança, Amanda não sabia por quanto tempo cuidaria das suas crianças. A vida dela, suas trajetórias pela cidade onde nasceu, indo daqui para ali como se nada pudesse decidir: casou-se, foi para a casa do tio em Itaquera, depois para a favela, depois separou-se, viveu por lá um tempo, ao sair da favela, sem saber ao certo para onde ir com os filhos, voltou com o ex-marido e foi viver junto com ele no Taboão. Vivia de cesta básica, da ajuda dos vizinhos, das escolas e do posto de saúde, da ajuda do pai e da mãe e de algum amparo do homem com quem estivesse.

Moisés, irmão de Matias e marido de Mari, que aparece aqui na seqüência das narrativas, era, nas palavras de Matias, um menino mais direito – com isso interpreto aqueles que vivem da acumulação do dia-a-dia; o casal saiu ressentido da favela, com os demais moradores que não se uniram, com o pessoal da prefeitura que não ajudou, com aqueles que jogaram a toalha antes de o jogo terminar. Levaram tempo e esforço, trabalhando, vendendo churrasquinho, doces e balas ou geladinho, para construírem a casa e a mercearia na Djalma Coelho. É ele quem fala na reportagem da Folha quando do anúncio da saída, logo no início da tese, do suor que lhe escorre pelo rosto quando pensa que ficará sem seu meio de vida para sustentar a família numerosa. Mas é ele quem logo depois se reergue, montando um novo bar, a mulher trabalhando, ainda que com as lembranças das humilhações diárias no trabalho como faxineira. É ela quem se ressentida por ter jogado fora as tampinhas de Gatorade do patrão acumuladas para troca por uma mochila ou coisa que o valha. Ao mesmo tempo em que se ofende com a desconfiança do patrão, também sente o efeito de sua atitude na destruição daquilo que se junta no tempo, mesmo que tampinhas, mesmo que para ganhar uma mochila.

Isaura, tia de Matias e Moisés, já não mais morava na favela quando a viu destruída. Mas também ela se encontrava sem moradia quando nos encontramos. E sua narrativa é também uma seqüência de perdas, algumas inexplicáveis, como a morte da filha, a morte do filho na favela, a perda de confiança na humanidade com os últimos acontecimentos com o ex-marido. Seqüência de perdas não elaboradas. No meio das perdas, as conquistas: conquistou água na favela, conquistou amores, conquistou a generosidade do patrão, que lhe forneceu madeira para a construção do barraco. Isaura se refaz de suas perdas encontrando a generosidade, como se a cada porta fechada outra se abrisse, mesmo sem que tivesse sabido o motivo pelo qual umas se fecham e outras se abrem: um mistério da vida. Talvez pela idade ou pela generosidade que muitos lhe atribuem, Isaura gosta de contar sua história, mesmo que engasgue nos momentos difíceis. Na psicóloga, ao tratar do filho molestado, reclama de quando batem naquele ponto que dói, mas como já viveu outras tragédias, sabe do poder curativo de narrar. Mesmo que no momento doa mais, sabe que é essa a terapêutica da cura e não se importa de passar pelos nós e pelas rugas. Ao contrário até. A impressão que tive é que ela se orgulha de ter passado por tantas perdas e abandonos, pequenas e grandes maldades, sem que tenha perdido a esperança. Seu corpo, apesar dos 64 anos, muitos deles em trabalho de mais de doze horas diárias, ainda agüenta o "batente", e ela segue carregando suas sacolas de produtos de beleza e procurando alguma casa onde possa prestar seus serviços de cozinheira.

No último documentário de Eduardo Coutinho, "Jogo de Cena" (2007), em que o diretor faz como um jogo de verdades e mentiras, de interpretações e depoimentos, e em um dos depoimentos, quando a mãe conta a história da morte do filho em um assalto, da depressão que se segue por cinco anos após o ocorrido, ela nos conta do sonho elaborador da sua dor, quando o filho aparece feliz, contando-lhe que

havia se formado anjo naquele dia e que daí em diante ela não mais deveria sofrer por ele. Tal como ela nos conta, a partir desse dia, abriu as janelas, que haviam permanecido fechadas por longos cinco anos desde sua morte e recomeçou a viver.

Outra mãe dando depoimento conta história semelhante: a morte do filho ao nascer e o sonho que tivera para amenizar essa dor.

Também para Matias a doença inexplicável da avó, que só fez sentido quando deu-lhe sentido um pai-de-santo. Para as grandes ou pequenas perdas, a busca se faz pelo sentido, que pode vir pela elaboração narrativa, pela interpretação dos sonhos, pela religião, por explicações singelas, ou por alguma *coisa*, mas que façam sentido. Na interpretação de Marta, a última entrevistada para essa tese, Matias é um político e tudo o que deseja é alcançar o padrão de vida dos que moram acima dele, nos prédios do entorno da favela⁶⁹. Algum tempo depois, na entrevista, Matias não era mais comerciante, nem tampouco membro de associação. Não consegui vê-lo como um político. Pareceu-me um homem fragilizado e ressentido por suas perdas: do filho, da sua ocupação como dono do próprio negócio, que lhe garantia não apenas o sustento, mas as relações com os amigos, o *status* de homem conhecido e reconhecido na vizinhança. Concentrava-se naquele momento em aumentar sua carga horária no trabalho de vigia, vender a casa da praia para continuar vivendo, comprar um computador para o filho mais velho, encaminhá-lo para a vida, e mandar um tênis para o caçula que não via mais desde que a mulher o deixou, mas que na última ligação lhe havia feito o pedido dos tais sapatos. Matias não guarda ressentimento dos que o tiraram da favela, avalia que foram os próprios moradores que não tiveram as condições de permanecerem ali e ainda explicita um sentimento de gratidão por ter usufruído os benefícios de residir em um lugar aprazível por quase 20 anos.

⁶⁹ Nos prédios do entorno da favela. À pergunta que Marta lhe fez sobre qual seria sua pergunta aos vizinhos, ele respondeu: “queria saber como se faz para chegar lá”.

Suzana preferia o silêncio, acusando tudo e todos que falassem pelos males que sofrera. Foi a entrevista mais difícil; falar, para Suzana, era quase uma traição a si mesma. Desde cedo, aprendera que o silêncio poderia salvar vidas. Falar com estranho ou conhecido poderia sempre ser uma denúncia. De fato, ao falar comigo, denunciou muito do que outros calavam. Falou das ameaças na favela, do medo dos vizinhos, do medo da polícia, dos invasores, do tráfico. Suzana afugentou-se no seu mundo de silêncio e pouco saía de casa. Seus filhos eram seus únicos amigos e suas únicas pontes com o mundo. Quando a entrevistei, pediu-me que falasse com o filho, porque estudado e mais conhecedor do mundo que ela; não assinava nem um papel, não gravava sua voz, como se quisesse se esconder do mundo, ser *invisível* e *inescutável*. Morava na casa mais ao fundo da favela, e quando se mudou para o cortiço, também escolheu a casa mais ao fundo do corredor, no alto de mais de 200 degraus. Para ela as janelas do fundo haviam de permanecer abertas, apenas entrecobertas por panos para que pudesse se retirar pelos fundos da casa, se algo a ameaçasse pela frente. O perigo para Suzana vinha de todos os lados: do telhado, da porta da frente, da rua; um medo que não tinha por onde esconder. Odiava sua intimidade revirada, odiou que lhe revirassem as roupas íntimas por nada, não gostava do disque-disque das janelas da favela. Desconfiava da própria sombra. O perigo a perseguia por entre as frestas. Mesmo aqueles com quem dividia a casa – seus maridos – não compartilhava dos mesmos hábitos. Estranhava os cheiros de suas comidas, seus hábitos, suas compras, seus amigos.

Mesmo vivendo uma vida de restrições, Suzana se orgulhava muito dos quatro filhos estudando: os dois primeiros universitários e os mais novos sem atraso escolar. Esse foi seu projeto de vida, e sua esperança ainda era aprender a ler e a escrever.

Marlene, a vizinha da favela, espiava tudo pela fresta. Conhecia os moradores, seus filhos eram amigos dos filhos de Amanda, de Mari; conhecia a todos desde o início da ocupação. Embora tivesse uma distinção em relação aos seus vizinhos, sentia-se tão pobre e tão morando de favor quanto eles, não sabia ao certo por quanto tempo poderia ficar morando na casa. A todo tempo, a família do marido falecido fazia-lhe cobranças em relação a sua moradia. Ao contrário dos moradores da favela, que saíram com algum dinheirinho e não com a mão abanando, Marlene pensava que com ela seria diferente: ao sair, iria de mão abanando e sem ao menos quem viesse em seu socorro para dividir suas angústias. Para ela não haveria movimento de moradia, nem ao menos escuta à sua dor pela saída. Seus amigos e vizinhos que haviam passado pela mesma situação já não mais estavam lá e o silêncio da rua passou a incomodá-la.

Taís, embora nascida e criada ao lado da favela, pouco se relaciona com os ex-moradores de lá, exceto por um ou outro amigo que ainda encontra pelas ruas. Mas me interessou na história dela o anseio pelo retorno ao interior do Paraná, onde viveu a infância. Esse sonho de retorno às origens da família da mãe não combinam com seus planos de se tornar modelo ou advogada, mas como acha difícil conseguir alguma coisa que valha a pena na cidade, já que ela não é mais aquela cheia de oportunidades que se conheceu nos anos 70, o melhor talvez fosse mesmo voltar à vida bucólica e tranqüila do campo, pensa Taís.

Por último, os sujeitos que mais relutei em entrevistar: Rui, o presidente da associação e Marta, a documentarista. Até hoje não sei ao certo por quê, mas acredito ter alguma conexão com a tal busca pelo que "ainda hesita em ser capturado pela interpretação".⁷⁰ Talvez tenha sido com Rui que mais conversei ao longo do trabalho de

⁷⁰ Como diz Ecléa Bosi, "A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade" - o que chamo de rugosidades. Ela continua: "Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis". Bosi, E. (2003) O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social

campo. Foi ele quem me informou de quase todos os dados que obtive: nomes, valores, localizações, mapeamento das casas, relações de parentesco. Rui sabia muita coisa a respeito dos moradores de lá, mas quase nunca se permitia falar de um modo mais solto, sem que estivesse atuando no papel de representante da associação. Na sua história de vida, ainda há os resquícios dessa *persona*, mas pouco a pouco, com a abertura do baú de fotos e a apresentação da família e da infância na Bahia pudemos chegar mais perto de sua história. Surpreendeu-me que justamente ele faria o plano de retornar à cidade natal, embora à revelia da mulher, que ainda tentava se recolocar em São Paulo como agente comunitária de saúde. Depois do fracasso em se estabelecer na favela, em transformar aquele espaço e integrá-lo à cidade, Rui se mudou para mais longe e sozinho com sua família. Ainda assim, não se refez do sentimento de não pertencimento à comunidade. Tinha cartão de crédito, o carro que sonhou ter no ano que aqui chegou, mas estava de malas prontas para o retorno à roça, já que agora a modernidade tinha chegado até lá.

E Marta? Por que está aqui? Além de eu ter usado parte de seu documentário como fonte de interpretação nessa tese, intrigou-me saber os motivos pelo qual ela havia se interessado pelo lugar, assim como eu. Muitas vezes em nossa conversa divergimos e concordamos em alguns aspectos, mas a nossa linguagem era a mesma. Assim como ela, mantive-me no campo da incerteza: ela no documentário e eu na tese. Nenhum dos dois servirá de esclarecimento ao leitor sobre o que de fato ocorreu, quem tinha ou não razão: os moradores, que também divergiam entre si, os donos do terreno, a incorporadora, a prefeitura, as associações de defesa de moradia. Quem estaria com a razão? E o que importa essa questão? Cada uma de nós fez sua interpretação sobre esse texto. O documentário ganha nas imagens e nos sons. Na tese, apesar das fotos, estou ciente que não posso reproduzir os movimentos, tampouco a cadência das falas.

Mas complemento com as histórias de vida e um certo distanciamento do momento da remoção. E me regozijo por haver uma outra interpretação sobre o mesmo texto. De alguém que viveu uma experiência de infância republicana, dividindo o mesmo espaço escolar com outros imigrantes na banlieue parisiense, que viveu uma experiência trágica – a morte do pai, militante político na ditadura – e que viveu lado a lado com os sujeitos dessa pesquisa na idade adulta, vendo a favela crescer dia-a-dia e depois morrer.

Olhando agora ao final desse capítulo, percebo que a ordem – se é que há alguma – dos personagens soa como um degradé que vai dos mais desenraizados aos mais enraizados: a família de Matias saiu da Bahia para não mais voltar e escolheu a Vila Madalena ou Paraisópolis como novo território para habitar. Suzana também e seus filhos nascidos na Vila Madalena dali não pretendem sair. Amanda, mesmo que nascida nas proximidades, tem outro tipo de desenraizamento – é a mais nômade deles; seu único ponto fixo é o posto de saúde, que é onde passa os dias atualmente, entre trajetórias pelo bairro atrás de seus filhos nas escolas, creches e serviços assistenciais.

Marlene também deixou o Paraná, mas a ele retornou algumas vezes e seus filhos anseiam pela volta à casa da avó.

Rui pretende voltar à Bahia e Marta não tem planos de sair da terra onde nasceu.

Capítulo VII: Alinhavando os pontos ou juntando cacos

Coleção de cacos

(Carlos Drummond de Andrade)

*Já não coleciono selos. O mundo me inquizila.
Tem países demais, geografias demais.
Desisto.
Nunca chegaria a ter um álbum igual ao do Dr. Grisolia,
orgulho da cidade.
E toda gente coleciona os mesmos pedacinhos de papel.
Agora eu coleciono cacos de louça
quebrada há muito tempo.*

*Cacos novos não servem.
Branco também não.
Tem de ser coloridos e vetustos,
desenterrados – faço questão – da horta.
Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,
restos de flores não conhecidas.
Tão pouco: só o roxo não delineado,
o carmezim absoluto,
o verde não sabendo
a que xícara serviu.
Mas eu refaço a flor por sua cor,
E é só minha tal flor, se a cor é minha
no caco de tigela.*

*O caco vem da terra como fruto
a me aguardar, segredo
que morta cozinheira ali depôs
para que um dia eu o desvendasse.
Lavar, lavar com mãos impacientes
um ouro desprezado
por todos da família. Bichos pequeninos
fogem de revolvido lar subterrâneo.
Vidros agressivos
ferem os dedos, preço
de descobrimento:
a coleção e seu sinal de sangue;
a coleção e seu risco de tétano;
a coleção que nenhum outro imita.
Escondo-a de José, por que não ria
nem jogue fora esse museu de sonho.*

Faço um alinhavo frouxo nessa narrativa, mas não porque estou à espera de que haja a costura definitiva, porque a frouxidão da amarração faz parte do processo de aprendizagem que tive com a confecção dessa tese. Tive que aprender a improvisar, a me desfazer de meus métodos usuais, me dispor à novidade, à fluidez das trajetórias; tive também que ser “seixo rolado” com meu objeto e com meus sujeitos de pesquisa. Daqui saiu uma interpretação para as histórias que escutei, para as vidas que espiei. Não sei se o que sobrou foi literatura ou interpretação de narrativas. Disponho-me a contar o que aprendi nessa trajetória, da mudança que essa tese impôs sobre meu modo de ver o mundo da vida.

Territórios que se alisam

A história da favela contada por seus ex-moradores teve sua biografia contada: sua infância de barro e lama, a criação de porcos e plantação de abóbora, a água da bica, a luz de querosene; na sua adolescência, conquistam-se alguns benefícios, chega a água, chega a luz, mas chegam junto com esses o tráfico e a nova lei; na fase madura, a organização dos moradores, a criação da associação, a construção comunitária do esgoto, até a morte prematura, não de morte morrida, mas de morte matada, como para tantos que ali moraram. Assim como seus moradores que aparentam mais idade do que tem, a favela também parece ter tido, com tanta história para contar, mais tempo do que teve. Sobreviveu por 35 anos.

Quando Marta me disse que era difícil que esses moradores ali permanecessem e que a luta política deveria ser mais intensa, porque afinal esses moradores estavam sentados sobre um pote de ouro, voltei-me às lembranças dos mais antigos que viveram o tempo do barro. Quando chegaram, em meados dos anos 70, aquilo – o terreno – longe de ser um pote de ouro, era apenas um terreno baldio. A arte de transformar barro em ouro não lhes foi contada. Mas também

dessa arte tiraram algum proveito – mesmo que involuntário. Esses moradores não definiram que ali se instalariam como forma de ampliar seu capital. Os primeiros vieram porque era perto do trabalho, porque os maridos vinham trabalhar em obras ao lado do bairro, porque era de terra, porque de algum modo lembrava sua terra natal, ou porque o nome do bairro lhes fosse simpático, enfim, razões múltiplas, mas em nenhum dos casos foi uma ação deliberada de aumento de capital, até porque não tinham. A alquimia do barro ao ouro – passando pelos anos de chumbo das mortes e do tráfico – não lhes estava à mão.

Se nos ativermos à história da ocupação do terreno, nas narrativas desses sujeitos, tem-se ainda o cheiro do barro, da terra escavada, das árvores arrancadas à força, quando aquilo ainda era um pote de barro, desses não-queimados, bruto. Como é que esse terreno se transformou em um pote de ouro? Investimentos públicos na região, a construção do metrô Vila Madalena? A corrida dos incorporadores por terrenos ainda próximos ao centro, na zona sudoeste, aptos a se transformarem em moradia para a classe média abastada? Qual foi a alquimia que transformou esse terreno baldio onde se plantava abóbora e se criava porco ainda na década de 80 em um imenso e valioso pote de ouro?

Os moradores sabiam e sentiam a transformação acontecer sem que nada pudessem fazer; mas se não eram vozes ativas, tampouco foram passivas; usaram esses benefícios do bairro que se transformava a seu modo. Não à toa agradecem (ao destino?), (aos deuses?) o benefício de terem podido usufruir as benesses que as mudanças propiciaram – melhor infra-estrutura, transporte coletivo, escolas de qualidade, posto de saúde bem próximo. Mais que qualquer um dos que não viveram essa experiência, eles sabiam que mais dia menos dia seriam retirados da festa; restava saber como e quando. E alguns ainda permanecem enraizados nesse território,

embora suas raízes sejam daquelas flutuantes, que qualquer chuva mais torrencial possa vir a arrancar, seja pelo aumento do preço dos aluguéis para aqueles que se encortiçaram, seja pela possibilidade de remoção de outras favelas ao redor.

Quando Isaura me contou que veio a São Paulo, fascinada pelos cabelos alisados dos que aqui moravam, em um contraponto às tranças e ao “cabelo ruim” que tinham lá na roça, veio-me a associação de idéias entre cabelos e territórios alisados: a facilidade e rapidez com que hoje se alisam cabelos parecem ser as mesmas com que se alisam territórios. Não se passam mais cremes que queimam o couro cabeludo⁷¹, não se passa mais cabelo a ferro. O alisamento na contemporaneidade é limpo, quase não cheira e tampouco queima. O efeito são as madeixas lisas, balançando ao vento, mesmo que nas raízes permaneçam as rugosidades. Se antes o alisamento de cabelos e territórios deixava marcas nos tons avermelhados dos cabelos, na agressividade do processo, explícito, sensível, atualmente a química é indolor, inodora.

Por que tanto anseio pelo alisamento? Por que tanto aflige um emaranhado?

As trajetórias de trabalho

Nos relatos sobre as trajetórias profissionais, é possível ler uma certa fluidez na passagem de trabalhadores do campo, ou “da roça” – atividade que desempenhavam nos seus territórios de origem – para os serviços ou o comércio. O trabalho duro na roça, assim como o trabalho duro na construção civil, na narrativa dos homens, cede lugar ao trabalho “limpo” do comércio e dos serviços de vigilante ou zeladoria. Ter as roupas limpas e as mãos sem calos já parece ser um diferencial, um traço de distinção. Muitos deles me mostraram as mãos, as marcas dos calos ainda presentes, mas suavizadas pelos

⁷¹ Quem assistiu Malcom X pode se lembrar da cena em que ele se desespera por ter que permanecer com o cabelo sob o efeito do alisante.

serviços mais suaves. Entre as mulheres, a passagem é mais direta: da roça para os serviços domésticos. Embora esses não sejam interpretados como trabalhos tão rústicos como os do campo, ainda deixam seqüelas nas mãos ou nos traços envelhecidos. Sem contar os sofrimentos causados pelas humilhações cotidianas. Atitudes banais, como diferenciar o tipo de alimento consumido pela família e pelas empregadas, a desconfiança manifesta na revista das bolsas, a interrupção da fala das empregadas, os chistes em relação a suas músicas preferidas ou as suas roupas, servem de estímulo excedente à desqualificação de um trabalho, já desqualificado quanto ao valor da remuneração e à ausência de benefícios, em comparação aos demais empregos. Mesmo assalariadas, não dispõem de fundo de garantia, nem de multa rescisória, têm jornadas legais superiores aos dos demais trabalhadores. Não é de admirar que muitas se orgulhem das filhas que estudam e são secretárias ou trabalham em escritórios. Até mesmo o comércio de cosméticos “porta-em-porta” confere mais autonomia e liberdade às mulheres.

A arte de improvisar

Com meus sujeitos de pesquisa, em especial com as entrevistadas, aprendi o quanto há de improviso nas suas vidas e como é possível e enriquecedor e poético viver sob os imprevistos da vida. Diante da tragédia, da morte e da destruição das moradas, uma postura de que se apassivando haverão de viver e de passar por mais uma. A vida tem seus ritmos, seus ciclos e esses sujeitos sabem “dançar a dança da vida”. Não à toa cuidam das crianças e da casa, cantam e dançam durante seus afazeres. Fazem da vida cotidiana um continuum, como se não houvesse ponto de chegada, nem fronteiras fortemente demarcadas. Por isso suas trajetórias são fluídas, aparentam um *deixar-se levar pela correnteza*, como as pedras rolantes ou seixos rolados.

Saem de sua terra natal, desenraizam-se de sua gente, de sua cultura, da terra onde nasceram e foram criados. Vêm em busca das oportunidades de trabalho, de consumo, não ingenuamente, pois reconhecem que sabiam que seria uma trilha difícil, e que a aventura por “outros mares” seria mais acidentada que o futuro que a eles parecia tão tedioso: o trabalho no campo, na roça, a espera dos ciclos da chuva. Aventuram-se para descobrir novas dificuldades, todos os que migraram o fizeram aproximadamente na mesma idade, perto dos 16-18 anos. Ao se verem lá atrás no tempo, nas suas narrativas, há a lembrança dessa ingenuidade, da virgindade, e do desejo de aventura como aquilo que os fazia se projetarem no mundo. Não se resignaram com a condição da roça, tampouco se tornaram ativos defensores dos direitos à cidade. Ficaram no meio, naquele entre o passivo e ativo, na voz média.

No concreto, na cidade, mantém na fala e na linguagem a cadência desses ciclos da terra que trazem na memória. Suas lembranças se associam à terra, à natureza, aos nascimentos e às mortes. Seus métodos são improvisados, não como uma fase transitória entre o que deixaram e o que irão construir. Suas construções são improvisadas, assim como as construções poéticas dos cordelistas, dos repentistas, dos sambistas... Aprende-se o ritmo antes da métrica e sua lógica é intuitiva e não racional. RAP, ritmo e poesia, é a expressão contemporânea do repente, enraizada na memória de seus antepassados repentistas, sambistas, cantadores de modinhas.

Saíram do sertão quando ainda não se controlava a seca e os fluxos da natureza para dar de comer aos filhos. Esse é o aprendizado que trazem na memória. O aprendizado que carregam no presente, no passado e no futuro. Nas encruzilhadas, ora se abatem e se deixam rolar, ora sofrem e se fortalecem. Esses sujeitos aprenderam que não há escuta para seus traumas e sofrimentos, a linguagem lhes escapa. Quando Isaura pede que a vizinha a escute para contar da

molestação do filho pelo ex-marido, é o reconhecimento de sua dor que pede, não a cura, não a solução, mas a escuta.

De nada adianta, é o que defendo nessa tese, propormos a mixofilia como modo de beneficiar os pobres da convivência com os ricos. Se assim for, a riqueza da convivência com a diferença, a ambigüidade e a contingência se empobrece. Deixamos de saber qual a riqueza da linguagem do outro território. Ao deslegitimá-lo como lado, ao não autorizarmos que episódios de ruptura se inscrevam na experiência do sujeito, não há como esses sujeitos se transformarem em autores de uma determinada experiência.

Não é mentira que a tessitura de uma tese nos faz repensar o modo de ver o mundo. Minha trajetória é um caso bem típico dessa versão: comecei pensando que sabia e terminei encontrando um outro mundo, sobre o qual quase não sei de nada e só por isso a aventura é válida. Reconhecer as lacunas, percebê-las, tomar consciência delas, torna-se mais relevante que solucionar dilemas.

Foi esse o aprendizado com essa tese, isso que os sujeitos me ensinaram: a habitar poeticamente esse mundo.

Antes de sairmos propondo práticas, modelos, formas e conceitos, que possamos fazer esse exercício de conhecer a realidade local, de fundir horizontes, de não anunciar o conflito, mas deixar que ele brote do diálogo intercultural, o que pode significar o abandono da rigidez da modernidade, ao menos daquela de estruturas sólidas, deixando-nos mais livres para navegar nas suas águas nem sempre tão serenas, vivendo as tempestades e a bonança, as marés baixas e as altas, a temporada de seca e de chuvas, nos conectando mais honestamente à natureza, aos corpos, à linguagem e aos afetos “em toda sua multiplicidade indisciplinada”, como diz Figueiredo (2003). Tolerar as incertezas com mais **jogo de cintura**, deixando que as rugosidades possam brotar no contato com a trama, com as histórias de vida, porque por mais que tentemos alisar territórios, alinhar e

regrar, mais sobrarão restos e abandonos que, mesmo se encravados e desautorizados, são sujeitos a rupturas, vazando de modo incontrolável.

Da segregação às coisas e suas revelações

Se retornarmos ao início da tese, quando coloco as perguntas originais, aqui retomadas para evitar que tenham o trabalho:

“Começo a tese por uma instigante questão para mim. O que é segregar? Como e quando nos sentimos segregados? Quais são os mecanismos de segregação e de agregação? Quando nos segregamos, nos separamos daquilo que julgamos diverso de nós? Como se associa tal questão ao espaço? Quando nos distanciamos espacialmente daquilo que nos é familiar, o que pretendemos buscar? Na trajetória de desterritorialização e re-territorialização, quais são os elementos que se ressignificam, como são elaborados pelos sujeitos das travessias?”

O que posso dizer é que se começo pensando que segregação é um conceito impreciso, termino essa tese defendendo que o pensamento sobre a segregação é algo extremamente preci(o)so. No sentido mais amplo que possa ter esse termo: na origem, nos separamos e passamos a vida, toda nossa trajetória, lidando com essa perda. Cada qual a seu modo trabalhando tal perda: quanto maior a consciência da ambigüidade e tortuosidade dessa trama, mais nos aproximamos do mistério da origem. Vivemos a vida sob uma pergunta original; transitamos pelo mundo sob a pergunta. Na angústia da falta de respostas, podemos escolher aquelas mais prontas, as que nos colocam confortavelmente no berço do conhecido. Eu começo e termino essa tese com as mesmas questões. Tudo o que faço é abrir possíveis caminhos para a continuidade da investigação pela busca de não um, mas múltiplos sentidos.

Do que vi, escutei e percebi nessa pesquisa, cada sujeito lida de um modo singular com suas perdas ao longo da vida. Há os que se ressentem e se tornam impotentes frente ao sentido da vida; há os que se prendem às coisas, porque através das coisas, podem falar daquilo que lhes falta. E coisas aqui são tanto as mais banais, como sapatos, panelas, vitrôs, fogão, armarinho, todas contando outras

coisas de si mesmas, como obras: a construção das casas, do sistema de esgoto, do critério de distribuição da indenização, de filmes, e (por que não dizer?) de teses.

As pessoas simples que aqui expuseram suas histórias de vida são sujeitos em busca de um rosto, de algo que os singularize e torne cheias de sentidos suas vidas. Encantou-me a surpresa deles ao se verem escritos no papel, uma alegria similar à deles quando terminam de construir um pedaço da casa, juntam dinheiro para comprar uma TV. Cada coisa é um pedaço da vida que se reconecta às demais numa trama muito singular. Esses sujeitos não fazem clínica psicanalítica, tampouco escrevem ou filmam suas histórias.

A chave para a leitura transdisciplinar que faço nessa tese veio de inúmeros lugares: da fala do taxista ex-morador da favela entrevistado pela Folha de São Paulo durante a remoção, que dizia que "O lado psicológico de todo mundo aqui está péssimo. É uma família que se separa"; das metáforas que utilizaram para se referirem à favela – "câncer dos milionários", "bêbado na festa", "cada macaco no seu galho" –; da própria demolição do meu campo de pesquisa e da metamorfose do objeto, passando pelo encontro sempre alentador e acolhedor de outros que já houvessem iniciado o caminho de ler esses sujeitos e suas vidas de modo a abrir-lhes e não de lhes fechar sentidos.

Por fechar os sentidos, refiro-me à classificação desses sujeitos como pobres e carentes de moradia, saúde, educação etc e merecedores da atenção das políticas públicas para reparar-lhes as faltas. Por abrir os sentidos, chamo a interpretação dessas vidas, das coisas que acumulam, das histórias passadas lidas do presente para o futuro como uma trama mais complexa, que requer uma escuta mais paciente do que a proposição de fórmulas prontas.

Esses sujeitos falam de generosidade, da gratidão por aqueles que lhes deram as mãos, ou a madeira para a construção do barraco, ou

um cacho de banana, um colchão, não tendo essas coisas seus valores fechados em si mesmos, mas remetendo a um sentimento de serem sujeitos, de verem ao outro como sujeitos. São poucas essas passagens nas narrativas e nem por isso menos relevantes. Em meio a tanto ressentimento, elas pululam como uma questão cara a esses sujeitos.

Essa é uma constatação da pesquisa, mas outros autores, em especial Gonçalves Filho (1998)⁷², já o haviam anunciado. Acredito que o que essa pesquisa traz de novo - e o que justifica a empreitada - é a percepção de que esses sujeitos carregam consigo não uma ou outra coisa, não as coisas que os remetem a sentidos, as coisas mensageiras, mas carregam todas as coisas, em busca de um sentido que lhes foge à compreensão. Retomar essas coisas, dando-lhes de novo seu sentido, ou devolvendo-lhes o registro lírico, que se “refere ao fato de a coisa ganhar significação por participar da vida de uma pessoa, adquirindo dessa forma uma ressonância poética”⁷³, é a contribuição que gostaria de fazer nessa pesquisa. É, na verdade, a veia aberta por essa pesquisa; longe de responder às perguntas inicialmente colocadas, as questões seriam: por que esses sujeitos em trânsito carregam quase todas as suas coisas? Como diferenciar entre tantas coisas, aquelas que têm esse significado poético?

Mesmo não tendo feito clínica psicanalítica com os sujeitos dessa pesquisa, vários objetos que me mostraram ou do qual falaram tinham esse sentido de coisa: daquilo que fala da relação com o outro: as tampinhas de gatorade e a relação com o patrão, o fogão e o casamento, o sapato e a migração, a panela de pressão e a agressão do marido, a unha pintada e o cabelo alisado e a vontade de vir a São Paulo, o iogurte sagrado e as frutas disponíveis e a relação com a patrão, o cacho de banana quase ouro e a generosidade, a parati 89 e a chegada em São Paulo, a vassoura com um prego na

⁷² Em seu trabalho sobre o bairro proletário da Vila Joanisa.

⁷³ Safra, G. (2004), no capítulo “O objeto e as coisas”.

ponta e a ameaça na favela, as calcinhas reviradas e a relação com a polícia, a surpresa diante da história que vira “coisa” escrita no papel, tanta coisa apareceu nessa tese...

Se fossem uma imagem, os sujeitos de pesquisa seriam como homens e mulheres em trânsito, carregando nas trouxas mal-amarradas as coisas que contassem sobre suas relações com o mundo; quando chegam os migrantes, trazem mesmo só as trouxas; depois de 15, 20 anos já acumulam mais coisas. É dessas coisas que são construídas suas casas, sua linguagem e seu ser. Dar-lhes rosto é reconhecê-los na sua singularidade e integridade como seres, com suas casas e linguagens próprias. Destruídas essas casas, o silêncio se impõe, juntam-se de novo os cacos, as coisas e partem para novos territórios, em uma longa e incerta trajetória.

Essa tese não começou falando de coisas, nem de rostos, mas de como a segregação, ou separação, era percebida pelos pobres. Ao final, não os chamo mais de pobres, chamo-os pelos nomes, porque sei de suas coisas e por elas de suas histórias. Não da história, mas daquelas que me contaram e que me deram a interpretar quando nos olhamos nos rostos.

Por fim, gostaria de terminar dizendo que não se trata de abandonar os planos de cidades, bairros ou urbanização, mas de ouvir sobre o que “as coisas têm a dizer”, no sentido lírico, em busca daquele habitar poeticamente, ou repetindo Drummond, buscar o segredo que as coisas-cacos guardam:

*O caco vem da terra como fruto
a me aguardar, segredo
que morta cozinheira ali depôs
para que um dia eu o desvendasse.
Lavar, lavar com mãos impacientes
um ouro desprezado
por todos da família.*

Bibliografía consultada

1. ARAUJO, F. G. B. de e HAESBAERTH, R (org.) (2007). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access.
2. ARENDT, H. (2005). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
3. AUGÉ, M. (1999) *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Rio de Janeiro: Petrópolis.
4. BALTRUSIS, N (2000) A dinâmica no mercado imobiliário informal na Região Metropolitana de São Paulo: um estudo de caso nas favelas de Paraisópolis e Nova Conquista Campinas, dissertação de mestrado apresentada à FAU PUCCAMP.
5. BATAILLE, G. (2007) "A linguagem das flores". Revista de Poesia Inimigo Rumor nº 19, p. 89-93. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda. Artigo publicado originalmente em setembro de 1929, em Documents nº 4. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes e João Camillo Penna.
6. BAUMAN, Z. (1999) *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
7. _____. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
8. _____. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
9. _____. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
10. _____. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
11. BECKER, H. (1999). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora HUCITEC.
12. BENJAMIN, W. (1989). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
13. BERMAN, M. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
14. BITTENCOURT, J. B. de MENEZES (2007). "O inferno são os outros": uma análise sobre o medo do estranho vivenciado por moradores de um bairro de classe média na cidade de Fortaleza (CE). Artigo escrito para o *XIII Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais em Maceió/AL*. Apresentado no GT 11 – Subjetividade, Violência e Sociedade. (mimeo)
15. BÓGUS, L. e PASTERNAK, S (2004). "Região metropolitana de São Paulo: redistribuição espacial, desigualdade e heterogeneidade". In: RIBEIRO, L. C. (org). *Metrópoles, entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. Rio de Janeiro, FASE e Editora Perseu Abramo.
16. BONDUKI, N. (1998) *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, Fapesp.
17. BOSI, E. (2001) *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
18. _____. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
19. _____. (1998) Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A., org. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
20. BOURDIEU, P. (1997) (diretor) et alli. *A Miséria do mundo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
21. _____. (1999) *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Editora Perspectiva.
22. _____. (2001) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
23. _____. (2004) *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
24. CALDEIRA, T. P. do R. (2000) *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp.

25. CAPALBO, C. (1979). *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro: Antares.
26. CARLOS, A. F. A. (2004). *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto
27. _____. (2001). *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto.
28. CASTELLS, M. (1983). *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
29. CASTRO, E. V. de (2007). "Filiação intensiva e aliança demoníaca". *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 77, p. 91-126.
30. CERTEAU, M. (1994). *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
31. CERTEAU, M., GIARD, L., MAYOL, P. (1996). *A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
32. COSTA, F. B. (2004) *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Editora Globo.
33. COUTO, M. (2005) *O último vôo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras.
34. D'ANDREA, T. (2005) *Redes sociais em Paraisópolis*. Relatório de Pesquisa. Projeto "A Religiosidade no espaço metropolitano", São Paulo, Cebrap. Mimeo.
35. _____. (2005) *Redes sociais em Cidade Tiradentes*. Relatório de Pesquisa. Projeto "A Religiosidade no espaço metropolitano", São Paulo, Cebrap. Mimeo.
36. ELIAS, N. & SCOTSON, J. L (2000) *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
37. ENDO, P. C. (2005) *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico sobre as violências da cidade de São Paulo*. São Paulo, Escuta/FAPESP.
38. ERBEN, M. (1996). "Biografia e autobiografia. Il significato del método autobiográfico". In: *Il método autobiográfico. Semestre sulla condizione adulta i processi formativi*, nº 4. Milão: Edizione Angelo Guerini e Associati.
39. FELDMAN, S. (1989). Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo, FAU-USP, mimeo.
40. FELMAN, S. (2000) "Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar". In: NESTROVSKI, A. e SELIGMANN-SILVA, M. (orgs) *Catástrofe e Representação*. São Paulo, Editora Escuta.
41. FERREIRA, J. S. W. (2007). *O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Editora Unesp; Salvador, Anpur.
42. FERRAZ, F. C. (2000). *Andarilhos da imaginação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
43. FERNANDES, F. (1965). *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca"*. São Paulo: Dominus Editora.
44. FIGUEIREDO, L. C. (2003). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
45. FIORI, J. L (1995) "Para uma economia política do Estado brasileiro". In: FIORI, J. L. *Em busca do dissenso perdido: ensaios críticos sobre a festejada crise do Estado*. Rio de Janeiro, Insight.
46. FIX, M (2001). *Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma "nova cidade" em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada*. São Paulo: Boitempo.
47. FREYRE, G. (1999). *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record.
48. FURTADO, C. (1985). *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional.
49. GAUTHIER, J. Z (2004). "A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética". *Revista Brasileira de Educação*. Anped, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, Campinas, Editora Autores Associados, nº 25, janeiro-abril de 2004, p. 127-142.
50. GIDDENS, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp.

51. GONÇALVES FILHO, J.M.(1998) Social Humiliation – a Political problem into psychology. *Psicologia USP*, São Paulo, v.9, n.2, p.11-67.
52. _____ (1998) "O bairro proletário e a hospitalidade". *Boletim de Psicologia*. Volume XLVIII, nº 108, São Paulo: Sociedade de Psicologia de São Paulo.
53. GOTTDIENER, M. (1993) *A Produção social do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP.
54. GUATARI, F. (1985) "Espaço e poder: a criação de territórios na cidade". *Espaço & Debates*, São Paulo, ano V, número 16.
55. HAESBAERT, R (2004). *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
56. HARLOE, M. e FAINSTEIN, S. S (1995). "Conclusion: the divided cities". In: FAINSTEIN, S. S., GORDON, I. & HARLOE, M. *Divided Cities*. Blackell, Oxford UK & Cambridge USA.
57. HALL, S. (2003) *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
58. _____. (2002) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP& A.
59. HARVEY, D (1980). *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Editora Hucitec.
60. HERRERA, J. D. *Elementos hermenéuticos em la autocomprensión de las ciencias sociales*. Tesis de grado para optar por el titulo de doctor em filosofia. Universidad Nacional de Colombia.
61. HOLANDA, S. B. de. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
62. JARAMILLO, S (1982) "Las formas de producción del espacio construido en Bogotá". In: PRADILLA, E. (org) *Ensayos sobre el problema de la vivienda en México*. México: Latina UNAM (pp. 149 – 212)
63. LEFEBVRE, H (1999). *A cidade do capital*. Rio de janeiro: DP&A.
64. _____ (2001). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
65. _____ (2004). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
66. LINS, Paulo (2002). *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
67. MAGNANI, J. G. C. (2002). "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, vol. 17, nº 49, p. 11-29.
68. MARCUSE, P (2004). "Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o estado". *Espaço & Debates*, São Paulo, v. 24 n. 45, p. 24-33.
69. _____ (2000) "Cities in quarters". In: BRIDGE, G. e WATSON, S. *A Companion to the city*. Blacwell publishing.
70. MARICATO, E. T (2000) "Habitação social em áreas centrais", *Revista Oculum Ensaio*, Campinas: PUC-Campinas.
71. _____(1996) *Metrópole na periferia do capitalismo*. São Paulo: Hucitec.
72. MARONI, A. A. (2007) "Re-inventando os caminhos de pesquisas. Psicanálise e ciências sociais". In: MORENO, L. V. A. e ROSITO, M. M. B. (orgs.) *O sujeito na educação e saúde: desafios na contemporaneidade*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Edições Loyola.
73. MARTINS, J. S. (2000). *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec.
74. MARZULO, E. (2005) *Espaço dos pobres. Identidade social e territorialidade na modernidade tardia*. Tese de Doutorado. IPPUR/UFRJ. Mimeo.
75. MAUSS, M. (1999) *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
76. MAUTNER, Y. (1999) "A Periferia como Fronteira de Expansão do Capital". In: DEAK, C. e SCHIFFER, S. (org.) *O Processo de Urbanização no Brasil*, São Paulo: Edusp, FUPAM.
77. OLIVEIRA, F. (1988) *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. Petrópolis, Editora Vozes.

78. OLIVEIRA, R. C. (1994). *A antropologia e a "crise" dos modelos explicativos*. Primeira Versão, nº 53, janeiro de 1994. Campinas: IFCH/Unicamp.
79. ORTEGA, Iliana (2004) "Brick by brick. Building houses and families in Mexico City. Family practices in the consolidated irregular settlements of Mexico City". Artigo apresentado no Seminário New urban scapes: theoretical and methodological approaches. Coimbra, www.ucm.es
80. PEIXOTO, N. B. (2007). "Mapear novos territórios". Espaço e arte contemporânea. Seminários Internacionais Museu Vale do Rio Doce II: Sentidos na/da arte contemporânea. Vila Velha, ES, 14 a 18 de Março, 2007. www.seminariosmvr.org.br.
81. PÔRTO JR, G. (org.) (2007). *História do tempo presente*. Bauru, SP: EDUSC..
82. PRETECEILLE, E (2004). "A construção social da segregação urbana: convergências e divergências". *Espaço & Debates*, São Paulo, v. 24 n. 45, p. 11-23.
83. _____ (2003). "A evolução da segregação social e das desigualdades urbanas: o caso da metrópole parisiense nas últimas décadas". www.cebrap.org.br. Artigo publicado em seminário integrante do projeto CEM.
84. RIBEIRO, L. C. Q (2004). Cidade desigual ou cidade partida? Tendências da metrópole do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, L. C. (org). *Metrópoles, entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. Rio de Janeiro, FASE e Editora Perseu Abramo.
85. _____ (1997). *Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE.
86. _____ (2007). "Cidade-mercadoria: a mixofobia no Paraíso Tropical. Qual o lugar dos pobres no urbano brasileiro". Informativo Observatório das Metrópoles. Ano I, nº 4, 21 de agosto de 2007. www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br, acessado em 22 de agosto de 2008
87. ROLNIK, R. (2003) *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo. Studio Nobel: FAPESP, 2003.
88. ROSENFELD, D. L. (2006). "Falcões ou pombos-correio?". Folha de São Paulo. Caderno mais!, 26 de março de 2006, pg. 5.
89. SAFRA, G. (2004) *A pó-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
90. SANTOS, M. (1990) *Metrópole Corporativa Fragmentada. O caso de São Paulo*. São Paulo: Ed. Nobel.
91. SANTOS, M. (1996). *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec.
92. SANTOS, M. et al (1994). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec.
93. SARMENTO, J. M. (2003). *Paraisópolis: caminhos de vida e morte*. São Paulo: Zouk.
94. SASSEN, S (1995). "On concentration and centrality in the global city". In: KNOX, P e TAYLOR, P. *World cities in a world system*. Cambridge University Press.
95. SCHWARZ, R. (1990). *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades
96. SCOTT, J. (1985) *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. Yale University Press.
97. SENNET, R. (1999). *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
98. _____. (2004). *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record.
99. SIMMEL, G (1987) A metrópole e a vida mental. In : O. G. VELHO (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
100. _____. (1998). *Les pauvres*. Paris: PUF.
101. SINGER, P. (1975) *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Ed. Nacional.

102. SQUEFF, E. (2002) *Vila Madalena: crônica histórica e sentimental*. São Paulo, Boitempo Editorial.
103. SOJA, E. (1993) *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora.
104. SOUZA, M. A. A (1994) *A identidade da metrópole*. São Paulo: Editora Hucitec.
105. TELLES, V. da S. (1992). *A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto de Sociologia da USP. (mimeo)
106. TELLES, V. da S., CABANNES, R. (org.) (2006) *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.
107. THOMSON, A. (1997). "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. Revista Projeto História, São Paulo, PUC-SP, nº 15, p. 51-71.
108. TORRES et alli (2003). "Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo". *Estudos avançados*, 17 (47), 2003, p. 97-128.
109. WACQUANT, L. (2001) *Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro, Revan; FASE.
110. WEIL, S. (1979) *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
111. ZALUAR, A. (2006). "Ensaio sobre a cegueira". Folha de São Paulo. Caderno mais!, 26 de março de 2006, pg. 4.

Outros

112. Cadastro imobiliário dos moradores da favela Djalma Coelho. Coruja Empreendimentos Ltda.
113. Folha de São Paulo (2005). "Justiça determina remoção da única favela do Alto de Pinheiros". Caderno Cotidiano. 10 de fevereiro de 2005, pg. C1.
114. Folha de São Paulo (2005). "Demolida última favela do Alto de Pinheiros". Caderno Cotidiano. 14 de junho de 2005, pg. C6.
115. Folha de São Paulo (2007). "De cima e de baixo". Caderno Brasil, 7 de agosto de 2007, pg. A7.

Documentários:

116. Vizinhos (2004). Direção: Marta Nehring
117. 5 Mulheres de Paraisópolis (2004). CEM/CEBRAP
118. Em Trânsito (2004). Direção: Henri Gervaiseau.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)